

WORLD
WARCRAFT

MARÉS DA GUERRA

Christie Golden



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



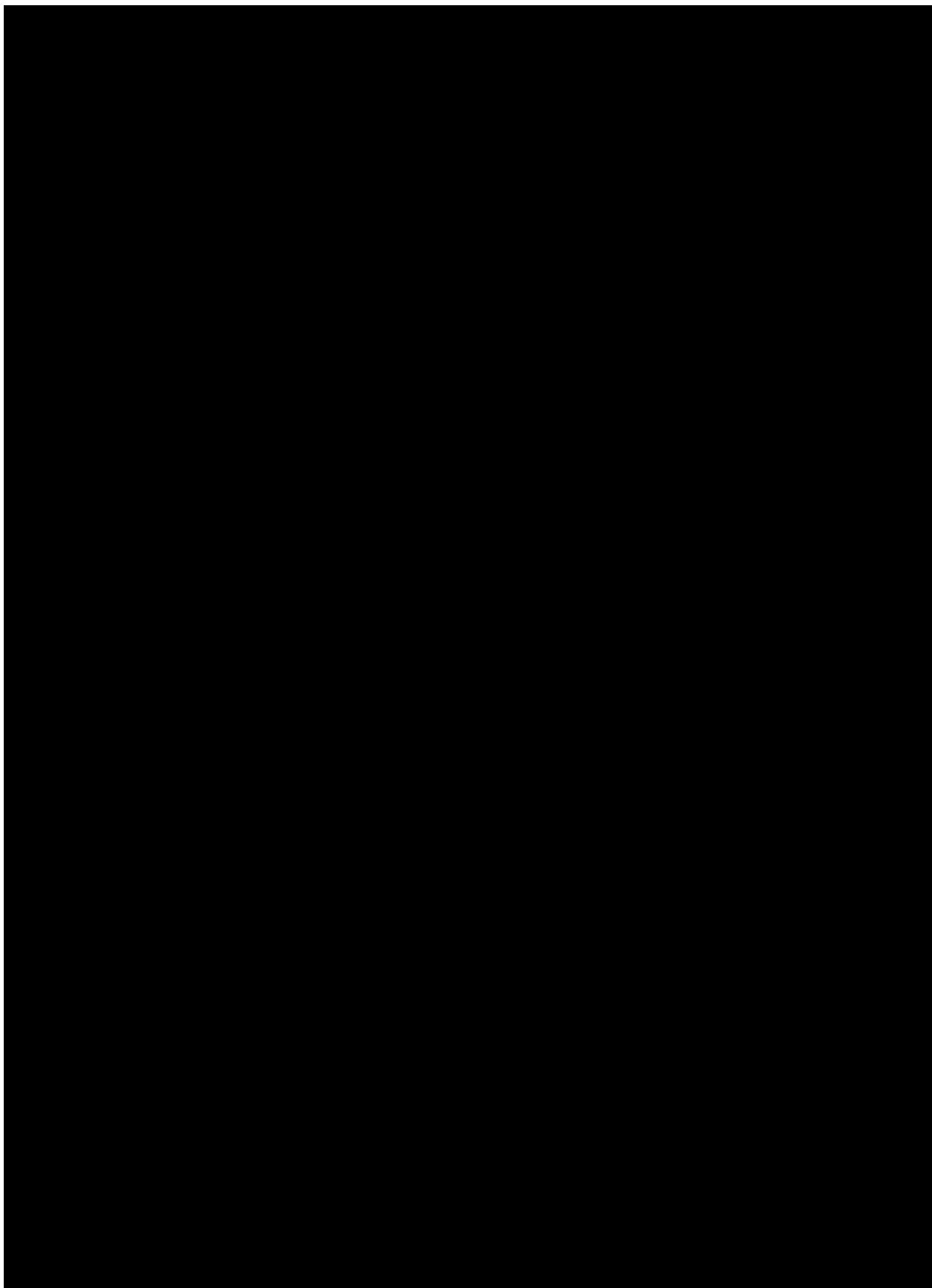
MARÉS DA GUERRA

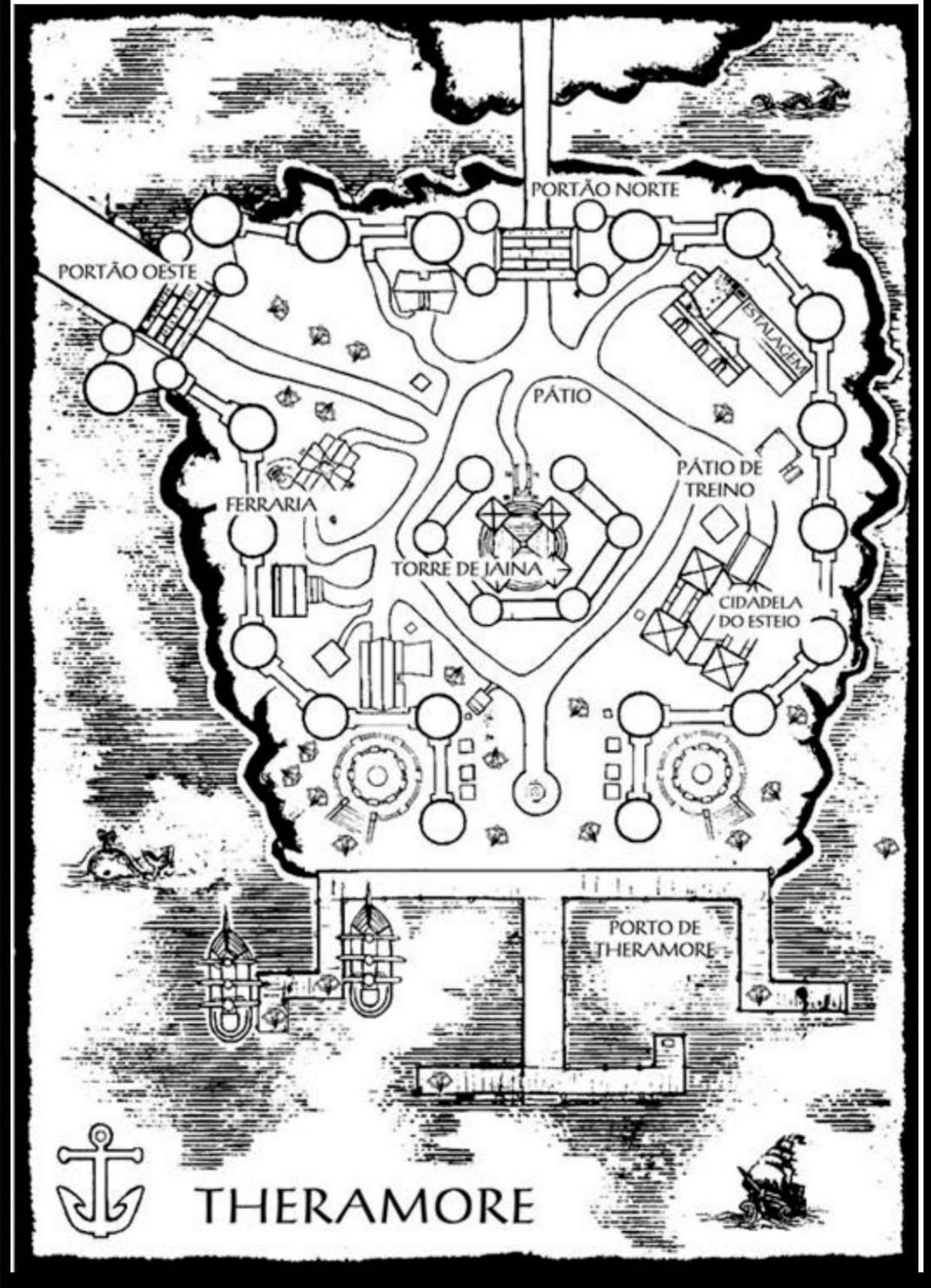
Christie Golden

•

Não é da luz que precisamos, mas do fogo;
não da leve garoa, mas do trovão.
Precisamos da tempestade,
do redemoinho e do terremoto.

— Frederick Douglass





THERAMORE

Sumário

Capítulo 01

Capítulo 02

Capítulo 03

Capítulo 04

Capítulo 05

Capítulo 06

Capítulo 07

Capítulo 08

Capítulo 09

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Epílogo

1



Era quase a hora do crepúsculo, e os tons levemente cálidos da tarde se esvaíam em nuances mais frias de azul e púrpura. O ar estava salpicado de flocos rodopiantes e afiados de neve, que circulavam alto sobre Gelarra. Outras criaturas tremeriam e protegeriam os olhos, afofariam o pelo ou as penas, ou se embrulhariam melhor nos mantos. O grande dragão azul, cujas asas batiam num ritmo lento, não se incomodava com coisas como neve ou frio. Ele tinha alçado voo em busca do toque gélido e cristalino daquele vento frio na esperança, talvez fútil, de que assim conseguisse limpar os pensamentos e acalmar o espírito.

Kalecos, mesmo sendo jovem do ponto de vista dos dragões, testemunhara mudanças tremendas ocorridas ao seu povo. Os dragões azuis já tinham sobrevivido a tantos percalços, assim lhe parecia. Tinham perdido duas vezes o amado Aspecto Malygos; primeiro para a insanidade, que durou milênios, e então, finalmente, para a morte. Era irônico e comovente que os azuis, os intelectuais e guardiões da magia arcana no mundo de Azeroth, fossem a Revoada mais afeita à

ordem e à calma e, portanto, os dragões menos capazes de lidar com tanto caos.

Porém, mesmo em meio a todo o tumulto, seus corações tinham permanecido leais. O espírito da Revoada Dragônica Azul não tinha escolhido o caminho linha-dura representado por Arygos, o falecido herdeiro de sangue de Malygos, preferindo a trilha mais gentil e alegre que lhes foi oferecida por Kalecgos. E essa escolha provou ser a decisão correta. Na realidade, Arygos planejava trair a Revoada. O herdeiro prometera entregar todo o seu povo ao maligno e incrivelmente insano Asa da Morte, assim que eles lhe jurassem fidelidade. Só que os azuis acabaram se unindo aos vermelhos, verdes e bronzes, e também a um orc muito extraordinário, na luta para derrotar o monstro.

Mas, mesmo enquanto planava naquele céu cada vez mais escuro, sobrevoando a neve que ganhava cor de lavanda, Kalecgos sabia que, com aquela vitória, as Revoadas tinham também se sacrificado, de certo modo. Não havia mais Aspectos, mesmo que os dragões que antes haviam assumido essa função ainda estivessem vivos. A derrota de Asa da Morte tinha exigido tudo deles e, ao final daquela batalha, as habilidades dos Aspectos foram exauridas quando Alexstrasza, Ysera, Nozdormu e Kalecgos despejaram todo o poder que tinham naquele momento crucial do conflito. Os Aspectos tinham sido criados para executar aquele único ato. Com esse objetivo cumprido, a missão de suas vidas tinha chegado ao fim.

Havia um efeito menos direto, também. As Revoadas sempre viveram seguras dos papéis que desempenhavam, tinham uma firme compreensão do próprio propósito. Entretanto, agora que o momento para o qual elas haviam sido criadas tinha chegado e passado, o que lhes restava? Muitos azuis já haviam partido. Alguns buscaram a bênção de Kalecgos antes de deixar o Nexus, pois ele continuava sendo o seu líder, mesmo despido dos poderes de um Aspecto. Disseram a ele que se sentiam inquietos e que queriam descobrir se ainda haveria algum outro lugar no mundo onde suas habilidades seriam apreciadas. O resto tinha simplesmente ido embora; estavam lá um dia, ausentes

no outro. Aqueles que permaneceram ficavam cada vez mais agitados, ou se rendiam a um estado abúlico de espírito.

Kalecgos mergulhou e fez uma curva, deixando o ar frio acariciar-lhe as escamas. Em seguida, abriu as asas e pegou impulso numa corrente ascendente, com pensamentos novamente sombrios e infelizes.

Por muito tempo, mesmo durante a loucura de Malygos, os azuis tiveram um norte. A questão do que deveria ser feito agora tinha sido pensada e, às vezes, sussurrada. Kalecgos não conseguia deixar de se questionar se não teria fracassado para com a Revoada. Será que as coisas realmente haviam sido melhores sob a liderança de um Aspecto insano? A resposta óbvia era não, porém... Porém.

Kalecgos fechou os olhos, não pela neve cortante, mas por causa da dor no coração.

Os corações deles acreditaram na minha liderança. Eu acreditava, então, que os liderava bem, mas... E agora? Onde se encaixariam os dragões azuis, ou dragões de qualquer outra Revoada, num mundo no qual a Hora do Crepúsculo tinha sido evitada, mas no qual resta apenas uma noite sem fim para nosso povo?

Ele se sentia absolutamente só. Tinha sempre considerado a si mesmo como sendo provavelmente a escolha mais estranha de todas para liderar a Revoada Dragônica Azul, já que ele jamais se sentira um "típico" dragão azul. Enquanto voava, desanimado e cada vez mais preocupado, Kalecgos percebeu que havia pelo menos uma pessoa capaz de compreendê-lo melhor que qualquer outra. O dragão guinou para a direita e bateu as asas, voltando ao Nexus.

Kalec sabia onde poderia encontrá-la.

Kirygosa, filha de Malygos, irmã de ninhada de Arygos, encontrava-se na sua forma humana, sentada numa das mágicas e luminosas plataformas flutuantes que circundavam o Nexus. Ela estava apenas com um vestido comprido e largo, os cabelos negros azulados soltos e recostada numa das árvores brancas e reluzentes que brotavam em algumas das plataformas. Acima, dragões azuis circulavam como já

faziam por séculos, patrulhando sem cessar, mesmo que aparentemente não existissem mais ameaças, não mais. Kirygosia parecia ignorá-los, com um olhar solto e perdido. A dragonesa parecia estar imersa em pensamentos, mas Kalecos não saberia dizer o que ocuparia a mente dela.

Mesmo assim, ela o acompanhou com o olhar enquanto ele se aproximava, e sorriu de leve ao perceber que ele não era mais um dos guardiões do lar da Revoada. O dragão pousou na plataforma e assumiu sua forma de meio-elfo. O sorriso de Kiry se alargou e ela estendeu a mão. Kalec a beijou afetuosamente e se posicionou ao lado da dragonesa, esticando as longas pernas e unindo as mãos atrás da cabeça, num esforço para parecer casual.

— Kalec — saudou ela calorosamente. — O que o traz ao meu poleiro de ponderações?

— E isso que isso aqui é?

— Pelo menos para mim. O Nexus é o meu lar, por isso não gosto de me afastar muito, mas é meio difícil ficar sozinha lá dentro. — Kiry se virou para Kalec. — Então eu venho aqui e pondero. Bem como você parece estar interessado em fazer.

Kalec suspirou, percebendo que sua tentativa de parecer despreocupado não tinha enganado aquela amiga perceptiva que ele considerava como irmã.

— Eu estava voando — comentou ele.

— Você não pode voar para longe dos seus deveres ou pensamentos — respondeu Kirygosia delicadamente, estendendo a mão para apertar o braço do amigo. — Você é o nosso líder, Kalec. E nos guiou bem. Arygos teria destruído a Revoada, e o mundo inteiro em seguida.

Kalec franziu o cenho, lembrando a terrível visão que Ysera, outrora a Aspecto Dragônico Verde, tinha compartilhado com ele não havia tanto tempo. Seria a Hora do Crepúsculo, uma Azeroth completamente despida de qualquer forma de vida. Desde a grama e os insetos até os orcs, elfos e humanos, desde todas as criaturas do ar, do mar e da terra até os próprios Aspectos, que tinham sido assassinados

pelos seus poderes únicos. Asa da Morte também morrera então, com o resto de Azeroth, empalado como um troféu grotesco no pináculo do Templo do Repouso das Serpes. Kalecgos estremeceu, ainda perturbado pela lembrança da voz melodiosa, porém sofrida, de Ysera enquanto ela narrava a visão.

— Ele teria feito tais coisas — admitiu Kalec, concordando apenas parcialmente.

Os olhos azuis dela buscaram os dele.

— Kalec, querido, você sempre foi... diferente.

O bom humor foi atizado em Kalecgos apesar dos sentimentos sombrios predominantes, e ele fez uma careta boba, torcendo as belas feições meio-élficas. Kirygosa riu.

— Viu?

— Ser diferente nem sempre é bom — retrucou ele.

— Mas é isso que você é, e foi por causa das suas diferenças que a Revoada o escolheu.

O bom humor desmoronou e ele a fitou, sombrio.

— Porém, minha querida Kirygosa — argumentou ele, entristecido —, você acha que a Revoada me escolheria novamente, neste momento?

A verdade sempre fora um dos ideais mais caros a Kirygosa. Ela olhou o amigo, buscando uma resposta que fosse verdadeira e reconfortante, sem sucesso. O coração de Kalec se partiu. Se aquela amiga tão querida, sua doce irmã de espírito, não encontrava nenhum encorajamento que pudesse lhe oferecer, então os temores dele seriam mais reais do que suspeitara.

— O que realmente acho é que...

Kalecgos jamais descobriria o que ela achava, porque foram interrompidos por um súbito e terrível som: os gritos dos dragões azuis em desespero e angústia. Mais de uma dúzia de dragões emergiam do Nexus, voando e mergulhando a esmo. Um deles se separou abruptamente dos companheiros, indo direto até Kalecgos. O líder da

Revoada se levantou num salto, completamente pálido. Kiry ficou de pé também, cobrindo a boca com a mão.

— Lorde Kalecgos! — gritou Narygos. — Estamos arruinados! Está tudo perdido!

— O que está acontecendo? Acalme-se, fale devagar, meu amigo! — pediu Kalec, mesmo que o próprio coração se debatesse dentro do peito por conta do puro terror e pânico que emanavam de Narygos. O outro dragão era geralmente tranquilo e tinha sido um dos azuis de mente mais aberta durante o período tenso em que Kalec e Arygos disputavam o papel de Aspecto. Vê-lo tão fora de si alarmava Kalecgos.

— A íris Focalizadora! Se foi!

— Se foi? Como assim "se foi"?

— Foi roubada!

Kalec encarou o amigo, doente de horror, sem conseguir pensar. A íris Focalizadora não apenas era um item de imenso poder arcano, mas também tinha um valor incalculável para os azuis. O objeto pertencera a Revoada desde tempos imemoriais. Como tantos outros itens dessa categoria, a íris em si não era nem boa nem má, mas poderia ser empregada para fins tanto benevolentes quanto malignos. E isso já acontecera. No passado, ela tinha desviado a energia arcaica de Azeroth para animar uma criatura horrenda que jamais deveria ter vivido.

E pensar que ela agora estava perdida para os azuis, perdida e sendo controlada por aqueles que poderiam usar seus poderes para...

— Foi exatamente por isso que a mudamos de lugar — murmurou Kalecgos.

Há meros dois dias, num esforço para evitar este exato acontecimento, Kalecgos, acompanhado de vários outros, tinha recomendado que retirassem a íris Focalizadora do Olho da Eternidade para um esconderijo seguro. O dragão recordou a argumentação que apresentou aos azuis: Muitos de nossos segredos já são conhecidos, e cada vez mais membros da nossa Revoada nos deixam todos os dias. Há quem possa se sentir encorajado por isso a cometer o impensável. O

Nexus já foi violado antes, e a íris Focalizadora usada para propósitos nefastos. Precisamos mantê-la a salvo... E, como muitos em Azeroth sabem agora que ela está abrigada no Nexus, então não resta dúvida de que, um dia, ficará vulnerável de novo.

E esse dia tinha chegado, mas não da forma que Kalec antecipara. Os azuis decidiram que um pequeno grupo a levaria ao Mar Congelado, diante do litoral de Gelarra, onde ela ficaria segura, ou pelo menos assim pensara o dragão, enclausurada em gelo encantado. A íris estaria escondida de forma apropriada, um simples pedaço de água congelada que, na realidade, era algo tão incrível.

Kalec se esforçou em ficar calmo.

— Por que você acha que ela foi roubada? — Por favor, pensou o dragão, implorando a sabe-se lá qual poder superior, por favor, permita que isso tudo seja apenas um mal-entendido.

— Não recebemos nenhuma notícia de Veragos ou dos outros, e a íris Focalizadora não se encontra onde deveria estar.

Alguns dos azuis, aqueles que tinham passado mais tempo com o artefato ao longo de tantos séculos, estavam particularmente sintonizados a ele. Kalecog os lhes pedira que acompanhassem o progresso da mudança por meio dessa conexão. Aquela altura, a íris Focalizadora deveria estar no fundo do oceano, forte e misticamente protegida, e aqueles que a transportaram deveriam estar de volta. Havia possibilidades muito menos terríveis, mas Kalecog já estava na sua forma de dragão, voando velozmente até o Nexus, com Kirygosa e Narygos logo atrás.

Porque ele sabia, mesmo sem entender como, que as outras possibilidades não passavam de falsas esperanças. E sabia também que dois dos piores desastres da história da Revoada Dragônica Azul tinham acontecido num espaço de poucos meses, enquanto ele fora primeiro o Aspecto, e, agora, o líder.

Kalecog aterrissou no interior frio e cavernoso do Nexus e se deparou com o caos absoluto.

Todos pareciam falar ao mesmo tempo. Cada traço de seus imensos corpos reptilianos gritava medo e raiva. Alguns dos dragões estavam estranhamente encolhidos e imóveis, e eram esses que deixavam Kalecgos ainda mais alarmados. Quão poucos deles restavam, pensou o líder da

Revoada, quão poucos tinham ficado. E não havia dúvida de que até mesmo esses poucos agora desejavam ter partido também, antes que esta ruína os alcançasse.

Mantendo sua forma real, Kalecgos deu o comando para que todos se calassem. Apenas alguns obedeceram. Os outros continuaram gritando uns com os outros.

— Como isso pôde acontecer?

— Deveríamos ter mandado mais dragões; eu disse que deveríamos ter mandado mais!

— Essa ideia era idiota desde o começo. Se ela tivesse ficado aqui, poderíamos vigiá-la permanentemente!

Kalecgos bateu a cauda no chão.

— Silêncio! — urrou ele, a palavra solitária ecoando pela câmara.

A Revoada inteira parou de falar ao mesmo tempo, e várias cabeças se viraram bruscamente para contemplar o líder. Kalec percebeu nas expressões deles um leve lampejo de esperança de que aquilo tudo seria apenas algum mal-entendido e que o líder de alguma forma faria tudo ficar bem. Outros lhe cravaram olhares sinistros e taciturnos, claramente culpando Kalecgos por tudo o que acontecera.

Finalmente de posse da atenção completa de todos, Kalecgos começou a falar:

— Primeiro vamos determinar o que sabemos com segurança, sem nos perdermos em especulações e desvarios — comandou o dragão. — A Revoada Azul não se rende a medos nascidos de imaginações febris.

Alguns dos outros baixaram a cabeça ao ouvir isso, com as orelhas um pouco caídas de vergonha. Outros se eriçaram. Kalec lidaria com estes mais tarde. Era necessário estabelecer os fatos.

— Fui o primeiro a sentir o acontecido — afirmou Teralygos, um dos mais velhos azuis que tinham escolhido ficar. Antes, Teralygos havia se aliado ao rival de Kalec, Arygos. Porém, desde que a traição de Arygos e sua subsequente morte haviam sido reveladas, Teralygos e quase todos os outros tinham mantido sua lealdade a Kalec, mesmo após a perda das habilidades de Aspecto.

— Há muito você é o guardião do nosso lar, Teralygos, e grande é a gratidão que todos nós lhe devemos — declarou Kalec, com imenso respeito. — O que você sentiu?

— O caminho que Veragos e os outros deveriam seguir não era reto como uma flecha — contou Teralygos.

Kalec assentiu com a cabeça. Havia sido decidido que seria óbvio demais enviar vários dragões azuis transportando um objeto misterioso, voando em linha reta até seu destino. Em vez disso, optaram pela jornada em forma bípede. Demoraria mais e o caminho seria mais longo, mas atrairia muito menos atenção de forças hostis. E, se fossem de fato atacados enquanto caminhassem, bastaria um piscar de olhos para mudar das silhuetas aparentemente humanoides para as verdadeiras formas. Cinco dragões deveriam ter sido mais que suficientes para qualquer indivíduo ou criatura que estivesse se esgueirando, pensando em emboscar aquilo que parecia ser uma simples caravana.

Mesmo assim...

— Conheço cada curva e reta daquela rota — continuou Teralygos. — Eu e os outros; Alagosa e Banagos; seguimos cada passo dado por nossos irmãos e irmãs. E, até pouco menos de uma hora atrás, estava tudo bem.

A voz do dragão, roufenha com a idade, fraquejou com a última palavra. Kalec manteve o olhar fixo em Teralygos, mas sentiu a cabeça de Kirygosa tocar seu ombro, num gesto reconfortante.

— O que aconteceu então?

— Eles pararam. Antes disso, o progresso não cessou nem por um momento. E, após a pausa, começaram a se mover outra vez, não mais

para o oeste, mas para o Mar Congelado... para sudoeste, a uma velocidade muito superior àquela com que a íris se movera antes.

— E onde foi que ela parou?

— As margens do mar. Agora ela foi bem longe ao sul. E quanto mais distante fica — contou Teralygos, com voz triste —, menos eu posso senti-la.

— Leve alguém com você e vá até a costa — ordenou Kalec, virando-se para Kirygosa. — Tenha cuidado. Descubra o que aconteceu por lá.

Ela assentiu com a cabeça, falou com Banagos e Alagosa e, um instante depois, os três alçaram voo, com largas batidas de asa levando-os para longe do Nexus. Pelo ar, chegariam muito rapidamente ao local. Não demorariam muito para voltar.

Ou assim esperava Kalec.

— Ah, não — sussurrou Kirygosa. Ela hesitou por um momento, pairando, tentando antecipar qualquer ameaça oculta. Não pressentiu nada. O inimigo partira havia muito. Só restavam as evidências de seus atos.

A dragonesa recolheu as asas e pousou graciosamente, dobrando o longo e sinuoso pescoço em tristeza.

O lugar antes fora uma vastidão banal, mesmo que nada hospitaleira, de brancura imaculada: pura, limpa, calmante em sua simplicidade. Um visitante não veria nada além de neve, ou do cinza amarronzado ocasional de uma rocha. Em alguns pontos, pequenos campos de areia se estendiam até o gélido e faminto oceano.

A neve tinha se tornado uma lama escarlate. Havia feridas negras e brutais no chão congelado, como se relâmpagos tivessem violado o gelo outrora coberto de branco. Penedos tinham sido desenterrados do chão ou arrancados dos penhascos e atirados a grandes distâncias. Alguns desses rochedos também estavam tingidos do vermelho vivo que ainda secava. Kirygosa e os outros farejaram o ar, captando traços do fedor de atividade demoníaca, o ranço de cobre do sangue, e a fragrância única e indescritível de inúmeras outras magias.

Armas mais mundanas haviam sido usadas também; os olhos aguçados da dragonesa detectaram marcas na terra provocadas por lanças, e aqui e ali havia flechas enterradas até o penacho.

— As raças menores — grunhiu Banagos. Com o coração dolorido, Kirygosa não ralhou com ele pelas palavras insultantes como poderia ter feito. Ele tinha razão, mesmo que ainda fosse impossível determinar quais raças, ou mesmo a qual facção elas pertenciam.

Kirygosa assumiu sua forma humana. Ajeitando uma longa mecha de cabelos negro-azulados atrás da orelha, aproximou-se respeitosamente dos corpos dos irmãos mortos. Cinco haviam partido para proteger a íris Focalizadora. Cinco tinham sido mortos, dando suas vidas na tentativa de completar a tarefa. O sábio e tranquilo Uragos, o mais velho de todos, líder do grupo. Rulagos e Rulagosa, irmãos de ninhada, cujas formas humanas eram de gêmeos. Tinham tombado juntos, irmão e irmã, próximos um do outro e na mesma posição, com flechas cravadas nas gargantas. Tão semelhantes em morte quanto em vida. As lágrimas inundaram os olhos de Kirygosa enquanto se virava para contemplar Pelagosa. Kiry conseguiu reconhecer a dragonesa apenas pelo seu tamanho diminuto. Ela sempre fora uma das menores azuis, jovem (de acordo com a contagem dos dragões), mas com um dom arcano que ultrapassava seus tenros anos. Seu algoz, quem quer que fosse, a abatera com magia, e ela estava carbonizada além do ponto do reconhecimento.

Lurugos provavelmente tinha resistido por mais tempo, considerando a distância entre seu corpo e o local dos assassinatos. Calcinado, congelado, parcialmente submerso, crivado de flechas como se fosse uma almofada de alfinetes por todos os ombros e pernas, não desistira. Kirygosa desconfiou que ele poderia até ter lutado por mais uma ou duas batidas do coração após sua cabeça ter sido separada do corpo por um golpe preciso de uma espada afiada.

Banagos, em forma humana, aproximou-se de Kirygosa e lhe apertou o braço. Ela rapidamente cobriu a mão do amigo com a própria.

— Conheço muito pouco dessas raças menores — afirmou Banagos.
— Vejo todo tipo de armas aqui, além de vestígios do uso de magia: tanto demoníaca quanto arcana.

— Pode ter sido qualquer raça — respondeu Kiry.

— Então nossa ideia de matar todos eles talvez tenha sido a correta, afinal — retrucou Banagos, rouco de dor, com os olhos avermelhados de lágrimas contidas. Ele amara a pequena Pelagosa, e eles teriam sido um casal quando ela alcançasse a maturidade.

— Não — exclamou Kiry. — Esse é o sentimento típico daqueles que não param para pensar, Banagos, como você sabe muito bem, e como Pelagosa também sabia. Nem "todos" eles fazem isso, assim como nem "todos" os dragões saem por aí massacrando as raças mais jovens por esporte. Nós compreendemos muito bem por que isto foi feito, e não foi por algum ódio contra o nosso povo. O objetivo era obter a íris Focalizadora para algum propósito específico.

— Cinco dragões — ofegou Alagosa. — Cinco de nós. Cinco dos melhores. Quem poderia ser poderoso o suficiente para fazer isso?

— E o que precisamos descobrir — argumentou Kiry. — Banagos, retorne ao Nexus com estas tenebrosas notícias. Alagosa e eu ficaremos aqui e... cuidaremos dos restos dos nossos irmãos.

Kiry pretendia poupar Banagos de mais sofrimento, mas o dragão balançou a cabeça.

— Não. Ela teria sido minha companheira. Eu... cuidarei dela. E dos outros. Você é amiga de Kalecos. E melhor que ele ouça as novas de você, e logo.

— Como quiser — concordou Kiry, com gentileza.

Ela contemplou uma última vez os cadáveres dos azuis, presos em formas que a maioria deles desprezava. Ela fechou os olhos uma última vez e, então, decolou num salto, girando no ar e se dirigindo de volta ao Nexus. Quem seria forte o bastante para fazer aquilo? E com que objetivo?

Kiry não sabia quase nada, só o suficiente para confirmar os piores temores acerca do grupo que partira na jornada. Ela esperava que,

naquele meio-tempo, Kalec tivesse descoberto mais.

Kalecos sabia que, a cada segundo, a íris Focalizadora se afastava cada vez mais em direção ao sul. E estava se tornando cada vez mais difícil de rastrear. Ele tinha uma vantagem sobre os outros membros da Revoada. Mesmo que não fosse mais o Aspecto Dragônico Azul, ainda liderava os irmãos. Essa conexão à Revoada somada aos ecos restantes do que ele outrora já fora parecia fortalecer a ligação entre Kalec e a íris. Quando Teralygos disse que mal conseguia sentir o artefato, Kalecos fechou os olhos e respirou fundo três vezes. Visualizou a íris na própria mente, concentrando-se nela, sentindo sua presença e... E lá estava ela.

— A íris se encontra na Tundra Boreana, não é? — indagou o líder a Teralygos, com os olhos ainda fechados.

— Sim, isso mesmo, e... — As palavras foram interrompidas por um grito áspero e curto. — Ela se foi!

— Não, ainda não — declarou Kalecos. — Ainda consigo senti-la. Muitos dragões suspiraram em alívio.

— Eles foram todos assassinados, Kalecos, todos os cinco — sussurrou uma voz feminina.

Kalec abriu os olhos e observou mortificado enquanto Kiry relatava o que Banagos, Alagosa e ela tinham testemunhado.

— E você não sabe dizer se foram humanos ou elfos, orcs ou goblins? — indagou o líder quando a amiga terminou. — Nenhum trapo de estandarte ou tipo específico de flecha?

— As cores que encontramos eram aleatórias — explicou Kiry, balançando a cabeça. — Não havia pegadas. A neve tinha derretido demais, e foram espertos o bastante para evitar a areia mais macia e não deixar rastros de sangue nas pedras. Tudo que sabemos, Kalec, é que algum grupo provavelmente sabia onde encontrá-los, eram suficientemente fortes para massacrar cinco dragões e escaparam levando a íris Focalizadora. Quem quer que eles fossem, sabiam exatamente o que estavam fazendo.

A última frase foi dita em voz baixa. Kalec assentiu com a cabeça.

— Talvez soubessem. Mas nós também sabemos — declarou Kalec com uma segurança que não sentia realmente. — Eu consigo sentir a direção geral para onde ela está sendo levada. Vou segui-la e trazê-la de volta.

— Você é o nosso líder, Kalecgos — argumentou Kirygosa. — Precisamos de você aqui!

— Não, não precisam — discordou o dragão, balançando a cabeça. — É exatamente porque sou o líder que preciso ir. Chegou a hora de reconhecermos o que vem acontecendo, como a Revoada está se sentindo. Muitos dos nossos irmãos já nos deixaram para vagar pelo mundo. Outrora conhecíamos nossa função nesta terra, o que não acontece mais, e nosso item mágico mais precioso, que é tanto uma ferramenta quanto um símbolo, foi roubado, deixando bons dragões mortos como recordação. Meu dever é guiar e proteger vocês e... eu não o fiz. — Era doloroso admitir. — Fracassei, pelo menos nesta situação, e talvez em outras. Não precisam de mim aqui, me preocupando e me aborrecendo com o resto de vocês enquanto alguns outros se aventuram, em busca do orbe roubado. Esta é a minha tarefa e, ao executá-la, realmente guiarei e protegerei vocês.

Os dragões se entreolharam, mas ninguém protestou. Sabiam que aquele era o caminho certo. Kalecgos tinha dito tudo aquilo com total sinceridade. O fracasso fora dele, a recuperação do artefato era seu dever. Mas o que ele não disse foi que ele queria ir. Sentia-se mais confortável lidando com as raças mais jovens do que ali, supostamente liderando a Revoada. O dragão olhou nos olhos de Kiry, e ao menos ela pareceu entender a emoção subjacente e aprová-la.

— Kirygosa, filha de Malygos — proclamou Kalec. — Aproveite a sabedoria de Teralygos e dos outros, e seja minha voz enquanto eu estiver fora.

— Ninguém pode realmente ser sua voz, meu amigo — respondeu Kiry, gentilmente. — Mas farei o que for possível. Se existe alguém capaz de encontrar a íris Focalizadora neste mundo tão imenso em

que vivemos, esse alguém é você, aquele que melhor conhece Azeroth dentre todos os azuis.

Não havia nada mais a ser dito. Em silêncio, Kalecgos deu um salto e voou por aquele dia frio e cheio de neve, seguindo o leve puxão que o atraía sussurrando por aqui, por aqui. Kirygosa dissera que Kalec conhecia Azeroth melhor do que qualquer outro dragão azul. Ele só poderia torcer para que estivesse certa.

2



Baine Casco Sangrento olhou em volta apreensivo enquanto entrava em Orgrimmar acompanhado de uma pequena comitiva. O único herdeiro do amado, falecido e pranteado Grande Chefe Carne Casco Sangrento, Baine tinha acabado de ascender ao posto que seu pai ocupara por longos anos. Era uma responsabilidade que o tauren jamais buscara. Ainda assim, ele assumiu o dever com humildade e pesar quando os dias de Carne chegaram ao fim. Desde então, o mundo havia passado por violentas transformações.

O mundo do próprio Baine fora destroçado na noite do assassinato do pai. Carne conhecera o fim pelas mãos de Garrosh Grito Infernal durante o mak'gora, um duelo ritual. Garrosh, chefe guerreiro da Horda, nomeado por Thrall havia pouco tempo, planejava lutar honradamente, mas outros planos estavam em curso. Magatha Temível Totem, uma xamã que por muito tempo cultivara um grande ódio por Carne, além do desejo de liderar os taurens, cobriu Uivo Sangrento, o machado de Garrosh, com veneno em vez do unguento oleoso de praxe. Assim caiu o nobre Carne, vítima de traição.

Garrosh não se envolveu no conflito que teve início quando Magatha reivindicou a liderança dos taurens ruidosamente, e Baine derrotou a traidora com as próprias mãos, banindo a bruxa anciã e todos que se negaram a lhe jurar lealdade. Em seguida, ele mesmo jurou lealdade ao chefe guerreiro Garrosh, por uma razão que na verdade eram duas: seu pai gostaria que fosse assim, e Baine sabia que isso manteria seu povo seguro.

Desde então, Baine Casco Sangrento não tinha pisado mais em Orgrimmar. Não sentia a menor vontade de fazê-lo, e a cada instante desejava ainda mais intensamente que não tivesse vindo.

Mas Garrosh convocara todos os líderes das raças da Horda, e Baine, que jurou lealdade ao filho de Grom Grito Infernal, compareceu também. Todos vieram. A desobediência poderia dar início a uma guerra.

Baine e sua comitiva atravessaram os imensos portões montados em kodos. Vários taurens observaram com as orelhas inquietas o imenso elevador e o guindaste enorme que se movia acima deles. Mesmo que jamais tivesse sido verdejante como o Penhasco do Trovão, Orgrimmar era agora deliberadamente bélica. Tétricas construções de aço, pesadas, sombrias e opulentas, haviam substituído as cabanas de madeira "para evitar outro incêndio", segundo a resposta de Garrosh aos questionamentos. Mas Baine sabia que era também para evocar os ditos dias de glória da Horda. Para lembrar a todos, depois do caos do Cataclismo e do terror causado por Asa da Morte, que os orcs e a Horda não deveriam ser menosprezados. Para Baine, as mudanças eram feias e não representavam força. A nova Orgrimmar era uma demonstração de dominação. Conquista. Jugo. O metal duro e retorcido era uma ameaça, não um conforto. Ele não se sentia seguro lá, e imaginava que ninguém, exceto os orcs, se sentiria.

Garrosh tinha até mesmo realocado o Castelo Grommash do Vale da Sabedoria, onde Thrall a mantivera desde a fundação da cidade, para o Vale da Força; uma decisão que Baine considerava ser o reflexo da natureza de cada um dos chefes guerreiros. Conforme se aproximavam

da fortaleza, os taurens ganharam a companhia de um grupo de elfos sangrentos trajados de dourado e vermelho. Lorthemar Theron, com os longos cabelos de um louro pálido presos num coque, o queixo decorado com uma tira de barba, apareceu no campo de visão de Baine com um aceno contido, que foi devolvido respeitosamente.

— Baine, amigão! — chamou uma voz escandalosamente alegre. Ele olhou para a direita e depois para baixo. Um goblin obeso e de olhar pouco sincero, trazendo na cabeça uma cartola surrada, mascarou o charuto pendurado entre os lábios e acenou estabonado.

— Você deve ser o Príncipe Mercador Jastor Gallywix — deduziu Baine.

— Sim, sim, sou eu mesmo — confirmou o goblin com entusiasmo, mostrando os dentes num sorriso que, mesmo por acidente, parecia ameaçador. — E estou muito contente por estar aqui hoje, como você certamente deve estar. Minha primeira visita oficial à corte do chefe guerreiro Garrosh!

— Não chamaria isso de corte — respondeu Baine.

— Ah, é tudo a mesma coisa, tanto faz. Muito contente, de fato. Como é que andam as coisas em Mulgore?

Baine encarou o goblin. Ele não nutria nenhum sentimento específico contra essa raça, ao contrário de alguns, e na verdade se sentia em débito com Gasganete, o goblin que cuidava do pequeno porto de Vila Catraca nos Sertões Setentrionais. Gasganete fora extremamente generoso durante o ataque de Magatha ao Penhasco do Trovão, oferecendo zepelins, armas e guerreiros, tudo por uma tarifa bastante acessível, especialmente para os padrões goblínicos. Baine só não morria de amores por esse goblin. E nem ninguém, segundo suas fontes. Nem mesmo os próprios goblins.

— Estamos reconstruindo nossa capital e lutando contra os javatuscos que invadem nossas terras. A Aliança destruiu o Acampamento Taurajo há pouco tempo, e erguemos o Grande Portão para deter o avanço deles — contou Baine.

— Ah, acontece, parabéns e boa sorte! — gargalhou Gallywix — Sentimos muito e esperamos que vocês saiam vivos dessa coisa toda, hein?

— Hum, obrigado — agradeceu Baine.

Apesar da desvantagem física, os goblins conseguiram se meter por entre os representantes dos outros povos da Horda e assim chegar primeiro ao Castelo Grommash. De frente para as imensas portas cobertas com motivos bélicos, Baine mexeu uma das orelhas e suspirou; desceu do kodo e, depois de confiar as rédeas a um orc que o esperava, entrou na imensa construção.

A nova versão do castelo, como tudo mais na "nova" Orgrimmar, era mais impessoal e remetia à guerra, até mesmo o trono do chefe guerreiro da Horda. Sob a liderança de Thrall, o crânio e a armadura do demônio Mannoroth, cujo sangue corrompera os orcs e que morrera pelas mãos do valente Grom Grito Infernal, eram exibidos num enorme tronco, na entrada da fortaleza. Garrosh pegou os símbolos do maior triunfo de seu pai e adornou o próprio trono com eles, destruindo o que Thrall havia erguido para que toda a Horda visse e reduzindo grandes feitos a um tributo mesquinho. Sua audácia era tanta que ele havia incorporado uma das presas do demônio à armadura que cobria seu ombro. Bastava que Baine pusesse os olhos em Garrosh para que suas orelhas se abaixassem perante a afronta.

— Baine! — chamou uma voz áspera. O tauren se virou e, pela primeira vez desde que partira do Penhasco do Trovão, sentiu algo bom.

— Eitrigg! — respondeu Baine calorosamente, abraçando o ancião orc.

Aparentemente o honorável veterano era o último dos conselheiros originais de Thrall. Eitrigg havia servido Thrall com dignidade e confiança, e ficara a pedido do próprio chefe guerreiro para aconselhar seu substituto. A mera visão do velho orc enchera o coração de Baine de esperança, pois Garrosh não havia se livrado dele. Eitrigg foi o primeiro a sentir o cheiro de veneno na arma de Garrosh, Uivo

Sangrento, e foi ele quem contou ao então jovem chefe guerreiro que ele havia assassinado Caerne em completa desonra, tomando parte em um engodo. Baine sempre respeitara Eitrigg, mas aquela atitude fez do orc um grande amigo.

O tauren apertou os olhos marrons e observou a expressão de Eitrigg. Mantendo a voz o mais baixa possível, um grande desafio para um tauren, perguntou:

— Vejo que você não aprova a pauta da reunião de hoje. Eitrigg franziu o rosto:

— Isso é dizer pouco. E não sou o único.

O orc deu um tapinha no braço do jovem líder e um passo para trás, indicando que Baine deveria seguir para o local tradicionalmente reservado ao seu povo, à esquerda do trono do chefe guerreiro. Pelo menos Garrosh não havia feito nenhum esforço deliberado para desprestigiar os taurens. Baine notou que Lor'themar estava do lado direito de Garrosh, e ao lado do mar rubro e dourado dos elfos sangrentos estava o verde das peles dos goblins. A Grande Dama Sylvana Correventos e os Renegados estavam do lado oposto aos orcs, e Vol'jin sentou-se com sua comitiva perto de Baine. Os orcs que conquistaram a honra de serem admitidos — a maioria Korkron, a guarda do chefe guerreiro — ficaram de pé em posição de sentido, ao redor de todos os participantes.

Baine se lembrou da voz do pai narrando reuniões como esta em Orgrimmar. Mas naquelas havia banquetes, risos, e celebrar era tão importante quanto debater e discutir. Não havia qualquer sinal de que um banquete fora preparado, pelo menos não à vista de Baine. Na verdade, ele pensou enquanto tomava um gole despreocupado do cantil de couro que trazia pendurado no cinto, ainda bem que ele e seu povo haviam trazido sua própria água. Nesta cidade, cozinhando ao sol, com as construções de ferro absorvendo o calor, os taurens provavelmente já estariam desmaiando.

O tempo se arrastava, e os líderes começaram a ficar impacientes, sendo prontamente encorajados por suas comitivas. Um murmúrio

baixo começou entre os Renegados. Por um instante pareceu que, apesar de ser uma palavra muito repetida com tamanha arrogância por eles, a paciência não era uma disciplina com muitos adeptos naquela raça. As aguçadas orelhas taurenas de Baine captaram um sibilo de Sylvana, e o zum-zum-zum diminuiu.

Um dos orcs com trajes de Korkron deu um passo à frente. Uma de suas mãos tinha apenas três dedos; e uma cicatriz imensa, de tom mais claro do que a pele escura, zigzagueava entre o rosto e o pescoço. Uma pintura de guerra vermelha, aplicada sobre a pele, como se sangue escorresse pelo corpo robusto do orc, adornava seu rosto e chegava até seus braços. Mas nada disso atraiu a atenção de Baine como o tom da pele que o orc havia decorado com vermelho sangue.

Cinzentos escuros.

Este fato, isolado, significava duas coisas: primeiro, o orc era membro do clã Rocha Negra — famoso por ter gerado alguns dos orcs mais infames de todos; e, segundo, ele havia passado anos sem ter visto a luz do dia, morando na Montanha Rocha Negra, servindo ao inimigo de Thrall.

Vários nomes, alguns mencionados com certa amargura por Caerne, inundaram a mente de Baine. Mão Negra, o Destruidor, chefe guerreiro da Horda e membro secreto do Conselho das Sombras, que havia transformado um grupo de xamãs nos primeiros bruxos entre seu povo. Seu filho Del'aceral, apelidado Laceral, se enfiou por anos nas profundezas do Pico da Rocha Negra para se opor à liderança de Thrall. Apenas uns poucos orcs Rocha Negra foram lembrados por Thrall com respeito; uns poucos, entre muitos. O fato de esse veterano receber a honra de abrir as cerimônias à frente dos Kor'kron deixou Baine desconfortável, ansioso pelo que ouviria.

O veterano fez um gesto imperioso. Vários orcs de pele verde deram um passo à frente, todos portando longos chifres de quimera decorados com ornamentos. Com movimentos precisos, os orcs levaram os chifres até a boca, encheram os pulmões e sopraram. Um som profundo reverberou pela câmara e, a despeito da situação, Baine sentiu seu

espírito responder ao chamado e buscar um estado de ordem. Quando o som das trompas se extinguiu, os orcs voltaram para as sombras.

O Rocha Negra falou com uma voz grave e cavernosa que ressoou nas paredes da câmara:

— Seu líder, o poderoso Garrosh Grito Infernal, se aproxima! Demonstrem seu respeito! — O orc bateu a mão completa no peito maciço, virando-se para a entrada do Castelo Grommash.

O corpo castanho de Garrosh estava coberto de tatuagens, e até mesmo sua mandíbula estava pintada de preto. Com o peito nu, o chefe guerreiro trazia nos ombros as presas de mamute do demônio Mannoroth, cobertas de espigões. No cinto, um crânio entalhado, semelhante ao que adornava o trono. O líder da Horda empunhou o machado Uivo Sangrento, a lendária herança de seu pai, e o ergueu. Gritos e vivas preencheram a enorme câmara, e por um instante Garrosh permaneceu quieto, absorvendo tudo aquilo. Depois baixou o machado e urrou:

— Desejo boas-vindas a todos — saudou o orc, abrindo os braços. — Vocês são verdadeiros servos da Horda. Seu chefe guerreiro os convoca, e vocês vêm.

Como lobos treinados, pensou Baine, tentando sem sucesso esconder a expressão de desagrado. Thrall jamais falara assim com seu povo. Garrosh prosseguiu:

— Muito se passou desde que assumi o trono do chefe guerreiro. Nós nos deparamos com provações e perigos, ameaças ao nosso mundo e às nossas vidas, e ainda assim lutamos. Nós somos a Horda. Não permitiremos que nada acabe com nosso espírito!

O chefe guerreiro ergueu Uivo Sangrento uma vez mais e os orcs do salão gritaram e urraram em resposta. Os outros acompanharam, inclusive Baine, pois isso era pela Horda, da qual todos ali faziam parte. Garrosh dissera uma verdade: aqueles que se aliavam à Horda jamais deixariam seus espíritos se abaterem; nem por um mundo que estava se partindo, nem por um antigo Aspecto enlouquecido, nem por nada mais que houvesse.

Nem pelo assassinato de um pai.

Garrosh sorriu por entre as presas, assentindo com a cabeça enquanto caminhava até o trono. Chegando lá, ergueu os braços pedindo silêncio.

— Vocês não me decepcionaram — continuou. — São os maiores representantes de suas raças. Líderes, generais. E foi por isso que convoquei todos.

O chefe guerreiro de pele marrom se sentou no trono e acenou para que todos fizessem o mesmo.

— Algo nos ameaça há muito tempo, algo que devemos extirpar sem misericórdia. Uma ameaça que paira sobre nós há anos e para a qual fomos, até agora, cegos, tolamente acreditando que tolerar um pouco de vergonha não faria mal à grande Horda. Eu disse antes e digo outra vez, qualquer vergonha é vergonha demais! *Qualquer injúria é injúria demais! Não vamos mais admitir isso!*

Um calafrio estremeceu Baine. Ele pensou na reação de Eitrigg à pergunta que tinha feito mais cedo. Baine suspeitava do que Garrosh diria desde que recebera a ordem para que os líderes da Horda se reunissem. O que restava era apenas a esperança de estar errado.

— Temos um destino a cumprir, e um obstáculo nos detém — prosseguiu o orc —, um obstáculo que deve ser esmagado por nossos pés como o inseto que é. Por muito tempo, e mesmo um segundo seria tempo demais, os vermes da Aliança, não satisfeitos com o que têm feito nos Reinos do Leste, vêm se infiltrando em nossas terras, nosso território. Em Kalimdor.

Baine fechou os olhos por um breve instante, em sofrimento.

— Desgastando nossos recursos e maculando nossa terra com sua mera presença! Eles nos aleijam, nos impedem de crescer, de atingir o potencial que sei, que sei que é nosso! Meu coração crê que nosso destino não é continuarmos curvados, subjugados e mendigando paz à Aliança. E nosso direito dominar e controlar Kalimdor. Ela é nossa, e nós a reivindicaremos!

Os orcs de Garrosh urraram em aprovação. Pelo menos, a maioria deles: os que estavam com os Kor'krons e o orc Rocha Negra. Alguns murmuravam em silêncio. Muitos membros da Horda seguiram o exemplo dos Kor'krons, alguns com o mesmo entusiasmo; outros, Baine percebeu, com muito menos. Ele mesmo continuou sentado. Alguns poucos taurens de sua comitiva bateram palmas e fizeram barulho no chão com seus cascos. Os taurens não haviam passado incólumes pelas mudanças recentes. A Aliança, expandindo-se a partir da Fortaleza da Guardanorte e munida de informações falsas de que os taurens planejavam um ataque, devastaram o Acampamento Taurajo. Os únicos habitantes lá agora eram saqueadores. Muitos taurens haviam morrido em combate, outros, fugido para Ponta Vendeta, onde esporadicamente atacavam batedores da Fortaleza da Guardanorte, ou para a Aldeia Unafe — a "Aldeia do Refúgio".

Como resposta à agressão, Baine fez o que seria melhor para a segurança do seu povo. A estrada para Mulgore, que por muito tempo permaneceu aberta a todos os viajantes, agora era protegida pelo Grande Portão, construído para evitar uma incursão maciça da Aliança. A maior parte dos taurens ficou satisfeita com a construção e não se entregou ao espírito da vingança, mas outros ainda se curavam das feridas deixadas pelo ataque. O líder deles não podia condená-los. Baine jamais quis governar com mão de ferro; os taurens o seguiam por vontade e amor, muito provavelmente pelo respeito que nutriam por seu pai, mas de coração absolutamente aberto. Os que discordaram das decisões que havia tomado, como muitos Temível Totem, ou os taurens que escolheram revidar o ataque da Aliança na Ponta Vendeta, foram banidos do Penhasco do Trovão, sem sofrer nenhuma outra punição.

O líder tauren retornou ao presente mais uma vez quando a balbúrdia se acalmou e Garrosh prosseguiu:

— Com tal objetivo, tenho intenção de liderar a Horda numa missão que nos levará direto à estrada triunfante que há tanto nos aguarda.

— O chefe guerreiro parou para esquadrihar o mar de rostos,

valorizando o momento. — Nosso primeiro alvo será a Fortaleza da Guardanorte. Nós a esmagaremos e, quando formos outra vez senhores de nossa terra, daremos o passo seguinte: Theramore!

Baine não se lembrava de ter levantado, mas subitamente estava de pé, com muitos outros. Houve vivas e gritos exultantes, como era de se esperar, mas brados de protesto e insatisfação também se fizeram ouvir.

— Chefe guerreiro! A Grã-senhora Jaina Proudmore é muito poderosa! — exclamou um Renegado. — Ela se mantém passiva e quieta. Se a provocarmos, daremos início a uma guerra em nosso quintal, uma guerra que não estamos prontos para lutar!

— Ela agiu com justiça vez após vez, mesmo quando teve todas as desculpas para reagir com força e falsidade! — gritou Baine. — Os esforços diplomáticos dela, bem como a decisão de cooperar com o chefe guerreiro Thrall, salvaram incontáveis vidas! Invadir suas terras sem nenhuma razão não trará honra à Horda, pois não há honra na idiotice!

Houve murmúrios de aprovação. Os outros líderes da Aliança tinham muito menos crédito, e Jaina Proudmore já havia conquistado respeito até mesmo entre alguns da Horda. Baine se comoveu com os murmúrios, mas o que Garrosh disse em seguida o lançou novamente num fosso de desespero.

— Em primeiro lugar — retrucou Garrosh —, Thrall concedeu a mim a liderança da Horda. O que ele fez ou deixou de fazer não tem mais importância alguma. Eu sou o chefe guerreiro a quem todos aqui juraram lealdade. São minhas decisões que interessam. E, antes de condenarem meu plano, esperem até ouvir tudo. Calem a boca e escutem!

Os murmúrios se silenciaram, mas nem todos os que se levantaram se sentaram novamente.

— Vocês reagem como se conquistar Theramore fosse a meta final. Pois eu lhes digo que é apenas o começo! Não falo apenas em destruir aquele baluarte humano em Kalimdor. Também quero falar, com

ainda mais veemência, dos elfos noturnos. Vamos enxotá-los para os Reinos do Leste e esmagar suas cidades, tomando seus recursos para nós!

— Enxotar? — repetiu Vol'jin, perplexo. — Eles tão aqui há muito mais tempo que nós. Se nós tentar algo assim, a Aliança vai colar na gente feito carrapato em worgen! Tu vai é dar de mão beijada a desculpa que eles tanto querem!

Garrosh virou-se lentamente para o líder dos trolls Lançanegra. Baine estremeceu por dentro. Vol'jin havia sido um dos críticos mais ferrenhos de Garrosh desde a morte de Caerne; os dois líderes, o troll e o orc, certamente não morriam de amores um pelo outro. Garrosh havia forçado os Lançanegra a viverem nos cortiços de Orgrimmar, o que enfureceu Vol'jin e o levou a ordenar, insultado, que todos os trolls abandonassem a cidade. Agora, o líder Lançanegra vinha à cidade apenas sob convocação.

— Minha alma está cansada do vaivém das linhas de frente que se repete no Vale Gris desde que pusemos os pés nesse mundo — rosnou Garrosh. Baine sabia que o orc ainda amargava a última derrota sofrida no vale pelas mãos do rei Varian Wrynn. — E estou ainda mais cansado da cegueira que nos impede de ver o que temos realmente que fazer. Os elfos noturnos se dizem cheios de compaixão e sabedoria, e ainda assim nos matam quando arrancamos umas poucas árvores para cobrir nossas cabeças com tetos! Eles já viveram aqui por tempo demais. Vamos transformá-los em meras lembranças desagradáveis. Chegou a hora da Horda reinar neste continente, e reinar é o que faremos! Por isso que Theramore é a chave, vocês não entendem? — Garrosh olhou para os membros da Horda como se fossem um bando de crianças. — Destruindo Theramore, eliminamos os reforços da Aliança no Sul. E então daremos aos elfos o que eles merecem.

— Chefe guerreiro! — A voz era feminina, fria e musical ao mesmo tempo. Sylvana Correntos, antiga general patrulheira dos elfos superiores e agora líder dos Renegados, ergueu-se e fitou Garrosh com o brilho intenso de seus olhos. — A Aliança talvez não mande reforços.

Não a princípio, pelo menos. Em vez disso, lançarão toda fúria resultante naqueles de nós que estão nos Reinos do Leste, meu povo e os sin'dorei.

A líder dos mortos-vivos olhou para Lorthemar quase implorando, mas o rosto do líder dos elfos sangrentos permaneceu impassível.

— Varian marchará sobre minhas terras e destruirá todos nós! — As palavras eram para Garrosh, mas Sylvana continuava encarando Lor'themar. Baine sentia pela mulher; ela esperava apoio de alguém que estava lá para isso, mas não encontrava nada.

— Chefe guerreiro! Peço a palavra — rogou Eitrigg, voltando-se com o devido respeito ao seu próprio líder.

— Já ouvi o que você tem a dizer, conselheiro — respondeu Garrosh.

— Mas nós não — emendou Baine. — Eitrigg era amigo de meu pai e conselheiro de Thrall. Ele conhece a Aliança como poucos de nós. Você certamente não se opõe que também escutemos o que um ancião tão sábio tem a dizer, não é mesmo, chefe guerreiro?

O olhar que Garrosh lançou sobre Baine poderia ter derretido rocha em magma, e o tauren respondeu simplesmente fitando-o com uma falsa tranquilidade. O chefe guerreiro assentiu com a cabeça para Eitrigg:

— Fale — disse brevemente.

— E verdade que a Horda fez grandes esforços para se recuperar do Cataclismo — declarou Eitrigg —, e tudo sob sua liderança, chefe guerreiro Garrosh. Você tem razão. O título é seu. As decisões são suas. Mas a responsabilidade também é sua. Pense um instante sobre as consequências desta decisão.

— Os elfos noturnos serão história, a Aliança ficará com medo de atacar, Kalimdor pertencerá à Horda; essas serão as consequências, ancião. — Não havia respeito na voz de Garrosh, apenas desprezo. Baine observou que dois ou três orcs franziram o cenho com o tom do chefe guerreiro, orcs que ouviam atentamente o que Eitrigg dizia.

Eitrigg balançou a cabeça e respondeu:

— Não. Isso é uma aposta. Você aposta que pode reivindicar o continente para a Horda, e talvez até consiga. E começaria uma guerra envolvendo exércitos do mundo inteiro. A Horda e a Aliança presas numa luta que ceifaria vidas e drenaria recursos. Já não pagamos demais por tudo isso?

Os orcs que ouviam com atenção começaram a assentir com a cabeça. Baine reconheceu um deles, um mercador de Orgrimmar. Outro, surpreendentemente, era um guarda, ainda que não fosse membro da elite Korkron.

— Pagar demais? — soltou uma voz que soava um pouco como um guinchado. — Não ouvi o chefe guerreiro Garrosh falar em montante ainda, amigo Eitrigg. — Era, é claro, o Príncipe Mercador Gallywix. Mesmo que não desse para notar a diferença, ele estava de pé. Somente o topo de sua cartola era visível, saltitando animadamente enquanto o goblin falava. — O que ouço é lucro pra todo mundo. Por que não expandir os negócios, incorporando as prospecções dos nossos inimigos, e nos livrar deles ao mesmo tempo? Mesmo a guerra é uma oportunidade de negócios, se você encarar pela perspectiva certa!

Era demais para Baine. Ouvir o goblin ganancioso e egoísta falar do derramamento do sangue de heróis, tanto da Horda quanto da Aliança, em nome do lucro fez o que corria nas veias de Baine ferver, e o silêncio prudente que ele mantivera até então foi interrompido.

— Garrosh! Não há ninguém aqui que possa me acusar de não amar a Horda ou de não honrar meu chefe guerreiro.

Garrosh permaneceu em silêncio, ciente de que não havia ajudado Baine quando a necessidade surgiu e que, ainda assim, o tauren o aceitara como chefe guerreiro, e até salvara sua vida uma vez. O orc deixou que Baine prosseguisse... por enquanto.

— Eu conheço essa mulher, você não. Ela trabalhou incessantemente pela paz, sabendo que não somos uma hoste de monstros, mas um povo, como os povos que compõem a Aliança. — Seus olhos afiados esquadriharam a multidão, e todos aqueles que pensaram em protestar contra o argumento de que humanos, elfos

noturnos, anões, draeneis, worgens e gnomos também são "povos", calaram-se sabiamente. — Ela me concedeu auxílio e abrigo em seu próprio lar. Ela me ajudou mesmo quando membros da Horda não o fizeram. Ela não merece ser traída assim, desta...

— Baine Casco Sangrento! — rugiu Garrosh, aproximando-se alguns passos do chefe tauren. Baine avultou-se sobre ele, mas Garrosh não se acovardou. — Se não quiser ter o mesmo destino que seu pai, recomendo que contenha a língua!

— Você quer dizer morto numa traição? — disparou Baine. Garrosh urrou. O Arquidruida Hamuul Runa Totem e Eitrigg deram um passo à frente, mas foi o orc Rocha Negra quem se interpôs entre o chefe tauren e o chefe guerreiro. Mesmo sem ser tocado, Baine quase podia sentir o fogo da fúria represada do outro queimar sua pele. Os olhos do orc de pele cinza brilhavam, sua frieza aumentando o calor da sua raiva, em vez de amenizá-lo. Baine sentiu uma pontada de desconforto. Quem era aquele orc?

— Malkorok — chamou Garrosh —, afaste-se.

O Rocha Negra levou uma eternidade para se mover. Baine não queria um confronto, nem aqui, nem agora. Atacar Garrosh, ou o guerreiro de pele cinza claramente destacado para defendê-lo, só provocaria ainda mais o jovem chefe guerreiro, e o tornaria ainda menos propenso a ouvir a razão. Por fim, expelindo o ar com força, num resfolegar afrontador, Malkorok obedeceu à ordem.

Garrosh deu um passo à frente, ficando a centímetros de Baine.

— Os tempos não são de paz! A hora de lutar chegou, depois de muita demora! Seu próprio povo sofreu com a expansão desavisada da Aliança sobre seu território. Se alguém deveria querer ver a Fortaleza da Guardanorte em ruínas, são os taurens! Você diz que Jaina Proudmore ajudou você uma vez. Sua lealdade pertence a ela e à Aliança, que massacraram seu povo... ou à Horda e a mim?

Baine respirou lenta e profundamente, deixando o ar sair pelas narinas. Inclinando-se, reduziu ainda mais a distância entre seu rosto e o de Garrosh, e disse para que apenas o chefe guerreiro ouvisse:

— Se fosse virar as costas para a Horda e você, Garrosh Grito Infernal, eu o teria feito há muito tempo. Mesmo que não acredite em mais nada do que digo, nisso você pode acreditar.

Por um instante, Baine pensou ter visto uma expressão de vergonha cruzar o rosto castanho de Garrosh, logo antes da balbúrdia se instaurar novamente. O orc se virou para a turba:

— Este é o desejo do chefe guerreiro — bradou Garrosh asperamente —, o plano que seguiremos. Primeiro a Fortaleza da Guardanorte, depois Theramore. Então colocaremos os elfos noturnos onde sempre quisemos, e o que for deles será nosso. Quanto às retaliações da Aliança — comentou Garrosh, encarando Sylvana —, cuidaremos delas com grande rapidez. Sou grato pela obediência de todos nessa questão, mas não esperava menos da grande Horda. Voltem para seus lares e fiquem prontos. Vocês ouvirão meu chamado em breve. Pela Horda!

O alarido, tão comum e sempre tão cheio de força e paixão, ressoou pela fortaleza. Baine fez coro, mas seu coração não acompanhou. O plano de Garrosh não só era perigosamente leviano, o que era mais do que suficiente para desacreditá-lo, como também era baseado apenas em traição e ódio. A Mãe Terra jamais abençoaria uma empreitada assim.

Garrosh ergueu Uivo Sangrento de novo, fazendo o machado cantar num silvo conforme o ar passava veloz pelos furos da lâmina, e o baixou pela última vez. O orc Rocha Negra (Malkorok, como Garrosh o chamava) se posicionou logo atrás do chefe guerreiro antes de Eitrigg, antes até mesmo dos Korkron, que com algum atraso se deram por si e saíram do castelo atrás do líder.

A multidão começou a dispersar. Baine viu a pele azul e os cabelos vermelhos do líder troll se aproximando, e andou mais devagar.

— Tu enquadrrou ele, hein? — disse Vol'jin sem fazer rodeios.

— Sim. E não foi... sábio — respondeu o tauren.

— Não, sábio não. E foi por isso que não dei um pio. Tenho que pensar no meu povo.

— Eu compreendo — concordou Baine. A fúria de Garrosh era um perigo muito mais iminente para os trolls, que eram vizinhos de Orgrimmar. Vol'jin não tinha culpa. O chefe tauren encarou o troll. — Mas sei bem o que seu coração diz.

— Essa onda que a gente tá pegando é ruim, cara — admitiu Vol'jin, com um suspiro melancólico.

— Você sabe quem é esse Malkorok?

— Ele é Rocha Negra, cara — respondeu Vol'jin, franzindo o cenho.

— Dizem por aí que o prego ainda não aprendeu nem a curtir o solzão de Durotar, depois de tanto tempo enfurnado na Montanha Rocha Negra trabalhando pro Laceral.

— Foi o que pensei — resmungou Baine.

— Ele dedurou o patrão e saiu com uma anistia debaixo do braço — continuou Vol'jin. — O próprio Garrosh descolou o perdão, pra ele e pra todo mundo que jurasse lealdade até a morte. Agora o chefe guerreiro tem um cachorro com dentes enormes pra vigiar as costas dele.

— Mas... quem poderia confiar nele? — questionou o tauren. Vol'jin riu e respondeu com outra pergunta:

— E de se perguntar quem é que poderia confiar num Temível Totem, e tu mesmo deixou aqueles que juraram lealdade ficar no Penhasco do Trovão, foi ou não foi?

Baine pensou em Tarakor, um tauren negro como a noite que havia servido Magatha e, a serviço da xamã, liderara o ataque contra o Penhasco do Trovão. Quando a derrota estava consumada, Tarakor implorou por clemência para si e para a família, que foi concedida por Baine assim como para tantos outros, e todos se provaram merecedores e dignos. Ainda assim, de algum maneira, o chefe do Penhasco do Trovão considerava os Temível Totem diferentes dos Rochas Negras.

— Talvez eu esteja julgando cedo demais — comentou o chefe tauren.

— Vejo os orcs com olhos muito piores do que os taurens.

— Já faz um tempo — concordou Vol'jin baixinho, para garantir que ninguém mais ouvisse — que eu também.

Garrosh ficou esperando do lado de fora, para que os que quisessem aproveitar a oportunidade e jurar lealdade pudessem fazê-lo de forma mais conveniente. Uma goblina se lamentava sobre algo a seus pés quando Malkorok avisou:

— Lá está ele.

O chefe guerreiro ergueu os olhos e, ao reconhecer Lor'themar, deu a ordem:

— Traga-o.

Antes que Malkorok voltasse com o líder dos elfos sangrentos, Garrosh deu dois tapinhas na cabeça da goblina, aceitou desinteressadamente o que imaginou ter sido um juramento e deu as costas a ela, deixando claro que a conversa estava encerrada. Lor'themar inclinou a cabeça dourada diante do orc marrom, em sinal de respeito:

— Deseja me ver, chefe guerreiro?

— Sim — respondeu Garrosh, afastando-se alguns passos com o elfo, para que pudessem ter alguma privacidade. Malkorok também fez sua parte e usou seu vultoso corpo para garantir que ninguém os incomodasse, uma massa cinzenta de braços cruzados impedindo o acesso aos dois.

— Você é o único entre os líderes que não questiona seu chefe guerreiro, exceto Gallywix, que apoia simplesmente porque vê dinheiro surgindo. — prosseguiu Garrosh. — Nem quando Sylvana tentou se aproveitar da sua simpatia. Eu respeito isso, elfo. Saiba que sua lealdade a mim é notada.

— A Horda acolheu meu povo de braços abertos quando ninguém mais o fez — respondeu Lor'themar. — Não me esquecerei disso. Por isso, minha lealdade e a do meu povo pertencem à Horda.

Algo se revirou no estômago de Garrosh quando ele percebeu a ênfase que o elfo havia dado à última palavra.

— Eu sou o chefe guerreiro da Horda, Lorthemar. Por isso, eu sou a Horda.

— Você é o chefe guerreiro — concordou Lor'themar prontamente. — Isso é tudo? Meu povo está ansioso para voltar para casa e se preparar para a guerra vindoura.

— Claro — concedeu Garrosh. — Pode ir.

Lor'themar não dissera sequer uma palavra ameaçadora ou incendiária, mas a inquietação de Garrosh não se dissipou mesmo enquanto ele observava o mar vermelho e dourado se mover na direção dos portões de Orgrimmar.

— Vale a pena ficar de olho nele — afirmou Garrosh a Malkorok.

— Vale a pena ficar de olho em todos eles — respondeu o Rocha Negra.

3



Conheço bem esse manto encardido! — exclamou a imagem do príncipe Anduin Wrynn, numa risada larga. Jaina Proudmore devolveu o sorriso. A grã-senhora e seu "sobrinho", cuja relação de afeto era mais sólida do que laços de sangue, conversavam por um espelho encantado escondido cuidadosamente atrás de uma estante de livros. Proferidas as palavras certas, o reflexo dos dois aposentos desaparecia, e o que antes era um objeto comum tornava-se uma janela. Tratava-se de uma variante do feitiço que permitia aos magos transportarem a si mesmos e a outros entre dois lugares.

Certa vez, Anduin aparecera inesperadamente no instante em que Jaina terminava uma de suas reuniões secretas com Thrall, o então chefe guerreiro. Perspicaz, o jovem príncipe percebeu o que estava acontecendo, e agora ambos dividiam esse segredo.

— Nunca consegui enganar você — observou Jaina. — Como anda sua temporada entre os draeneis?

A grã-senhora intuiu qual seria a resposta antes mesmo de ouvi-la. Anduin crescera, e não apenas fisicamente. Mesmo através da imagem

em tons azuis do espelho, Jaina podia ver um jovem de queixo robusto e olhos mais calmos e sábios.

— Tem sido maravilhoso, tia Jaina. Há muitas coisas acontecendo no mundo neste momento, e quero tomar parte de tudo. Mas sei que tenho que ficar aqui. Eu aprendo novas lições todos os dias. Fico triste de não poder ajudar, mas...

— E destino dos outros assegurar um futuro em que você possa amadurecer. E é seu destino fazer exatamente isso, e você o está cumprindo muito bem. Continue estudando. Continue aprendendo. Você está certo. Está exatamente onde precisa estar.

Anduin trocou o pé de apoio e, de repente, pareceu outra vez jovem demais.

— Eu sei — concordou, entre suspiros. — Sei muito bem disso. E que... às vezes é difícil.

— Chegará o dia em que você terá saudade destes tempos mais simples, mais tranquilos — concluiu Jaina, para logo ver-se brevemente de volta à própria juventude. Amada pelo pai e pelo irmão, protegida por amas e tutores, a vida de Jaina tinha sido repleta da alegria do aprendizado e dos deveres de uma jovem dama, apesar da natureza militar da família. Naqueles tempos, Jaina irritava-se com tais confortos, mas agora tudo aquilo lhe soava suave e delicado como as pétalas de uma flor.

O príncipe revirou os olhos, fingindo irritação.

— Mande lembranças a Thrall — despediu-se.

— Com certeza isso não é nada prudente — retorquiu Jaina, embora sorrisse, cobrindo os cabelos dourados com o capuz. — Fique bem, Anduin.

E bom ter notícias suas.

— Vou ficar, tia Jaina. Siga com cuidado.

A imagem do príncipe desapareceu. Jaina, que amarrava firmemente o capuz embaixo do queixo, deteve-se por um instante. "Siga com cuidado." O menino havia, por certo, amadurecido.

Como fizera muitas vezes antes, a grã-senhora saiu sozinha, tomando cuidado, como o sobrinho lhe pedira, para que ninguém a visse. Remou para sudoeste, contornando com seu bote as ilhotas da região conhecida como Enseada da Fúria das Marés. Caranguejos conchalodo estalavam suas pinças contra o barco aqui e ali, mas, afora tal amolação, navegava-se em águas tranquilas.

Jaina aportou no lugar marcado. Surpresa por constatar que Thrall ainda não chegara, sentiu-se ligeiramente desconfortável. Tanto havia mudado... O orc havia cedido a liderança da Horda a Garrosh. O mundo havia se partido como uma casca de ovo, e jamais seria o mesmo. Um grande mal, que ardia em ódio e loucura, havia assolado Azeroth para, finalmente, ser derrotado.

O vento mudou de direção, acariciando o rosto da grã-senhora e soltando-lhe o capuz, apesar do laço firme. O manto farfalhava por detrás de seu corpo esguio, o que a fez sorrir. A aragem era tépida e cheirava a flores de macieira. Antes mesmo que a dama atinasse, um turbilhão a ergueu do bote com firmeza e gentileza. Jaina sabia que estava em segurança, e não resistiu. Protetor, o vento depositou-a na praia com o mesmo cuidado. Nem uma gota de lama tocou-lhe a ponta das botas.

Um vulto saiu do esconderijo detrás de um rochedo, e Jaina se deu conta de que ainda não se habituara a essa nova figura. Em vez de armadura, Thrall, filho de Durotan, vestia-se com simplicidade. Contas vermelhas de um colar de oração circundavam-lhe o pescoço. A cabeçorra, coroada por uma cabeleira negra, estava coberta por um singelo capucho, e os braços estavam nus. A túnica deixava aparecer parte de um vigoroso torso esverdeado. Sem dúvida tratava-se de um xamã, não de um chefe guerreiro. Apenas o Martelo da Perdição, amarrado às costas do orc, era familiar à dama.

Thrall estendeu as mãos a Jaina, que retribuiu o gesto.

— Senhora Proudmore! — cumprimentou o xamã, com olhos azuis transbordando de acolhimento. — Muito tempo se passou desde a última vez.

— Por certo, Thrall. Talvez tempo demais.

— Sou Go'el — lembrou-lhe o xamã, gentil. Ligeiramente encabulada, Jaina assentiu com a cabeça.

— Desculpe-me. Go'el, que assim seja. — A grã-senhora olhou em volta. — Onde está Eitrigg?

— Está acompanhando o chefe guerreiro. Sou o líder da Harmonia Telúrica, mas sirvo humildemente. Não me tenho em maior conta do que qualquer outro indivíduo.

A sombra de um sorriso de satisfação se insinuou no rosto de Jaina, que continuou:

— Muitos o considerariam muito mais do que um humilde xamã, e eu estou entre esses. Ou seriam os relatos da sua aliança com os quatro Aspectos Dragônicos meros contos de fada?

— Foi uma honra, e modesta, contribuir dessa forma. — Vindas de qualquer outra pessoa, tais palavras seriam meras frases de cortesia. Jaina sabia que eram verdadeiras. — Eu apenas cumpri o papel que seria do Guardião da Terra. Fomos todos nós, trabalhando como um. Dragões e corajosos enviados de cada raça deste mundo. O crédito do extermínio do grande monstro cabe a muitos.

— Você está satisfeito com todas as suas decisões, então? — questionou Jaina, os olhos procurando os de Go'el.

— Estou. Se não tivesse partido para me unir à Harmonia Telúrica, não estaria preparado para assumir a tarefa que me foi confiada.

Jaina lembrou-se de Anduin e do treinamento que o levou para longe da família. "Há muitas coisas acontecendo no mundo neste momento, e quero tomar parte de tudo. Mas sei que tenho que ficar aqui. Eu aprendo novas lições todos os dias." Ela afirmou ao sobrinho que ele estava exatamente onde deveria. Agora Go'el estava lhe dizendo o mesmo. Parte dela concordava com o xamã. Sem dúvida o mundo estava melhor sem a destruição e o terror do Asa da Morte e da Seita do Crepúsculo! Ainda assim...

— Tudo tem um preço, Go'el. Seu conhecimento e suas habilidades não vieram de graça. O... orc que você deixou em seu lugar causou

muitos danos. Se até eu ouvi falar do que está acontecendo em Orgrimmar e no Vale Gris, certamente você também ouviu!

O semblante do xamã, até então em profunda paz, agora exalava preocupação:

— Eu soube, é claro.

— E... não fez nada?

— Meu caminho é outro. Você viu os resultados desse caminho. Uma ameaça que...

— Go'el, eu sei disso, mas agora a tarefa está completa. Garrosh está atiçando problemas entre a Aliança e a Horda, problemas que não existiam antes dele. Entendo que você não queira desmerecê-lo em público, mas... Talvez possamos trabalhar juntos. Formar uma espécie de cúpula. Podemos convidar Baine. Ele não aprova os propósitos de Garrosh. Eu poderia falar com Varian, que tem estado mais acessível ultimamente. Todos respeitam você, mesmo entre a Aliança, Go'el. Sua conduta lhe garantiu isso. E a conduta de Garrosh não rendeu a ele nada além de desconfiança e ódio.

Jaina apontou para seu manto, que fora agitado pela ventania enviada pelo xamã para desembarcá-la, e continuou:

— Como xamã, você controla os ventos. Pois agora sopram ventos de guerra, e, se não detivermos Garrosh de imediato, muitos inocentes pagarão o preço de nossa hesitação.

— Sei o que Garrosh fez. E também sei o que a Aliança fez. É claro que há inocentes, mas nem você pode jogar toda a culpa pelas tensões de hoje nas costas de Garrosh. Nem todos os ataques foram iniciados pela Horda. Não me parece que a Aliança esteja exatamente se esforçando pela paz.

A voz de Go'el permanecia serena, mas carregava um tom de aviso. Jaina recuou. Não por conta do tom de voz, mas por causa da verdade do que estava sendo dito.

— Eu sei — admitiu Jaina, em tom grave. A grã-senhora sentou-se desolada sobre uma pedra que despontava do chão. — As vezes, acho que falo para ouvidos surdos. O único que parece de fato interessado

em construir uma paz duradoura é Anduin Wrynn. E ele tem apenas 14 anos.

— Já é idade suficiente para compreender este mundo.

— Mas não para fazer algo. Sinto-me remando contra a maré ao tentar falar, e ainda mais ao tentar ser ouvida. E... difícil agir com diplomacia e trabalhar por resultados reais e sólidos, quando o outro lado não reconhece mais qualquer ponderação. Vejo-me como um corvo grasnando sozinho no campo e imagino se não estou apenas perdendo tempo.

Jaina surpreendeu-se com a franqueza e melancolia das próprias palavras. De onde viriam tais sentimentos? A grã-senhora se deu conta de que não havia ninguém com quem pudesse conversar e expressar suas dúvidas. Anduin a tinha como um modelo, portanto Jaina não podia lhe confessar como se sentia abatida tantas e tantas vezes. Já Varian e os demais líderes da Aliança se posicionavam firmemente, em sua maioria, contra qualquer argumentação dela. Apenas Thrall, ou melhor, Go'el, parecia entendê-la, e mesmo ele agora aparentemente negava o preço da decisão de indicar Garrosh como chefe guerreiro da Horda.

— O mundo está tão mudado, Go'el. Tudo mudou. Todos mudaram.

— Jaina olhava para as mãos, e suas palavras saíam com facilidade, sem censura.

— Tudo e todos de fato mudam, Jaina — ponderou Go'el, em voz baixa. — E da natureza das coisas crescer, tornar-se algo que não era. A semente se torna árvore, o botão se torna flor, o...

— Eu sei! — explodiu Jaina. — Mas sabe de uma coisa que nunca muda? O ódio. Ódio e sede de poder. As pessoas se apegam a uma ideia ou um plano que lhes seja favorável e então mergulham nisso e não largam mais. Não enxergam um palmo à frente do nariz quando lhes interessa. E palavras de paz, de sensatez, não mais parecem ser eficazes contra isso.

— Talvez você esteja certa — esquivou-se Go'el, levantando a sobrancelha. — Cada um escolhe o próprio caminho. Talvez haja

outra coisa a que você deva se dedicar.

A grã-senhora encarou o xamã, perplexa:

— O mundo já foi destruído. Você acha mesmo que eu não devo mais lutar para impedir que seus habitantes destruam uns aos outros?

— Jaina hesitou um instante. — Devo desistir como você?

As palavras eram injustas. Go'el não estava de braços cruzados. Ele vinha, sem dúvida, fazendo muito por Azeroth, mas ainda assim... Era um pouco mesquinho de sua parte, mas Jaina sentiu-se decepcionada com o amigo. Dobrou as abas do manto desbotado sobre o peito, numa postura defensiva, como perceberia logo em seguida. Suspirando, a grã-senhora deliberadamente relaxou os ombros erguidos. Go'el sentou-se a seu lado em silêncio.

— Faça o que achar melhor, Jaina — disse, finalmente, Go'el. Uma aragem suave balançou as tranças da barba do xamã, que olhou para o horizonte. — Mas não posso lhe dizer o que seria melhor, pois assim eu me tornaria como os outros, a quem você considera tão decepcionantes.

Ele estava certo. Houve um tempo em que Jaina conseguia discernir facilmente o melhor caminho a tomar em cada situação, ainda que tal decisão lhe fosse penosa. Escolher não ficar ao lado do pai quando ele enfrentou a Horda fora de fato um momento crucial em sua vida. Assim como fora afastar-se de Arthas, que tinha fomentado o episódio que mais tarde se tornaria conhecido como o Expurgo de Stratholme. Mas agora...

— Está tudo tão incerto, Go'el. Acho que mais do que nunca.

— Certamente que está — concordou o xamã.

Jaina observou Go'el profundamente. Ele mudara, e não fora pouco. Não apenas as vestes, o nome ou o comportamento, mas...

— Então... — Jaina mudou de assunto. — Da última vez que nos encontramos, celebrávamos um momento de felicidade. Como vai a vida ao lado de Aggra?

— Muito bem — respondeu Go'el, com os olhos enternecidos. — Sinto-me honrado por ela ter me aceitado.

— Acho que é uma honra para Aggra também. Conte-me dela. Não tive oportunidade de conhecê-la mais pessoalmente.

— Bom, ela é, obviamente, uma Mag'har, nascida e criada em Draenor. Por isso Aggra tem a pele castanha; ela e seu povo jamais foram contaminados por sangue demoníaco. Azeroth é nova e diferente, mas minha companheira adora este mundo. Aggra é xamã, como eu, e se dedica inteiramente a curar nossa terra. E também — acrescentou em voz baixa — a mim.

— Você... precisou de cura?

— Todos precisamos, quer percebamos isso ou não — retrucou Go'el. — Apenas por estarmos vivos, temos feridas. Mesmo que não tenhamos nem mesmo uma cicatriz física. Ter um companheiro que nos veja por quem somos, verdadeira e completamente... Ah, isso é uma dádiva, Jaina Proudmore. Uma dádiva que nos recupera e renova a cada dia, e a que devemos cultivar com cuidado. Esta dádiva me tornou completo, me fez entender meu propósito e meu lugar neste mundo.

Gentilmente, o xamã apoiou a manzorra verde no ombro de Jaina e continuou:

— Desejo a você a mesma dádiva e a mesma compreensão, cara amiga. Eu então a veria feliz, sua vida completa, sua missão clara. Minha vida está completa. E conheço a minha missão. — Go'el sorriu, revelando as presas. — Como disse, só você pode saber o que é certo para a sua vida. Mas afirmo confiante que, qualquer que seja a jornada, qualquer que seja a estrada por onde se pisará, descobri que a caminhada é muito mais doce ao lado de uma companheira.

Jaina lembrou-se, com amargura incomum, de Kael'thas Andassol e Arthas Menethil. Ambos eram belos e vivazes. Ambos a amaram. A um, ela dedicara respeito e admiração; a outro, entregara todo seu amor. Ambos caíram ante o chamado de poderes sombrios e da porção mais fraca de suas naturezas.

A grã-senhora sorriu sem vontade e comentou:

— Não tenho sido muito sábia no que diz respeito à escolha de meus parceiros na vida. — Jaina engoliu toda a frustração, a tristeza e a

incerteza e estendeu a mão pálida e pequenina sobre a do xamã. —
Estou muito melhor em relação às amizades.

E os dois ficaram ali por muito, muito tempo.

4



Começou a chover enquanto Jaina remava de volta a Theramore, depois do encontro com Thrall. Castigada pelo frio e pelo desconforto, havia pouco a ser feito além de aceitar essa inconveniência com resignação. Jaina alcançou esse estado de espírito repetindo mentalmente que poucos se disporiam à aventura num tempo tão inapropriado, e que portanto a culpa era toda dela. Ao chegar ao destino, amarrou o barquinho à doca, e os pés estavam instáveis na madeira molhada, e debaixo do inclemente toró chegou à porta selada magicamente que dava acesso à torre sem ser notada. Instantes depois, já se encontrava no aconchegante gabinete. Tremendo, Jaina acendeu o fogo com um encantamento murmurado e um estalar de dedos, secou as roupas da mesma maneira e livrou-se do manto.

A jovem maga preparou um pouco de chá e pegou alguns biscoitos, ajeitou-os numa pequena mesa e aconchegou-se perto da lareira, refletindo sobre as palavras de Thrall. Ele parecia tão... satisfeito. Calmo. Como isso era possível? Num sentido bastante real ele tinha dado as costas ao seu povo e, e ao entregar as rédeas do reino a Garrosh,

praticamente garantido uma guerra. Anduin seria um valoroso aliado se fosse mais velho, mas a juventude é tão efêmera... Jaina sentiu-se culpada pelo simples fato de pensar em Anduin perdendo seus melhores dias.

E Thrall, ou melhor, Go'el, como ela teria que se acostumar a chamá-lo, estava casado agora. O que isso significaria para a Horda? Seria seu desejo que um filho ou uma filha governasse em seguida? Ele tomaria novamente as rédeas da Horda se Aggra lhe desse um herdeiro?

— Ainda tem biscoitos pra mim, senhora? — indagou uma voz feminina, jovem e um tanto guinchante.

Jaina sorriu, mas não se virou. Ela estava tão imersa em seus próprios pensamentos que o zunido característico de um feitiço de teleporte lhe havia passado despercebido.

— Kinndy, você também pode fazer os seus.

A aprendiz gargalhou alegremente, atirando-se numa cadeira à frente de Jaina, ao lado do fogo, e servindo-se de chá e biscoitos.

— Mas os meus são biscoitos de aprendiz. Os seus são de mestra, muito melhores.

— Você aprenderá as gotinhas de chocolate em pouco tempo — assegurou Jaina, mantendo a expressão impassível. — E já está se saindo muito bem com as tortas de maçã.

— Ainda bem que pensa assim — respondeu Kinndy Centelume.

Ela era mais desenvolta do que o normal, mesmo entre os gnomos, e o cabelo amarrado em chuquinhas cor-de-rosa fazia com que aparentasse ainda menos que seus 22 anos — uma adolescente pela contagem de seu povo. Seria fácil tomá-la como uma coisinha tão insubstancial quanto algodão-doce, do qual seu cabelo parecia ser feito, mas aqueles que realmente olhavam em seus grandes olhos azuis se deparavam com uma inteligência tão aguda que contradizia a inocência estampada em seu rosto. Jaina a havia tomado como aprendiz meses atrás, sem ter escolha.

Rhonin, o líder do Kirin Tor durante a Guerra do Nexus, e que permanecia à frente do conluio de magos, solicitou a presença de Jaina logo após o Cataclismo. Seu rosto estava mais sombrio do que nunca quando ele a encontrou no Salão Púrpura, um lugar acessível, pelo que ela sabia, apenas por meio de magia. Depois de servir duas taças do cintilante vinho de Dalaran, o mago se sentou ao lado da jovem e a observou com atenção.

— Rhonin — perguntou Jaina bem baixinho, antes de experimentar da bebida deliciosa e sem encará-lo —, o que está acontecendo? O que há de errado?

— Vejamos — respondeu ele. — Asa da Morte está à solta, a Costa Negra foi engolida pelo mar...

— Eu quis dizer com você.

Ele sorriu debilmente do próprio humor negro:

— Não há nada de errado comigo, Jaina. Apenas, bem, uma preocupação que quero compartilhar.

O rosto dela se fechou, formando uma ruga entre as sobrancelhas, e sua taça pousou sobre a mesa.

— Comigo? Por que comigo? Não faço parte do Conselho dos Seis, nem sou membro do Kirin Tor. — Ela havia sido tempos antes, trabalhando com seu mestre, Antônidas. Mas depois da Terceira Guerra, quando os membros restantes do Kirin Tor voltaram a se reunir, as coisas já não eram as mesmas.

— E é justamente por isso que é com você que preciso falar — disse ele. — Jaina, todos nós passamos por tantas coisas. Estivemos tão ocupados, lutando, planejando, empreendendo contendas, que acabamos nos esquecendo de outra tarefa, uma talvez ainda mais importante.

Jaina deu um sorriso sem emoção e respondeu:

— Derrotar Malygos e recuperar um mundo estremecido como um rato na boca de um cão de caça parece importante para mim.

Ele concordou:

— E é. Mas também é importante treinar as próximas gerações.

— O que isso tem... Ah... — Ela balançou com firmeza a cabeça loura. — Rhonin, eu gostaria de ajudar, mas não posso vir a Dalaran. Tenho minhas próprias tarefas em Theramore, e mesmo com a Horda e a Aliança igualmente ameaçadas pelo Cataclismo, ainda temos muito a...

Ele ergueu a mão para interrompê-la.

— Você entendeu errado — disse. — Não estou pedindo que fique na Cidadela Violeta. Há o suficiente de nós aqui, mas muito poucos lá fora.

— Ah... — exclamou ela de novo. — Você... quer que eu aceite um aprendiz.

— Nós queremos. Se você quiser. Há uma jovem em particular que gostaria que considerasse. Ela é extremamente promissora, inteligente e tem uma curiosidade profunda sobre o mundo além de Altaforja e Dalaran, que são tudo o que viu. Acho que se darão bem.

Então, Jaina compreendeu. A jovem se recostou nas confortáveis almofadas púrpuras e estendeu uma das mãos para pegar o vinho. Depois de um pequeno gole, disse:

— E ela fará um ótimo trabalho mantendo você informado, presumo.

— Ora essa, Grã-senhora Proudmore, você não pode esperar que deixemos uma maga tão poderosa e influente quanto você à solta por Theramore.

— Na verdade, estou surpresa por ainda não terem enviado um espião.

Ele a encarou com pesar.

— Há tanto caos agora — disse. — Não é que não confiemos em você. Apenas temos que... Bem...

— Prometo não abrir nenhum Portal Negro — exclamou Jaina, erguendo a taça num juramento burlesco.

Aquilo o fez rir, mas a carranca abateu-se de novo rapidamente. Pousando sua mão sobre a da jovem, ele se inclinou perto dela:

— Você compreende, não é?

— Sim.

E ela realmente compreendia. Antes, não havia tempo para mais nada além de sobreviver. Qualquer mago, em qualquer lugar, que não fosse aliado de Malygos, era uma ameaça. Agora, com o mundo rachado, velhas alianças também estavam rompidas. Jaina era uma maga poderosa e uma diplomata respeitada.

A imagem de Antônidas, que a havia aceitado como aprendiz depois de muita insistência, invadiu sua mente. Ele havia sido um homem bom e sábio, com um forte senso de retidão e disposição para morrer protegendo outras pessoas; ele a havia lapidado, e a inspirava. Subitamente, Jaina sentiu-se como se quisesse devolver ao mundo o que havia recebido. Ela tinha consciência de que não era uma maga de habilidade trivial, e, agora que o assunto surgira, talvez fosse bom ensinar a alguém o que sabia. Não havia necessidade de se juntar outra vez ao Kirin Tor para ajudar outros a entender e dominar poderes mágicos, como ela mesma havia aprendido. A vida era imprevisível, especialmente nestes tempos. Além disso, ela tinha descoberto que sentia muita falta da presença de Anduin. Talvez uma companhia jovem trouxesse novos ares ao vazio.

— Sabe — disse Jaina —, eu me lembro de uma certa jovem cabeçadura que perturbou Antônidas para que ele a aceitasse como aprendiz.

— E pelo que eu me lembro, a aprendiz acabou se saindo melhor do que o esperado. Muitos dizem que ela se tornou a maior maga de Azeroth.

— As pessoas falam demais.

— Por favor, aceite — insistiu Rhonin, não deixando escapar nenhuma demonstração que não fosse de pura e completa sinceridade.

— Acho que é uma boa ideia — respondeu a jovem com firmeza.

— Você vai gostar dela — disse Rhonin, alargando lentamente um sorriso. — Ela será um desafio.

Kinndy também tinha sido um desafio para Dolorae; Jaina teve que esconder um sorriso que se formou quando a imagem da reação de Dolorae à gnomida se tornou nítida em sua memória. Dolorae era uma

elfa noturna, uma guerreira que estivera com Jaina desde que as duas se encontraram pela primeira vez no Monte Hyjal. Ela servia lealmente como guarda-costas de Jaina quer a grã-senhora precisasse, quer não, exceto quando estava em missão. A maga lembrava a elfa noturna constantemente de que era livre para voltar para o seu povo a qualquer instante, mas Dolorae sempre encolhia os ombros e dizia "Lady Tyrande nunca me deu baixa oficialmente" como resposta. Jaina não entendia completamente a insistência e a inexplicável teimosia da elfa noturna, mas era grata por isso.

Uma vez, enquanto Kinndy estudava, Jaina começou a faxinar metodicamente seu gabinete de reagentes, escrevendo rótulos para os que já estavam ilegíveis e separando os que haviam perdido a potência para dar-lhes um fim adequado. As cadeiras de Theramore eram projetadas para humanos, e os pés de Kinndy não alcançavam o chão; a gnomida os balançava de forma distraída, bebericando chá e examinando um tomo quase tão grande quanto ela mesma enquanto Dolorae se ocupava de limpar sua espada. Pelo canto do olho, Jaina notou que a elfa encarava Kinndy vez ou outra, cada vez mais incomodada. Por fim, Dolorae estourou:

— Kinndy! Você gosta de ser espevitada?

A gnomida marcou a página em que estava com seu dedinho gorducho, fechou o livro e se pôs a pensar. Depois de algum tempo, respondeu:

— Ninguém me leva a sério, e isso muitas vezes me impede de ser útil. Não tem nada de bom nisso. Então, não, eu não gosto de ser espevitada.

Dolorae concordou com a cabeça.

— Ah, tudo bem, então — interrompeu o diálogo a elfa noturna, e voltou a trabalhar. Jaina teve que sair da sala para não rir da cena.

Esperteza involuntária à parte, Kinndy realmente tinha sido um desafio para Jaina. A energia da gnomida era uma fonte inesgotável de surpresas para a maga. As perguntas eram infinitas. No começo eram engraçadas, depois se tornaram irritantes e, um dia, Jaina acordou e

percebeu que era realmente uma mentora. Uma mestra com uma aprendiz que cresceria e a deixaria orgulhosa. Rhonin não estava exagerando. Ele provavelmente havia dado a ela o melhor que o Kirin Tor tinha a oferecer.

Kinndy tinha muita curiosidade sobre o papel de Jaina como líder, tanto quanto como maga; Jaina teria gostado de contar à pequenina sobre os encontros secretos com Go'el, e na verdade Kinndy parecia ser do tipo que dava ouvidos a argumentos racionais, mas ela sabia que não podia. Por mais que gostasse da gnomida, Kinndy tinha, no fim das contas, o compromisso de honra de reportar tudo o que soubesse ao Kirin Tor. O deslize da maga com Anduin a ensinara a ser muito precavida, e até agora ela tinha certeza de que Kinndy não sabia nada sobre os encontros.

— Como vai o mestre Rhonin? — interrogou Jaina.

— Bem, bem. Mandou lembranças — respondeu Kinndy. — Ele parecia um pouco distraído — comentou, olhando para baixo, refletindo antes de fazer uma pausa para morder outra vez o biscoito.

— Somos magos, Kinndy — disse Jaina secamente. — Estamos sempre sendo distraídos por alguma coisa.

— Isso é verdade! — A gnomida limpou as migalhas que ficaram em suas roupas. — Mas mesmo assim, minha visita foi um pouco apressada.

— Você conseguiu passar algum tempo com seus pais?

O pai, Guido Centelume, mais conhecido como Guido Guéri Guéri, tinha a importante tarefa de acender todos os postes de Dalaran com sua varinha quando o sol começava a se pôr. Segundo Kinndy, ele gostava tanto do trabalho que vendia varinhas para que outros passassem pela experiência pelo menos uma ou duas vezes. Já a mãe, Jáxi, fornecia assados para a elfa superior Aimee; seu bolo Veludo Vermelho era um sucesso de crítica e vendas. Tudo isso contribuía para a intensa frustração de Kinndy a respeito das próprias guloseimas, que ela considerava de segunda classe.

— Sim! — O rosto da gnomida iluminara-se com a lembrança de casa.

— E você ainda quer biscoitos? — provocou Jaina. Kinndy encolheu-se.

— O que posso fazer? Minha boca só quer saber de doces — respondeu a gnomida com a mesma atitude animada que Jaina havia aprendido a esperar. Mas ainda havia algo de errado. Jaina pousou o prato sobre a mesa.

— Kinndy, eu sei que você tem que se reportar ao Kirin Tor. Foi parte do acordo. Mas você também é minha aprendiz. Se há algo que queira dizer sobre mim...

Os olhos azuis da gnomida cresceram.

— Você? Não, Grã-senhora Jaina, não tem nada a ver com você! E só que, bem, havia algo de errado em Dalaran. Dava pra sentir no ar. E o comportamento do Mestre Rhonin não me tranquilizou nem um pouquinho.

Jaina estava impressionada. Nem todos os magos eram capazes de desenvolver um sexto sentido que os avisava, segundo as palavras de Kinndy, quando havia algo de errado. Jaina era um dos que haviam evoluído a habilidade, até certo ponto. Apesar de não ser capaz de perceber sempre que havia uma perturbação mágica no ar, quando a sensação vinha, ela dava atenção. E Kinndy tinha apenas 22 anos.

Com um sorriso melancólico, Jaina disse:

— Rhonin estava certo. Você tem um dom. Kinndy corou de leve, e Jaina prosseguiu:

— Tenho certeza de que se algo estiver errado, saberemos logo. Até lá, vamos ser práticas. Você terminou o livro que lhe dei?

Kinndy suspirou:

— *Uma análise aprofundada dos efeitos temporais da conjuração de gêneros alimentícios?*

— Exatamente.

— Terminei. Mas... — Ela hesitava, e se recusava a encarar os olhos de Jaina.

— O que foi?

— E que... Agora tem uma mancha de glace na página 43.

A noite caiu em Orgrimmar. O calor cedeu, mas não se dissipou; a areia batida, desprovida de vegetação, retinha o calor do sol, assim como as estruturas de metal que agora despontavam da capital órquica. Orgrimmar, como toda Durotar, dificilmente poderia ser considerada um lugar agradável do ponto de vista climático. Nunca havia sido, e agora era ainda menos. E Malkorok adorava isso.

O calor de Durotar o deixava desconfortável, tanto quanto o calor no interior da Montanha Rocha Negra . Ele realmente amava isso. Abandonar a brandura de lugares como Nagrand, em Draenor, a terra natal dos orcs, era a melhor coisa que já tinha acontecido à raça. Este lugar era um teste, uma provação que endurecia aqueles que a aceitavam. Não havia benefício em ficar confortável, amolecer. E garantir que ninguém ficasse confortável demais era parte do trabalho de Malkorok.

Como no conselho que havia presenciado. Estava claro que alguns tinham passado dos limites, cheios de segurança de que estavam certos. Eles haviam expressado abertamente descontentamento e discordância com aquele que não só era o chefe guerreiro, mas o líder de toda uma raça. O líder dos orcs! Pensar na arrogância dessa atitude era suficiente para que Malkorok, furioso, rangesse os dentes e grunhisse. Mas enquanto caminhava discretamente pelas ruas, ele se forçou a ficar calado.

O orc cinzento dissera a Garrosh que valia a pena ficar de olho em todos eles. O chefe guerreiro entendeu a princípio que Malkorok se referia aos líderes das várias raças da Horda, que todos eles deveriam ser vigiados. O Rocha Negra tinha planos muito, muito maiores: quando disse todos, ele se referia a toda a Horda.

Cada membro dela.

E o esforço teve início quando o próprio Malkorok ordenou a alguns dos seus orcs de confiança que seguissem uns ingratos que ousaram ficar calados quando todos os outros celebraram. Eitrigg, é claro, que

era amado e respeitado, o conselheiro de Thrall, a quem Garrosh jurara dar ouvidos, podia soltar a língua impunemente. Por enquanto.

Mas os que se uniram a ele, esses iriam pagar o preço pelo que Malkorok e Garrosh, claro, consideraram nada menos do que a mais perversa e degenerada traição, e a olhos vistos! Sua mente retrocedeu anos, para quando ainda estava a serviço de Laceral Mão Negra. A satisfação vinha sempre com a lembrança do destino que fora dado a um grupo de aventureiros que tinha sido idiota o suficiente para invadir o coração da montanha e desafiar o Mão Negra. Mas a memória mais clara e que lhe dava mais satisfação era a do que havia feito aos orcs que tramaram contra Laceral pensando que as sombras os protegeriam.

Ele os perseguiu, executando sua própria justiça inclemente. Laceral certa vez observou que um dos traidores havia desaparecido, e Malkorok simplesmente encolheu os ombros, ao que o Mão Negra respondeu com um sorriso serpenteante de aprovação. E nada jamais foi dito outra vez.

Korjus vivia no Antro das Sombras, uma das partes mais repugnantes de Orgrimmar. Era fácil presumir que, vivendo num lugar como aquele, o orc estivesse envolvido em negócios sombrios. Contudo, o nome de sua loja, Terra Negra, era nada mais do que uma descrição do tipo de solo utilizado como substrato em sua cultura: cogumelos. Mesmo que Korjus fosse, pelo que Malkorok sabia, um cidadão afeito às leis, o fato de que ele vivia naquele lugar facilitava o trabalho do Rocha Negra. Com uma piscada e algumas poucas moedas de ouro, possíveis testemunhas nem sequer perguntavam por que deveriam olhar para o outro lado.

Korjus estava de joelhos, usando uma faca afiada para colher os cogumelos que venderia no dia seguinte. Suas mãos cortavam com agilidade bem perto da base do fungo, atiravam os espécimes numa sacola e passavam para o próximo. As costas do orc, na porta, pendiam uma cortina parcialmente recolhida e uma placa que dizia FECHADO. Apesar de não ter visto os visitantes entrarem, Korjus

sentiu sua presença e retesou os músculos, levantando-se devagar ao mesmo tempo em que se virava, cruzando os olhos com os de Malkorok de pé à frente da gangue na entrada.

— Você não sabe ler? — grunhiu. — A loja só abre amanhã.

Malkorok achou graça quando percebeu que o catador de cogumelos apertou a empunhadura da pequena faca, segurando-a com firmeza. Como se lutar fosse uma opção.

— Não viemos atrás de cogumelos — disse Malkorok sem levantar a voz. Os orcs, então, entraram na loja e fecharam a cortina atrás deles.
— Viemos atrás de você.

5



A luz do sol, suave mas insistente, encontrou caminho por entre as cortinas dos aposentos da grã-senhora. Acostumada a acordar bem cedo, Jaina abriu um sorriso sonolento e se espreguiçou. Pulou da cama com um impulso, vestiu um robe e abriu as cortinas azul-escuras.

O alvorecer estava deslumbrante, e tons de rosa, dourado e lavanda se insinuavam por sobre as sombras da noite. Jaina abriu a janela e inalou profundamente a aragem de maresia, deixando o cabelo dourado já desalinhado pelo travesseiro se desarrumar ainda mais. O mar, sempre o mar. Ela era filha de um lorde-almirante, e seu irmão certa vez afirmou, brincalhão, que pelas veias dos Proudmore corria apenas água do mar. A lembrança do pai e do irmão lhe trouxe uma leve melancolia. Jaina permaneceu diante da janela por mais alguns instantes, saudosa, e, então, voltou ao quarto.

A grã-senhora escovou os cabelos e se sentou a uma pequena mesa. Com um piscar de olhos, acendeu uma vela e observou a chama tremeluzente. Era assim que costumava dar início ao dia, sempre que

possível. Esse pequeno ritual a ajudava a se concentrar e se preparar para o que quer que...

Os olhos azuis da maga se arregalaram e ela se viu imediatamente alerta. Algo estava para acontecer. Jaina lembrava-se de conversar com Kinndy na noite anterior (a gnomida sem dúvida ainda estava dormindo; ela parecia uma elfa noturna, pois adorava ficar acordada até tarde) sobre a ida a Dalaran e o desconforto decorrente disso. "E que... Senti alguma coisa estranha em Dalaran. Dava para sentir no ar", Kinndy comentara.

Jaina sentia alguma coisa naquele instante, como um velho marinheiro que percebe nos ossos a aproximação de uma tempestade. Sentiu o peito palpitar de ansiedade. O ritual da manhã teria que esperar. Rapidamente, banhou-se e vestiu-se, e, então, já havia descido ao salão e fazia chá quando um de seus conselheiros mais leais, o arquimago Tervosh, bateu à porta. Ao contrário de Kinndy, ele não tinha qualquer ligação oficial com o Kirin Tor. O arquimago preferia, como Jaina, manter certa independência, e os dois desenvolveram uma grande e gratificante amizade, vivendo em Theramore como dois rebeldes.

— Grã-senhora Proudmore, eu... Bem... Tem alguém aqui que quer vê-la. — Tervosh parecia aborrecido. — Ele não quer revelar o nome, mas traz consigo uma carta de passagem livre dada por Rhonin. Eu verifiquei a autenticidade, e é legítima.

O arquimago entregou-lhe um pergaminho enrolado e lacrado com o olho símbolo do Kirin Tor. Ao romper o lacre e vislumbrar o conteúdo da mensagem, Jaina imediatamente reconheceu a caligrafia de Rhonin.

Cara Grã-senhora Jaina,

Peço-lhe que conceda a este visitante toda a ajuda necessária. A questão que apresenta é assustadoramente real, e nós, praticantes de magia, precisamos oferecer a ele toda a ajuda que pudermos.

— R

Jaina engoliu em seco. O que estaria acontecendo, para motivar Rhonin a dizer algo dessa natureza?

— Mande-o entrar — ordenou ela.

Diante da inquietação de Jaina, Tervosh obedeceu e saiu. Enquanto aguardava o visitante, Jaina serviu-se de uma xícara de chá e bebeu, pensativa. Logo depois, um homem entrou na saleta com a cabeça completamente escondida por um capuz. Ele vestia um singelo traje de viagem, que, no entanto, não exibia quaisquer marcas da longa jornada até ali. Um manto azul de tecido nobre serpeava suavemente ao redor do visitante, que fez uma mesura e falou, em voz agradável:

— Grã-senhora Proudmore, perdoe-me por vir tão cedo e sem aviso. Esta não é a forma como eu gostaria de chegar.

Com tais palavras, o visitante puxou o capuz que lhe ocultava o rosto e sorriu, um pouco constrangido. Tinha cabelos negro-azulados que lhe caíam até os ombros e olhos de um anil brilhante que transpareciam determinação. Seu biotipo reunia os melhores traços das raças humana e élfica.

Jaina reconheceu-o de imediato. Seus olhos se arregalaram, e a xícara caiu ao chão.

— Ah, a culpa é minha — desculpou-se Kalecgos, o antigo Aspecto da Revoada Dragônica Azul. Com um aceno de mão, o dragão fez sumir o chá derramado e recompôs a xícara, que reapareceu vazia na mão de Jaina.

— Obrigada. — Foi o que Jaina conseguiu dizer, e sorriu de soslaio. — E você também tirou de mim a oportunidade de lhe receber de maneira adequada. Mas, pelo menos, posso lhe oferecer um chá.

Kalecgos devolveu o sorriso, mas seus olhos não acompanharam o gesto.

— Aceito e agradeço. E lamento não termos tempo para formalidades e cortesias. É bom revê-la, mesmo em circunstâncias como estas.

Jaina serviu duas xícaras de chá com mãos firmes. Recuperara-se da surpresa quase que imediatamente. A grã-senhora conheceu Kalecgos

na cerimônia de união de Go'el e Aggra, e logo simpatizou com ele, mesmo os dois não tendo conversado muito. Entregou-lhe uma das xícaras e declarou, sincera:

— Lorde Kalecgos da Revoada Azul, sei bem de seus atos nobres e de seu bom coração. Seja bem-vindo a Theramore. A carta que me apresentou continha instruções para que eu lhe oferecesse toda a ajuda possível, e é isso que receberá.

Jaina sentou-se no pequeno sofá e, com um gesto, indicou que Kalecgos fizesse o mesmo. Para surpresa da grã-senhora, aquele ser tão poderoso e tão antigo pareceu quase... tímido ao aceitar o chá.

— É um honra cooperar com a grã-senhora. Sua reputação também é considerável, e admiro-a há tempos. Sua compreensão sobre a magia e a seriedade com que a senhora maneja seu poder, além de seus, digamos, poderes mundanos de diplomacia e liderança, devem ser respeitados.

— Ora! — exclamou Jaina. — Bem, muito obrigada. E, por mais agradável que isso seja, não acredito que tenha vindo de uma terra tão longínqua quanto Nortúndria para trocar elogios.

Kalecgos suspirou e tomou um gole de chá antes de responder:

— Infelizmente, isso é verdade, grã-senhora...

— Chame-me de Jaina, por favor — interrompeu a maga. — Não gosto de muita cerimônia na minha própria casa.

— Jaina... — Os olhos cor de safira do Lorde da Revoada Azul perderam o brilho. — Estamos com problemas. Todos nós.

— Você quer dizer a sua revoada?

— Não, não apenas meu povo. Todos de Azeroth.

— Que baita exagero! — Kinndy observava tudo da porta, parecendo ao mesmo tempo perplexa e desconfiada. — Essa afirmação é no mínimo superestimada. Duvido que todo mundo de Azeroth possa ser afetado por qualquer que seja a encrenca que a Revoada Azul tenha arranjado.

O cabelo de Kinndy estava todo desgrenhado, e Jaina desconfiou que a gnomida os prendera num rabo de cavalo sem nem mesmo escová-

los. Kalecgos pareceu mais se divertir do que se aborrecer com os comentários afiados e olhou para Jaina com um olhar zombeteiro. A grã-senhora lembrou-se da afirmação de Kinndy para Dolorae, de que "ninguém a levava a sério", e percebeu ali que o visitante aprenderia a fazer o mesmo.

— Kalecgos, deixe-me apresentar-lhe Kinndy Centelume, minha aprendiz.

— Como vai? — cumprimentou Kinndy, servindo-se de chá. — Escutei você falando ali fora com o arquimago Tervosh e fiquei curiosa.

— É um prazer conhecê-la, Senhorita Centelume. Alguém escolhido por Jaina só pode ser um aprendiz de valor.

Kinndy cheirou o chá e sorveu um gole antes de continuar:

— O senhor me desculpe. Com tudo o que aconteceu nos últimos tempos, eu e todos os outros magos de Dalaran estamos... digamos que com o pé atrás com a sua revoada. Sabe como é, não? Guerra e tentativa de massacre de todos os magos, coisas assim.

Jaina estremeceu por dentro em desaprovação. Uma aprendiz de 22 anos estava simplesmente acusando o antigo Aspecto Dragônico Azul de ser o responsável pelos atos de outro Aspecto, ou pior, de ser um mentiroso.

— Kinndy, Kalecgos é um dragão de paz. Ele não é como Malygos. Ele...

Kalec ergueu a mão, interrompendo-a educadamente:

— Tudo bem. Ninguém sabe mais do que eu o que meu povo fez com os demais praticantes de magia arcana deste mundo. Já estou acostumado a esperar atitudes como a de Kinndy de todos que... Bem, de todos além dos dragões azuis. — Dito isso, sorriu para a gnomida. — Uma boa parte do meu dever como líder da Revoada, ainda que eu não seja mais o Aspecto, tem sido mostrar que nem todos nós concordamos com a Guerra do Nexus. E que, desde a morte de Malygos, não tentamos controlar nem manipular qualquer um que manipule energias arcanas.

— Mas essa não é a tarefa da Revoada? — indagou Kinndy. — Essa responsabilidade não foi confiada ao Aspecto? E não é verdade que você ainda meio que cumpre esse papel, mesmo tendo perdido suas habilidades especiais?

O olhar de Kalecos pareceu distante, e sua voz soou ao mesmo tempo mais suave e profunda, porém ainda característica:

— A magia precisa ser regulada, dirigida e controlada. Mas também precisa ser estimada e valorizada, e não escondida. É com tal contradição que devemos lutar.

Jaina sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha. Até Kinndy pareceu se render. O olhar de Kalecos novamente se tornou alerta e vivaz e se voltou para as duas magas.

— Estas palavras foram proferidas por Norgannon, o titã que concedeu a Malygos o poder de Aspecto — acrescentou Kalecos.

— Bom, com isso você provou meu argumento — atestou Kinndy. Percebendo que Kalecos não ficaria ressentido e imaginando que seria uma atitude sábia ficar quieta e deixar os dois resolverem o assunto, Jaina recostou-se no sofá para, simplesmente, observar.

— Toda palavra é sujeita a interpretação — replicou Kalecos. — Malygos escolheu entender que era o derradeiro guardião da magia. Por desaprovar a forma como alguns escolhiam lidar com a magia, decidiu restringi-la a si e à sua revoada. Apenas eles seriam capazes de reconhecê-la e valorizá-la. Eu escolho regular, direcionar e controlar minha própria magia. Liderar pelo exemplo. Encorajar outros a estimá-la e valorizá-la. Porque, Kinndy, se você estima e valoriza alguma coisa, então deseja direcioná-la bem. Você não a esconde; você quer compartilhá-la. E foi assim que eu escolhi ser o guardião da magia deste mundo. Atualmente, sou apenas o líder da Revoada. Não sou mais um Aspecto. E neste novo papel, acredite, eu repito que a ajuda do Kirin Tor ou de qualquer um que queira ajudar é mais do que bem-vinda.

Kinndy ponderou sobre o que ouviu, balançando o pé sobre o chão. A cultura gnômica era sobretudo racional, e o cérebro metódico da

aprendiz compreendeu o que Kalec estava dizendo.

— Fale sobre esta coisa que vai afetar todo mundo em Azeroth — consentiu Kinndy, concordando com a cabeça. Ela jamais pediria desculpas pela atitude, mas claramente havia deixado as desconfianças para trás.

Kalec pareceu compreender a mudança de disposição e respondeu dirigindo-se a ambas as magas:

— Vocês certamente conhecem a íris Focalizadora, que há muito tempo está sob a guarda da Revoada Dragônica Azul.

— Malygos a usou para criar as agulhas de mana que desviaram as linhas meridianas de Azeroth em direção ao Nexus — respondeu Kinndy. Jaina começou a desconfiar do que estava acontecendo, mas, até ali, ainda ansiava por estar enganada.

— Sim — confirmou Kalecgos —, isso mesmo. E esse artefato ancestral foi roubado de nós.

Kinndy pareceu estar à beira de uma síncope. Jaina arregalou os olhos para Kalecgos, aterrorizada. Ela mal podia imaginar como ele estava se sentindo. Deixou escapar a primeira frase que lhe veio à mente:

— Obrigada por estar disposto a pedir ajuda.

A grã-senhora pegou a mão de Kalecgos e apertou-a impulsivamente. O dragão azul olhou para a mão, para o rosto de Jaina, e, então, assentiu com a cabeça.

— Eu não estava exagerando ao dizer que isso afeta todos nós. Conversei com Rhonin e voei direto para cá. Você, minha jovem — observou Kalecgos, apontando para Kinndy —, é a terceira pessoa fora da raça dragônica a saber.

— Eu... — gaguejou Kinndy — eu estou lisonjeada. — O ressentimento que a gnomida parecia cultivar quanto a Kalec havia desaparecido completamente. Ela não falou mais sobre "exageros". O líder da Revoada Azul falava a verdade.

— O que sabe sobre o roubo? — indagou Jaina, ansiosa em direcionar a discussão para questões mais práticas, como o que já se

sabia, o que ainda estava por ser investigado e o que, com sorte, poderia ser feito quanto a isso.

Kalecgos inteirou as duas magas sobre o assunto rapidamente. O coração de Jaina trincava a cada palavra. Levada por inimigos desconhecidos que conseguiram vencer cinco dragões?

— Rhonin ofereceu ajuda? — quis saber Jaina, surpresa pelo tom fraco e desolado da própria voz. Kinndy estava quase da cor do pergaminho e ficou calada por algum tempo.

— Não. Ainda não, nenhum tipo de ajuda. — respondeu Kalecgos, meneando a cabeça azul-escura. — Eu conseguia sentir em que direção o orbe estava se deslocando. De forma fraca, mas conseguia. Foi isso que me conduziu a Kalimdor. E a você, Jaina. — Kalec estendeu as mãos em súplica. — Sou o líder dos dragões azuis. Nós dominamos a magia. Temos nossos próprios livros, mais antigos do que qualquer outros que você conheça. O que não temos são os seus recursos. Não sou arrogante a ponto de achar que sabemos tudo. Há magos que não nasceram dragões, mas trouxeram novidades que nenhum dragão poderia imaginar. Nisso você pode me ajudar. Se quiser.

— Claro — afirmou Jaina. — Vou chamar o arquimago Tervosh, para juntos pensarmos em alguma coisa.

— Depois do desjejum? — sugeriu Kinndy.

— Isso mesmo — respondeu Kalecgos. — Quem consegue se concentrar de estômago vazio?

Devagar, o coração de Jaina começou a se recompor. Kalec conseguia rastrear o deslocamento do artefato. Ele estava disposto, até ávido, por aceitar ajuda. E tinha razão. Quem de fato conseguiria se concentrar de estômago vazio?

Os olhos do visitante e da grã-senhora se cruzaram. Ele sorriu. O coração dela se apaziguou ainda mais. Eles tinham que acreditar que o orbe seria recuperado a tempo. E, conforme o trio se dirigia à sala de jantar, Jaina teve esperanças de que conseguiriam.

Os cinco — Jaina, Kalecgos, Tervosh, Dolorae e Kinndy — lançaram-se ao trabalho. Kinndy voltou para Dalaran, onde, com a aprovação de

Rhonin, teria acesso à biblioteca. Jaina invejou a tarefa da aprendiz.

— Lembro-me bem de quando essa obrigação era minha. Para mim, nada era melhor do que mergulhar nesses livros e pergaminhos antigos e, simplesmente, aprender — confidenciou Jaina a Kinndy, abraçando-a rapidamente. A grã-senhora sentiu uma leve angústia. A "nova Dalaran" era magnífica, mas ela não mais pertencia àquele lugar.

— Devia ser bem mais divertido quando o destino do mundo não dependia da sua pesquisa — comentou Kinndy, melancolicamente. Só restava a Jaina concordar.

Dolorae, a responsável pela rede de espionagem de Jaina, partiu ao saber da notícia:

— Vou sair em campo para descobrir tudo o que puder. Meus espões são atentos, mas é possível que eles não entendam bem o que devem procurar. — Dolorae olhou para Kalecgos. — Suponho que a senhora esteja em segurança aqui, com este... indivíduo.

— Sim, creio que minhas habilidades e as de um ex-Aspecto serão capazes de garantir minha segurança em caso de ameaças, Dolorae — replicou Jaina, cuja voz não denotou qualquer surpresa, pois sabia o quão sério a chefe dos espões considerava o próprio dever.

O olhar de Dolorae pulou para Kalec, e novamente para Jaina. A elfa noturna saiu, fazendo uma saudação:

— Grã-senhora.

Após a partida de Kinndy e Dolorae para as respectivas missões, Jaina olhou para Tervosh e Kalecgos, fez um gesto rápido de aprovação com a cabeça.

— Ao trabalho. Kalec, você comentou que era capaz de rastrear a íris Focalizadora. Por que não simplesmente a seguiu? Por que veio até mim?

Ele olhou para baixo, parecendo ligeiramente aborrecido.

— Eu disse que conseguia seguir a íris. O rastro... desapareceu logo depois que cheguei a Kalimdor.

— O quê? — Tervosh irritou-se. — A íris não iria sumir assim.

— Poderia — adiantou-se Jaina, em tom grave. — Poderia sim. Quem quer que tenha roubado o artefato deve ter muito poder à disposição, pois conseguiu derrotar cinco dragões. Mas, de início, não dominava o orbe suficientemente bem para ocultar completamente o roubo. Foi por isso que Kalec foi capaz de rastreá-lo.

— É exatamente o que acho — concordou Kalec. — Em algum momento, ou os ladrões aprenderam mais sobre o que têm em mãos, ou encontraram algum mago com poder suficiente para ocultar a emissão da íris.

— Deve ser alguém bem poderoso mesmo — comentou Tervosh, botando as mãos sobre o rosto.

— Certamente — confirmou Jaina, erguendo o queixo em desafio às notícias ruins. — Eles devem ter entre si algum mago de poder, ou mais de um. Mas nós também temos. E temos a vantagem de ter ao nosso lado alguém que sabe tudo sobre a íris Focalizadora. É melhor sentarmos enquanto Kalec nos deixa a par da situação.

— O que você precisa saber?

— Tudo — respondeu Jaina com firmeza. — Não quero só saber de linhas gerais. Preciso de todos os detalhes. Mesmo informações que pareçam insignificantes podem se revelar úteis. Tervosh e eu temos que saber o que você sabe.

Kalec sorriu de lado, melancólico:

— Isso vai levar algum tempo.

E assim foi. Kalec falou até a hora do almoço, quando pararam rapidamente para comer, e então até a hora do jantar, depois disso ainda continuaram. Mesmo um dragão, pelo que parecia, ficava rouco após falar por tempo demais. A madrugada avançou, e, naquela primeira noite, os três despencaram em suas camas com olhos pesados. Jaina não sabia como fora a noite de seus companheiros, mas ela tivera pesadelos.

Acordou na manhã seguinte sentindo-se sonolenta e cansada. Seu ritual matutino não a reenergizou como sempre, e o céu estava

nublado e escuro. Sentiu um peso no peito e suspirou. Sem vontade de olhar para aquele dia cinzento, deixou cair as cortinas e desceu a escadaria.

Kalecgos sorriu afetuosamente ao ver Jaina chegar à saleta, mas o gesto logo sumiu quando o dragão notou a palidez da grã-senhora.

— Não dormiu bem?

Jaina balançou a cabeça negativamente.

— E você?

— O suficiente, embora meu sono tenha sido perturbado por pesadelos. A culpa é do seu chef de cozinha. O jantar estava delicioso, mas com certeza havia uma batata mal cozida escondida em algum lugar.

Apesar da gravidade da situação, Jaina pegou-se rindo discretamente.

— Então fique à vontade para conjurar todas as nossas refeições, e que isso ensine você a não reclamar! — provocou Jaina, divertida.

Kalec fingiu estar horrorizado. Seus olhares se cruzaram, e ambos se contiveram.

— Soa... errado fazer brincadeiras — suspirou Jaina. Ela começou a preparar o chá, medindo a quantidade das folhas secas com a precisão de sempre e botando a chaleira para ferver.

— Pode soar errado — concordou Kalec, servindo-se de ovos, linguiça de javali e mingau de aveia, não obstante a zombaria com as habilidades do chef na noite anterior. — Mas não é.

— Não há dúvida de que fazer graça é inadequado às vezes. — Jaina serviu-se e sentou-se ao lado de Kalec.

— As vezes — observou Kalec, provando da linguiça. — Mas a alegria nunca é inadequada. Não a verdadeira alegria. Não a leveza de espírito que torna os fardos mais fáceis de carregar.

O dragão azul olhou de lado para Jaina enquanto terminava o prato e continuou:

— Eu não contei a você e a Kinndy tudo o que ouvi... Bem, "ouvir" não é a palavra certa. "Recebi", talvez, de Norgannon.

A chaleira começou a assoviar. Jaina levantou-se para pegá-la e serviu chá nas duas xícaras.

— É mesmo? Por que não?

— O estado de espírito da Senhorita Centelume não parecia ser o mais adequado para entender.

— E o meu é? — disse Jaina, entregando-lhe a xícara. Uma expressão estranha correu o rosto de Kalec.

— Talvez.

— Então me conte.

O dragão azul fechou os olhos, e mais uma vez sua voz mudou, tornou-se mais profunda, tornou-se... outra.

— Você descobrirá que a dádiva que ora lhe entrego não é apenas um sério dever, o que certamente é, mas também um prazer, o que também é! Que você cumpra seu dever com seriedade... e alegria.

Jaina sentiu uma estranha pontada no coração ao escutar aquelas palavras. Deu-se conta de que ficara em silêncio por um longo instante, olhando nos olhos de Kalec, até que ele levantasse a sobancelha azul, esperando alguma reação dela. A grã-senhora olhou para baixo e mexeu o mingau na tigela.

— Eu... — balbuciou Jaina — eu fui sincera com Kinndy. Eu gostava de estudar. Adorava, na verdade. — A grã-senhora crispou os lábios com a lembrança e, então, sorriu, ruborizada. — Lembro que eu... eu assoviava enquanto cuidava das minhas obrigações. Os cheiros, a luz do sol, o singelo prazer de aprender e praticar e, por fim, dominar os feitiços, de me deleitar com queijos e maçãs e pergaminhos...

— Alegria — concluiu Kalec em voz baixa.

Jaina imaginou que sim. Foi doce demorar-se por alguns instantes naquela lembrança tão longínqua. E, logo depois, outro momento do passado se cristalizou... Kael'thas aproximando-se dela certo dia, e mais tarde... Arthas. O sorriso desapareceu.

— O que aconteceu? — quis saber, gentilmente, Kalec. — Uma nuvem escondeu o raio de sol.

— É que... Todos temos nossos fantasmas. Talvez até dragões.

— Ah! Você se lembrou daqueles que amou e perdeu — percebeu Kalec, olhando-a com compaixão.

Jaina forçou-se a engolir outra colherada da tigela, embora o normalmente delicioso desjejum lhe pesasse agora como pedra, e concordou com a cabeça. Kalec continuou:

— Lembrou-se talvez... de Arthas?

Jaina engoliu em seco, e balbuciou algumas palavras na tentativa de mudar de assunto. Mas Kalec insistiu:

— Todos temos fantasmas do passado, Jaina. Mesmo dragões, e mesmo Aspectos. O pesar por um fantasma quase destruiu Alexstrasza, a grandiosa Mãe da Vida.

— Korialstrasz — apontou Jaina. — Krasus. Eu o vi várias vezes, quando ele estava em Dalaran, mas não cheguei a conhecê-lo. Não fazia ideia de sua verdadeira identidade.

— Quase ninguém fazia. E sim, Korialstrasz, o dragão que deu a vida para salvar a todos nós e que, à primeira vista, consideramos um traidor.

— Inclusive você e Alexstrasza?

— Mesmo contra a nossa vontade, a dúvida se insinuou nos nossos corações — admitiu Kalec, relutantemente. — E eu também tenho os meus fantasmas, Jaina. Um deles é uma jovem humana. De... — O dragão meneou a cabeça. — cabelos claros e grande coração. Ela era... muito mais do que uma jovem. Tinha algo de belo e profundo e inacreditavelmente poderoso, mas o tempo enquanto viveu como mera humana a inundou de compaixão e amor.

Jaina não olhou para Kalec. Ela sabia quem era essa jovem humana: Anveena, a encarnação da Nascente do Sol. A mulher que não era mulher havia sacrificado sua verdadeira forma e, com isso, a própria vida.

— Outro fantasma é uma dragonesa, adorável como neve e luz do sol, destinada a ser minha consorte. — Kalec pareceu se dar conta novamente da presença de Jaina e lhe sorriu. — Acho que você e ela

não conviveriam muito bem. Ela nunca entendeu meu interesse pelas... Bem...

— Raças inferiores?

— Eu nunca chamei vocês disso — protestou Kalec. Jaina, pela primeira vez, percebeu uma centelha de raiva no dragão azul. — As raças não dragônicas não são inferiores. Tyrygosa demorou a perceber isso. Vocês são apenas... diferentes de nós. E talvez até melhores do que a gente em alguns aspectos.

— Como você pode dizer uma coisa dessas? — exclamou Jaina, erguendo as sobrancelhas douradas.

— Queijo e maçãs e pergaminhos. Você já conhecia as alegrias simples do cotidiano antes mesmo de completar duas décadas de vida. Isso para mim torna você... extraordinária.

6



Não demorou para que as ordens explícitas chegassem. Baine odiava ter que cumpri-las, mas, se não o fizesse, Garrosh se voltaria contra ele e seu povo com o que restava da Horda sob seu comando. Não havia espaço para ilusões de idealismo dos Renegados, dos elfos sangrentos ou dos goblins; eles tinham suas próprias prioridades. Os orcs eram tradicionalmente amigos dos taurens, mas havia poucos descontentes. E os trolls simplesmente não podiam arriscar. Se os taurens afrontassem Garrosh tão abertamente, ficariam sozinhos.

Baine amassou o papel e encarou Hamuul Runa Totem com uma expressão fria.

— Comecem os preparativos. Pelo menos Garrosh nos mandou para uma batalha com algum senso de justiça.

As ordens eram claras: Baine deveria reunir pelo menos "duas dúzias de valentes", kodos e armamento de guerra, e alcançar à Fortaleza da Guardanorte pelo leste. Os trolls dariam um jeito de se encontrar com eles, ainda que a jornada das Ilhas do Eco até Mulgore fosse um tanto longa. Os orcs marchariam de Orgrimmar; os Renegados, goblins e

elfos sangrentos tomariam navios para se encontrarem com os homens de Garrosh no porto da Vila Catraca, e de lá todos iriam ao encontro dos taurens na fortaleza.

No passado, apenas a terra árida dos Sertões separava Mulgore e Guardanorte, além de uma pequena cidade chamada Taurajo. O maior problema naquela época eram os javatuscos. Agora Baine teria que marchar com seu povo sobre as ruínas de Taurajo, e através da região que passara a se chamar Campos de Sangue.

Seguindo as ordens das quais discordava profundamente, Baine reuniu seu povo do lado tauren do Grande Portão o mais tranquilamente possível. Todos permaneceram em silêncio como foram instruídos; o tilintar de armaduras e a pisada ocasional de um kodo eram tudo o que se ouvia. Baine sentia a tensão. Admirou-se pelo fato de a Aliança, logo do outro lado do portão, não a sentir também. Vários batedores tinham ido a campo mais cedo, para garantir que os observadores inimigos seriam pegos de surpresa. Vários relataram que, àquela hora, a guarda estaria bastante reduzida. Dois taurens, tomando cuidado para não serem vistos, subiram até as plataformas de observação e fizeram seu próprio reconhecimento de longa distância. Eles podiam ver melhor que os humanos no escuro e, além disso, os soldados da Aliança geralmente eram tolos e mantinham fogueiras acesas.

— Grande Chefe — chamou um dos batedores que se aproximavam, fazendo força para manter a voz baixa —, os trolls... As colinas estão cheias de trolls. Eles esperam sua ordem.

— As fogueiras mostram que o número de soldados não é maior do que o normal — disse outro. — Eles não esperam por um ataque.

Baine sentiu o coração doer, pois havia chegado a hora de agir contra a própria vontade.

— Fale novamente com Voljin. Diga a ele que os trolls podem iniciar o ataque quando quiserem. Quando a batalha tiver começado, abriremos o Grande Portão e juntaremos nossas armas às deles.

O batedor concordou com a cabeça, virando-se rapidamente e subindo a colina logo onde o portão a encontrava. Baine olhou a multidão de taurens reunida, suas formas quase indistinguíveis à luz fraca das poucas tochas que traziam. Havia várias dúzias de valentes, e muitos outros que cumpririam funções vitais no conflito que começaria a qualquer instante: druidas, xamãs, curadores e guerreiros de todos os tipos.

Ele levantou o braço, certificando-se de que estava à vista, e esperou. Seu coração bateu rápido: um, dois, três e...

Brados de guerra encheram a noite. Um som ensurdecedor, amedrontador. O ataque dos trolls havia começado. Baine baixou o braço num arco veloz. Do outro lado do portão, o som de metal contra metal, gritos de humanos e anões e o baque seco das flechas de balista atingindo seus alvos em cheio. Deste lado, dois taurens urraram e se contorceram num violento esforço, seus corpos tremendo com a força necessária para puxar as espessas cordas. Por fim, o portão gemeu.

Os soldados da Guardanorte foram pegos totalmente desprevenidos. Valentes taurens irromperam pelo portão, berrando e se atirando no turbilhão, esmagando qualquer esperança dos humanos e anões; a pele verde e azul dos trolls e o couro dos taurens superavam em muito os números do inimigo no campo de batalha. Suas armas, mesmo eficientes, eram complexas, e seu manuseio requeria condições que não existiam ali. Não havia tempo para mais nada além de uma resistência desesperada e desesperançada.

Um incauto soldado investiu contra Baine sozinho, gritando "Pela Aliança!" Sua espada simples, daquelas encontradas em qualquer ferraria, se partiu com um único golpe da maça do Grande Chefe. O fragmento da lâmina voou, refletindo a luz débil que iluminava a batalha durante toda a trajetória, e foi engolido pela escuridão. Outro golpe com a maça. A armadura que o soldado vestia não ofereceu qualquer proteção contra a imensa arma, e seu corpo foi atirado com força, caindo inerte a vários metros de onde estava um instante atrás.

Taurens e trolls vociferavam, até que subitamente a balbúrdia de armas cessou.

— Galera! Já deu! — ordenou Voljin.

— Taurens, reagrupem-se! — ressoou a voz de Baine em seguida.

Uma pausa, e, em seguida, os berros que coroavam o triunfo em batalha preencheram o ar noturno. Os olhos de Baine percorreram o campo. Estava acabado, apenas alguns instantes depois de começar. O líder dos trolls comemorou:

— Resultado excelente, diz aí! Baine balançou a cabeça.

— Não se qualquer um deles tiver escapado. Sob o manto da noite, alguém pode muito bem avisar a Guardanorte.

— Então, é melhor a gente vazar rápido pra lá.

Os líderes não levaram mais do que alguns minutos para escolher alguns batedores e enviá-los à frente para obter informações, enquanto os exércitos tauren e trólico reagrupavam-se e davam início à marcha para a Guardanorte. Voljin puxava seu raptor ao lado do kodo de Baine enquanto caminhavam.

— Depois que caímos fora de Orgrimmar — começou Voljin —, alguns dos orcs que tavam do lado do Eitrigg meio que... sumiram.

Baine sentiu um choque percorrer seu corpo.

— Garrosh está executando os que não concordam com ele?

— Ainda não. Os Kor'krons, especialmente aquele cinzento, tão dando uma volta de ouvidos bem abertos, só esperando alguém vacilar e dizer alguma coisa que eles não curtam. Se alguém fizer isso, vai em cana em dois tempos. Sem contar os que eles pegaram quando não tinha ninguém olhando. Aquele vendedor de cogumelos, da loja que ficou uns dias fechada, manja? Então, voltou todo arrebitado, quebrado mesmo, como se tivesse passado a noite inteira servindo de tapete pra uma briga feia. E tem outros que nem voltam...

— Prisioneiros políticos? Voljin fez que sim com a cabeça.

— Nós, trolls, ficamos de bico fechado. Baine grunhiu.

— Talvez se Garrosh soubesse o que os Korkrons estão fazendo... Ele é descontrolado, mas... não quero acreditar que esteja por trás disso.

Voljin emitiu um som desdenhoso e agitou um dos braços, fazendo cara de nojo.

— Ninguém sabe o que dá na telha do Garrosh. Ouvi por aí que até o Eitrigg, um figurão, só pode trocar ideia com ele quando o chefe guerreiro deixa, e só com aqueles brutamontes atrás, que ficam que nem papagaio de pirata. Toda hora é "a Horda pode isso, a Horda pode aquilo", todo confiante, sem ter motivo. Não sei mesmo qual é a dele. Não dá pra dizer com certeza que ele sabe o que tá pegando, mas também não dá pra dizer com certeza que não. Se tu quer saber, tô com mais medo de Orgrimmar do que de mandinga trevosa ultimamente.

— Então... não há como detê-lo. Não há como abordá-lo, nada de conversa. E a insanidade só aumenta.

— Tipo isso.

Baine suspirou baixo, observando suas tropas. Uma ideia estava se formando. Audaciosa, arriscada, que poderia ter um custo muito alto. Mas poderia salvar os taurens.

Talvez pudesse até salvar a Horda.

Por que não encontramos nada?

As palavras irromperam como se tivessem vontade própria da boca de Jaina, e ela se arrependeu no instante em que as proferiu. Kalec, Tervosh e Kinndy, que havia retornado de Dalaran com duas arcas repletas de pergaminhos, itens mágicos e livros que gente do Kirin Tor pensou que pudessem ajudar, interromperam seus estudos e olharam para ela ao mesmo tempo.

— Sinto muito — desculpou-se Jaina, mordendo o lábio. — Eu geralmente não sou... assim.

Tervosh respondeu com um sorriso doce.

— Não, minha senhora, não é. Mas essa não é uma situação normal.

Normalmente, ela era ao mesmo tempo idealista e pragmática. "Prática", como Arthas a havia apelidado. A combinação era parte do que a tornava uma maga tão habilidosa; sua mente curiosa abordava metodicamente um problema de várias perspectivas até resolvê-lo. Isso

também ajudava na diplomacia. Ao mesmo tempo em que se preocupava imensamente com o resultado de seu trabalho, ela trabalhava para obtê-lo, em vez de bater o pé, ou choramingar, ou miar coisas como: "por que não encontramos nada?"

— O arquimago tem razão — disse Kalecgos. — Estamos todos sob muita pressão. Talvez devêssemos fazer um breve intervalo.

— Paramos agorinha pra almoçar — intrometeu-se Kinndy.

— Quatro horas atrás. — Kalec lembrou. — Desde então não esticamos as pernas, ou movemos um músculo, ou fizemos qualquer coisa além de olhar para livros. Talvez tenhamos até prejudicado nossa capacidade de encontrar o que procuramos, mesmo que estivesse a um palmo dos nossos narizes.

— Peço desculpas mais uma vez — repetiu Jaina, esfregando os olhos que já a incomodavam há muito. — Kalec talvez tenha descoberto a razão pela qual nós... hum... não encontramos nada. — Ela pôs mais ênfase nas palavras para que todos soubessem que tinha total consciência de como soavam.

— Eu não acho que... — começou Kinndy.

— Você é jovem — interrompeu Tervosh. — Você pode trabalhar sem parar. Nós, os velhos e cansados, precisamos fazer pequenos intervalos. Você pode ficar aqui, continuar a revisar os documentos se quiser, Kinndy, mas eu vou sair e trabalhar um pouco no jardim. Algumas plantas precisam ser podadas.

O arquimago levantou-se e esticou as costas, o que provocou um sonoro estalo. Jaina sabia que suas costas também estalariam quando se levantasse, pois ela permanecera sentada numa mesma posição por tempo demais. Ela e Tervosh não eram, como ele havia brincado, "velhos", mas a energia aparentemente infinita da juventude, que a havia mantido de pé durante a praga e a guerra com os demônios, lhe escapava agora que tinha chegado aos 30.

— Importa-se de me levar para uma volta? — perguntou Kalec, interrompendo seus pensamentos e, involuntariamente, assustando-a.

— Sim! Digo, não! — respondeu Jaina, e levantou-se, tentando disfarçar o embaraço por ter sido pega perdida em pensamentos. — Eu me orgulho muito da ordem e da harmonia que alcançamos em Theramore. O Cataclismo causou estragos, mas nós a reconstruímos com muita força de vontade.

Os dois desceram as longas escadas em espiral da torre e encontraram um dia surpreendentemente ensolarado do lado de fora. Jaina acenou com a cabeça para os guardas, que a saudaram com um gesto elegante, e para o tenente da cavalaria Aden. Os olhos de Kalecos percorreram o lugar com evidente interesse.

— Para lá fica a Cidadela do Esteio — apontou Jaina.

Havia uma área de treinamento à direita deles, onde os guardas de Theramore lutavam contra bonecos de treinamento, as espadas chocando-se ruidosamente contra a madeira. Vindo da esquerda, o som brilhante de metal contra metal do treinamento a céu aberto dos jovens recrutas. Comandantes bradavam ordens enquanto sacerdotes observavam, prontos para evocar a cura da Luz no instante em que alguém se ferisse.

— Tudo muito... bélico. — observou Kalec.

— Estamos na entrada de um perigoso pântano de um lado, e à beira do oceano do outro — respondeu Jaina. Dando seguimento à caminhada, a dupla deu as costas ao treinamento dos guerreiros. — Precisamos nos proteger de muitas coisas.

— Da Horda, obviamente. Ela o encarou.

— Somos a presença bélica da Aliança no continente, mas, honestamente, o maior perigo vem da vida selvagem e de alguns personagens desagradáveis.

Kalec levou uma das mãos ao peito e apertou os olhos, fingindo estar ferido.

— Não se preocupe — disse Jaina, sorrindo. — Os únicos dragões com quem tenho atrito são os dragões negros do pântano. A Horda parece não oferecer ameaça se nós não oferecermos. E essa é uma

solução com a qual eu posso viver, ainda que muitos não entendam isso.

— A Aliança está provocando uma guerra? — perguntou Kalec em voz baixa. Jaina fez uma careta.

— Ah, agora você tocou numa ferida — respondeu a jovem. — Discutiremos isso depois. Mas diga-me, como estão seus azuis, Kalec? A maior parte dos magos pode se ressentir deles, como Kinndy, mas sei que vocês passaram por muita coisa. Primeiro a Guerra do Nexus, depois encontrar e perder um Aspecto, o roubo...

— Agora você tocou numa ferida — disse Kalec mantendo a voz suave.

— Minhas desculpas — ofereceu Jaina. O passeio os estava levando para fora da cidade, e os paralelepípedos da estrada tornavam-se mais desgastados, menos bem cuidados, sujos de lama. — Não era minha intenção ofender. Justo eu, supostamente uma diplomata, cometendo deslizes assim.

— Não houve ofensa, e um bom diplomata sempre vê o que perturba outro. Tem sido difícil, sim. Por muitas eras, os dragões estiveram entre as criaturas mais respeitadas de Azeroth. Tínhamos os Aspectos para proteger nossas revoadas e o mundo. Até o menos bem-aventurado entre nós tinha uma vida que deve parecer impossivelmente longa para você, e habilidades que fizeram muitos da minha raça sentirem-se superiores. Asa da Morte (é assim que vocês humanos dizem?) fez com que calçássemos as botinas da humildade.

Jaina esforçou-se para não rir.

— A expressão é sandálias da humildade. O meio-elfo riu alto.

— Eu diria que, mesmo gostando das raças jovens muito mais do que a maioria dos meus semelhantes, ainda há muito a aprender.

Jaina sinalizou negativamente com a mão.

— Expressões e gírias humanas não deveriam estar no topo da sua lista de prioridades.

— Gostaria de poder afirmar que não tenho nada mais importante para fazer. — O rosto de Kalec tornou-se sombrio outra vez.

— Alto! — ordenou uma voz.

Kalecos parou, olhando com curiosidade para Jaina enquanto vários guardas os abordavam com espadas e machados em punho. Jaina fez um sinal com a mão e todos imediatamente abaixaram as armas e curvaram-se quando a reconheceram. Um deles, de cabelos e barba louros, fez uma saudação.

— Grã-senhora Jaina — disse o soldado —, não fui informado de que a senhora e o seu convidado estariam nesta área. Vocês precisam de escolta?

Os dois magos trocaram olhares divertidos.

— Obrigada, capitão Walmor. Agradecemos a oferta, mas acho que este cavalheiro tem plenas condições de me proteger — respondeu Jaina com uma expressão séria.

— Como quiser, minha senhora.

Kalec esperou até que os guardas não pudessem mais ouvir antes de dizer com um tom de voz completamente sério:

— Não sei, Jaina, mas talvez seja eu quem precisa de salvação.

— Não seja por isso; salvarei você. — Jaina manteve a expressão tão séria quanto a dele.

Kalec suspirou e disse em voz baixa:

— Você já está fazendo isso.

Ela o encarou com a testa franzida.

— Estou ajudando — argumentou Jaina —, não salvando.

— De certa forma está sim. Todos vocês estão. Já não somos... o que éramos. Meu maior desejo é proteger a minha revoada, cuidar deles.

Jaina teve um estalo.

— Assim como quis proteger Anveena.

Um músculo no rosto do meio-elfo ficou tenso, mas o ritmo de seus passos não mudou, e ele respondeu laconicamente:

— Sim.

— Você não falhou com ela.

— Sim, falhei. Ela foi capturada e usada — afirmou Kalec com a voz inundada de culpa. — Usada para trazer Kiljaeden a Azeroth. E não

fui capaz de salvá-la.

— Você não tinha controle sobre a situação, se o que sei é verdade. — Jaina pisava em ovos, pois não sabia o quanto Kalecgos estava disposto a se abrir com ela. — Você estava possuído por um Senhor do Medo. E assim que foi libertado daquela existência horrível, foi correndo até ela.

— Mas não pude fazer nada. Não pude impedi-los de a machucarem.

— Claro que pôde. — Jaina tentava animá-lo. — Você deixou que Anveena se tornasse quem realmente era, a Nascente do Sol. E foi graças ao seu amor e à coragem dela que Kiljaeden foi derrotado. Você foi generoso o suficiente para permitir que ela cumprisse seu destino.

— E nós, Aspectos, estávamos destinados a perder nossos poderes para que vencêssemos Asa da Morte, eu sei — respondeu Kalec. — Tudo o que aconteceu, o que está acontecendo, não é errado. Mas... é difícil. E difícil ver as esperanças trepidarem e...

Ela entrelaçou o braço ao dele enquanto caminhavam e disse, sorrindo:

— Afinal, estamos nos engalfinhando com a mesma coisa.

— Por que está aqui, Jaina? — Uma das sobrancelhas douradas que ornavam o rosto da jovem arqueou-se com a franqueza. Kalecgos prosseguiu. — Ouvi dizer que você é uma das magas mais poderosas da ordem. Por que não está em Dalaran? Por que está aqui, entre o pântano e o oceano, entre a Horda e a Aliança?

— Por que alguém tem que estar.

— Mesmo? — Desta vez foi a testa dele que franziu, e ele virou-a para si.

— E claro! — retrucou ela, tomada pela raiva. — Você quer uma guerra entre a Horda e a Aliança, Kalec? Foi isso que os dragões decidiram fazer com o tempo livre que têm hoje em dia? Sair por aí alimentando problemas?

Os olhos azuis do meio-elfo expressaram dor, causada pelas palavras de Jaina.

Ela estremeceu e voltou a si:

— S-sinto muito. Não quis dizer isso. Kalec assentiu com a cabeça.

— E o que você quis dizer? — perguntou, mas não havia rancor em sua voz.

A grã-senhora emudeceu e o encarou, pois não sabia a resposta, e palavras arrastaram-se de algum lugar:

— Eu não queria ser parte da ordem depois que Dalaran caiu. Depois que Antônidas... morreu. Arthas o matou, Kalec. Matou vários deles. O homem com quem pensei que me casaria, que eu amava. Eu não queria... não podia ficar perto disso. Eu estava mudada, e o Kirin Tor também. Eles não são simplesmente neutros. Sem perceber, é possível que acabem menosprezando alguém que não seja um deles. Eu aprendi que para realmente cultivar a paz é preciso se abrir para as pessoas, todas elas. E mesmo tendo sido a última a suspeitar, realmente tenho dons diplomáticos — falou a mulher com honestidade.

A dor havia sumido do rosto emoldurado por cabelos azuis, e uma das mãos do meio-elfo foi pousar nos cabelos dourados da jovem à sua frente, confortando-a como uma criança.

— Jaina? — disse, convidando os olhos dela a olharem para os seus. — Se realmente acredita nisso, e não pretendo convencê-la do contrário, por que tenta tão arduamente se convencer?

Pronto. Uma adaga no coração. Rápida e certa, e tão dolorosa que Jaina engasgou como se tivesse sido realmente atingida por um golpe. Ela o encarou, incapaz de virar o rosto e sentindo os olhos ficarem marejados.

— Eles não dão ouvidos — disse tão baixo que era quase impossível ouvir. — Ninguém dá ouvidos. Nem Varian, nem Thrall e muito menos Garrosh. Sinto que estou sozinha à beira do precipício, e o vento arranca e leva embora as palavras da minha boca no instante em que elas são ditas. Não importa o que eu faça, o que eu diga, é tudo... inútil. Eu sou inútil.

Enquanto falava, ela viu um sorriso triste tocar os lábios de Kalec, um sorriso de identificação e solidariedade.

— Isso nós compartilhamos, Grã-senhora Jaina Proudmore. Tememos não servir para coisa alguma. Inúteis. Tudo o que sabemos fazer é dispensável e supérfluo.

As lágrimas transbordaram e desceram pelas bochechas dela. Kalec ergueu as mãos gentilmente com as mãos.

— Mas sei que há um ritmo, um ciclo para coisas assim. Nada permanece igual, Jaina. Nem mesmo dragões, tão longevos e supostamente tão sábios. E os humanos? Quanto eles mudam numa vida? Outrora você foi uma sedenta aprendiz, curiosa e estudiosa, feliz por estar em Dalaran aperfeiçoando seus feitiços. Então, veio o mundo e arrancou-lhe seu porto seguro. Você mudou. Sobreviveu, e até vicejou na nova incumbência diplomática. Foi assim que você se fez útil. Este mundo — ele balançou a cabeça com pesar — não é mais o mesmo. Nada em absoluto permanece como no passado. Vou lhe mostrar uma coisa.

Movendo os longos dedos com agilidade enquanto energia arcana faiscava, Kalec evocou um bola rodopiante que flutuou à frente deles.

— Veja isso.

Jaina observava, contendo suas lágrimas idiotas (de onde elas vieram?) e concentrando-se no pequeno orbe de magia arcana. Kalec o tocou habilmente, e a esfera pareceu despedaçar-se e reconfigurar-se outra vez no ar.

— Lá, é um padrão! — Jaina estava maravilhada.

— Olhe de novo.

Pela segunda vez ele tocou o orbe. E pela terceira. Os padrões se tornavam mais e mais claros a cada toque. Tanto Kalec quanto Jaina permaneciam absortos, e houve um momento em que ela se perguntou se o que via não era um diagrama gnômico, em vez de uma bola de energia. Símbolos, marcas e números giravam e embaralhavam-se, para, por fim, rearranjarem-se numa determinada formação.

— E lindo — sussurrou a senhora de Theramore.

Kalec separou os dedos e atravessou o orbe com a mão, causando ondulações como se a esfera fosse feita de um fluido gasoso; mais uma vez ela fragmentou-se e voltou a ressurgir com outra configuração. Era um caleidoscópio mágico incessante, uma fonte de padrões precisos e de uma ordem inabalável.

— Você compreende, Jaina?

Os olhos dela permaneciam fixos, quase hipnotizados pelo belíssimo padrão de formação, estilhaçamento e reconfiguração.

— E muito maior do que feitiços. — Ela pensou alto. Ele concordou.

— E disso que são feitos os feitiços.

Ela não compreendeu. Feitiços eram feitos de encantamentos, gestos, reagentes... e subitamente a compreensão a atingiu com tanta força que ela estremeceu com o impacto.

— E matemática!

— Equações. Teoremas. Ordem. — Kalec ficou contente. — Combinados de uma forma, são uma coisa; de outra, tornam-se algo totalmente diferente. Tudo fixo, mas mutável, como a vida. Tudo muda, Jaina, de dentro para fora ou de fora para dentro. As vezes, basta uma mudança minúscula numa única variável.

— Nós somos magia também — sussurrou Jaina. O belo orbe de poesia, de puro lirismo matemático, continuou rodopiando, mas Jaina não o fitava mais, pois formulava uma pergunta.

— Senhora Jaina!

O grito assustou os dois, e ambos viraram-se para ver o capitão Walmor, que se aproximava galopando um alazão; quando chegou perto, o capitão puxou as rédeas com tanta força que o cavalo empinou.

— Capitão Walmor, o que... — começou Jaina, mas o guarda interrompeu.

— Dolorae trouxe notícias — disse, resfolegando graças à curta mas intensa cavalgada. — A Horda, eles estão reunidos. Vindo de Orgrimmar e da Vila Catraca, além de Mulgore. Aparentemente, pretendem convergir contra a Fortaleza da Guardanorte!

— Não. — Jaina parou para respirar. Seu coração, instantes atrás repleto de beleza e da iluminação que Kalegos havia compartilhado, agora pesava em seu peito.

— Por favor, não... Isso não... Não agora...

7



Era o turno do Velho Janjão Sujão na guarda do acampamento da Expedição de Timeu, que ficava nos limites da misteriosa selva conhecida como Profusão Verde, o manto esmeralda que havia coberto uma enorme área da noite para o dia. Apesar de seu apreço por um "sorvinho da cervã", levado de hora em hora ao caneco, o anão de barba branca sabia muito bem levar suas atribuições a sério; não tinha bebido nada desde o anoitecer, e dali a pouco o sol surgiria no horizonte.

O anão deu um tapinha no bacamarte, que amava, mesmo tendo sido deixado na mão algumas vezes nos últimos dias (não havia nada de errado com a mão de Janjão, como alguns colegas disseram, o problema era o bacamarte!), e suspirou. Logo seu turno terminaria, e ele poderia abrir o grogue que havia guardado por...

Uma agitação na relva. O velho anão se pôs de pé mais rápido do que muitos pensariam que ele seria capaz. Poderia ser um ataque de qualquer tipo de criatura: um raptor, um pinote ou até uma daquelas flores imensas horríveis...

Uma mulher. Usando um tabardo com uma âncora dourada. A figura cambaleou para frente, encarou o anão e desfaleceu. Janjão mal teve tempo de segurá-la.

— Timeu! — gritou Janjão. — Se aproxima que apareceu encrenca!

Segundos depois, um guarda tentava enfaixar os ferimentos da jovem batedora, mas Janjão pensou com tristeza que ela não aguentaria. Subitamente a garota esticou uma das mãos, agarrando o braço de Ana Bridgewater, que se debruçava sobre ela:

— Ho-horda... — disse, engasgando-se. — T-tauren. Abriram portão. Rumando para o leste. Acho... Guardanorte...

Seus olhos cerraram-se, e os cabelos negros, encharcados de suor e sangue, caíram sobre o peito de Janjão, manchando sua armadura. Sem saber o que fazer, o anão afagou-lhe o ombro.

— Tu entregou a mensagem, guria — disse. — Tu te saiu bem. Agora, descansa.

Timeu apareceu afobado, em resposta ao chamado de Janjão, e lançou um olhar furioso para o anão.

— Ela está morta, idiota. Janjão respondeu suavemente:

— Eu sei, guri. Eu sei.

Dois minutos depois, Ana, a mais veloz do acampamento, corria o mais rápido que suas longas e fortes pernas podiam levá-la na direção da Guardanorte, orando para que a Luz não permitisse que fosse tarde demais.

O almirante Cochrane acordou ainda de madrugada, como de costume. Levantando-se rapidamente, jogou água no rosto, vestiu-se e foi cuidar da barba. Quando cruzou com os próprios olhos no espelho, viu as olheiras e franziu a testa, manipulando cuidadosamente a navalha ao redor da barba e do bigode, a única vaidade que se permitia. Nos últimos dias, os orcs do clã Rugifúria, ou pelo menos o que restava deles, pareciam estar se reagrupando. Houve escaramuças, e os registros diziam que alguns orcs gritaram insultos, dizendo que a Aliança merecia o que estava para acontecer, ou urraram desafios sobre desforra e castigo.

Nada fora do normal, na verdade. Confiança e arrogância faziam parte dos orcs, dizia a experiência do almirante, e mais ainda dos Rugifúria. Ainda assim, ele não havia chegado na posição em que estava sem estar alerta para todos os possíveis perigos. Era estranho que os Rugifúria tivessem voltado depois de serem escorraçados, e ele precisava saber por quê. Espiões foram enviados para confirmar se a Horda estava mesmo executando manobras de guerra, e especialmente se havia alguma movimentação na direção da Fortaleza da Guardanorte. Nada tinha sido reportado ainda, pois era muito cedo.

O almirante comeu uma banana como café da manhã, serviu-se de um chá forte e saiu em sua patrulha de rotina. Com um aceno de cabeça, cumprimentou o sinaleiro Natanael Blaine, que respondeu pronta e solicitamente apesar do horário, e os dois observaram o mar. A alvorada estava no auge, a água e as docas cobertas de um colorido rosa, vermelho sangue e carmesim, enquanto as nuvens flutuavam preguiçosas, delineadas em dourado aqui e acolá.

— Céu vermelho na alvorada, marinheiros com medo d'água — brincou Cochrane, bebericando o chá.

— Céu vermelho no ocaso, marinheiros prontos prum afago — completou Blaine. — Mas não navegaremos hoje, senhor. — E olhou de soslaio, mas respeitosamente, para o almirante.

— Verdade — concordou Cochrane —, mas somos sempre marinheiros, mesmo em terra. Fique de olhos abertos, Natanael. — O almirante apertou os olhos. — Qualquer coisa...

Seus lábios contraíram-se. Ele balançou a cabeça e saiu em disparada torre abaixo, sem terminar a frase.

— Loco de supersticioso, hein? — Um anão que também estava de guarda comentou com Blaine.

— Talvez — respondeu o sinaleiro. — Mas aposto que você sempre pisa pela primeira vez num navio com o pé direito.

— Hum... — As bochechas do anão ficaram levemente avermelhadas. — Pode ser. Afinal, pra que dar sopa pro azar?

Natanael sorriu.

O mar de verde e marrom avançava firmemente pela Estrada do Ouro através dos Sertões Setentrionais, na direção da Vila Catraca. A maior parte dos orcs caminhava, mas alguns membros da elite, incluindo os Korkrons, Malkorok e o próprio chefe guerreiro, montavam lobos. Alguns cavalgavam em kodos, para tocar os enormes tambores de guerra cujas batidas tremiam a terra toda.

A notícia já havia se espalhado, é claro, para que em cada cidade mais e mais guerreiros se juntassem à marcha para Guardanorte. Aqueles que não tomariam parte de fato na batalha, alguns poucos anciões, jovens e mães com crianças de peito, saíam pelas portas e janelas para festejar a passagem de Garrosh e sua vitória inquestionável.

O chefe guerreiro, altivo e orgulhoso do alto de seu lobo imenso e negro como a noite, erguia Uivo Sangrento em resposta aos gritos, mas raramente desmontava. O ritmo da marcha permitia que o exército fosse visto à distância, e guerreiros, magos, curadores e xamãs podiam acompanhá-lo sem desacelerar a torrente da Horda que seguia o curso da estrada. Ao passarem pela Encruzilhada, onde seus números cresceram vertiginosamente, Malkorok acelerou sua montaria e foi parar ao lado de Garrosh. Com uma batida no peito, o Rocha Negra saudou o líder, que acenou com a cabeça em resposta.

— Alguma novidade? — perguntou Garrosh.

— Parece que Baine é realmente leal a nós, por enquanto — disse Malkorok. — Ele e os trolls esmagaram os batedores da Aliança que vigiavam o Grande Portão. Agora marcham para o leste, para a Guardanorte, como disseram que fariam.

Garrosh virou-se para Malkorok e disse:

— Você ganhará uma comenda por sua vigilância, Malkorok. Agora você vê que tenho Baine na palma da mão. A devoção dele pertence ao povo. Ele jamais os poria em risco. E o grande chefe também sabe que não há qualquer possibilidade de eu hesitar em relação aos taurens. O modo como protege seu povo é um traço tão admirável quanto desprezível. E, certamente — enfatizou —, é algo a ser usado.

— Ainda assim, a ousadia dele foi uma afronta — grunhiu Malkorok.

— Sim, mas ele sempre está pronto quando preciso dele. Assim como Vol'jin, Lorthemar e Sylvana.

— E Gallywix.

A cara de Garrosh se contorceu.

— Ele só pensa em lucro, e é sutil como uma revoada de kodos. Enquanto a Horda continuar a encher seu bolso, sua lealdade está garantida.

— Seria ótimo se todos os aliados fossem tão transparentes.

— Deixe Baine em paz por ora — ordenou Garrosh.

— Foi essa a tarefa que me foi confiada, grande chefe guerreiro, desentocar todos que agora desafiam sua liderança, e que no futuro trairão a gloriosa Horda.

— Mas se você desconfia demais dos aliados, a paciência deles acaba — retrucou rispidamente Garrosh. — Não, Malkorok, a hora é de lutar contra a Aliança, não entre nós. E que luta será!

— E se Baine, ou Vol'jin, ou qualquer outro estiver conspirando contra você?

— Se você tiver provas em vez de palavras malcriadas, então, como sempre, poderá fazer o que bem entender. Como sei que tem feito.

Os lábios cinzentos de Malkorok curvaram-se num sorriso tão maquiavélico quanto feio.

Os navios Renegados, sanguiníficos e goblínicos chegaram cedo à Vila Catraca, e Garrosh mal pôde conter sua excitação ao vê-los. O porto do local estava abarrotado, e a exaltação de Garrosh pelo banho de sangue que se anunciava amenizou-se levemente quando o chefe guerreiro percebeu que levaria tempo até que todas as tropas e suprimentos fossem descarregados. Essa era a parte de ser líder que o entediava, mas não havia nada a ser feito.

Apesar da intensa atividade no porto, a chegada dos orcs não passou despercebida, e gritos e vivas puderam ser ouvidos. Garrosh acenou e desceu da montaria quando três figuras se aproximaram. Uma já era

conhecida, o corpulento e dissimulado príncipe Gallywix; as outras — uma elfa sangrenta e um Renegado — eram estranhos, e a expressão do chefe guerreiro se fechou.

— Chefe Garrosh! — disse Gallywix, entusiasmado, com os olhos suínos brilhando e os braços estendidos, abertos. Pelos ancestrais, pensou Garrosh com uma ponta de repugnância, esse goblin acha que vou dar um abraço nele?, e virou-se para o elfa sangrenta, evitando prolongar a situação esquisita.

A elfa, de cabelos dourados e pele clara, usava a armadura brilhante que identificava os paladinos de seu povo.

— Onde está Lor'themar? — questionou Garrosh sem se importar com sua falta de cortesia.

Os lábios da paladina se contorceram de irritação, mas quando falou, sua voz soou calma e agradável:

— Fui enviada para supervisionar as tropas sanguiníficas. Meu nome é Kelantir Laminassangue. Fui treinada por Lady Liadrin, e sirvo ao destacamento do general-patrolheiro Halduron Asaluz.

— E nenhum deles está aqui. — Malkorok postou-se ao lado de Garrosh. — Mandaram um bebê de terceiro escalão.

Kelantir virou-se friamente para Malkorok:

— Mandaram também dois navios repletos de elfos sangrentos dispostos a lutar e morrer pela Horda. Então, a menos que vocês já sejam tão numerosos que nossos suprimentos e débeis exércitos não sejam necessários...

Garrosh nunca havia morrido de amores pelos elfos sangrentos, e a atitude da elfa diante dele não contribuía em nada para mudar isso.

— Você terá uma chance de provar a utilidade do seu povo em batalha. Hoje. — Ele falava sem se preocupar em como suas palavras soavam. — Não a desperdice.

— Meu povo é um velho conhecido da guerra, do sangue e do sacrifício, chefe guerreiro Garrosh — retrucou Kelantir. — Você não vai se decepcionar.

A elfa deu as costas ao grupo e marchou de volta para as docas, sua armadura de placas — Como diabos ela consegue levantá-la com aquele corpinho mirrado?, Garrosh se perguntava — tilintava suavemente a cada passo.

— Chefe guerreiro — exclamou Gallywix, mas Malkorok o silenciou com um olhar. Garrosh virou-se para o Renegado que, em vez da arrogância demonstrada pela elfa sangrenta, curvou-se servilmente. Era um guerreiro, se a espada embainhada em sua cintura esquelética servisse de indicação, e não possuía sequer um fio de cabelo, perdido provavelmente para a putrefação, que também havia colorido sua pele com o verde pálido que só a podridão alcança.

— Capitão Eustáquio Fragoso, senhor, à frente das tropas Renegadas em nome da Grande Dama Sylvana Correntos; a serviço da Horda e de vossa mercê. — Sua voz era rouca e profunda. Enquanto falava, sua mandíbula movia-se corretamente para formar as palavras, mas em silêncio parecia solta e caída, formando permanentemente uma expressão entre estúpida e surpresa.

— Onde está a Dama Sombria? — questionou Garrosh.

O capitão Fragoso levantou a cabeça, os olhos emitindo um leve brilho amarelo.

— Ora — disse ele, soando surpreso —, aprontando as reservas e aguardando seu sinal para, depois de sua inevitável vitória, marchar com a Horda sobre Theramore.

A resposta foi audaciosa e sagaz, e Garrosh gargalhou espalhafatosamente.

— Talvez devêssemos mandar você para conversar com Jaina. Quem sabe assim ela não se entregará voluntariamente?

— Suas palavras são gentis, chefe guerreiro, mas isso não privaria a Horda de uma vitória honrosa, conquistada a ferro e sangue? — respondeu o morto-vivo.

— Se tiver com a espada a mesma habilidade que tem com a língua, Eustáquio Fragoso, terá um chefe guerreiro satisfeito.

— Todo o meu empenho será para isso. — Uma substância viscosa escorreu por um dos cantos da boca eternamente aberta e pingou no chão batido. — Agora, com sua permissão, preciso cuidar do descarregamento dos suprimentos que minha senhora enviou.

Divertindo-se com a situação, embora irritado por Sylvana e Lor'themar terem enviado subalternos em vez de virem em pessoa, Garrosh finalmente virou-se para Gallywix. O goblin havia se livrado da máscara que usava quando queria agradar e movia a carranca inteira para mastigar o charuto, a cabeça enfiada na cartola até as sobrelanceias.

— Você, Príncipe Mercador, foi o único a vir até a Vila Catraca para guiar seu povo para a batalha. Eu me lembrarei disso.

A máscara voltou para o lugar imediatamente.

— Olha, não vim exatamente pra batalha. Sou mais do tipo que supervisiona, e garante que tudo seja feito direitinho, e que tudo que foi pedido seja entregue adequadamente, se é que entende minha...

Garrosh bateu no topo da cartola da Gallywix displicentemente e foi para as docas, passar em revista os navios e a carga.

A princípio, pareceria estranho. Além de guerreiros parar ingressar fisicamente na batalha, os navios não estavam carregados com espadas, arcos e armaduras, mas com madeira, incontáveis pranchas amarradas firmemente em feixes, e carroças carregadas com pedras.

Mas Garrosh aprovou com a cabeça. E suspirou para conter a impaciência. Em seguida, ordenou que alguns dos maiores e mais fortes orcs dessem aos débeis elfos sangrentos e aos esqueléticos Renegados, alguns quase que literalmente sacos de ossos, ajuda no descarregamento.

Logo, talvez em uma questão de horas, a Fortaleza da Guardanorte cairia.

A vitória era, afinal das contas, o destino da Horda.

Quando Ana Bridgewater foi amparada por um dos guardas que patrulhavam a Fortaleza da Guardanorte em seus trajes cobertos de suor, tremendo de exaustão, sua mensagem foi repassada

imediatamente ao almirante Cochrane, que xingou com um único palavrão, dos cabeludos, e se recompôs. Ao guarda que havia trazido a mensagem, disse:

— Diga a todos que se preparem para a batalha. Os taurens e trolls vêm pelo oeste. Armem nossas defesas lá e...

— Senhor! — gritou Blaine.

Cochrane permaneceu parado, os olhos fixos no sinaleiro na doca abaixo, que abanava freneticamente as bandeiras de sinalização. Blaine continuou:

— Navios da Horda se aproximando da Vila Catraca! Seis deles! Navios de guerra totalmente armados!

— Seis?

— Sim, senhor. — Blaine continuou observando, procurando obter mais informações. — As bandeiras são dos goblins, Renegados e elfos sangrentos!

Cochrane não respondeu. Primeiro trolls e taurens, agora Renegados, os sin'dorei e os goblins. Os únicos que faltavam eram os...

— Orcs — disse para si mesmo. — Diga ao Mestre de Doca Lewis que envie batedores até a Vila Catraca. Eles terão que passar pelos Rugifúria restantes, mas estou certo de que sabem como fazer isso — gritou para Blaine.

Cochrane pensou que quando ouviu "taurens", deveria ter sabido que eles não viriam sozinhos. O exército tauren havia atacado antes, mas nunca depois que o falecido General Hawthorne garantiu que os civis do

Acampamento Taurajo partissem sem ser incomodados. Não era assim que eles resolviam as coisas. Cochrane deveria ter sabido que a verdadeira ameaça viria do norte, de Orgrimmar. E, agora, os navios das outras raças da Horda...

— Diga aos canhoneiros Ocastro e Smythe que atirem à vontade quando os navios estiverem ao alcance. Precisamos evitar que as tropas deles desembarquem.

— Sim, senhor!

A mente de Cochrane estava a mil. O que os orcs fariam? Os taurens e trolls viriam por terra. As outras raças, pelo mar. Não havia chance de os orcs investirem em massa às centenas contra a Fortaleza da Guardanorte pelo norte. Os orcs Rugifúria tinham sido uma pedra no caminho por muito tempo, mas jamais haviam recebido reforços relevantes. Suas construções eram apenas pequenas ilhas de juta entre a fortaleza e a Vila Catraca. Um exército não conseguiria...

Ele sentiu o som antes de ouvi-lo. Não eram canhões. A Luz sabia que, com os meses de treinamento, todos estavam acostumados ao som dos canhões. Não, era diferente... um estremecimento nas entranhas da terra. Por um segundo, Cochrane e a maioria dos outros, ainda não totalmente recuperados do Cataclismo, pensaram que era outro terremoto. Mas — muito regular, muito... rítmico.

Tambores. De guerra.

Com um movimento rápido, o almirante tomou a luneta pendurada na cintura, escalou agilmente a muralha da torre e olhou para o norte. Até esse momento, os Rugifúria eram vistos sempre perambulando aos pés da fortaleza, às vezes até atacando a Guardanorte, eventualmente com resultados fatais. Mas não havia sequer sinal deles.

— Cancelem o envio de batedores! — gritou para Blaine. — Os Rugifúria voltaram com os orcs da Horda. Eles estarão aqui...

As palavras morreram em sua garganta. Era possível vê-los enxameando a colina, uma imensa onda de orcs, trajando todos os tipos de vestimentas de combate que ele já tinha visto: vestes de tecido, peças de couro e armaduras de placa. Alguns arrastavam carroças carregadas com pranchas de madeira e rochas. Os Rugifúria vinham junto, como era de se esperar, e enormes brutos de pele verde erguiam e atiravam ruidosamente pedregulhos na água rasa — um tibum seguido de um urro. Tambores infernais continuavam tocando, sempre no mesmo ritmo, e o inimigo já estava próximo o suficiente para Cochrane e os outros ouvirem cantos de guerra entoados em órquico. Atrás dos orcs vinham catapultas, aríetes e outras máquinas massivas de guerra. Como eles poderiam...

Foi quando os orcs começaram a ajeitar as tábuas sobre as rochas que Cochrane percebeu a sagacidade insidiosa do plano.

— Reforcem os portões! — gritou. Ou o pouco que resta deles, pensou. — Preparem-se para ataques em três frentes: o cais, o norte e o oeste!

Eles tinham conseguido lidar com os Rugifúria. Tinham conseguido lidar com os poucos escaramuçadores taurens que apareciam de vez em quando nos Campos de Sangue. Mas isso...

— Que a Luz nos proteja — sussurrou.

8



Os taurens e trolls continuaram marchando para o leste, mesmo enquanto a noite outorgava seu reino à aurora. Partiram deixando o Comando Avançado da Aliança para trás, e até agora não tinham encontrado nenhuma oposição. Forçando passagem pelo matagal, encontraram os restos de um acampamento; a fogueira estava apagada, mas o carvão ainda esmorecia. Não era possível dizer quem o havia construído. Horda e Aliança atravessavam a área, por isso havia sempre alguém perambulando por ali. O Cataclismo havia alterado a vida tanto quanto a terra. O grupo avançava com cautela, mas Baine começava a se perguntar... Seria possível que sua aproximação ainda não tivesse sido descoberta?

No caminho, encontraram um pequeno local de adoração dos taurens. Baine fez um gesto para que todos parassem e avaliou:

— Um sinal. O local onde irmãos e irmãs abandonaram seus corpos. Faremos uma pausa aqui, para preparar nossos corações para a batalha e nossas almas para a morte. Irmãos trolls, o ritual não é o do seu povo, mas vocês são bem-vindos para se aproximarem, para contemplar a vida, a morte e aqueles que se foram. — E completou. —

Pediremos a bênção de nossos ancestrais, e que eles nos guiem na direção do que é certo e melhor para o nosso povo.

Baine não sugeriu pedir a bênção dos ancestrais para o que estavam prestes a fazer por não ter certeza de que eles aprovariam; Caerne Casco Sangrento certamente não o faria. Um misto de antecipação e inquietação pairava no ar, entre taurens e trolls. Baine conhecia bem seu povo e podia sentir sua lealdade dividida, exatamente o mesmo conflito que perturbava seu próprio coração.

Depois de alguns instantes, que alguns aproveitaram para entoar cantos e fazer orações enquanto outros simplesmente observavam respeitosos, chegou a hora de prosseguir. Esta era a última parte da conturbada jornada. A Grande Divisória jazia aberta à esquerda, e a trilha fazia uma curva suave para sumir numa cordilheira.

— Parece que tá tudo em cima, bróder! — exclamou Voljin.

— Acho que nenhum dos batedores conseguiu avisá-los. Voljin o encarou de cima do raptor.

— Eles detonaram o Acampamento Taurajo, cara.

— Sim — respondeu Baine. — Eliminaram um alvo militar. E o general deles se negou a matar civis. Poderia ter massacrado todos, mas não o fez.

Voljin apertou os olhos

— Tu vai dar arrego pra essa galera da Aliança?

— Acho que não há civis na Fortaleza da Guardanorte.

Baine decidiu não acrescentar que estava relativamente certo de que Garrosh ordenaria que todos os prisioneiros fossem executados. Sim, era um alvo militar, e Garrosh estava demonstrando um bom raciocínio estratégico ao derrubar a fortaleza.

Mas o interesse do chefe guerreiro não era a Guardanorte enquanto alvo militar. Para ele, inutilizá-la para a Aliança serviria mais para mandar uma mensagem do que como estratégia; não, seu verdadeiro objetivo era Theramore. Na fortaleza que atacariam, haveria muitos soldados e marinheiros da Aliança. E uma estalagem. Mercadores

alojados com suas famílias. Um deles jamais havia oferecido nada a Baine Casco Sangrento que não a mais verdadeira amizade.

O grupo seguiu pela estrada contornando a curva. A vista abriu-se, e Baine viu a pedra cinza e branca da qual despontavam as torres da Guardanorte. No momento em que fez menção de erguer a mão para ordenar uma parada de preparação antes de investirem contra a fortaleza, o silêncio dos Sertões foi quebrado pelo som de tiros. Emboscados, trolls e taurens responderam imediatamente, mirando com suas próprias armas e flechas nos soldados da Aliança que atacavam das colinas.

Baine enfureceu-se. Ele deveria ter esperado por isso, mas tinha se deixado enganar por uma falsa sensação de segurança. Agora seu povo sucumbia, pagando o preço por sua tolice.

— Avante! — gritou com a voz carregada de fúria. — Xamãs! Interrompam o fogo inimigo!

Os xamãs obedeceram enquanto o resto dos taurens e trolls lançava-se adiante o mais rápido possível. Alguns atiradores da Aliança foram lançados no ar, atingidos por fortes rajadas de vento, e outros gritavam de dor enquanto suas roupas eram consumidas por chamas. Os atiradores ainda tentaram se reagrupar em meio ao caos, mas o contingente de Mulgore já avançava na direção da fortaleza, pronto para começar uma frenética batalha.

— Os taurens estão aqui!

O grito foi ouvido e repassado entre as fileiras de orcs que se aproximavam da fortaleza da Aliança pelo norte. Comemorações espocaram, e Garrosh, bradando Uivo Sangrento à frente da investida, fez questão de lançar um sorriso triunfante a Malkorok. O som de enormes pedregulhos chocando-se contra as já danificadas muralhas da fortaleza ecoava entre as colinas; o chefe guerreiro jogou a cabeça para trás e gritou em satisfação.

Ele desejou ter feito isso antes. O Cataclismo havia rasgado as paredes da fortaleza, e os imbecis da Aliança não fizeram os reparos necessários.

Agora amargariam a escolha ruim que tinham feito, e pagariam pela sua negligência com sangue.

Os orcs investiram pelas pontes improvisadas com pedras e tábuas. Um guarda lançou-se contra Garrosh, apontando a lança contra o forte orc. Um humano. Forte, ágil, competente com sua arma, mas não teria chance contra os Kor'krons que cercavam o chefe guerreiro. Entoando seus próprios cantos de guerra, os orcs caíram sobre ele, cortando com espadas e esmagando violentamente o corpo coberto de metal com golpes de maça. Um dos ataques causou um troar tão grande que foi ouvido mesmo em meio aos tambores, à batalha e aos canhões, e o homem encolheu-se, imóvel. Os Korkrons e Garrosh correram por cima do corpo inerte; o chefe guerreiro fez questão de acenar positivamente com a cabeça ao passar por ele.

Os Rugifúria tinham apontado todas as fraquezas da fortaleza, por isso Garrosh sabia exatamente aonde deveria mandar seu povo. A primeira onda conquistava resultados, invadindo a imponente construção pelos corredores que ligavam as áreas externas, e o chefe guerreiro escalou os escombros até um ponto mais alto, em busca de uma visão melhor da situação.

A esquerda, os navios mandados por elfos sangrentos, goblins e Renegados cumpriam sua função à risca. Apesar do som contínuo de disparos dos canhões da Aliança, várias embarcações menores e mais ágeis já tinham chegado à praia, e seus ocupantes já corriam entre os inimigos, cortando-os sem misericórdia.

A direita, taurens e trolls assaltavam as muralhas impiedosamente. Enquanto Garrosh observava, pela menos uma delas tombou, e uma onda de peles verdes e azuis e pelagens castanhas invadiu a fenda.

Mais à frente, os orcs, seus orcs, seu povo, os fundadores da Horda, matavam e berravam e gargalhavam. Que visão!

Ainda levaria uma hora para terminar completamente o serviço, para penetrar a fortaleza tão profundamente que não haveria tática, astúcia ou estratagema do almirante Cochrane que pudesse recuperá-la. Garrosh não queria esperar tanto. Seus olhos fitavam tudo. A maior

parte do seu povo já invadia o pátio e os corredores internos. Apenas alguns permaneciam aqui, nos limites da batalha, exterminando um a um os guardas que tentavam lutar do lado de fora. As pontes improvisadas não seriam mais necessárias.

Era chegada a hora de dar o golpe de misericórdia e conquistar a vitória. De uma vez por todas.

Alguns metros abaixo de Garrosh, Malkorok enfrentava três guardas: um homem, uma mulher e um anão. A maioria dos orcs preferia armas grandes, como espadas de duas mãos, machadões ou martelos; o Rocha Negra, em vez disso, tinha trazido para a batalha dois machados de pequeno porte, mas incrivelmente velozes e afiados. Enquanto os três avançavam contra ele, tentando cercá-lo, Malkorok ria de contentamento. "Morte à Aliança!", gritou, assumindo posição de combate e sorrindo. Com um movimento veloz, muito mais rápido do que os inimigos esperavam, os machados tornaram-se borrões no ar, dois vultos brilhantes de morte. Antes que pudesse sequer perceber o que estava acontecendo, a mulher foi partida em duas. Malkorok não diminui a velocidade, rodopiando e complementando os arcos do primeiro machado com o segundo, crescendo na direção dos inimigos. O anão conseguiu esquivar-se e desferir um golpe contra o orc, mas sua espada foi repelida com um sonoro retinir pela armadura imponente de Malkorok; a resposta veio na forma de um machado enterrado entre o pescoço e o ombro do anão, que tombou inerte. Rosnando, a criatura de pele cinzenta começou a girar os machados novamente, demonstrando uma agilidade incrível, ainda mais levando em conta os dois dedos a menos. O guarda restante bem que tentou usar a espada para bloquear os golpes, mas só pôde evitar o primeiro. Com um grito, Malkorok ergueu a segunda lâmina, já coberta de sangue, e abriu o peito do homem.

Seus olhos buscavam afoitos o próximo alvo, mas se ergueram ao ouvir a voz do chefe guerreiro chamar:

— Os xamãs! — gritou Garrosh. — Mande que entrem!

Malkorok ouviu, sorriu em aprovação e ergueu um punho como resposta afirmativa. Garrosh fez que sim com a cabeça e sacou Uivo Sangrento. Lançando a cabeça para trás, o chefe guerreiro deixou escapar um estrondoso rugido e desceu da plataforma de onde observava. Com um salto, posicionou-se sobre um pedregulho e, em seguida, pisou num feixe de tábuas soltas, de onde foi possível chegar à praia. Garrosh Grito Infernal tinha emitido a última ordem que seria necessária nesta batalha, e Malkorok percebeu como a alma de Garrosh exultava simplesmente por entrar em combate ombro a ombro com os irmãos orcs e usar a poderosa arma do pai para massacrar soldados da Aliança.

O Rocha Negra agarrou o primeiro Korkron que cruzou seu caminho e repetiu a ordem. O outro orc sinalizou afirmativamente com a cabeça e correu de volta ao norte, onde a maioria dos xamãs esperava. O final da batalha pertenceria a eles.

Em minutos, vários xamãs corriam pelo campo de batalha, a maioria orcs. E não usavam as vestes brancas ou terrosas comumente associadas a eles, mas adereços tão sinistros que os faziam parecer bruxos, enquanto corriam agitados, mal contendo seu frenesi.

Guerreiros com armaduras pesadas os escoltavam, forçando caminho entre focos de combate. Os xamãs não fizeram nenhum esforço para entrar na luta, pois suas atenções voltavam-se aos pedregulhos cobertos de água e lama mais à frente.

Quando se aproximaram, os xamãs reduziram a marcha, tentando controlar a respiração. Olharam uns para os outros, trocando sorrisos discretos, e deram as mãos para entoar as ordens que forçariam os elementos a obedecer.

Malkorok sabia o que estava para acontecer, mas parou de lutar por um instante para assistir, o coração inflado de orgulho órcico. Pelo menos vinte pedregulhos permaneciam na água, depois de terem sido usados para que as tropas e armamento pesado passassem. Agora, cumpririam um segundo propósito.

Diante dos olhos de todos, as rochas estremeceram. Sua cor mudou do marrom e vermelho escuro naturais para um vermelho vivo, depois para um laranja luzidio e, então, as volumosas pedras começaram a derreter. A água não as esfriava ou impedia o que estava acontecendo, era incapaz de devolvê-las à forma sólida. Em vez disso, fervia e subia na forma de vapor, como se o próprio elemento fugisse com medo do que agora se ocultava em suas profundezas. Os penedos vibravam e pulsavam enquanto perdiam volume e escorriam diante de um calor tão intenso que até mesmo os xamãs que controlavam tudo foram forçados a virar o rosto ou se afastar.

Um tentáculo irrompeu de uma das rochas. Um segundo apareceu logo em seguida, e depois outro, e outro. Todas as enormes pedras, vindas de vários pontos de Azeroth, seguiram, os tentáculos tornando-se mais curtos e densos, dedos e membros disformes brotando das formas pulsantes. Do topo de uma rocha, uma cabeça emergiu com a boca aberta. Pequenos olhinhos brilhantes percorreram a área, miraram o corpo rochoso que os sustentava e os xamãs que o controlavam. Uma das criaturas urrou, virando-se lentamente e tentando alcançar um dos orcs trajados em couro negro, que ergueu uma das mãos impositivamente. O gigante derretido arqueou o corpo para trás balbuciando sons ininteligíveis e, em seguida, começou a marchar. Ele obedeceria.

Nem os orcs, que sabiam o que aconteceria, estavam prontos para o que viram. Exatamente como deveria ser, pensou Malkorok.

— Aliança! — gritou o orc cinzento. — Vejam o poder nas mãos de Garrosh! Tremam e morram!

Baine girou a maça, lutando contra dois soldados armados com lanças. Ao seu redor, a balbúrdia do combate saturava o ar: o ribombar das armas de fogo, o estouro dos canhões, o assovio das flechas e, soterrando todos esses, os gritos de membros da Horda e da Aliança, lutando, matando, morrendo. Um dos soldados investiu contra ele. Baine esquivou-se com mais agilidade do que o homem previu, fazendo com que sua lança perfurasse apenas o ar. A maça do

chefe tauren o acertou em cheio enquanto cambaleava, e o humano caiu. O outro soldado da Guardanorte pensou que teria uma chance, mas sua lança rompeu-se com um estalo da maça; com um movimento encadeado a arma retornou, esmagando o crânio do soldado como se fosse um ovo.

Baine balançou a cabeça, sentindo-se arrependido. Pelo menos o homem tivera uma morte rápida.

Foi então que a paisagem sonora mudou. Um novo ruído foi acrescentado, um urro furioso e profundo, como se a própria terra tivesse ganhado voz. As orelhas de Baine agitaram-se e sua cabeça girou para seguir o som. Seus olhos se apertaram. Antes que pudesse falar, outra voz ergueu-se, sonora e cheia de fúria.

— Em nome da Mãe Terra! — berrou Kador Canção da Nuvem. — Garrosh! O que você fez?

— O que são essas coisas?

Kador virou-se para ele, seu pelo eriçado em fúria:

— Gigantes derretidos. Poderosos elementais do fogo que não atendem às ordens do xamã; precisam ser forçados a obedecer. A Mãe Terra está com raiva, por seus filhos serem usados tão levemente. A Harmonia Telúrica proibiu tais coisas. Eles temem que possa desestabilizar ainda mais a terra.

— Como o Cataclismo — murmurou Baine.

Os gigantes derretidos eram forças de destruição fora de controle. Davam passos em todas as direções, avultando-se sobre Horda e Aliança e esmagando tudo o que estivesse, por azar, em seu caminho.

Era o bastante.

— Recuar! — gritou Baine. — Recuar! Fugam, taurens de Mulgore! — Sua palavra tinha sido honrada, e os valentes que prometera estavam em combate. Todos lutaram com bravura. A obrigação para com Garrosh fora cumprida, e Baine não ficaria assistindo seus homens caírem perante esses monstros em nome da tolice e da arrogância do chefe guerreiro.

— Morram! — Os soldados da Horda ouviram o grito, e viram a sede de sangue das criaturas aumentar quase que com regozijo.

* * *

As defesas da Aliança, como Garrosh previra, desmoronaram naquele instante. Os mais de dez monstros feitos de pura rocha derretida haviam instaurado horror e pânico, e muitos soldados morreram com uma simples pisada. Outros foram soterrados quando, com um golpe que poderia ter sido um esbarrão, as paredes da fortaleza que ainda estavam de pé foram reduzidas a cascalho.

— Agente firme, Aliança! — O grito veio de uma das torres. Gargalhando, Malkorok observava o humano vestido de almirante que tentava desesperada e futilmente reagrupar suas tropas. Era tolice, mas o orc sentia respeito por ele. Esse, pelo menos, morreria com honra.

Entretanto, a maioria dos marujos que o almirante comandava estava fugindo. E Malkorok não os culpava. Na verdade, era com isso que Garrosh contava.

Sentindo horror além da razão, a maior parte dos inimigos tinha largado as armas e fugido para a água ou para as colinas. Qualquer lugar seria melhor do que estar ali, vendo a própria morte assumir a forma de criaturas de rocha derretida e fúria. Os soldados em fuga eram presas fáceis para os emboscadores da Horda, plantados em todas as saídas. Era fácil demais. Se algum sobrevivesse, Malkorok divertia-se, poderia se considerar uma das criaturas mais sortudas de Azeroth.

E o orc Rocha Negra continuava a atacar os soldados que batiam em retirada. O medo e a situação em que se encontravam os impediam de oferecerem resistência à altura, e o orc saciava a sede de sangue de seus machados. Depois de algum tempo, a atividade na área em que estava cessara. Os membros da Aliança que via estavam todos bem estirados no chão. Seus olhos aguçados esquadriharam a área, buscando focos de combate. Não havia nenhum. Ainda assim, os gigantes derretidos continuavam a avançar, urrando e golpeando as paredes que restavam, esmagando os poderosos canhões e outras máquinas de guerra como gravetos.

Malkorok viu o chefe guerreiro de pé diante de um worgen cuja cabeça estava a pelo menos dois metros do corpo, mas mantinha os dentes à mostra num rosnado e os olhos vidrados de pavor. Garrosh, coberto de sangue, virou-se para o Rocha Negra e, com um sorriso largo ao redor das presas, perguntou:

— E então?

— Vencemos, chefe guerreiro! — respondeu Malkorok. — A Aliança foi reduzida a pilhas de cadáveres.

O sorriso de Garrosh ficou mais largo e sua cabeça lançou-se para trás, seus braços abriram-se e um uivo triunfante ecoou:

— Vitória da Horda! Vitória da Horda!

O canto foi repetido e se espalhou como uma chama entre as tropas. Malkorok viu que os gigantes derretidos reduziram os passos até parar, e os xamãs que os haviam evocado agora os enviavam de volta às suas origens terrenas. Ou, pelo menos, tentavam.

Por um instante, pareceu que os gigantes não queriam abandonar esta forma. Suas cabeças minúsculas giravam lentamente, seus olhinhos vermelhos buscavam seus mestres. Roncando, começaram a avançar.

Malkorok e Garrosh viram vultos vestidos de negro gesticulando com um vigor convulsivo. Por um instante, elementais e xamãs travaram uma batalha de vontade, até que todos os gigantes abriram as bocas ao mesmo tempo e emitiram um grito pavoroso de fúria e derrota.

E a terra respondeu.

Malkorok sentiu o chão tremer sob os pés, primeiro de forma fraca, depois intensamente. Alarmado, o orc olhou em volta, mas não havia abrigo para se proteger, não aqui. Só corpos, armas e escombros do que um dia fora uma fortaleza. Gritos de alerta preencheram o ar enquanto muitos perdiam o chão, caindo secamente na terra e agarrando-a como se ela agora fosse o inimigo. Subitamente o céu escureceu. Raios iluminavam as nuvens e um trovão ensurdecedor ribombou.

As bocas dos gigantes derretidos continuaram a abrir, abrir, abrir, e suas cabeças e ombros passaram a se dissolver. A coesão dos elementais começou a se perder. Seus membros fundiam-se aos corpos, formando uma só massa. A cor das criaturas começou a mudar, esfriar, tornando-se primeiro um vermelho escuro, depois marrom, e então elas voltaram à forma original; apenas pedregulhos de novo, e nada mais.

A terra pulsou e estremeceu uma última vez, e parou. O silêncio pressionava os ouvidos de Malkorok, que ainda se recuperavam da balbúrdia que os tinha tomado de assalto. Os membros da Horda que caíram se puseram de pé novamente, primeiro com cautela, depois o ar encheu-se de comemorações e gritos de vitória.

— Não apenas derrotamos a Aliança — proclamou Garrosh, dando um passo para ficar ao lado de Malkorok e batendo amigavelmente nas costas do Rocha Negra. — Mostramos que os próprios elementos estão ao nosso serviço!

— O que você mostrou — retrucou uma voz grave, carregada de frieza e fúria — foi que não passa de um assassino cruel, Garrosh Grito Infernal!

Os dois orcs deram meia volta para ver Baine Casco Sangrento acompanhado de um xamã tauren. Baine estava trajado para a guerra, com o rosto completamente pintado, mas aquilo não era pintura de batalha, e o vermelho não era tinta. Sua armadura também estava lavada em sangue. E o grande chefe não comemorava a vitória.

— Kador Canção da Nuvem me disse que a Harmonia Telúrica proibiu exatamente esse tipo de coisa, esse tipo de irresponsabilidade, Grito Infernal — acusou Baine.

Malkorok franziu a testa.

— Dirija-se a ele como chefe guerreiro — berrou o Rocha Negra em resposta, com uma voz grave e retumbante.

— Muito bem. Chefe guerreiro — disse Baine —, sua escolha de fazer uso disso... desses gigantes derretidos, é uma ofensa à Mãe Terra e à Horda que você quer liderar! Não compreende o que está

acontecendo? Não sentiu a fúria da terra? Você poderia ter provocado um segundo Cataclismo. Pelos ancestrais, você não aprendeu nada com o primeiro?

— Eu fiz o Cataclismo funcionar a nosso favor! — gritou Garrosh, e virou-se para os escombros que outrora foram a Fortaleza da Guardanorte. — Esse é o primeiro passo para a dominação completa deste continente! Theramore cairá em seguida, e eu usarei as ferramentas que tiver à mão para alcançar meu objetivo, tauren!

— Não, você não ameaçará...

Malkorok avançou e agarrou o braço de Baine, chegando o próprio rosto a poucos centímetros do rosto do tauren.

— Silêncio! Você serve à vontade do chefe guerreiro, Baine Casco

Sangrento! Você o insulta? E isso que está fazendo? Se for, eu o desafio aqui e agora para um mak'gora!

O orc estava febril de fúria, e desejava que o tauren aceitasse o desafio. Este Casco Sangrento, como o pai antes dele, tinha sido uma pedra no caminho dos orcs. Os taurens eram todos muito moles, suaves, pacíficos... e os Casco Sangrento eram os piores. Malkorok considerou a morte de Caerne uma boa coisa, a despeito da forma como aconteceu. Ele adoraria ter a honra de tirar Baine Casco Sangrento do caminho de Garrosh.

Os olhos de Baine piscaram furiosos.

— Eu perdi muitos guerreiros valentes hoje — rosnou o tauren, quase num sussurro —, obedecendo às ordens do chefe guerreiro. Não quero que hoje a Horda perca mais vidas sem necessidade. — E acrescentou. — Minha preocupação é com o que virá depois. Você sabe disso, chefe guerreiro.

Garrosh concordou com a cabeça.

— Sua preocupação é notada, mas desnecessária. Sei exatamente o que estou fazendo. Sei do que meus xamãs são capazes. Esses são meus métodos, grande chefe. Meu próximo passo será marchar sobre Theramore. Lá, cortarei o fluxo de suprimentos da Aliança até Kalimdor e destruirei Jaina, aquela cadela que confunde intromissão e

diplomacia. Tenho planos para a Fortaleza Plumaluna, para Teldrassil, para a Clareira da Lua e Lor'danel também. Todas cairão. E então você verá, verá como as coisas funcionam com Garrosh Grito Infernal.

E gargalhou.

— E quando tiver visto — finalizou o chefe guerreiro —, aceitarei com prazer suas desculpas. Até lá, não quero ouvir nada sobre preocupação. Estamos entendidos?

As orelhas de Baine achataram-se, e suas narinas pulsaram.

— Sim, chefe guerreiro. Você foi claro. Malkorok observou Baine se afastar.

Baine se sentia como se seu espírito fervesse. O esforço que fizera para não explodir em fúria diante do desafio de Malkorok consumira todo o seu ser. Não era medo de que o orc pudesse derrotá-lo; afinal, diziam que Caerne estava vencendo a batalha contra Garrosh, antes de ser sobrepujado pelo veneno de Magatha. O sangue do pai corria em suas veias, e a juventude contava a seu favor. Não, ele havia recusado porque não haveria vitória. Haveria veneno de novo, mas oculto de maneira ainda mais traiçoeira. Ou ele venceria Malkorok, e seria emboscado assim que caminhasse pelas sombras. E seu povo? O que faria? Não havia um sucessor para ele ainda. Garrosh daria um jeito para que o poder acabasse nas mãos do tauren mais propenso a servir às suas vontades ou aquele que fosse mais fácil de ser persuadido.

Não, o povo precisava dele vivo. Dessa forma, Baine viveria, e cumpriria todas as ordens que recebesse. Exatamente, e só, o que fosse explicitamente ordenado. Quando o mundo inteiro explodisse na cara feia e tatuada de Garrosh, como provavelmente aconteceria, Baine, Vol'jin e outros estariam lá para juntar os pedaços e proteger a Horda. Ou pelo menos o que restasse dela.

Mas Baine Casco Sangrento não estava moribundo. A ideia que começou a tomar forma durante a caminhada até a Guardanorte tinha se solidificado. Ver a maneira negligente, irresponsável e egoísta

com que Garrosh havia manipulado os elementos apenas confirmou na mente de Baine o que seu coração sentia.

Antes de sair, ele ordenou que os taurens cuidassem dos corpos dos caídos. Todos receberiam os rituais apropriados. E comandou também que seu povo não profanasse os corpos dos membros da Aliança. O desrespeito desagradava à Mãe Terra, que amava todos os seus filhos. Ele não ficou para a cerimônia, deixando Kador responsável por isso.

Em sua tenda de viagem, o grande chefe começaria a colocar o plano em prática. Antes de se recolher, olhou em volta com atenção. Nenhum ouvido intrometido. Ao jovem valente de guarda do lado de fora, disse:

— Traga Perith Casco do Trovão aqui. Tenho uma tarefa importante para ele.

9



Jaina estava impaciente, e o raro nervosismo que sentia transparecia na aina estava impaciente, e o raro nervosismo que sentia transparecia na voz:

— Como é possível que não tenhamos encontrado nada? Temos um dragão azul, dois magos extremamente habilidosos e uma talentosa e esperta aprendiz. Além do Kirin Tor inteiro à nossa disposição.

A maga correu uma das mãos pelos cabelos louros, controlando a emoção que ameaçava nublar seus pensamentos. Raiva ou irritação eram luxos que não podia dar a si mesma agora. Ela precisava pensar.

— Senhora, não há nenhum registro de feitiço que possa ocultar um objeto mágico de um mago superior — argumentou Kinndy. — E precisamos admitir que o nosso Kalecgos aqui é superior a qualquer mago das raças de vida curta de Azeroth. Peço perdão, mas é difícil ficar aqui sentada chupando dedo enquanto a Guardanorte pode estar de joelhos diante da Horda agora mesmo!

— Não desejo menosprezar sua preocupação, Kinndy — interveio Kalecgos —, mas se não recuperarmos a íris Focalizadora, a destruição que poderia se abater sobre este mundo equipara a queda

da Guardanorte à captura de um mero peão no tabuleiro. Kinndy fez um bico e virou o rosto.

— Todos estamos distraídos — contemporizou Jaina, forçando-se a ficar calma —, mas Kalec está certo. O quanto antes descobriremos como os captores mantêm a íris Focalizadora escondida dele, mais seguros ficaremos. A gnomida assentiu com a cabeça:

— Tá, tá. E que é difícil...

Jaina se importava com a aprendiz, e lembrou-se da última vez que esteve com seu mestre, Antônidas. Os dois estavam no alegre e desorganizado estúdio do mago, e Jaina pedia — não, implorava — para ficar e ajudar a defender Dalaran de Arthas Menethil. Arthas já estava nos portões da cidade, gritando provocações que feriam a maga como se fossem flechas físicas. Seu desejo era, acima de tudo, defender a bela cidade dos magos, e amargura era o que sentia, acima de tudo, ao saber que Arthas, seu Arthas, representava uma ameaça a Dalaran. Mas Antônidas a proibiu de permanecer. "Você tem outras obrigações", disse. "Mantenha seguros aqueles que você jurou proteger, Jaina Proudmore. Um a mais aqui, um a menos ali... Não fará diferença."

Jaina não tinha dúvida de que ela e Kalec poderiam fazer a diferença na Guardanorte, se chegassem a tempo. Mas, mesmo que conseguissem, do que adiantaria? Cada minuto contava agora. Eles ainda não sabiam quem estava com o artefato amaldiçoado, ou quais eram seus planos. Assim, do mesmo modo que deixar Antônidas para morrer e Dalaran à mercê dos inimigos tinha sido a coisa certa a fazer, por mais doloroso que fosse, ela precisava acreditar que ficar e ajudar a encontrar a íris era a coisa certa a fazer agora.

Os olhos azuis começaram a marejar de novo, mesmo depois de tanto tempo. A senhora da cidade dos magos esticou o braço e apertou a mão de Kinndy.

— Parte de se tornar uma maga, e lidar com toda a responsabilidade, é aprender a fazer escolhas difíceis. Eu entendo como se sente, Kinndy, mas estamos onde devemos estar.

A gnomida concordou com a cabeça. Ela estava cansada, todos estavam. Seu cabelo rosa encontrava-se completamente desarrumado, e havia marcas debaixo de seus grandes olhos; Tervosh parecia uma década mais velho; até os lábios de Kalec estavam comprimidos numa linha fina; Jaina nem quis saber como estava a aparência dela. Por isso, evitava espelhos.

A grã-senhora franziu a testa enquanto examinava mais um pergaminho. Então, subitamente, ela o atirou na mesa e olhou para todos.

— Kinndy está certa sobre não existir registro de um feitiço que possa fazer o que está sendo feito. Mas obviamente alguém descobriu como fazê-lo, pois é o que alguém está fazendo: escondendo um artefato de Kalecgos. E eu simplesmente me recuso a acreditar que isso seja tudo que nós podemos fazer! — Sua mão desceu pesadamente sobre a mesa várias vezes enquanto falava, e todos a observaram, chocados. Jaina jamais explodira daquela maneira. — Se soubermos que feitiço está em ação, ou, pelo menos, descobrir de que escola é, talvez possamos pensar numa forma de revertê-lo — finalizou.

— Mas... — disse Kinndy, e mordeu o lábio quando Jaina lançou um olhar cortante.

— Sem mas. Sem desculpas.

Ninguém sabia o que responder. Kalec a observava com curiosidade, leves rugas de expressão se formando nos cantos da boca. Mais uma vez, Jaina procurou ficar calma.

— Desculpem-me por ter gritado. Mas com certeza, e eu estou certa disso, podemos encontrar uma maneira de revertê-lo.

Kinndy levantou-se e serviu chá para todos, enquanto os outros permaneciam sentados. Por fim, Kalec disse hesitante:

— Vamos todos aceitar o fato de que não há feitiço conhecido tão poderoso que seja capaz de ocultar um objeto de um mago experiente como eu. Especialmente considerando a minha relação especial com a íris Focalizadora.

Jaina levou a xícara à boca, permitindo que o cheiro e o gosto familiares a acalmassem, e fez sinal para que ele prosseguisse.

— Então, a conclusão lógica é de que há um mago por aí com envergadura intelectual suficiente para criar tal feitiço, ou... não é o que está acontecendo.

— Como assim "não é o que está acontecendo"? — A voz de Kinndy ficava mais estridente com a ansiedade. — É exatamente isso que está acontecendo!

Jaina levantou a mão. Ela tremia um pouco... com a esperança renovada.

— Esperem aí — conclamou. — Kalec — acho que sei onde você quer chegar.

Ele sorriu feliz, radiante.

— E claro que você saberia.

— Na verdade, ela não está escondida — observou Jaina, encorajada pela reação do meio-elfo. Ela repassava o raciocínio passo a passo enquanto falava, levantando-se e dando voltas pela sala. — Só achamos que está porque não conseguimos encontrá-la.

— E não conseguimos encontrá-la porque não é o que estamos procurando — completou o meio-elfo.

— Exato!

— Alguém pode por favor ajudar os mortais aqui a entender? — interrompeu Tervosh secamente. Sua cadeira estava inclinada para trás, com as duas pernas da frente no ar. — Não faço a mínima ideia do que vocês estão falando.

Jaina girou nos calcanhares e ficou de frente para ele.

— Onde você estava na última Noturnália? — interrogou.

A grã-senhora de Theramore teve que lutar contra um aperto que sentiu no peito ao se lembrar de uma Noturnália em especial. A convite de Arthas, tinha viajado até Lordaeron para a tradicional queima do homem de palha. A effígie era supostamente uma metáfora para as coisas ruins que atrasavam a vida de todos reunidos ali; queimar a figura era livrar-se de todas elas. Jaina acendeu a palha com

um feitiço, deixando os observadores extasiados. Mais tarde, naquela noite, ela sentiu que um tipo de magia a conectava a Arthas, um feitiço só deles. A luz das chamas do homem de palha, Jaina havia tomado a mão do príncipe e o levado para a cama onde se amariam pela primeira vez.

— O quê? — Tervosh lançou um olhar como se ela tivesse ficado completamente louca. Jaina conduziu com firmeza os pensamentos de volta para o presente, e para o problema que juntos estavam em vias de resolver.

— No que você se transformou para participar das celebrações? — Jaina perguntou ao outro mago.

Tervosh apertou os olhos quando o esclarecimento chegou à sua mente. O arquimago inclinou-se para frente e as pernas da cadeira bateram violentamente no assoalho.

— Aquele feitiçozinho da varinha vagabunda me transformou em pirata — respondeu.

— Estou tentando detectar algo magicamente, mas o que estou procurando se manifesta como outra coisa. O tal feitiçozinho oferece disfarce suficiente apenas para que eu não possa rastrear a íris Focalizadora — concluiu Kalec. Seus olhos perderam-se por um instante, enquanto maquinava, e um sorriso se abriu lentamente. — Ou... não podia!

— Agora você pode! — acrescentou Kinndy animada. Ele concordou com a cabeça.

— Sim! E não. Vai e vem.

— Porque quem lançou o feitiço sobre a coisa sabe que precisa renová-lo de tempos em tempos, pois o efeito se dissipa — explicou Jaina.

— Exatamente! — Kalec, que agora também estava de pé, diminuiu sua distância para Jaina com três longas passadas. A maga pensou que ele a abraçaria, mas o meio-elfo apenas tomou as mãos dela, apertando-as entre as dele; mãos fortes, calorosas, confortantes.

— Jaina, você é brilhante — afirmou, fitando-a nos olhos.

Ela sentiu o rosto corar.

— Eu só concluí sua ideia. — respondeu, meio embaraçada.

— Tudo o que eu tinha era uma ideia geral. Você percebeu exatamente o que aconteceu, e como ver através da ilusão. Devo ir, agora que sei onde encontrá-la. — Kalec hesitou. — Sei que a Guardanorte a preocupa, mas, por favor, fique aqui. Agora poderei rastrear a íris Focalizadora, mas ainda não a recuperei. Talvez precise de seu auxílio.

Jaina pensou com sofrimento sobre o que poderia estar acontecendo — ou já teria acontecido — na Fortaleza da Guardanorte. Ela mordeu o lábio por um segundo e assentiu com um movimento da cabeça.

— Eu ficarei.

— Obrigado. Sei como deve ser difícil.

— Boa sorte, Kalec — desejou Tervosh.

— Espero que a encontre rapidinho — acrescentou Kinndy.

— Obrigado. Com certeza tenho mais chance agora. Todos vocês foram de grande ajuda. Espero ter boas notícias em muito breve.

Ao se afastar, Jaina o seguiu. Os dois desceram as escadas em caracol até o térreo, e o silêncio não era desconfortável. Kalec saiu para a área externa e, banhado pela luz do sol, virou-se para Jaina mais uma vez.

— Você a encontrará — reafirmou Jaina. Kalec sorriu gentilmente:

— Quando você diz com tanta confiança, eu acredito — respondeu.

— Tenha cuidado. — E ao dizer isso, a maga sentiu-se tola. Ele era um dragão, e pior ainda, um antigo Aspecto. O que nesse continente inteiro poderia ameaçar um dragão? Então, ela se lembrou dos dragões que foram mortos quando a íris Focalizadora foi capturada, e suas preocupações não pareceram mais tão vazias.

— Eu terei — respondeu Kalec, e completou com um sorriso. — E voltarei para mais um ou dois desses biscoitos deliciosos que servem com o chá por aqui.

Jaina riu. Ele permaneceu imóvel, encarando-a — ela não sabia o porquê —, e então se curvou e se afastou.

Kalec se transformou tão rápido que Jaina se engasgou. Onde um segundo atrás tinha estado um belo meio-elfo, subitamente havia um imenso dragão azul, não menos belo, a seu modo, mas poderoso e assustador. Chamá-lo de "azul" seria um insulto à vasta paleta com a qual ele havia sido colorido. Lazúli, cobalto, cerúleo, até o azul clarinho do gelo — Kalecgos, o dragão, tinha todas. Suas poderosas asas flexionaram-se; ele sem dúvida apreciava a sensação, depois de tanto tempo na forma de meio-elfo. Belo, mortal, perigoso, glorioso. O dragão era tudo isso, e Jaina, ao lembrar-se de quão agudas tinham sido as palavras que dirigira a ele, empalideceu.

Apesar dos poderes aparentemente ilimitados, ele não era capaz de ler seus pensamentos, mas talvez nem fosse necessário. Kalecgos girou a cauda adornada com espigões que mais pareciam sinelos, virou sua imensa cabeça recoberta e chifres, o pescoço sinuoso, e cruzou o olhar com o de Jaina.

Uma piscadinha.

Ele era Kalecgos, o poderoso dragão, o antigo Aspecto. E também Kalecgos, o bem-humorado, perspicaz amigo que tinha ensinado a ela a verdadeira beleza e magnificência inerentes à magia.

As alarmadas reservas que Jaina já tivera em relação a ele pouco a pouco se dissolveram, flocos de neve ao sol, e a maga sentiu o corpo livrar-se da tensão como se estivesse se despindo de um manto pesadíssimo. Ela respondeu com um sorriso e acenou. A pesada cabeça do dragão balançou afirmativamente e virou-se para a imensidão do céu. As patas enormes moveram-se como as de um gato quando se preparou para o salto.

Então, Kalecgos estava no ar, as imensas asas criando uma brisa suave com as batidas. O dragão ganhou altitude rápida e decididamente. Jaina protegeu os olhos com a mão, para vê-lo subir, subir, tornar-se um ponto no céu e, por fim, desaparecer.

A jovem ficou parada por alguns instantes, virou-se e entrou na construção de pedra, perguntando-se de onde vinha o vazio que estranhamente sentia.

Fantasia de Noturnália, quem diria?

Kalecos bufou enquanto voava, tentando sem sucesso não se repreender pela incapacidade de solucionar um mistério tão simples. Mas a similaridade de efeitos que alertara Jaina para a natureza do feitiço veio de uma experiência numa celebração que não fazia parte da sua cultura. A Noturnália não era um festival de dragões, e as grandiosas criaturas não eram afeitas a usar fantasias. Bem, exceto por suas formas bípedes, claro, mas elas eram meramente outras manifestações deles mesmos. Não eram para enganar ou divertir.

Ou será que — ? Bem, no fim das contas, alguns dragões usavam sim a mudança na aparência para caminhar entre as raças jovens despercebidos. Então, era possível dizer, talvez injustamente, que se tratava de enganação. Mas Kalecos nunca se sentiu disfarçado na forma de Kalec. Aquele era ele. Simplesmente com uma aparência diferente.

Era tudo muito confuso, essa propensão das raças jovens para o uso da magia de forma rasa e trivial. Foi preciso que Jaina, conhecedora de ambos os aspectos do arcano, ligasse os pontos. Era outro exemplo de como, neste mundo que havia impedido a Hora do Crepúsculo, os dragões precisavam dar atenção ao que antes desprezavam como mera frivolidade.

Agora que sabia o que estava acontecendo, como dissera a Jaina, era possível sentir a íris Focalizadora ao se concentrar no rastro mágico do que ela realmente era, em vez do que os ladrões queriam que fosse; na verdadeira essência arcana do artefato, não na "fantasia" que usava. Ainda assim, Kalecos não a sentia tão claramente quanto antes do roubo. Mas ela estava lá, e seu rastro era como o de um perfume, claro na mente dele. Houve momentos, longos momentos, em que o artefato pareceu desaparecer de novo. Nessas horas, Kalecos teve que evocar a calma e a sabedoria de sua raça e voar a esmo, confiando que a íris Focalizadora surgiria novamente, graças à compreensão recentemente adquirida.

Um ponto que o confundia e o preocupava era a velocidade com que o objeto amaldiçoado se locomovia. Ele parecia voar a velocidades que sabia que nenhuma das raças jovens poderia alcançar. Como era possível? Quem teria habilidade para isso? Se descobrisse, o mistério estaria resolvido.

Sedutor e desolador, um pensamento cruzou sua mente: teria sido mais fácil encontrar a íris Focalizadora se ainda fosse um Aspecto?

O dragão balançou a cabeça, irritado. Aquela era uma estrada perigosa, que só poderia terminar em desespero. Não havia espaço para a imensa e minúscula palavra "se". Aquilo seria o canto da sereia para uma queda devastadora, disfarçada de desejo. O que se foi, se foi, e ele precisaria de toda a sabedoria e clareza de pensamento que pudesse reunir para impedir que um desastre acontecesse.

Jaina descobriu, com alguma surpresa, que sentia falta de Kalec. Ele nunca menosprezava a gravidade da situação em que se encontravam, afinal carregava o fardo de encontrar a íris Focalizadora, que pertencia à sua revoada, mas ainda assim conduzia com certa leveza uma missão sombria e aterradora. Sua mente era veloz e perspicaz, seus modos gentis e suaves, e que percepção fantástica. Ele parecia saber exatamente quando sugerir uma pausa ou quando dar força para continuarem, um novo lugar onde procurar, uma nova perspectiva que incentivava os quatro a seguir em frente, apesar de todas as dificuldades.

E ela precisava admitir que, na forma de meio-elfo, ele não era nada mau de se olhar. Com uma leve surpresa, percebeu que havia muito não se permitia desfrutar de coisas simples, como a companhia de um homem, uma conversa em voz baixa. E fazia ainda mais tempo desde que se sentira... bem... segura o suficiente para trabalhar tão aberta e completamente com um parceiro. Jaina aprendera da pior maneira que parte de ser diplomata era nunca deixar a guarda totalmente baixa, nem mostrar quais eram suas cartas. Fazer isso seria se expor, tornar-se vulnerável. Claro que uma diplomata pode ser honesta, fazer coisas com o coração para o bem de todos, mas nunca ficar vulnerável.

A vulnerabilidade era o equivalente a perder tudo. Jaina pensou uma vez que tinha perdido tudo, quando Arthas atirou-se na escuridão. Ela achava que não, mas tinha sido protegida, por ser diplomata e por ser quem era.

A jovem percebeu, então, que estava ficando vulnerável a Kalecgos. Ele parecia arrancar isso dela sem que ela sequer percebesse. Que estranho, pensou, a situação inusitada desenhando um sorriso em seus lábios, que me sinta segura com um dragão. Ela tinha se sentido segura com Go'el também — um orc, pelo amor da Luz, o Chefe Guerreiro da Horda —, mas nunca tinha se permitido ser verdadeiramente vulnerável.

Ainda que todos estivessem certos de que Kalec seria capaz de localizar a íris Focalizadora agora que tinha encontrado uma maneira de identificá-la corretamente, ainda havia trabalho a ser feito, caso a trilha esfriasse. Tervosh investigava feitiços de confinamento de longa distância, e Kinndy tinha retornado a Dalaran para continuar a remexer numa arca de pergaminhos guardada nos fundos da biblioteca.

— Morra de inveja, mestrinha — disse a Jaina quando falaram pelo espelho. — Tem poeira em tudo.

Numa tarefa um tanto menos positiva, e mais brutalmente pragmática, Jaina, Tervosh e Dolorae tentavam encontrar meios, sejam mágicos ou físicos, de evacuar as maiores cidades da Aliança caso os inimigos tentassem um ataque usando a íris Focalizadora. Jaina disse qualquer coisa sobre enviar uma notificação à Horda, mas Dolorae lançou um olhar que cortou o ar em sua direção.

— Minha senhora — disse respeitosamente —, não podemos desconsiderar a possibilidade de que o roubo tenha sido cometido pelos membros da Horda.

— Também não podemos desconsiderar a possibilidade de que tenham sido membros da Aliança — retrucou Jaina. — Ambos os lados conhecem magia, Dolorae. KelThuzad era um membro do Kirin Tor.

Também pode ter sido uma outra raça, completamente diferente. Kalimdor é um continente de dimensões consideráveis.

— Então, vamos criar possibilidades para a Horda também — sugeriu Tervosh, já acostumado a encontrar meios-termos entre as duas. — Não vai machucar ninguém.

— E, se a Horda tiver sido atacada, talvez oferecer auxílio rapidamente possa ajudar a construir confiança — disse a Jaina diplomata. Dolorae fez uma careta, mas não disse nada.

Depois de tanto tempo se sentindo como se lutasse contra o ar, sem ideia do que procurar ou para onde se virar, planejar algo concreto como táticas de evacuação para as maiores cidades de Kalimdor era um alívio. Jaina mudou num instante a mente para o modo lógico, racional, quase automaticamente. Kalec tinha ensinado o que ela já sabia, mas não sabia que sabia: magia é matemática. Havia sempre alguma maneira de as coisas se encaixarem corretamente, e se não houvesse, bem, você apenas não tinha encontrado ainda.

A tarde escureceu e virou noite. Depois de tantas longas madrugadas e dias curtos, Jaina amou o merecido descanso. Ela se arrastou para a cama logo que o sol se pôs. Kalec encontraria a íris, e os problemas, pelo menos os mais iminentes, estariam resolvidos. A grã-senhora de Theramore enfim dormiu o sono dos justos.

— Minha senhora.

Jaina estava tão desorientada que a voz urgente parecia parte do seu sonho. Ela piscou rápido e abriu os olhos, reconhecendo um corpo esguio com longas orelhas contra a luz.

— Dolorae? — balbuciou.

— Um mensageiro. Nós o interceptamos. — A voz dela transparecia sua incerteza. — Um membro da Horda insiste em vê-la.

Agora Jaina estava totalmente desperta. Ela se arrastou da cama, cobriu-se com um manto e acendeu as luzes com um gesto. Como de costume, Dolorae usava sua armadura.

— Ele afirma ter vindo da Fortaleza da Guardanorte, onde a Aliança sucumbiu perante a Horda.

A respiração de Jaina parou. Talvez devesse ter ido para a Guardanorte depois que Kalecos partiu, e pensar nisso arrancou um suspiro amargo dela.

— Ainda bem que não o mataram assim que ele apareceu.

— Foi ele quem se aproximou dos guardas — respondeu a elfa. — E trouxe isso como prova. Garantiu aos guardas que a senhora reconheceria e falaria com ele. Os guardas pensaram que deveriam ao menos confirmar a história.

Dolorae estendeu um embrulho branco. Jaina o aceitou, percebendo que era pesado. Ela removeu o linho e seus olhos cresceram.

Era uma maçã, um objeto de beleza descomunal, obviamente produzido com uma habilidade que só os anões tinham. A cabeça era prateada, ornada com tiras de ouro que se cruzavam em vários pontos. Pequenas gemas engastadas e runas gravadas por toda a arma aumentavam a sensação de que era única.

Jaina observou a maçã por um instante, depois levantou a cabeça e encarou a elfa à sua frente.

— Tragam-no aqui. — Foi só o que disse.

Instantes depois, o mensageiro da Horda — Jaina já sabia que não se tratava de um espião — foi trazido.

Um corpo volumoso, coberto por uma capa, muito maior do que os guardas. A maga sentiu que, se quisesse, ele poderia ter sobrepujado ambos sem dificuldade, mas, em vez disso, permitira que os levassem aos empurrões até a presença dela.

— Deixem-nos — ordenou Jaina.

— Minha senhora? — questionou um deles. — Deixá-la sozinha com essa... criatura?

Com um olhar ela já tinha respondido, mas fez questão de complementar:

— Ele veio em boa-fé, e será tratado com respeito.

O guarda empalideceu. Os dois se curvaram e saíram, fechando as portas atrás de si.

A imensa figura se endireitou. Uma mão emergiu das sombras da capa para remover o capuz que cobria a cabeça, e Jaina percebeu que olhava o rosto calmo e altivo de um tauren.

— Grã-senhora Jaina Proudmore — saudou, inclinando a cabeça —, meu nome é Perith Casco de Trovão. Venho por ordem do grande chefe. Ele pediu que eu trouxesse essa maçã. Disse que ajudaria a provar que minhas palavras são verdadeiras.

Jaina empunhou a maçã.

— Eu jamais deixaria de reconhecer Quebramedos — respondeu.

Ela se lembrava de quando tinha se sentado com Baine Casco Sangrento e Anduin Wrynn nesta mesma câmara. Tocado pela perda e pelas incertezas de Baine ao assumir o título do pai morto traiçoeiramente, o jovem príncipe de Ventobravo correu aos seus aposentos e voltou com a mesma maçã nas mãos. O rei Magni Barbabronze a havia presenteado a Anduin, e Jaina comoveu-se com a oferta do garoto a Baine: o filho de um rei da Aliança presenteando um grande chefe da Horda com algo belo e precioso. Quando Baine aceitou a oferta, Quebramedos mostrou sua aprovação brilhando suavemente na mão enorme do tauren.

— Ele sabia disso. Senhora Jaina, meu grande chefe sente gratidão e a mais alta estima por você, e foi em nome da lembrança do dia em que recebeu Quebramedos que me enviou com este aviso. A Fortaleza da Guardanorte caiu num ataque da Horda. — Não havia prazer em sua voz, apenas tristeza e pesar. — A dor do grande chefe só aumenta com o fato de a vitória ter sido alcançada com o uso de magia xamânica sombria. Tais ações o ofendem, mas para proteger seu povo, Baine concordou que os taurens continuariam a servir a Horda enquanto precisasse. Ele pediu que eu enfatizasse que a obrigação não o agrada.

Jaina concordou com a cabeça.

— Eu acredito que não. Ainda assim, ele tomou parte em atos de violência contra a Aliança. A Fortaleza da Guardanorte...

— Foi só o começo — interrompeu Perith. — Grito Infernal pretende derrubar mais do que uma fortaleza.

— O quê?

— O objetivo dele é nada menos que conquistar o continente inteiro — afirmou Perith, as palavras soando horríveis e cruéis no instante em que saíam da boca do tranquilo tauren. — Ele logo ordenará que a Horda marche sobre Theramore. E guarde o que digo: eles são muitos. Se o ataque fosse hoje, vocês cairiam.

O tauren não disse aquilo para intimidar. Tinha sido apenas honesto e ido direto ao ponto. A pura realidade. Jaina engoliu seco.

— O grande chefe se lembra da ajuda que recebeu de você, e pediu que eu trouxesse o aviso. Ele não deseja que vocês sejam pegos desprevenidos.

Jaina sentiu-se comovida com a atitude.

— Seu grande chefe — respondeu, o coração cheio —, é um tauren verdadeiramente honrado. Tenho orgulho de ser tida em tão alta estima por ele. Por favor, agradeça a ele pelo aviso. Diga que irá salvar muitas vidas inocentes.

— Ele sente muito por um aviso ser tudo o que pode dar, senhora. E... pediu que a senhora ficasse com Quebramedos, e a devolvesse a quem tão gentilmente o presentou com ela. Baine sente que a maça não lhe pertence mais.

Jaina fez que sim com a cabeça, enquanto lágrimas escorriam velozes pelo rosto. Ela esperava que aquela noite fosse o início da cura, da compreensão, mas não era. Não ainda. Baine estava avisando, de sua maneira suave mas firme, que a amizade entre eles só ia até ali; ele não era, nunca seria, um membro da Aliança. Ele permaneceria e lutaria pela Horda. Era compreensível. Ela sabia como os taurens ficariam vulneráveis se desobedecessem Garrosh, e não queria vê-los sofrer.

— Eu farei com que Quebramedos seja devolvida ao dono — assegurou, exprimindo as poucas e simples palavras de modo que demonstrassem a complexidade do que sentia no coração.

Perith era um bom mensageiro; compreendeu e curvou-se amplamente. Jaina foi até a pequena escrivaninha do outro lado da sala. Assim que encontrou pergaminho, tinta, pena e cera começou a escrever uma pequena nota. Quando terminou, salpicou um pouco de pó, para secar a tinta, dobrou a carta e a selou com cera vermelha e sua marca pessoal. Depois, se levantou e a entregou nas mãos do tauren.

— Isso garantirá passagem segura pelo território da Aliança, se você for pego.

Perith riu gentilmente.

— Eu não serei. Mas obrigado por se preocupar.

— E diga ao nobre grande chefe que não haverá rumores de um andarilho tauren por aqui. Se alguém perguntar, direi que só sei de um batedor da Aliança que conseguiu fugir da batalha. Descanse, e volte com cuidado.

— Que a Mãe Terra sorria para a senhora — declarou Perith, satisfeito. — Entendo ainda melhor meu grande chefe agora que a conheço.

Ela sorriu:

— Um dia, talvez, lutemos do mesmo lado.

— Um dia, talvez. Mas não hoje. Jaina concordou.

— Que a Luz esteja com você, Perith Casco do Trovão.

— E que a Mãe Terra a abençoe.

Ela o assistiu partir, lutando contra um impulso irracional de chamá-lo de volta, de oferecer asilo a ele, a Baine, a todos os taurens. Ela não queria ter que enfrentar Baine no campo de batalha, proferir feitiços que matariam esses seres dóceis e gentis. Mas os taurens eram caçadores, guerreiros, jamais fugiriam ao dever. O grande chefe já tinha feito tudo o que podia — mais do que Jaina jamais esperara. O suficiente para ser acusado de traição.

Ela orou para que o gesto não resultasse em tragédia para Baine. Subitamente enterrou o rosto entre as mãos, reunindo forças. Então, recompondo-se, chamou Dolorae.

— Acorde Tervosh e chame Kinndy de volta. Faça com que me encontrem na biblioteca.

— Posso perguntar o que está havendo?

Jaina lançou um olhar cansado para a guarda-costas, que era também sua amiga e, em meio a um suspiro, soltou:

— Guerra.

10



A íris Focalizadora aparentava ter criado asas, tal era a velocidade com que viajava. Como um mastim, Kalecos passara a maior parte do dia diligentemente seguindo seu rastro. Ela estava a noroeste de Theramore quando ele deixou a ilha, e Kalecos suspeitava que agora estivesse em Mulgore, talvez próxima ao Penhasco do Trovão.

Quando o dragão azul alcançou o Grande Portão, a íris parou por um instante, e, então, começou a se mover para o nordeste, em direção a Orgrimmar. Kalec a seguiu, voando o mais rápido que suas asas permitiam, obstinado em alcançá-la. Mal havia chegado à Encruzilhada e a íris mudou novamente sua trajetória, rumando em direção ao sul.

A compreensão chegou à sua mente, súbita como um raio, e o bater de suas asas vacilou por um instante.

— Você é esperto, inimigo meu — disse suavemente.

Seu adversário não era tolo; ele é que havia sido, e mais de uma vez durante esta jornada. Primeiro, falhou em enxergar através de um feitiço simples. Depois, presumiu arrogantemente que o ladrão que

havia fugido com a íris Focalizadora não contaria com uma perseguição.

Claro que contava. Não se rouba um artefato mágico inestimável de uma revoada dragônica sem que as consequências entrem na equação. O ladrão sabia que a Revoada Dragônica Azul, provavelmente o próprio

Kalecgos, viria em busca da íris Focalizadora; não apenas escondera o objeto, mas agora o transportava de um lado para o outro não se sabe como, num esforço para exaurir o dragão, forçando-o a perseguir algo do qual jamais se aproximaria o bastante.

Se sua memória não o enganava, os humanos referiam-se a uma perseguição tão inútil como "correr atrás do próprio rabo".

Seu temperamento levou a melhor, e ele bufou de raiva. Nem mesmo um dragão conseguiria voar sem parar em algum momento. Não havia esperança de alcançar seu objetivo. Ainda se dava conta disso quando o artefato subitamente virou em direção ao sudoeste.

Kalecgos meneou a cauda e bateu as asas, e, então, se acalmou. Era fato que ele jamais chegaria perto o suficiente da íris Focalizadora para recuperá-la enquanto o ladrão estivesse disposto a continuar com aquela brincadeira.

Mas isso não aconteceria para sempre. Enquanto a íris voasse erraticamente de um lugar a outro, Azeroth estaria a salvo. Ela teria que estar parada para que algum uso pudesse ser feito.

Sua trajetória ao longo das últimas horas, durante as quais fora forçado a parar e descansar, o levou a Silithus, à Cratera Un'Goro, Feralas, Mulgore, Sertões, e agora à Fortaleza da Guardanorte. Ou melhor, ao que restava dela.

A imponente construção antes ostentara torres e muralhas para proteger seus habitantes. Outrora fora uma fortaleza militar cuja função era enviar espiões e armas de cerco, guerreiros e generais. As tropas que destruíram o Acampamento Taurajo ficaram ali guarneçadas. Agora parecia que um gigante havia esmagado o lugar como a um brinquedo. As torres, assim como as muralhas, foram

reduzidas a uma enorme pilha de pedras. Os canhões estavam em silêncio e fumaça soprava de um grande incêndio, subindo em uma fina linha cinzenta e escura; as ruínas de uma outrora orgulhosa Aliança enxameadas por centenas de pequenos vultos.

Horda. Daquela altura, Kalec não conseguia distinguir raças, mas podia identificar as cores básicas de cada estandarte, todas ali representadas. O vento mudou de direção, o odor acre captado por seu nariz lhe provocando uma careta. Os vitoriosos queimavam corpos numa sóbria cerimônia. Se eram os seus próprios ou os dos inimigos, Kalec não podia — e nem queria — saber.

O rastro seguia adiante. Virou novamente, e começou a voltar em direção a Mulgore, mas Kalecgos já não o seguia. Com um forte bater de asas, reposicionou seu corpo e mudou de direção, voando diretamente para o sul.

Ele poderia rastrear a íris Focalizadora de Theramore, e era o que faria. Esperaria até que finalmente parassem, até que os ladrões se cansassem de jogar, para então ir atrás dela. Enquanto isso, retornaria para Jaina Proudmore.

Pelo que havia visto, ela precisaria de toda a ajuda disponível.

— Quantos ele disse que eram? — questionou Dolorae.

Ela, Tervosh, Kinndy e Jaina estavam na biblioteca, mas já não havia livros ou pergaminhos sobre a mesa ao redor do qual passaram tantas horas. Em seu lugar, repousava um grande mapa de Kalimdor, os livros restantes sobre a mesa servindo apenas para mantê-lo aberto.

— Ele não disse — respondeu Jaina. — Não especificamente. Disse apenas que a Horda possui vantagem numérica, e que da forma como estamos agora, certamente sucumbiremos.

— Tem certeza de que dá pra confiar nele? — perguntou Kinndy. — Quer dizer, tipo assim, ele é um membro da Horda. Poderia facilmente ser algum tipo de armadilha. Acabaríamos chamando reforços e protegendo Theramore, para então atacarem Ventobravo ou algo assim.

— Sua mente é muito desconfiada para alguém tão jovem, Kinndy — comentou uma voz.

Jaina girou e o coração dela se acendeu com a visão de Kalec sob a soleira da porta. Seu prazer, no entanto, dissipou-se ligeiramente assim que bateu os olhos no rosto do dragão. Ainda era belo e sorridente, mas estava mais pálido do que ela se lembrava, e havia sulcos em sua testa.

— Você não conseguiu encontrá-la — disse a jovem, quebrando o silêncio.

Kalec sacudiu a cabeça.

— Estão brincando comigo — respondeu. — Sempre que chego perto da íris Focalizadora, ela se move.

— Tentando cansar você — observou Dolorae. — Uma estratégia razoável.

— Razoável ou não, é tão frustrante quanto pechinchar com um goblin. Posso senti-la daqui. Esperarei até que reduza a velocidade e pare. Então, eu a procurarei.

— E seguro esperar? — questionou a elfa. Jaina respondeu por ele:

— Não sabemos o que planejam, mas vincular um artefato tão antigo ao que quer que seja tomará tempo e esforço. Especialmente se não forem dragões azuis e, portanto não possuem nenhum tipo de conexão inata com a íris Focalizadora. Não é possível executar um trabalho tão complexo em movimento. Kalecos está certo. Quando a íris parar de se mover, aí ele poderá rastreá-la.

— Espero que haja tempo — comentou Kinndy.

— Você preferiria que eu ficasse por aí, voando inutilmente?

— Bem, quando você fala assim, não.

O meio-elfo concordou com a cabeça e virou-se para Jaina.

— Voltei por outra razão. Talvez vocês já saibam, mas a Fortaleza da Guardanorte sucumbiu perante a Horda. Vi o que resta dela.

— Já sabemos — respondeu Jaina. — De uma fonte bem confiável. Mas você viu. Também fui informada de que, de lá, a Horda planeja marchar para Theramore.

Kalec empalideceu ainda mais.

— Jaina, você não está preparada para eles.

— Ouvimos que têm força nos números — respondeu a maga —, e sim, neste momento, não estamos preparados para eles. Mas graças ao aviso, tive a chance de pedir ajuda.

— Não sei se será o bastante — disse Kalecos com pesar. — Jaina, todas as raças da Horda estavam lá. Eles arrancaram a Guardanorte da face de Azeroth. As únicas coisas que restaram foram pedras amontoadas e chamas. Eles não se dispersaram. Um exército de tamanho considerável, ainda está reunido. Eu gostaria de poder mostrar o que vi. Se seus pedidos não forem atendidos rapidamente, você não sobreviverá ao ataque.

— E Garrosh destruirá sumariamente o resto das fortalezas da Aliança — observou Tervosh. Kalec concordou, uma expressão sombria no rosto.

Jaina olhou para eles, depois para Dolorae e Kinndy.

— Vocês todos agem como se a Horda já tivesse vencido, e eu não aceitarei isso! — Seus olhos se estreitaram e o queixo se projetou, desafiador. — Claro que acredito em Kalec quando ele diz que nossos inimigos têm um exército na Guardanorte, mas se estão lá agora, então não estão marchando; se não estão marchando, é porque não estão prontos. Isso significa que ainda temos tempo.

Sentindo o olhar curioso de Kalec segui-la, ela foi até a mesa. E continuou:

— Vejam. Aqui está Guardanorte. — E bateu ruidosamente um dedo em riste no mapa. — Aqui, Theramore. — Ela arrastou o mesmo dedo para baixo e para a direita. — Aqui fica Muralha Verde. Há membros da Horda vivendo lá, mas não é um posto militar. Entretanto, Muralha Verde está situada entre nós e o Forte Triunfo. — O Forte Triunfo era uma base militar estabelecida havia relativamente pouco tempo. Se tivessem tido tempo, pensou Jaina, certamente teriam enviado auxílio a Guardanorte. Podia ser tarde demais para a Fortaleza da Guardanorte, mas ela orava para que não fosse tarde para Theramore.

— Faremos os soldados Forte do Triunfo marcharem pelo Pântano Vadeoso. Eles podem evitar Muralha Verde, se tiverem cuidado. Também mandaremos mensageiros ao Comando Avançado.

— Os que tiverem restado — interpelou Kalec. — Quando sobrevoei a área, parecia deserto.

— A maioria deles provavelmente foi ajudar Guardanorte — disse Kinndy em voz baixa.

O que significava que deveriam estar todos mortos, Jaina concluiu com um estremecimento. E balançou a cabeça coberta de fios dourados, tentando apagar fisicamente a imagem que tinha se formado na mente.

— E mais provável que os que conseguiram escapar da batalha tenham se reagrupado no Forte Triunfo do que na Vila Catraca — observou. — E o primeiro lugar que deveríamos revirar atrás de sobreviventes.

Kalec ficou ao seu lado, observando o mapa. Ela o fitava inquisitiva, esperando um comentário. Ele apenas balançou a cabeça suavemente para cima e para baixo e disse:

— Continue.

— Theramore pode ser muito vulnerável ou altamente defensável, dependendo do quão rápido os reforços chegarem. Se agirmos rápido, Ventobravo ainda poderá enviar vários navios, e todas as embarcações da Horda que atacarem, com um pouco de sorte, nem chegarão perto o suficiente para desembarcarem suas tripulações. — Seu dedo desenhou um semicírculo no mapa, ao redor de Theramore.

— Se a Horda chegar ao porto antes — questionou Dolorae desanimada, observando o desenho de Theramore no pergaminho —, não teremos chance.

Jaina virou-se para ela.

— E verdade — retrucou —, talvez fosse melhor simplesmente largar as armas e irmos todos para as docas, para receber a Horda e nos poupar a inconveniência de uma guerra.

As maçãs do rosto cor de violeta da elfa noturna coraram.

— A senhora sabe que não foi isso o que quis dizer.

— Claro que não, mas temos que entrar na batalha pensando... não... sabendo que vamos vencer. Comentários sobre possíveis falhas no meu plano, sugestões e observações são todos bem-vindos — afirmou, dirigindo-se a Kalecos. Dolorae, Kinndy e Tervosh sabiam que Jaina estava sempre aberta a críticas construtivas. — Mas comentários como o seu, Dolorae, só servem para nos arrastar para o fosso. Theramore conseguiu se defender no passado. Conseguiremos de novo.

— A quem você enviou cartas até agora? — questionou Kalec. Jaina abriu um sorriso tímido.

— Cartas? Nenhuma. Nem me teleportei. Tenho um canal direto com o rei Varian, com o jovem Anduin, e com o Conselho dos Três Martelos.

— Isso deve ser interessante. Pelo que soube, os três anões tendem a não concordar em muitas coisas.

Não muito tempo atrás, o líder de Altaforja era Magni Barbabronze. Tentando compreender melhor a inquietação da terra logo antes do Cataclismo, Magni executou um ritual que o tornaria "um só com a terra". Deu mais ou menos certo: o rei transformou-se em diamante, realmente tornando-se parte da terra. Depois de um curto período de caos, durante o qual Moira, filha de Magni, tentou reivindicar o trono de Altaforja e reinar ao lado dos anões Ferro Negro, a ordem foi restaurada quando, em vez de um único governante, os anões criaram um conselho. Agora, cada clã, os Barbabronze, os Martelo Feroz e os Ferro Negro, teria seu próprio representante. O corpo de governantes foi nomeado Conselho dos Três Martelos, e, ao mesmo tempo em que trabalhavam juntos, obter unanimidade entre seus membros era um desafio, qualquer que fosse o assunto.

— Eu diria que ninguém apoia a ideia da Horda governando Kalimdor — disse Jaina. — Imagino que eles possam discordar nos detalhes, mas os três concordarão quanto a isso.

Kalecos subitamente inquietou-se. Jaina pensou saber a razão, e pousou suavemente a mão sobre um de seus braços:

— Você é um dragão, Kalecos. Não precisa se envolver nisso. Especialmente por ser um antigo Aspecto suficientemente preocupado em encontrar um artefato roubado.

Kalec sorriu com gratidão.

— Obrigado por compreender, Jaina. Mas... gostaria de poder garantir que nenhum de vocês se machucará.

— A mestra Jaina sabe o que faz — intrometeu-se Kinndy. — A Aliança vai proteger a gente.

Kalec balançou a cabeça.

— Isso é mais do que uma rixa sem importância, ou um raide numa pequena aldeia. Se a Horda obtiver sucesso, Garrosh poderia muito bem controlar Kalimdor inteiro. Eu preciso... refletir antes de poder oferecer minha ajuda. Sinto muito, Jaina.

Seus olhos encararam os dela, e ela compreendia perfeitamente o quanto aquilo o atormentava. As mãos de ambos, aparentemente por vontade própria, encontraram-se e entrelaçaram-se. Jaina relutou em soltar, mas agora só tinha tempo para a defesa de Theramore.

— Precisamos tomar uma atitude imediatamente — declarou. — Vou entrar em contato com Varian. Dolorae, organize as tropas de Theramore e as que estiverem patrulhando as estradas. Se o Pontal de Vigília estiver desfalcado de um único cavalo que seja, substitua-o. Eles precisarão de velocidade para nos dar o aviso caso a Horda se aproxime.

A elfa noturna concordou com a cabeça, acenou uma saudação e saiu em disparada.

— E os civis? — Kinndy também queria ajudar. — Será que deveríamos contar a eles?

Jaina pensou, franziu a testa, e respondeu:

— Sim — decidiu, finalmente. — Theramore antes era uma cidade militar. Os que escolheram vir para cá sabiam de sua importância

estratégica; apenas tivemos sorte durante todo esse tempo. Eles entenderão e obedecerão as ordens.

Finalmente, a maga virou-se para Tervosh e disse:

— Você e Kinndy irão de porta em porta, avisando os civis. Nenhum navio sai do porto. Precisaremos de todas as embarcações que pudermos conseguir. Os civis que desejarem partir são livres, mesmo que eu ache que ficariam mais seguros aqui do que no pântano, com a Horda a caminho. Os portões ficarão abertos até o pôr do sol, quando serão fechados, e assim permanecerão até que a ameaça tenha terminado. Também estou determinando um toque de recolher a partir de duas badaladas após o pôr do sol.

— Por que não ao pôr do sol? — questionou Kalec.

— Estamos falando de pessoas. Elas precisam se sentir como pessoas, não como animais enjaulados. Duas horas depois do pôr do sol dará tempo para que todos tenham chance de desfrutar de um jantar com suas famílias na estalagem, ou tomar um drinque ou dois com amigos em volta da lareira. Essas pequenas coisas os lembrarão, quando a guerra começar, da razão de estarem lutando. Não é por um ideal ou por sobrevivência, mas por seus lares, suas famílias, suas vidas e histórias inteiras.

Kalecgos pareceu surpreso.

— Isso... não havia me ocorrido.

— E em duas horas nenhum malandro vai se meter em encrenca — disse Kinndy. — Boa ideia.

Jaina a observou com alguma surpresa, perguntando-se onde a gnomida tinha aprendido a falar daquele jeito.

— Obrigada, ó escolada das questões do mundo — brincou Jaina, sorrindo, enquanto a gnomida revirava os olhos, não achando graça na piada. — Alguma pergunta?

— Não — respondeu Kinndy. — Vamos, Tervosh. Vou lá no porto, você fala com os soldados na Cidadela do Esteio. Enquanto estiver por lá, aproveite e anote os suprimentos que o Dr. Casagrande precisará

para cuidar dos feridos. Tenho certeza de que muitos civis com treinamento em primeiros socorros ficarão felizes em ajudar.

Tervosh suprimiu uma risada, ainda pensando na piada de Jaina.

— Sim, chefinha — respondeu o mago, enquanto Kinndy, já de costas, acenava para Jaina e Kalec e começava a descer as escadas animadamente. Tervosh a seguiu encolhendo os ombros.

— Sua pupila é muito segura de si — observou Kalecgos.

— Uma qualidade que espero que não perca nunca — respondeu Jaina. — Poucas coisas são mais perigosas do que uma maga insegura. Indecisão num momento crucial pode custar vidas.

O meio-elfo anuiu:

— Você está coberta de razão. Agora... como eu posso ajudar?

— Você saberá. Antes preciso falar com o rei Varian. — E acrescentou embaraçada: — Mas não sei se ele ficará feliz se souber que tem um dragão azul aqui.

— Ah, sim, compreendo perfeitamente. Estarei em meus aposentos, aguardando seu chamado.

— Não, pode vir — respondeu Jaina, puxando-o pela mão. — Só não fique na frente do espelho.

Os olhos azuis dele cruzaram desconcertados os dela, e ela sorriu.

Kalecgos saiu da biblioteca, que abrigava centenas de livros, logo atrás de Jaina em direção ao estúdio da maga, que abrigava não mais que umas poucas dezenas. Jaina aproximou-se de uma prateleira e tocou três livros no que pareceu uma ordem bastante precisa para Kalec. Não foi nenhuma surpresa quando a estante deslizou e revelou um espelho, oval e com uma moldura simples, escondido atrás dos livros. O meio-elfo piscou. No espelho, viu o próprio reflexo ao lado do de Jaina.

— Você de fato mencionou um espelho. Suponho que não seja para me mostrar discretamente o quanto estou mal barbeado — brincou.

— Mais do que isso — respondeu Jaina. — Ele funciona baseado no mesmo método, na mesma matemática — disse ela, curvando-se

suavemente — que um portal. Mas é muito mais simples e básico. Portais, na verdade, têm que ser capazes de transportar alguém fisicamente para outro lugar. O espelho apenas permite a visão de um lugar diferente e, com o timing certo, de outras pessoas. E com ele que contatarei Varian. Vamos torcer para que ele esteja por perto, senão teremos que tentar mais tarde.

Kalec meneou a cabeça, mais uma vez maravilhado com a trivialidade das raças jovens e suas mágicas:

— Já conhecia esse tipo de feitiço. Antigo, e muito simples. Como o feitiço da "fantasia" que o ladrão usou para ocultar a íris Focalizadora de mim.

— Mas sua revoada não usa esse tipo de coisa, não é?

— A maioria pensaria que está abaixo deles usar uma variedade de feitiço tão baixa quanto esta — comentou, acrescentando logo em seguida —, mas eu acho brilhante.

— Estou tentando não me sentir insultada — disse Jaina. Suas palavras soaram leves, mas sua testa franziu-se outra vez.

— Faltam-me delicadeza e destreza. — Kalec segurou as mãos dela — Eu realmente acho que é brilhante. Nós, dragões... — Ele lutava para pôr em palavras a mentalidade das revoadas dragônicas, especialmente da azul. — Dragões tendem a pensar que quanto mais complicado algo é, quanto mais demorar para ser feito, quanto mais ingredientes tiver, quanto mais pessoas queiram fazer parte, tanto melhor. E isso serve para roupas, refeições, magia, arte... Tudo. Eles preferem passar dias projetando um laborioso feitiço para teleportar algo direto para as próprias mãos do que simplesmente se levantar para pegar o saleiro.

Aquilo arrancou um sorriso dela, o que deixou Kalec contente.

— Então, você gosta do fato de que eu sou simples e descomplicada? — disparou Jaina.

O humor e a leveza o abandonaram.

— Eu gosto de você. — Foi tudo o que ele conseguiu dizer. — Eu a vi ser simples e a vi ser complexa, e tudo se encaixa. Você é Jaina. A

pessoa de quem eu gosto.

Ela não soltou a mão dele. Em vez disso, olhou para os dedos entrelaçados.

— Isso é uma grande coisa, vindo de um dragão.

Uma das mãos dele subiu até o rosto dela e o ergueu suavemente pelo queixo, até que seus olhos se cruzassem.

— Você fez por merecer.

Sentindo as bochechas enrubescerem, deu um passo atrás, soltando suas mãos e ajustando desnecessariamente suas vestes.

— Ora, obrigada. Agora, por favor, fique ali no cantinho. Varian não pode ver você.

— Eu obedeço, minha senhora — respondeu o meio-elfo, que, antes de se retirar para o canto indicado, curvou-se amplamente.

Jaina virou-se para o espelho, removendo uma mecha de cabelos que lhe caía sobre o rosto e, respirando profunda e lentamente, tentou acalmar a respiração. Recomposta, murmurou um encantamento e gesticulou com as mãos. Kalec viu quando o rosto da maga ficou iluminado não pelo sol ou pelas lamparinas no ambiente, mas por uma suave luz azul.

— Jaina! — A voz de Varian surgiu, potente. — E bom ver você.

— Você também, Varian. Gostaria que o motivo deste contato fosse apenas saber como vão os estudos de Anduin.

— Mas não é isso, aparentemente. O que está havendo?

Jaina o informou curtamente sobre a situação. O rei de Ventobravo ainda não ouvira nada sobre a queda da Fortaleza da Guardanorte, e permaneceu em silêncio enquanto Jaina falava, interrompendo apenas ocasionalmente, em busca de algum detalhe que tivesse perdido. Ela contou sobre o aviso que recebera de que, depois da Guardanorte, a Horda ainda tinha condições e se preparava para ir muito mais longe.

— Garrosh não se contentará com nada menos que Kalimdor inteiro — concluiu Jaina em voz baixa. — Ele tomará Theramore e, depois, espalhará suas tropas pelo continente, até Teldrassil.

— Se Theramore cair, ele poderá muito bem conseguir — rosnou Varian. — Maldição, Jaina, eu sempre disse que essa Horda da qual você é tão amiga iria morder feito uma fera raivosa mal domada!

Uma das sobancelhas de Kalec subiu, mas Jaina continuou calma.

— Para mim é óbvio que é Garrosh quem está por trás disso. A Horda jamais faria algo assim sob a liderança de Thrall.

— Mas Thrall não lidera a Horda agora; Theramore, ou Kalimdor inteiro, podem acabar pagando o preço!

Ela não mordeu a isca.

— Então, está claro que você compreende a gravidade da situação. Um suspiro do outro lado.

— Sim — respondeu o rei. — E como resposta à sua pergunta não feita, sim, Ventobravo apoiará Theramore. Enviarei a frota naval da 7ª Legião imediatamente. — Uma pausa. — E, como as coisas estão calmas em pelo menos algumas partes deste mundo, enviarei também alguns dos meus melhores generais, para que se reportem a você. Eles podem ajudar na defesa da cidade, e juntos vocês poderão elaborar uma estratégia para mandar os cães da Horda para casa com o rabo entre as pernas.

Ela sorriu agradecida.

— Obrigada, Varian.

— Não agradeça ainda — interpelou o rei de Ventobravo. — Isso levará alguns dias. Você precisará de uma força de bom tamanho para enfrentar a Horda, e alguns dos generais que pretendo deslocar para Theramore estão alocados em lugares bem distantes.

O coração de Kalec ficou dolorido. A Horda estava a apenas um dia de marcha, talvez dois, e suas forças já estavam reunidas na Guardanorte. O plano de Varian era ótimo, mas nem todos os generais e navios do rei salvariam Theramore se chegassem tarde demais. Ele desejava poder falar, mas teve que se contentar em fechar os punhos com força. Pior ainda que seus próprios temores era ver Jaina preocupada, desalentada.

— Tem certeza? Varian, Ka... Um dos meus batedores disse ter visto a Horda reunida em massa na Guardanorte.

— Se ainda estão reunidos e não marchando — observou Varian —, obviamente não estão interessados numa conquista rápida. Eles têm seus próprios planos. Farei com que meus homens se movam o mais rápido que puderem, e os encorajarei a serem mais velozes ainda, Jaina, mas nada pode mudar o fato de que reunir uma frota que faça a diferença leva tempo. Sinto muito. E o melhor que posso fazer.

Jaina concordou com a cabeça.

— Eu sei disso, Varian. E você fez uma observação importante. Entrarei em contato com os outros líderes da Aliança também. Os kaldorei talvez possam mandar guerreiros e navios; os anões, guerreiros e, quem sabe, grifos. Talvez até os draeneis ajudem.

— Eu falarei com Greymane. Alguns worgens no campo de batalha incutirão medo até nos corações dos membros mais bestiais da Horda.

— Obrigada — respondeu Jaina. — As vezes, é fácil se sentir isolada nesta ilha.

— Não se sinta — retrucou Varian, mas agora com uma voz suave e gentil. — Fale comigo de novo em algumas horas, e trocaremos informações. Tome cuidado, Jaina. Nós triunfaremos.

— Sei que sim — respondeu Jaina.

Quando a suave luz azul do espelho mágico morreu e o rosto dela voltou às cores que tinha normalmente, Kalecgos decidiu que acontecesse o que acontecesse, faria tudo o que pudesse para que a fé de Jaina fosse justificada.

11



Quatro dias. O imenso exército da Horda já esperava havia quatro dias pela ordem de marchar contra Theramore. Garrosh tinha se isolado na tenda campal do chefe guerreiro e não aceitara qualquer solicitação de audiência.

Por mais leal que a Horda sempre tenha sido ao chefe guerreiro, a paciência nunca foi um traço recorrente entre seus membros. Houve reclamações sussurradas, questionamentos feitos à boca miúda. Baine, que tinha reclamações e questionamentos aos montes, mantinha as afiadas orelhas abertas para o burburinho, e falou secretamente com aqueles que, como ele, estavam preocupados com o inexplicável atraso.

O grande chefe e Hamuul Runa Totem marcaram um encontro longe das ruínas, perto de uma enorme árvore que tinha ficado do lado direito da Grande Divisória, depois que a terra arfou e revolveu-se durante o Cataclismo, e foram os primeiros a chegar. O resto chegou um a um: o capitão Eustáquio Fragoso e alguns Renegados; Kelantir Laminassangue; o capitão Zixx Moelengrena, comandante de um zepelim, e seu primeiro imediato Blar Xyzzik; Margolag, representante de Eitrigg; além de alguns outros poucos taurens. Os últimos a chegar

foram Vol'jin e dois de seu próprio povo. A presença do amigo enchia o coração de Baine de alegria e, ao mesmo tempo, de preocupação.

Por um instante, todos ficaram de pé observando Baine. O chefe guerreiro os fitava um a um.

— Ninguém aqui está traindo a Horda — proclamou com sua profunda voz de trovão. — E possível ser leal e, ao mesmo tempo, questionar a sabedoria de um determinado comportamento. Todos nós presentes aqui esta noite sabemos muito bem que a traição está nos olhos de quem vê, e que Malkorok nos vê com olhos nada lisonjeiros.

Silêncio, exceto pelo estalo das folhas remexidas pelos pés dos presentes, que alternavam o peso do corpo entre um e outro. Baine prosseguiu:

— Foi por amor à Horda que pedi que viessem. Agora, antes que qualquer um possa ser acusado de traição, convido os que não quiserem ficar a se retirar. Não haverá reprovação ou represália pela desistência. Mas, se escolherem esse caminho, assim como esqueceremos seu envolvimento até aqui se formos capturados e interrogados, peço que esqueçam o nosso. Partam livremente, e que a paz os acompanhe.

Um tauren, um grande vulto na escuridão do lado oposto da fogueira, virou-se e partiu. Um ou dois mortos-vivos o seguiram. O resto permaneceu.

— Há coragem aqui — exclamou Baine, indicando que sentassem.

— Se borrando de medo, é isso que a gente tá — soltou o primeiro imediato de Zixx. — Alguém trouxe alguma coisa pra molhar a garganta?

Sem dizer nada, um troll estendeu um odre de vinho, e o goblin deu um gole grande.

— Blar diz a verdade, ainda que de maneira absolutamente inapropriada — disse Kelantir. — Ouvimos relatos do que acontece aos que se opõem a Garrosh. Thrall teria pelo menos nos escutado! E jamais nos levaria por essa estrada. A Aliança irá...

— Paz, amiga — interrompeu Baine erguendo uma das mãos. — Você tem razão. No entanto, Thrall não é mais nosso chefe guerreiro. Garrosh Grito Infernal é. Nosso propósito esta noite não é iniciar uma insurreição, mas discutir o que foi feito até agora e a sabedoria, ou a falta dela, nas decisões que foram tomadas. — O grande chefe fez um gesto e Hamuul estendeu-lhe um ramo com penas, contas e lascas de osso presas. — Este é o galho da palavra. Somente quem estiver com ele poderá falar. — O tauren ergueu o galho. — Quem deseja começar?

— Eu, grande chefe Casco Sangrento. — A voz era de Eustáquio Fragoso. Baine inclinou a cabeça e passou o galho adiante, de mão em mão até o líder das forças Renegadas a serviço de Garrosh.

— Eu sirvo à Horda, mas a Horda não serve a mim ou à minha rainha. Nós dois já fomos vivos; eu mesmo já habitei Ventobravo, que virá com tudo atrás de nós a qualquer momento. A Aliança certamente já sabe o que aconteceu, e acho que a Grã-senhora Jaina Proudmore é uma líder muito sábia para não intuir que Theramore seria a próxima na lista.

Sua suposição era mais verdadeira do que ele poderia imaginar. Baine nem mudou a expressão; apenas ouvia.

— Mesmo sabendo de tudo isso, a grande dama Sylvana concordou em enviar auxílio à empreitada. E para quê? Estamos acampados! A Horda tem comida, suprimentos, e aqueles entre vocês que ainda têm sangue correndo nas veias, têm o calor da batalha ardendo no coração. O que ele está esperando? Cada dia que passa, as tropas ficam mais e mais incertas. Isso não é sabedoria. Isso é... — o maxilar solto batia ruidosamente, estalando enquanto procurava pela palavra — irresponsabilidade.

Laminassangue estendeu a mão para pegar o galho da palavra.

— Concordo com o capitão Fragoso. As terras dele e as nossas estarão vulneráveis caso os humanos decidam retaliar naquele continente, em vez de mandar navios a Theramore. Quanto mais veloz o ataque, mais rápido o triunfo. Não entendo a demora de Garrosh. Mais tempo beneficia o inimigo, e isso nos ameaça.

— E! Não sei por quê... — começou o primeiro imediato goblin.

— Amigo, o galho. — interrompeu Baine. Blar ficou um pouco envergonhado. Limpou a garganta e começou de novo, levantando o ramo adornado com as duas mãos:

— O que eu ia dizer é que nem sei por que ele fez isso, pra começo de conversa. O príncipe mercador Gallywix pode até estar sonhando com ouro saindo pelo ladrão, mas só vejo goblins virando bucha de canhão por uma merreca.

Vol'jin fez um gesto e pegou o galho:

— Obrigado, irmãozinho verde. Cês sabem que troll é orgulhoso, povo das antigas, sabe como é. A gente juntou com a Horda porque o Senjin tinha uma ideia de que o Thrall ia dar uma força. Levar a galera pra pegar uma onda do bem. E ele ajudou mesmo. O cara era um líder casca grossa. Mas agora ele já era, e o Garrosh chegou junto. O Thrall sacava altas paradas de elementos, de espíritos... Mas e Garrosh? Aquela parada errada com xamãs negros, aquilo deixa os espíritos irados. Não sei se ele vai segurar a onda daquelas paradas derretidas por muito tempo, e se não conseguir... — gargalhou. — Aí, irmão, vai ser que nem o Cataclismo. Aquilo foi o mundo todo dolorido, expurgando o Asa da Morte. Como vai ser quando os elementos quiserem fazer a mesma coisa com a Horda? Você acha que eles vão atrás de quem? E da gente, bróder!

— E, mermão, vocês vão sofrer, mas não por causa dos elementos!

A voz áspera e profunda veio do nada. Baine levantou-se com um salto. Os outros fizeram a mesma coisa, muitos sacando as armas. Mas Baine reconheceu a voz e gritou:

— Abaixem as armas! Abaixem-nas!

— O boi sabe o que diz — disse Malkorok, dando um passo à frente para que a luz da fogueira o iluminasse. — Se eu vir uma arma nas próximas três batidas do coração, o dono será morto.

A ameaça não foi berrada, e nem precisava, mas congelou o sangue de todos que a ouviram. Lentamente, os membros da Horda que

sacaram adagas e espadas, ou armaram seus arcos com flechas, obedeceram.

— Eu não acreditei — disse outra voz. Essa não estava calma, mas furiosa. E, Baine percebeu, tinha o orgulho ferido.

Garrosh Grito Infernal foi até o centro do círculo e fitou todos com cara de nojo. Baine agora via que os dois não vieram sozinhos; vultos moviam-se agilmente na escuridão. Kor'krons.

— Eu já tinha sido avisado desta palhaçada — continuou Garrosh. Seus olhos se fixaram no capitão Zixx, e o chefe guerreiro acenou. O goblin levantou num pulo e correu para trás de Garrosh, tentando parecer calmo e observando em silêncio, apesar de não abandonar a proteção daquele verdadeiro paredão órquico. — Vim verificar, com meus próprios olhos e ouvidos, se o que Malkorok disse era verdade.

Baine virou-se para ele:

— Se você viu e ouviu tudo — começou —, então sabe que não houve nenhuma traição. Ninguém aqui cogitou passar por cima de você. Ninguém aqui disse "morte a Garrosh". O que foi dito, foi dito apenas por amor à Horda, que tem as devoções de todos nós.

— Questionar o chefe guerreiro é questionar a Horda. — rosnou Malkorok.

— Apenas se pensar que dois e dois são cinco — retrucou Baine. — Nossas preocupações são válidas, Chefe Guerreiro. Muitos de nós tentamos obter audiência com você, para que pudéssemos expor nossas opiniões pessoalmente, para que pudéssemos ter nossas respostas e explicações. A única razão pela qual estamos reunidos aqui hoje é por que você não abriu as portas para nós!

— Não lhe devo resposta alguma, tauren — cuspiu Garrosh. — Ou a você, troll. — E apontou para Vol'jin. — Vocês não são meus guardiões, nem conselheiros, nem titereiros, para me fazer dançar conforme sua música. Vocês são a lâmina da Horda. Eu sou a mão que empunha a lâmina. Sei de coisas que vocês não sabem, e digo, vocês vão esperar. E continuarão esperando até que eu diga que chegou a hora.

— Thrall teria aberto suas portas a nós — bradou Hamuul. — Thrall ouvia conselhos, quando eles eram bons. E não mantinha seus planos e estratégias em segredo. Ele sabia que, mesmo sendo o líder da Horda, era a Horda como um todo que importava.

Garrosh avançou contra o ancião tauren, pressionando o rosto marrom com suas tatuagens negras.

— Isso parece a pele verde de Thrall para você?

— Não, Chefe Guerreiro — respondeu Hamuul. — Ninguém jamais confundiria você com Thrall.

Era quase respeitoso, mas Baine viu a fúria injetar os olhos de Malkorok com o comentário de Hamuul. Garrosh, no entanto, pareceu contente com a resposta.

— O inexplicável amorzinho que alguns de vocês sentem por aquele xamã bunda-mole me surpreende — declarou. O orc castanho caminhava iluminado pela fogueira enquanto falava, fitando os rostos um a um. — Lembrem-se de que foi Thrall quem colocou vocês nesta situação! Foi Thrall, não Garrosh, quem deixou a Aliança mostrar as garras. Thrall, que mantinha encontros secretos com a maga humana Jaina Proudmore e se sentava aos pés dela feito um cachorrinho. Thrall, que cometeu os erros que eu agora estou corrigindo!

Laminassangue começou a falar:

— Mas...

Garrosh girou e acertou em cheio o rosto da elfa sangrenta com as costas da mão. Uma inquietação perpassou a multidão, e um murmúrio agitado se fez ouvir. Rapidamente Garrosh tinha Uivo Sangrento nas mãos, e os Kor'krons, espadas e maças.

— Seu chefe guerreiro é pura misericórdia! — rosnou Garrosh. — Você vive para me obedecer, elfa sangrenta.

Laminassangue concordou com a cabeça bem devagar; o gesto obviamente lhe causava dor.

— Sim — exclamou Garrosh, voltando-se a Baine e Vol'jin. — Seu chefe guerreiro é mesmo misericordioso. De uma maneira tauren, Baine, você está certo. Sua preocupação é com a Horda. Não posso ser

seu líder e deixar de valorizar isso, mesmo que seu modo de demonstrar preocupação seja demasiadamente próximo da traição. Eu preciso de vocês. De todos vocês. Vamos trabalhar juntos, pela glória da Horda. E quando a hora chegar, confiem em mim, não faltará sangue para se banhar ou lixo da Aliança para fatiar. Agora é hora de voltarem aos seus acampamentos. Para esperar as ordens do chefe guerreiro.

Baine, Voljin e os outros se curvaram quando Garrosh passou por eles. Como sombras, os Korkrons os seguiram.

O chefe tauren respirou aliviado. A missão de Perith Casco Trovejante não tinha chegado ao conhecimento de Garrosh — e mais importante ainda, de Malkorok —, ou Baine Casco Sangrento não estaria vivo a essa altura. O grande chefe percebeu que, a seu próprio modo, Garrosh precisava dele tanto quanto ele de Garrosh. O chefe guerreiro tinha que saber que havia muitos que não o seguiam com prazer, e Baine era sabidamente um moderado. Boa parte da Horda estava com ele. Por um momento, o tauren se deteve e refletiu sobre a revelação que tivera, e só depois entrou na tenda. Depois dos eventos de hoje, ele precisava muito se purificar com a pureza da fumaça dos sábios. Sempre que cedia a Garrosh Grito Infernal, no fim do dia seu corpo se sentia completamente alquebrado.

— Você deveria ter me deixado matar alguns deles — resmungou Malkorok. — Ou pelo menos puni-los de alguma maneira.

— Eles são todos excelentes soldados, e precisaremos deles — respondeu Garrosh. — Eles estão com medo. Isso será o bastante. Por enquanto.

Um orc mais jovem correu até Malkorok e sussurrou algo em seu ouvido. O Rocha Negra sorriu:

— No rastro de um evento tão desagradável — contou — chega uma ótima notícia para o chefe guerreiro. A fase dois da campanha começou.

O capitão Gharga apertou um dos olhos e espiou pela luneta. As ondas cooperavam, e navio singrava aquele mar de almirante. O

capitão sorriu com o que viu pela luneta, que ele baixou em seguida. Virou-se para a popa e contemplou as outras naus da marinha do chefe guerreiro seguindo em formação.

O Sangue e Trovão e as outras embarcações, todas abarrotadas de canhões e orcs sedentos de sangue e guerra, se aproximaram ainda mais do destino.

Primeiro, Gharga se sentiu insultado quando o Sangue e Trovão e outros navios órquicos não foram convocados para participar da Aniquilação da Fortaleza da Guardanorte, como a expedição se tornaria conhecida. Ele se sentiu decepcionado quando Garrosh disse que, enquanto a Guardanorte fosse tomada por goblins, Renegados e elfos sangrentos, seus orcs ficariam em reserva para outra batalha, muito mais gloriosa. Garrosh o informara:

— Você, capitão Gharga, liderará a frota contra Theramore!

O peito de Gharga explodiu em orgulho. Não era a primeira vez que Garrosh demonstrava apreço pelo Sangue e Trovão. O capitão se lembrava de quando, como primeiro imediato, havia ajudado a transportar magnatauros de Nortúndria para usá-los contra a Aliança. Briln, o capitão, assumira total responsabilidade quando duas das imensas criaturas foram perdidas durante uma terrível tempestade; ele tinha certeza de que seria executado. Em vez disso, Garrosh livrou o capitão de toda a culpa e o promoveu e, com tal gesto, elevou Gharga à patente de capitão.

O Sangue e Trovão era um navio de sorte. Todos queriam ser transferidos para ele, por isso Gharga podia escolher a dedo os cães do mar que serviriam sob seu comando. Isso era útil na guerra.

Enquanto os navios sanguiníficos, goblínicos e Renegados tinham se reunido na Vila Catraca, as naus órquicas partiram na direção de Theramore. Antes, ficaram todas esperando em segurança em águas da Horda, longe dos olhos da Aliança. Esperaram... esperaram... até que as instruções vieram na forma de uma águia com uma mensagem presa ao pé por uma anilha:

Avance à posição. Cuidado para não cruzar território da Aliança. Não alerte a presa cedo demais. Aguarde minhas ordens.

Aqui estavam. Eles tinham chegado perto o suficiente para ver as torres de Theramore usando uma simples luneta. Satisfeito por ainda estarem tecnicamente em águas da Horda, Gharga latiu uma ordem para que fundassem o navio. Rosnando muito, dois tripulantes ergueram o imenso gancho de ferro e o atiraram para fora da embarcação; um ruidoso encontro entre água e metal e a peça só parou no leito do oceano.

Gharga viu seu imediato e o achou abatido, desolado. Dando um tapa de leve na cabeça do jovem orc, brincou:

— Essa cara vai azedar o rum.

O jovem orc assumiu desajeitadamente a posição de sentido, batendo continência.

— Capitão, senhor! Perdão, senhor, é só que...

— Só o quê?

— Senhor! Estive pensando... Por que nos movemos se não vamos atacar, senhor?

— Uma pergunta justa, mas idiota. — respondeu o capitão. — Agora estamos perto o suficiente para reagir imediatamente quando a ordem de ataque vier. E, ainda assim, estamos em águas da Horda. Eles vão nos ver, vão puxar os cabelos, ranger os dentes e se preocupar, mas não poderão fazer nada, a menos que haja uma invasão. Mesmo daqui, tão longe da praia, a Horda faz a Aliança tremer. Nossa obrigação é nos mantermos em posição, Lokhor. Garrosh é mais inteligente que a gente. Vamos ficar quietos até ele dar a ordem para atacar. Não se preocupe — disse, suavizando a voz. — O sangue da Aliança vai tingir o mar de vermelho, e você vai ser um dos que vai derramá-lo. Todos vocês! Lok'tar!

Lokhor sorriu, e a tripulação do Sangue e Trovão gritou vivas.

Jaina tinha esperanças de que o mestre de doca estivesse errado. Até orou. Mas, quando subiu até a parte mais alta da torre e olhou pela luneta com seus próprios olhos, seu coração afundou.

— São tantos... — murmurou.

Kalec, Kinndy, Dolorae e Tervosh usaram a luneta também, e ficaram em silêncio.

— Parece que sua informação estava correta — disse Tervosh.

— E você disse que o pessoal do Varian só vai chegar em um ou dois dias — completou Kinndy, taciturna. — Conte pelo menos oito navios de guerra. Se eles decidirem atacar antes da 7^ª aparecer, é melhor a gente se acostumar a comer surpresa de cacto.

Jaina pousou a mão no ombro de Kinndy.

— Não é muito do feitio de Garrosh fazer prisioneiros, Kinndy.

— Minha senhora — interrompeu Dolorae —, por que não atacamos agora mesmo? E claro que Garrosh não está enviando apenas alguns navios. Lembre-se dos homens reunidos, esperando na Guardanorte! Custará vidas, mas pelo menos...

— Não — retrucou Jaina com firmeza. — Eles não estão em águas da Aliança. Eu defenderei Theramore, mas não posso ser o agressor. Teremos que esperar.

— E torcer — balbuciou Tervosh.

Kalecogs tinha ficado em silêncio durante toda a conversa, com certeza para manter a neutralidade. Quando o meio-elfo abriu a boca, Kinndy o interrompeu:

— Mestra... Acho que você deveria ir pra Dalaran.

— Como assim? — Jaina franziu o cenho.

— Você tem amigos e admiradores por lá.

— Sim, mas o Kirin Tor é composto de magos da Horda e da Aliança. Eles não podem escolher um lado; isso destruiria a neutralidade.

— Talvez sim, talvez não.— Kinndy endireitou-se para começar a falar. — Eles não querem ver o Garrosh cortando cabeças por aí; já sabemos que até alguns membros da Horda são capazes de arriscar tudo para mandar um aviso e tentar impedir o pior. Vale a pena perguntar.

— É certo que vale. — Kalec parecia contente. — Existe um bem maior.

Jaina olhou para Tervosh, que só respondeu:

— Concordo com ela.

— E com razão — disse a gnomida. Dolorae também balançava a cabeça, concordando.

Jaina suspirou.

— Pois bem, vamos ver o que o Mestre Rhonin tem a dizer. Por favor, não fiquem esperançosos demais. Dolorae, comece a informar os soldados. Precisamos estar prontos, caso os capitães daqueles navios decidam que agora é uma boa hora de atacar.

Seus olhos cruzaram com os de Kalec. O meio-elfo lançou um sorriso reconfortante. Ela respondeu com um que não parecia muito confortado, e entrou no escritório.

Outra vez tocou os três livros e fez a estante deslizar para o lado, revelando o espelho.

Entoando o feitiço e executando um movimento com as mãos, Jaina fitou os próprios olhos no espelho até que o redemoinho azul obscureceu a superfície refletiva. Por alguns instantes, nos quais pareceu que o coração fosse lhe saltar do peito, a maga pensou que talvez Rhonin não pudesse atendê-la, mas o rosto dele emergiu do redemoinho, desenhado em tons de azul. Seus traços fortes pareciam cansados, até que reconheceu Jaina e voltou a brilhar.

— Grã-senhora — saudou o mago —, diga-me que está entrando em contato para confirmar que Kalecog recuperou a íris Focalizadora.

— Infelizmente não. Conseguimos encontrar uma forma de detectá-la outra vez, mas quem quer que a tenha está brincando com os sentidos de Kalec. Ele ainda aguarda; o ladrão terá que parar em algum momento, se quiser usá-la.

Rhonin anuiu com a cabeça ruiva e esfregou os olhos.

— Isso partindo do princípio de que ele conseguirá alcançá-la a tempo, antes que o ladrão faça... bem, o que quer que ele vá fazer com a

íris.

— Ele está ciente disso. Mas não temos opções.

— Mesmo dragões se cansam — suspirou Rhonin. — Bem, se não é sobre isso que quer falar, então o que é?

A atitude direta e incisiva de Rhonin irritava muitas pessoas, mas não Jaina. Ela achava ótimo. A princípio, ele parecera uma escolha estranha para a liderança do Kirin Tor, e ninguém sabia disso melhor que ele mesmo. Sabia também que tinha sido escolhido pelo seu histórico, que demonstrava que era ótimo em encarar as coisas de maneira diferente dos líderes anteriores. E que era um mago bom pra caramba.

— Você ouviu sobre a Guardanorte? — questionou Jaina.

— Não. É um posto avançado minúsculo, não é isso?

— A Guardanorte é— bem, era uma guarnição de tamanho respeitável, projetada para manter um olho vigilante sobre as atividades da Horda nos Sertões Meridionais. — Rhonin entrou em alerta instantaneamente quando foi dada a ênfase no pretérito. — Quatro dias atrás, a Horda a devastou completamente. Aparentemente usaram magia elemental de um tipo muito sombrio para fazer isso. Recebi um aviso de alguém que estava na batalha: o plano da Horda é marchar sobre Theramore.

Rhonin estreitou os olhos.

— E você não vai dizer o nome da fonte?

— Não posso. Ele veio de boa-fé, não mancharei sua honra.

— Hum... — Foi a resposta de Rhonin, que em seguida começou a puxar a barba pensativamente e o fez por alguns instantes. — Mas... você disse que isso aconteceu quatro dias atrás. Por que a Horda não rumou direto para o sul para apagar Theramore do mapa?

— Não sabemos — respondeu Jaina, pensativa. — Mas sabemos que há uma frota de navios de guerra da Horda posicionada nos limites das águas da Aliança.

Rhonin ficou em silêncio por um instante, depois disse cautelosamente:

— Uma situação muito desagradável para a Aliança. E para Theramore, claro. Mas o que eu tenho a ver com isso?

— O plano pensado por Garrosh não para aí — respondeu Jaina. — É um ponto de partida para conquistar o continente inteiro. Você conhece Garrosh, sempre de cabeça quente.

— Como a minha — retrucou Rhonin.

Sem se preocupar com tato, Jaina argumentou:

— Talvez tenha sido, um dia, mas desde que se tornou um marido, um pai, o líder do Kirin Tor, você se acalmou muito.

Rhonin encolheu os ombros e sorriu, agradecendo o comentário.

— Milhares morrerão — pressionou Jaina. — A Aliança será expurgada das terras de Kalimdor. Os sobreviventes se tornarão refugiados. Já há muitos desabrigados passando fome desde o Cataclismo. Os Reinos do Leste não conseguirão apoiar metade de um continente inteiro!

— Mais uma vez, Jaina Proudmore, o que isso tem a ver comigo?

— O Kirin Tor não escolhe um lado, eu sei disso. Mas até Kalecgos pensou que você poderia nos ajudar.

— Proteger uma cidade da Aliança de um ataque da Horda?

Ela assentiu com a cabeça, muda. O mago desviou o olhar por um longo instante, perdido, e, então, respondeu:

— Não posso tomar essa decisão sozinho. Você terá que convencer outros além de mim. O que será ótimo: Dalaran é linda nesta época do ano.

12



Sempre que visitava Dalaran, Jaina se encantava como se fosse a primeira vez, tão bela era esta joia do céu de Nortúndria. Seus ricos pináculos em tons púrpura arranhavam o céu azul, uma impressão aumentada pelo fato de que a própria cidade pairava no dossel celeste, intocada e imperturbável diante dos problemas de Nortúndria logo abaixo. As ruas reluziam, os belos paralelepípedos vermelhos limpíssimos, e os habitantes, a maioria tão imperturbável quanto a própria cidade, caminhavam tranquilamente. Aqui, como em nenhum outro lugar, itens absolutamente maravilhosos eram vendidos e comprados por mercadores de todos os tipos de coisas raras e curiosas; aqui, como em nenhum outro lugar, era possível aprender feitiços e história sussurrados em corredores tranquilos e silenciosos.

Outrora, Dalaran inteira fora parte de outro continente. Jaina tinha as memórias mais doces daqueles dias, lembranças de correr pelos jardins e arrancar maçãs casca-dourada sob o beijo cálido do sol.

Então, Arthas veio.

Dalaran foi devastada, mas não se deu por vencida. O Kirin Tor tinha voltado e reconstruído a capital mágica, mantendo-a protegida

com um domo de energia violácea até que Dalaran florescesse uma vez mais como uma cidade flutuante. Aqui, a cidade-estado tinha sido ponto central na

Guerra do Nexus contra Malygos, e, depois, no confronto com o Lich Rei. Ainda assim, nem a arquitetura nem os habitantes aderiram a um estilo de vida militar; a cidade ficava melhor, e sua população mais feliz, quando conhecimento e aprendizado eram as principais preocupações.

Lá, Jaina tinha erigido ela mesma um monumento a Antônidas. Normalmente, quando vinha até aqui, rendia uma visita a "ele", às vezes realmente compartilhando em voz alta seus pensamentos à sombra da estátua. Desta vez, porém, sua missão era de importância primordial.

Ao se materializar dentro da Cidadela Violeta, o primeiro rosto que viu foi o de Rhonin. Apesar de recebida por um sorriso, Jaina percebeu que os olhos do mago estavam apreensivos.

— Bem-vinda, Grã-senhora Jaina Proudmore — saudou Rhonin. — Creio que conheça todos aqui.

— Sim.

Sentada ao lado do marido, a bela Vereesa Correventos, fundadora do Pacto de Prata, exibia seus belos cabelos, brancos como as nuvens, gentilmente pousados sobre os ombros; tão belos quanto os das irmãs, Sylvana, líder dos Renegados, e Alleria, desaparecida em Terralém. Mesmo com as muitas tragédias recentes no seio da família Correventos, Vereesa aparentemente havia descoberto uma nova felicidade como esposa e orgulhosa mãe de dois belos herdeiros de Rhonin. As conquistas domésticas, no entanto, não significavam que a elfa superior se contentasse com as sombras; Jaina sabia que, como líder do Pacto de Prata, Vereesa tornara pública sua severa oposição à admissão de elfos sangrentos no Kirin Tor.

Sua cruzada, no entanto, logo caíra em ruína, e a prova irrefutável era o mago à esquerda de Rhonin. O Arquimago Aethas Fendessol era justamente o elfo sangrento que havia lutado com tanta intensidade

quanto Vereesa para ser admitido pelo Kirin Tor. A quarta pessoa era uma humana que, apesar dos cabelos totalmente brancos, parecia capaz de encarar — e vencer — qualquer um numa briga. A Arquimaga Modera tinha a distinção de participante mais antiga do conselho dos magos, o Conselho dos Seis, tendo sido membro desde a Segunda Guerra.

Jaina cumprimentou todos com um respeitoso movimento de cabeça, depois se virou para Rhonin, que, com um passo atrás e um movimento hábil das mãos, notadamente repetido à perfeição, fez surgir um portal. A maga suspirou e franziu levemente a testa. Geralmente era possível ter uma boa visão do lugar para onde o portal levava, mas este não dava numa sala ou sequer em terra firme. O portal levava ao ar; tudo o que se via era céu em todas as direções. Ela lançou um olhar inquisitivo para Rhonin.

— O resto dos Seis está reunido lá — explicou o mago, nem se preocupando em responder à pergunta que ela fizera com o olhar. — Não queremos deixá-los esperando, não é?

Confiando cegamente nele, Jaina entrou no portal.

O piso, cinzento e, graças à Luz, sólido, era feito de pedra num padrão de losangos, e era a única coisa que se mantinha estável naquele lugar. Logo acima, e de todos os lados, o céu volteava e estava em constante transformação: agora azul, com nuvens preguiçosamente à deriva, mas, num piscar de olhos, estrelas surgiram, e um negro profundo cobriu o azul como tinta derramada num balde d'água.

— Bem-vinda, Grã-senhora Jaina Proudmore, à Câmara do Ar — proclamou uma voz.

Ou teriam sido várias vozes falando ao mesmo tempo? Confusa pela vista infinita e em eterna mudança da sala, Jaina não teve certeza. Ela fez força e, arrancando o olhar da hipnótica parede-céu, enfim contemplou os Seis, que formavam um círculo com a maga ao centro.

Jaina sabia que, em dias passados, eles ocultavam suas identidades, inclusive do Kirin Tor. Mas a tradição havia sido abandonada há

pouco tempo. A grã-senhora podia identificar claramente cada membro. Além de Modera, Aethas e Rhonin, reconheceu imediatamente Ansirem Tecerrunas. Não era comum encontrá-lo em Dalaran; missões recentes haviam requerido que ele fizesse uma longa viagem. Qual era a missão, claro, Jaina não sabia. A Praça Tecerrunas fora batizada como uma homenagem a este homem decidido e de olhar aguçado. E havia Karlain, alquimista e mago. Outrora escravo das emoções, Karlain tornara-se mestre delas; havia poucos indivíduos tão controlados e cerebrais quanto ele.

Por fim, mas não menos importante, Jaina reconheceu o rosto enrugado de um jovem: Hadggar, um dos mais poderosos magos da história de Azeroth. Apesar de parecer três vezes mais idoso do que a grã-senhora, com seus 30 anos, Jaina sabia que o mago era apenas uma década mais velho. Aprendiz de Medivh e observador do Kirin Tor, fora ele quem tinha fechado o Portal Negro, passando a viver em Terralém, trabalhando com o naaru A'dal. A presença de Hadggar, a mera disposição em discutir a proteção de Theramore, encheu Jaina de esperança.

— Não fique aí parada — repreendeu-a, mas com um brilho de benevolência nos olhos. — Não fico mais jovem com o tempo.

Jaina inclinou a cabeça respeitosamente.

— Primeiro, permitam-me dizer que é uma grande honra poder trazer meus apelos a este conselho. Serei breve. Todos vocês me conhecem como uma intermediadora, uma diplomata. Por anos a fio, trabalhei incansavelmente pela paz entre a Aliança e a Horda em Azeroth. O fato de estar aqui, solicitando a ajuda do Kirin Tor para defender uma cidade da Aliança ameaçada pela Horda, deve demonstrar o quanto a situação é grave e unilateral.

Jaina gesticulava suavemente enquanto falava, cruzando o olhar de cada um dos magos, permitindo que vissem sua sinceridade. Hadggar, ela suspeitou, estava inclinado a concordar. Os sinais de Karlain eram mais difíceis de decifrar, assim como os de Ansirem, pois ambos mantinham os braços cruzados e expressões vazias.

— A Horda devastou a Fortaleza da Guardanorte. Garrosh Grito Infernal não só reuniu deliberadamente um exército de todas as raças da Horda, como liderou xamãs que usaram magia sombria para dominar e controlar gigantes derretidos, elementais de fogo violentos e imprevisíveis.

Coagir a terra dessa maneira poderia ter disparado um segundo Cataclismo, se os elementos tivessem se enfurecido.

Dirigindo-se a Modera, que respondeu com um sorriso gracioso e miúdo, e a Aethas, que permanecia como se fosse entalhado em mármore, prosseguiu:

— Agora o inimigo tem vistas sobre Theramore. Temos uma forte defesa, e o rei Varian Wrynn concordou em enviar apoio na forma da frota naval da 7^ª Legião.

— Então, por que você vem em busca da nossa ajuda? — inquiriu Karlain — Theramore é uma cidade militar de grande reputação. Com a ajuda da frota, vocês certamente conseguirão enxotar a Horda com o rabo entre as pernas. — O comentário fez com que Aethas virasse a cabeça, mas nada dissesse.

— Porque a Horda já está reunida e pronta para marchar — respondeu Jaina —, e as tropas de Sua Majestade ainda estão a dias de viagem. — Ela se virou e dirigiu-se diretamente a Aethas. — Eu preferiria um confronto entre mentes a uma contenda de espadas, mas preciso defender meu povo, que confia em mim para protegê-lo. Eu jamais guerrearia contra a Horda, mas o farei se for preciso. Minhas mais sinceras esperanças são de que, com o auxílio do Kirin Tor nesta hora de necessidade, possamos transformar o ataque em potencial numa oportunidade de criar paz.

— Apesar de todos os anos de serviço diplomático — comentou Aethas com sua voz aveludada —, você conhece pouco a Horda, se ainda acha que eles se deterão ao visualizar a vitória, Jaina Proudmore.

— Talvez eles cessem o ataque se virem os magos do Kirin Tor — retrucou Jaina. — Por favor... Há famílias em Theramore. Eu as

defenderei com a minha vida, assim como os soldados que estão lá agora. Mas isso talvez não seja suficiente. Se Theramore cair, Kalimdor cairá. Depois disso, nada impediria a Horda de atacar o Vale Gris ou Teldrassil, e expulsar os elfos noturnos de suas terras ancestrais. Garrosh quer o continente inteiro e, com todo o respeito, esse simplesmente não pode ser o desejo do Kirin Tor. Não se ainda há neutralidade.

— Compreendemos a situação — retrucou Karlain. — Não é preciso nos ensinar a fazer nosso trabalho.

— Não foi o que sugeri, mas estou contando com a sabedoria de todos vocês para que vejam que não vim pedir que tomem um lado. Estou pedindo que salvem vidas inocentes, e mantenham um equilíbrio já vacilante demais.

Um sinal muito discreto deve ter sido passado entre os magos, pois todos deram um passo atrás quase ao mesmo tempo.

— Obrigado, Jaina Proudmore — encerrou Rhonin num tom que era claramente uma dispensa. — Consultaremos uns aos outros antes de tomarmos uma decisão. Você será notificada quando chegarmos a um consenso.

Outra vez o zumbido de um portal se abrindo. Jaina deu um passo para dentro dele e surgiu em meio aos imaculados tijolos vermelhos das ruas de Dalaran, sentindo-se como uma garotinha mandada ao cantinho do castigo, de onde não deveria sair até que lhe dessem permissão para tal. A grã-senhora não estava acostumada a ser expulsa, mas concordou que, se alguém tinha o direito de fazê-lo, era o Conselho dos Seis.

Suas mãos começaram a gesticular um feitiço de teleporte, mas pararam no meio. Havia duas pessoas que ela queria ver antes.

Depois que Jaina partiu, os outros cinco membros viraram-se para Rhonin quase ao mesmo tempo, inquisitivos. Antes que pudessem falar, ele levantou a mão e disse:

— Retomaremos em uma hora.

— Mas já estamos aqui — respondeu Modera, sem entender.

— Eu tenho alguns... precedentes a verificar. E sugiro que façam o mesmo. Qualquer que seja nossa decisão, ajudar Theramore ou permitir a vinda da Horda, é uma decisão que terá consequências. Prefiro contar com algo mais do que apenas minha opinião, antes de declarar meu voto.

Alguns franziram a testa, e suspiraram descontentes, mas todos concordaram. Rhonin se teleportou de volta à sua câmara e permaneceu imóvel por um instante, as sobrancelhas ruivas aproximadas por um ruga na testa. Então caminhou até a escrivaninha, cada centímetro entulhado de folhas brancas, pergaminhos ou livros, e fez um gesto.

A pilha absolutamente caótica flutuou e permaneceu um metro acima da escrivaninha; o tampo da mesa girou e uma caixa surgiu. Nada em sua aparência indicava que tivesse poderes ou atributos especiais. Rhonin tomou a caixa com cuidado nas mãos, fechou o tampo da escrivaninha e permitiu que as folhas, livros e pergaminhos voltassem à posição original. Com o pequeno objeto nas mãos, sentou-se numa cadeira.

— É nessas horas, velho amigo, que sinto sua falta mais do que consigo pôr em palavras. Mas admito que é reconfortante ouvi-lo falar comigo do mundo dos mortos, ainda que na forma de enigmas.

Com uma pequena chave que trazia ao pescoço, Rhonin destrancou a caixa e observou por um instante o pequeno lote de pergaminhos. Cada qual uma profecia de Korialstrasz, o consorte morto de Alexstrasza, a Mãe da Vida. As visões o acompanharam por longos anos, e quando quis passá-las adiante, dizendo por trás de um sorriso, "Isso ajuda a explicar por que às vezes eu sou tão esperto", o mago ruivo aceitou com humildade. Korialstrasz rogou a Rhonin que mantivesse oculto o segredo das profecias, e que, ao morrer, o próprio Rhonin entregasse a chave somente a alguém em quem confiasse plenamente. "Ela jamais deve cair em mãos erradas" advertiu Krasus.

Naquela noite, as luzes do quarto de Rhonin ficaram acesas a madrugada inteira, até as primeiras horas da manhã. O mago lia e

relia todas as profecias. Uma em particular chamou sua atenção.

— Retiro o que disse — berrou. — Por que escrever na forma de enigmas, Krasus?

Ele tinha certeza de que, em algum lugar, o grande dragão vermelho gargalhava.

Era apenas a segunda visita de Jaina à família Centelume; ao fim da primeira, a filha do casal tinha partido para uma terra distante. Claro que os dois nutriam um grande orgulho por Kinndy, mas Jaina via claramente que os laços desta família eram fortes, talvez pelo fato de serem apenas os três. Mesmo com a partida difícil, Jaina foi recebida não como uma intrusa que os privara da filha, mas como uma prima distante há muito perdida, recebida de braços abertos. Ainda assim, diante da porta, Jaina hesitara. Vir aqui tinha sido uma decisão tomada num impulso, em grande parte baseado no fato de que a jovem se sentia na obrigação de vir contar em primeira mão aos pais de sua aprendiz como estava impressionada com as habilidades que Kinndy já demonstrara em diversas disciplinas. E, já que falaria dela, Jaina teria que contar também que estava em vias de mandar a garota, impressionante e absolutamente amável como era, para a guerra.

Depois de respirar fundo para tomar coragem, a maga bateu na porta. Como imaginava que aconteceria, uma porta menor, encaixada na principal, abriu-se com um rangido. Um gnomo de idade avançada, coberto com um traje púrpura, enfiou a cabeça para fora, virou para a esquerda, para a direita e depois para cima.

— Boa tarde, mago Centelume — cumprimentou Jaina, abrindo um sorriso.

O gnomo rapidamente tirou o chapéu pontudo e curvou-se numa profunda referência.

— Senhora Proudmore! — exclamou o gnomo. — O que traz vocês a... — Seus olhos procuravam ansiosamente. — Nossa Kinndynzinha está bem, não está?

— Muitíssimo bem e cumprindo as tarefas necessárias ao aprendizado de forma admirável. — Os dois comentários eram, até

agora, absolutamente verdadeiros. — Posso entrar?

— Oh, mas é claro, claro! — Guido Centelume entrou de volta e fechou a porta menor, abrindo a grande em seguida para que Jaina pudesse passar.

A casinha era decorada como uma casa de bonecas, ou pelo menos foi o que Jaina pensou. O teto era alto o suficiente para que ela ficasse confortavelmente de pé, mas seria impossível sentar nas minúsculas cadeirinhas. Felizmente Guido já voltava com o que chamava de "cadeira de gente alta".

— Ah, aí está você. Sente-se aqui, perto do fogo.

Jaina olhou a lareira, mas não disse nada. Havia lenha, só que apagada. Ela sorriu. Era uma velha piada da família Centelume, e não era sua intenção estragá-la.

Guido fingiu tossir surpreso.

— Cof-cof! Mas o quê? O fogo não está aceso — exclamou. Sacando uma varinha, o gnomo sussurrou algumas palavras e apontou para a lareira. Subitamente um clarão acendeu uma chama, acrescentando ainda mais diversão à cena.

Um cheiro delicioso de massa recém-posta no forno vinha da cozinha, e uma gnomida surgiu pela porta, deixando ver apenas seus cabelos grisalhos e o rosto coberto de farinha:

— Guido, o que foi... Oh! Senhora Jaina! Que surpresa! Vou só terminar de colocar essas tortas no forno e venho num instantinho!

— Tudo bem, Sra. Centelume.

— Já avisei, se não me chamar de Jáxi, não ganha tartelete de maçã!
— A resposta foi gentil e divertida. Pela primeira no que pareceram anos, Jaina riu despreocupadamente.

Sentada na confortável cadeira de gente alta, Jaina desfrutou de chás, bolos e doces que estavam entre os melhores que já tinha experimentado. Guido e Jáxi se acomodaram nas cadeiras adequadas para o próprio tamanho, e conversaram despreocupadamente com a visitante. Depois de algum tempo, já satisfeita, Jaina pousou a xícara sobre a mesa e olhou para eles.

— Sua filha está fazendo um bom trabalho. Não — corrigiu —, um excelente trabalho. Ela me impressiona mais e mais a cada dia. Tenho certeza de que, quando o treinamento terminar, ela deixará todo mundo de queixo caído. Muitos aprendizes têm potencial, mas nem todos realmente fazem algo com ele.

O casal ficou radiante. Olharam-se, beijaram-se e entrelaçaram as mãos.

— Ela é a nossa única filha, sabe? — respondeu Guido. — Tenho certeza de que nem deu pra notar, mas eu estou ficando mais velho. — O olhinho do gnomo piscou, mas a longa barba branca já o havia denunciado. — Jáxi e eu tínhamos até desistido de ter filhos. Kinndy foi o nosso pequeno milagre.

— Nós nos preocupamos com ela, ficamos o tempo todo pensando em como estará nossa filhotinha em Theramore — completou a mãe. — E adoramos que você permita que ela nos visite sempre.

— Permito jamais proibirei — respondeu Jaina —, ainda mais se ela voltar com os bolos e doces que a senhora manda! Se não precisasse tanto dela, todos os dias a mandaria bater ponto aqui!

Todos riram alto. Era tão agradável sentar nesta sala aconchegante como nos velhos tempos, aquecer os ossos ao pé da lareira. Jaina desejou com todo o coração que as coisas pudessem continuar simples e descomplicadas, livres do perigo que Theramore agora enfrentava.

— Ai, ai, Dona Jaina — disse Jáxi —, o que está te deixando triste? Jaina suspirou. Por mais que desejasse que fosse diferente, que tudo fosse diferente, essa gente tão boa tinha o direito de saber que a filha estava em perigo.

— Theramore precisa do auxílio do Kirin Tor — contou Jaina com a voz fraca. — Foi ideia da Kinndy que eu viesse pedir ajuda. Não posso dizer mais, mas temo que voltarei para casa de mãos vazias.

— Que tipo de... — Jáxi começou a falar, mas Guido pousou uma de suas mãozinhas enrugadas sobre a dela e apertou bem fraquinho.

— Calminha, calminha, a Dona Jaina já deve estar de cabeça cheia — interrompeu. — Se ela não pode contar, então por mim, tudo bem.

— Claro que pra mim também — respondeu a gnomida com a voz embargada. Sua outra mão pousou sobre a do marido. — É só que... É a Kinndy...

— Ela tem trabalhado incansavelmente, e a ajuda que me presta nunca poderá ser retribuída — assegurou Jaina. — Dou a minha palavra de que vou mantê-la o mais segura que puder, afinal — disse ela, baixinho —, já investi um bom tempo nela. Odiaria ter que começar tudo de novo com um aprendiz que ainda precisasse de ajuda para se limpar!

— Não se preocupe com o Kirin Tor — assegurou Guido, tentando tranquilizá-la. — Eles não deixariam a senhora sozinha em Theramore. Vão fazer a coisa certa. Eu sei!

Todos se despediram com abraços, os melhores desejos possíveis, e uma sacola com bolos e doces empacotados. Eles eram tão confiantes e animados que Jaina começou a pensar que talvez, só talvez, esta viagem a Dalaran no fim rendesse algum fruto.

13



Kalec observava atentamente as pequenas peças no tabuleiro. Sem mover os olhos, disse: — Suspeito, senhorita aprendiz, que você seja intimamente familiarizada com as nuances e pormenores deste jogo.

Os grandes olhos de Kinndy aumentaram ainda mais, fingindo inocência.

— Eu? Não! Aprendi a jogar semana passada, pode perguntar pro Tervosh!

O dragão parou de observar o tabuleiro e, encarando a gnomida, levantou uma das sobrancelhas azuis. Kinndy não se aguentou e explodiu em risadas.

— Deve ter uma razão pra ninguém mais querer jogar comigo.

— Eu sou só um passatempo, só carne fresca? — questionou o meio-elfo.

— Mmmm... — Kinndy não queria ter que responder.

Kalec estava para mover o cavalo quando ouviu o som familiar de um feitiço de teleporte. O jogo já estava esquecido quando ele se virou para ver Jaina materializar-se na sala. A grã-senhora sorria, uma

expressão que Kalec não estava acostumado a ver no rosto dela, e o dragão agradeceu em silêncio a quem ou o que quer que fosse responsável.

Jaina aproximou-se de Kinndy.

— Seus pais são as melhores pessoas de Azeroth. E as mais generosas. — A maga enfiou a mão na sacola e estendeu uma caixa de doces à gnomida. Kinndy a abriu e encontrou uma quantidade surpreendente de bolos, tortinhas, bombas de chocolate, massas folhadas e todos os tipos de gostosuras.

— Então, como foi? — perguntou Kinndy, dando uma mordida numa massa coberta de creme que exalava um cheiro delicioso.

A expressão de Jaina nublou. Ela deslizou para a própria cadeira e serviu uma xícara de chá.

— Não muito bem — confessou. — Mas acho que consegui mudar algumas mentes. Ei, nada de tristeza. — Jaina teve que dizer a Kinndy, que afundava em seu assento. — Ainda não me deram a resposta final, e isso significa que ainda estão discutindo. O jogo ainda pode virar. De qualquer maneira, foi uma excelente ideia, Kinndy.

— Teria sido uma boa ideia se a senhora tivesse voltado com uma tropa do Kirin Tor. — respondeu a gnomida, cheia de pesar.

— Não posso argumentar contra isso — concordou Jaina —, mas vou me virar com o que tenho. E o que tenho agora é tartelete de amoras.

— Alegra-me ver que você não desistiu de encontrar doçura no mundo — comentou Kalec, servindo-se de uma tortinha também. — Mas é mesmo uma pena que a reunião não tenha sido mais produtiva.

Gesticulando com a mão deliciosamente caramelada, Jaina respondeu:

— Decidi que não vou me preocupar antes de ouvir a resposta, qualquer que seja. Mas é claro que não me oporia a ouvir uma ou duas boas notícias sobre a situação aqui.

— Ah, e como gostaria de tê-las — admitiu Kalec, cada palavra saindo verdadeiramente de seu coração. — A Horda continua

esperando debaixo dos nossos narizes, sempre com cuidado para não invadir as águas da Aliança. A íris Focalizadora continua a percorrer Kalimdor a velocidades que, honestamente, ainda me deixam estupefato.

Kinndy contemplava um e outro, se deliciando com mais uma fatia de torta de cereja, quando seus olhos se estreitaram pensativamente.

— Acho que vou terminar de comer isso no quarto. Tem um livro lá que sempre quis ler, desde que era pequenininha. E agora que eu leio o danado. Quem sabe não tem uma solução pro nosso problema nele? Vai saber, né— Bom, tchauzinho.

Depois de amontoar mais alguns docinhos e uma xícara de chá numa bandeja, a gnomida saiu apressada, sem dizer mais nada. Uma das sobancelhas douradas de Jaina se levantou e uma ruga fina surgiu na testa.

— O que foi aquilo? — indagou, confusa.

— Não faço ideia — respondeu Kalec. Não era totalmente verdade, pois suspeitava de que a gnomida queria deixá-los a sós... Mas o dragão não queria ficar pensando nisso.

Jaina virou-se para ele subitamente, armada com um olhar de curiosidade.

— Por que você está aqui, Kalecos da Revoada Azul?

Por uma razão que Kalec não conseguia vislumbrar, a pergunta o constrangeria.

— Estou procurando a...

— íris Focalizadora, eu sei. Isso pode ter trazido você aqui, mas... por que você ainda está aqui? Você poderia ter escolhido qualquer lugar do continente para esperar a íris parar, mas... cá está você.

Kalec sentiu as bochechas esquentando. Era uma pergunta simples: por que ele continuava lá, em vez de buscar o silêncio das selvas, ou das montanhas, ou do deserto. O artefato mágico que buscava poderia ser rastreado com a mesma facilidade a partir de qualquer outro lugar, mas lá estava ele, aprendendo a jogar xadrez gnômico com Kinndy,

discutindo estratégia militar com Dolorae, a natureza do arcano com Tervosh e ...

Jaina.

Foi por ela que Kalec ficou.

A maga o encarava esperando uma resposta, eventualmente pegando uma mecha do cabelo dourado e ajeitando atrás da orelha, a cabeça inclinada, a expressão inquisitiva, a ruga questionadora formando um vinco na testa notavelmente linda, perfeita para alguém com a idade dela.

A resposta não vinha, e Kalecos chegou à conclusão de que não tinha nada a oferecer; nada que fosse verdadeiro, pelo menos. E quando abriu a boca para se esquivar com um conto da carochinha, descobriu que não desejava mentir.

— Há várias razões — desconversou, mirando o vazio. Jaina inclinou-se para frente.

— E mesmo?

— Bem... Você é uma mestra da magia entre seu povo, Jaina. Sinto-me confortável na sua presença. Talvez eu deseje passar tempo com as raças jovens porque meu povo perseguiu o seu, mesmo sem nenhum direito além de uma história vaga sobre guardiões da magia. Muitos morreram na Guerra do Nexus, tanto dragões quanto membros das raças jovens. Mortes brutais e desnecessárias. — Seus olhos azuis se encontraram com os dela, e, desta vez, foi Jaina quem virou o rosto. — Acho que sinto como se devesse algo a vocês. — O meio-elfo sorriu suavemente, sabendo que pelo menos esta parte era totalmente verdade — E você é uma ótima companhia.

— Ah, disso eu duvido — respondeu Jaina.

— Não duvide. — A voz dele era suave, e Kalec percebeu que suas mãos tremiam. Sua vontade era de tocar as mãos dela, mas não se atreveu.

O próprio Kalecos tinha dúvidas sobre o que motivava seu interesse pela Grã-senhora Jaina Proudmore, uma maga. Ele tinha de saber

exatamente o que sentia, e por que o sentia, antes de tomar a liberdade de perguntar se havia alguma reciprocidade; esse era o plano.

Provavelmente não, ele pensou. Por mais que Malygos tivesse sido o responsável pela Guerra do Nexus, Kalecgos desempenhara a função de redirecionar energia arcana de todos os lugares, exceto do próprio território dos dragões azuis. Já era bondade suficiente da parte de Jaina cogitar ser sua amiga depois daquilo. Ele não queria arriscar o que tinham por algo além, especialmente agora, com um ataque iminente logo à porta dela.

— Bem, gosto não se discute — disse Jaina, com algum divertimento. Kalec sentiu um surto de ódio crescer em seu coração, direcionado para quem ou o que quer que tivesse feito com que ela tivesse uma imagem tão ruim de si mesma. Teria sido Kael'thas? Arthas? O pai, que ela confrontara com coragem quando toda a lógica e toda a emoção gritavam que ela não deveria tê-lo feito? Havia em seus olhos uma tristeza que não vinha das notícias da batalha iminente, uma tristeza que a acompanhava desde o momento em que ele havia chegado. Uma tristeza que ele daria tudo para afugentar.

Mas ela precisava dele agora. O Kirin Tor provavelmente lhe daria as costas, abandonaria Theramore ao próprio destino contra a onda de orcs, trolls, taurens, Renegados, goblins e elfos sangrentos. Em sua mente, via Jaina sozinha, manipulando energia arcana surpreendentemente poderosa, seu rosto forte ainda mais belo adornado pela determinação guerreira que seria necessária para salvar sua cidade.

Mas nem todo o poder do mundo resolveria aquilo, se estivesse nas mãos de uma única pessoa. Theramore cairia, e Jaina com ela.

No instante em que ameaçou falar, o meio-elfo sentiu um leve traço de energia arcana no ar. Os olhos da mulher aumentaram num sobressalto e ela ficou de pé, correndo para tocar os três livros na ordem certa. Um, dois, três — a estante deslizou e de trás dela surgiu o espelho, coberto de névoa azul.

— Fale. — A voz de Jaina era trêmula.

Com o comando, a névoa assumiu a forma de um rosto. Um homem. O Arquimago Rhonin.

— Você é uma mulher muito persuasiva, Grã-senhora — disse Rhonin. — Mesmo que todos sentissem que o Kirin Tor deveria permanecer imparcial, seu apelo nos tocou. Até mesmo Aethas Fendessol votou a favor de oferecermos apoio. Não fazê-lo nestas condições seria o mesmo que oferecer suporte tácito à Horda. Pelo menos foi essa a lógica que ele usou.

— Por favor, diga ao Arquimago Aethas que sua lógica é profundamente apreciada — respondeu Jaina. Seu corpo esbelto estremeceu enquanto tentava manter a compostura; ela lutava para não saltar de alegria. Kalec também sentiu como se quisesse demonstrar fisicamente a felicidade que se instaurara nele com a resolução.

— Eu e vários outros chegaremos em breve para oferecer auxílio na defesa de Theramore. É minha obrigação enfatizar a palavra "defesa". Atuaremos na proteção da cidade, mas não executaremos manobras ofensivas. A esperança maior é de que nossa presença sirva para desencorajar o ataque. Isso está totalmente entendido?

— Perfeitamente, Arquimago. Também é minha esperança encontrar uma solução pacífica.

Rhonin suspirou, abandonando a máscara severa.

— Desconfio que todos nós estamos realmente especulando no escuro, mas, pelas barbas de Antônidas, não vou ficar parado enquanto o mundo anda. Chegaremos em breve.

A imagem sumiu. Houve um último redemoinho de névoa azul mágica e o espelho voltou a simplesmente refletir Jaina e Kalecgos. Jaina liberou a tensão do corpo, aliviada.

— Graças à Luz — comemorou. — Eles chegarão aqui a tempo, mesmo que...

A maga balançou a cabeça, tentando afastar o pensamento negativo, a mera possibilidade da frota de Varian não chegar a tempo. Conseguir

se livrar dele fez com que voltasse a sorrir, radiante, e o coração de Kalec pulou no peito.

Ele queria falar, mas não podia. A voz interior, indiscernível entre medo e sabedoria, falava. E dizia: Não. Agora não. Talvez nunca. Kalec sabia o que tinha de fazer, sabia o que seria melhor para ambos. E saber era como ter uma adaga permanentemente enterrada nas vísceras, girando lentamente.

— Estou mesmo muito feliz — disse o meio-elfo. — Eles protegerão Theramore tão bem quanto eu poderia, talvez ainda melhor.

Ela esmoreceu.

— "Poderia"?

— Sim — respondeu ele, concordando com a cabeça. — Você me lembrou de algo que devo fazer. Agora que sei que tem aliados, cruzarei novamente o continente. Talvez eu consiga me aproximar da íris Focalizadora.

— Sim. Claro. É uma excelente ideia. — Ela sorriu bruscamente, e a tristeza a abateu uma vez mais. Ela se sentia como se estivesse sendo abandonada.

E o que estou fazendo, ele pensou, sentindo o estômago embrulhar. Mas é para o bem dela. Kalec sabia que se ficasse, inevitavelmente abriria seu coração. Esse era um fardo do qual a grã-senhora de Theramore, Jaina Proudmore, certamente não precisava, especialmente agora que sua cidade passava por um momento tão crítico.

Como dissera, o Arquimago Rhonin e os outros do Kirin Tor a protegeriam tão bem quanto ele mesmo poderia, e nenhum deles corria o risco de distrair Jaina do que deveria ser seu único e exclusivo foco.

— Acho que isso quer dizer adeus, então — comentou a jovem. Jaina sorriu. Deu a ele o sorriso sincero mas ensaiado dos diplomatas, e estendeu a mão. Kalec a segurou, apertando suavemente os dedos macios que ela estendera levemente separados, desfrutando o aperto de mão como o que provavelmente era: a última vez que a tocaria.

— Você estará em boas mãos — disse, sem encará-la.

— Os melhores de Azeroth — concordou Jaina animadamente. — Desejo todo o sucesso a você, Kalecgos. Sei que encontrará o que busca. Para sua revoada e para o mundo. Depois da batalha, caso não tenha encontrado, quem sabe eu não possa ajudar?

Ele engoliu seco e soltou a mão dela.

— Depois da batalha, se eu não houver encontrado, você será a primeira a saber — assegurou, sincero.

Kalecgos deixou a torre apressado, procurando desesperadamente uma área grande o suficiente para que pudesse se transformar e sair dali. Durante o salto para o céu, o dragão aguçou os sentidos, desejando que a íris Focalizadora desacelerasse e parasse, e assim ele poderia recuperá-la sem perder tempo, e voltar logo para Jaina. Mas a íris não cooperava. Sua velocidade o provocava, forçando-o a bater as asas o mais rápido possível numa perseguição provavelmente inútil.

Jaina ficou surpresa com a partida abrupta de Kalecgos, mas percebeu que ela mesma tinha presumido por conta própria que Kalec ficaria para ajudar. Esta batalha não era dele, pensou; provavelmente o dragão havia interferido muito mais do que planejara a princípio. Mesmo sendo charmoso na forma de meio-elfo, ele era um dragão. E dragões não se envolvem nas questões das raças jovens. Ainda assim, uma estranha sensação de perda a consumia. Kalec tinha se tornado um amigo em meio à tensão dos últimos dias, ela sentiria a falta dele mais do que esperava.

Jaina não tinha tempo para remoer ausências. Rhonin, mantendo a palavra, materializou-se diante da torre de Jaina apenas meia hora depois de se falarem. E, como prometeu, não veio sozinho.

Mais de dez o acompanhavam, quatro dos quais Jaina sabia serem proeminentes membros do Kirin Tor, se não do conselho. O resto dos magos era desconhecido, mas Vereesa Correntes foi prontamente reconhecida; nada a faria permitir que o marido se expusesse ao perigo sem que ela estivesse ao seu lado. Como oferta de boas-vindas, Jaina sorriu para a elfa, virando-se para os magos em seguida.

Os quatro convocados por Rhonin eram Tari Enggrenno, um dos mais importantes magos gnomos de Dalaran; Amara Lyra, uma maga humana com longos cabelos negros e uma expressão soturna que escondia um coração gentil; Thoder Espirallago, cujo físico imenso e feições brutas fariam qualquer um pensar que era um guerreiro, em vez de um dos mais arrojados lançadores de feitiços que Jaina já conhecera; e, para sua surpresa, Thalen Tececanto, um Fendessol, esguio, de rosto anguloso e com cabelos da cor do luar.

— Conheço vários de vocês, e aguardo ansiosamente para conhecer o resto — começou a senhora de Theramore, calorosamente. — Saibam que agradeço com todo o meu coração por terem atendido ao meu pedido de ajuda. Mago Tececanto, agradeço especialmente a sua presença. A escolha deve ter sido difícil, para você e para o Arquimago Aethas.

— Não tanto quanto possa estar pensando — respondeu o elfo sangrento com uma voz apazível, levemente rouca. — Foi o meu senhor Aethas quem deu o voto decisivo.

— Mesmo casado com uma elfa, a lógica deles ainda me confunde — observou Rhonin.

Vereesa o encarou com escárnio, e ele respondeu com uma piscadela. Voltando-se para Jaina, o mago disse:

— Bem, aqui estamos. Precisamos falar em particular, Grã-senhora Proudmore, mas meus colegas aguardam instruções.

— Aqui, chamaremos as instruções de solicitações — respondeu Jaina, e virou-se para os seus. — Tervosh, Kinndy, Dolorae? Vocês podem inteirar nossos convidados da geografia da cidade e apresentá-los aos capitães Valente e Canajusta?

Dolorae fez que sim com a cabeça, e Tervosh respondeu:

— Seria uma honra. Somos mais do que gratos pela ajuda.

Kinndy parecia surpresa. Incrivelmente, desta vez a aprendiz não fez nenhum comentário. Jaina observou o grupo se afastar e ouviu Rhonin.

— Você sabe que irritou vários magos — disparou ele sem preâmbulos.

— Eu? — Jaina não fazia ideia do que Rhonin queria dizer.

— Eu sei, eu sei, essa é a minha especialidade. — O arquimago ruivo abriu um sorriso autodepreciativo. — Mas algumas pessoas gostam de guardar rancores. É duro afirmar que você tenha feito inimigos durante a Terceira Guerra, mas suas escolhas não a tornaram especialmente querida para muitos.

— O que eu fiz?

— E mais o que não fez. Alguns em Dalaran sentem que você os abandonou. Foi o que pensaram quando escolheu trabalhar sozinha, em vez de colaborar com o Kirin Tor.

— Eu não era necessária lá. Tinha um... bem, uma vocação diferente. Fui aonde achei que seria mais útil. Não fazia ideia de que outros magos se ressentiriam com a minha escolha.

— São velhos resmungos, nada mais — tranquilizou-a Rhonin. — Algumas pessoas simplesmente gostam de ser ranzinzas. E o que mais incomoda é o fato de que muitos magos pensam que você deveria estar à frente do conselho, não um ruivo de língua afiada. — Diante da expressão de choque com que ela reagiu, ele continuou. — Jaina, quantas vezes ouvi você dizer que negar um talento é tão grave quanto inflá-lo? Eu sou bom. Muito bom. Dos melhores. Assim como muitos outros do Kirin Tor são. Alguns deles estão aqui hoje. Mas você... — O arquimago balançou a cabeça, admirado. — Você é uma grande diplomata, não há dúvida. Azeroth lhe deve muito. Mas até eu acho que talvez você esteja desperdiçando seu talento em Theramore.

— Theramore é uma nação. Uma nação que fundei para brilhar em toda Azeroth como um farol de paz e a esperança. Uma nação que jurei proteger e cuidar. Eu seria só mais uma no Kirin Tor. Aqui... — Jaina apontou toda a atividade que os cercava. — Não posso partir. Nem agora, nem nunca, Rhonin. Você sabe disso. Theramore precisa de mim. E você pode dizer o que quiser, mas não creio que eu poderia

servir melhor Azeroth como maga do Kirin Tor do que tenho feito como diplomata.

Rhonin concordou com um aceno da cabeça, ainda que um pouco pesaroso, Jaina avaliou.

— Você é Theramore — admitiu Rhonin. — Mais do que eu ou qualquer outro poderia ser o Kirin Tor. O mundo está num estado muito, muito triste, Jaina. Não houve chance de recuperação em momento algum. Primeiro a guerra contra Malygos e os azuis. Depois as batalhas contra aquele filho de uma... perdão, contra o Lich Rei, ao custo de vidas incontáveis. No fim, o planeta inteiro quase que se dividiu ao meio. Sem querer desrespeitar seus esforços, acho que a Horda e a Aliança não saberiam o que fazer com a paz, nem que ela viesse embrulhada para presente.

Jaina sabia que Rhonin não tinha intenção de ofender. Apenas se lamentava, assim como ela, por Azeroth e seus habitantes serem forçados a lidar com tantas catástrofes, tanta violência. Ainda assim, as palavras dele iniciaram algo nela, acenderam uma fagulha. Será que ela estava perdendo tempo? Ela mesma não havia dito a Go'el, recentemente, que temia que suas palavras se perdessem ao vento? O que ela disse, voltou: Sinto-me remando contra a maré ao tentar falar, e ainda mais ao tentar ser ouvida.

E... difícil agir com diplomacia e trabalhar por resultados reais, sólidos, quando o outro lado não reconhece mais qualquer ponderação. Vejo-me como um corvo grasnando sozinho no campo, e imagino se não estou apenas perdendo meu tempo.

Kalecgos dissera o mesmo. Por que não está em Dalaran? Por que está aqui, entre o pântano e o oceano, entre a Horda e a Aliança?

Porque alguém tem que estar, foi sua resposta. E porque acreditava que tinha o que era necessário para triunfar como diplomata.

Se realmente acredita nisso, e eu não pretendo convencê-la do contrário, por que tenta tão arduamente se convencer?

Ela estava fazendo a coisa errada? E no lugar errado?

Jaina impediu o pensamento de tomar forma. Agora não era a hora de se perder em arrependimentos. Era hora de agir, de defender seu povo da batalha que literalmente se avizinhava no horizonte.

— Preciso que o povo fique seguro antes — disse a Rhonin. — Nem eu consigo falar de paz com eles na linha de fogo. Vamos.

14



O sol se pôs, vermelho e imponente. O troll e o tauren, pele e pelos como que ensanguentados pelo matiz do poente, subiam, silenciosos e ligeiros, a encosta que os levaria às ruínas da Fortaleza da Guardanorte, onde não restara nenhum membro da Aliança, nem sequer um cadáver. Garrosh Grito Infernal repousava em uma torre outrora ocupada por um almirante, e o troll e o tauren iam a seu encontro.

Garrosh estava de bom humor. As fogueiras que seriam usadas para cozinhar o jantar, além de aquecer e iluminar o acampamento, já estavam acesas. O orc queria que os espiões da Aliança vissem bem quão numerosas eram as forças da Horda que teriam que enfrentar, e não impôs limites à quantidade ou altura das chamas. Um pernil de zebra assava no espeto, girando sobre as labaredas, emitindo um som sibilante a cada gota de gordura que caía ao fogo e um cheiro de dar água na boca.

— Deixe-os passar — ordenou Garrosh a Malkorok, num gesto expansivo — Eles são os líderes dos seus povos. Vol'jin, Baine, juntem-se a mim. Sirvam-se desta carne deliciosa!

O tauren e o troll trocaram olhares e, então, deram um passo adiante. Usaram as próprias facas para cortar e espetar um pedaço da carne gordurosa. Um barril de grogue de cereja passou de mão em mão. Eles beberam com parcimônia.

— Ora — indagou Garrosh —, a que devo o prazer?

— Chefe guerreiro — respondeu Baine —, o povo aguarda suas ordens. O fogo da guerra arde no peito de todos. Você já sabe o que pensamos a respeito disso. Viemos abertamente lhe pedir, lhe implorar que ataque logo, senão a Aliança terá tempo de preparar uma defesa!

— Achei que gostasse da Aliança, Baine Casco Sangrento — comentou Garrosh com voz arrastada. Seu olhar, porém, continuava afiado e alerta, contradizendo a pose langorosa.

— Você sabe onde minha lealdade reside. — A voz de Baine reduzira-se a um mero grunhido. — Não quero levar meus bravos a uma batalha onde serão massacrados... quando posso levá-los a uma batalha da qual sairão vitoriosos.

— E você compartilha da mesma opinião — afirmou Garrosh, virando-se para Vol'jin.

O troll abriu os braços.

— Nós já te falou nossa opinião antes, chefe guerreiro. Meu povo quer beber o sangue da Aliança. Eles fica tudo impaciente, se tu fica assim segurando eles. Os Renegados pode até ser paciente e tudo mais, mas eu tenho que te perguntar, irmão: que que tu tá pensando? Tu é um grande guerreiro! Tu não tem medo da Aliança, então por que não ataca agora?

— Você tem razão. Sou um grande guerreiro. E sei mais do que o suficiente sobre estratégia. Estou cansado de todos os seus questionamentos quanto à minha sabedoria marcial. — A pose descontraída desaparecera completamente. Garrosh não havia bebido nem comido em demasia. Os olhos dele fitavam intensamente os dois interlocutores.

— Não questionamos isso. Também somos guerreiros de grande renome, e compreendemos a necessidade de uma tática eficiente.

Vimos oferecer nosso conselho, conquistado a duras penas com o sangue dos nossos povos, no intento de evitar um massacre desnecessário, e lhe suplicamos que nos escute.

Baine respirou fundo, levantou-se, foi até Garrosh e ajoelhou-se diante dele. O gesto de obediência foi ressentido, mas genuíno. Ele precisava convencer Garrosh. Seu povo e toda a Horda dependiam disso.

— Os taurens e os trolls sempre foram amigos dos orcs. Admiramos e respeitamos sua raça. Você é o chefe guerreiro da Horda, Garrosh Grito Infernal, e não só dos orcs. — Baine desviou o olhar para a figura imponente de Malkorok, que pairava ao lado de Garrosh, os braços cruzados sobre o tórax cinzento e musculoso, e os olhos fixados em Baine, desdenhosos. — Você é o líder de todos nós, e é sábio demais para ignorar nosso conselho. Não compreendemos por que você só quer dar ouvidos a este orc Rocha Negra.

Malkorok grunhiu e deu um passo adiante. Garrosh ergueu a mão, detendo o orc antes que ele pudesse se aproximar mais.

— Quero que leve uma mensagem ao Sangue e Trovão e aos outros navios reunidos em volta do Porto de Theramore — comandou Garrosh, o olhar voltado não para Malkorok, mas para Baine. — Diga-lhes que as ordens mudaram.

Baine e Vol'jin trocaram um olhar esperançoso. Parecia-lhes que Garrosh finalmente iria lhes dar ouvidos.

O orc sorriu por trás das presas e, quando falou, sua voz foi firme:

— Diga à frota para se afastar ainda mais de Theramore. Diga para se afastarem até que nem mesmo a mais sofisticada engenhoca da Aliança possa vê-los. A presença deles não é mais necessária.

— O quê!? — questionou Vol'jin, num grito sufocado de incredulidade.

— Meu objetivo foi alcançado. Eu queria que a Aliança soubesse da potencial ameaça à sua costa.

Baine ergueu-se lentamente.

— Você... vai fazer com que a frota recue? — indagou o tauren, a voz oca.

— Vou — confirmou Garrosh, também se erguendo. Os dois se encararam.

— Em vez de atacar agora, antes que Theramore possa solicitar reforços... você vai recuar.

— Sim. E o assunto está encerrado, tauren. Estas são as minhas ordens. Você as questiona?

O instante se arrastou, tenso e silencioso, salvo pelo gotejar sibilante da carne ao fogo. Todos permaneceram imóveis, porém atentos ao menor sinal de movimento.

— Você é o chefe guerreiro da Horda, Garrosh Grito Infernal — sucumbiu Baine, finalmente. — E procederá conforme a própria vontade. Rogo apenas à Mãe Terra que, ao fim deste fiasco, ainda reste algo da Horda.

Antes que Garrosh pudesse lhe provocar uma vez mais, Baine lhe deu as costas e partiu. Vol'jin o acompanhou. Enquanto rumavam para o acampamento, os dois ouviram os orcs gargalhando às suas costas.

Pairava em Theramore um ar de determinação e seriedade. O aspecto marcial da cidade, sempre presente, fora elevado ao máximo. A estalagem não era mais um lugar para se sentar ao fogo e desfrutar de boa cerveja e prosa, mas um alojamento de soldados, chegando a oito num mesmo quarto. Camas de campanha espalhavam-se por todos os lados, até mesmo nos espaços públicos. Feijão seco, grãos, carne defumada e galões de água eram estocados aos montes no coração da Cidadela do Esteio.

Um estilhaço de esperança revigorou a cidade brevemente quando as velas da 7ª Frota foram avistadas no horizonte. Os navios, vinte ao todo, transportavam não só os melhores marinheiros de Ventobravo, como também vários generais de grande renome. Quando a nau capitania, a Espírito de Talian, aportou em Theramore, seguida pelo resto da frota, o clima era quase de celebração. Apesar da urgência, os

marinheiros da nau capitania desembarcaram com uma cerimônia curta, porém zelosa, marchando ao rufar marcial de um tambor até que estivessem todos em formação diante de Jaina, Dolorae, Tervosh, Kinndy, Vereesa e dos membros do Kirin Tor. Atrás deles, reuniam-se os cidadãos de Theramore, as expressões de cansaço e angústia abrandando-se enquanto eles vibravam pelos homens e mulheres que vieram ajudar a defendê-los.

Varian dissera a Jaina que enviaria o máximo de ajuda possível, mas não lhe dera nomes, pois nem mesmo ele sabia com quem conseguiria se comunicar a tempo. Jaina protegeu os olhos do sol e observou com atenção os homens e mulheres de praticamente todas as raças da Aliança que desciam a rampa marchando.

— Marcus Jonas, general de Ventobravo, comandante da Defesa de Ventobravo — anunciou um dos marinheiros.

Um homem alto e robusto, envergando imensa armadura de placas, desceu a rampa do navio com leveza surpreendente. A barba e o bigode eram fartos, mas os cabelos castanho-avermelhados possuíam um corte rente. Ele exibia um ar calmo, mas pronto para entrar em combate a qualquer instante. Jaina não era uma mulher de baixa estatura, mas, quando Marcus se aproximou e lhe estendeu a mão, ela se sentiu muito, muito pequena.

— Fui o primeiro a receber a convocação do rei Varian e o primeiro a aceitar. Você já fez tanto pela Aliança que é uma honra poder ajudá-la.

— Obrigada, general. Você nos traz esperança.

Em seguida, vieram dois anões. Jaina não os conhecia pessoalmente, mas já ouvira falar de sua reputação e sabia a razão trágica pela qual estes dois anões em específico, e não outros dois, haviam sido convocados.

— Thaddus Durogolpe dos Martelo Feroz — grunhiu o primeiro, saudando-a com o martelo, em vez de apertar a mão.

— Horran Jubarrubra do Acampamento da 7ª Legião — apresentou-se o segundo.

— Sejam bem-vindos — respondeu Jaina — e aceitem minhas condolências pelas mortes do general Trovechoque e do general Marpetra.

Thaddus Durogolpe meneou a cabeça.

— Certamente não desejávamos obter nossas promoções por meio da morte dos nossos superiores.

— Mas nós os vingaremos — acrescentou Jubarrubra. — Estamos felizes em ajudar. Massacrar a Horda é sempre bom, não importa onde seja.

Mesmo com a Horda acampada à soleira da porta, Jaina lamentava a necessidade de lutar, e a sede de sangue que os anões demonstraram a angustiava. Ainda assim, ela fez um sinal vago de aprovação e se virou para o próximo general.

Os cascos batendo suavemente na madeira da rampa, o general draenei Tiras'alan se aproximou de Jaina. Foi uma surpresa agradável vê-lo, especialmente após a demonstração aberta por parte dos anões de ódio à Horda. Tiras'alan estivera presente no encontro histórico entre Lady Liadrin, dos cavaleiros de sangue, e o naaru A'dal. Foi quando Liadrin renunciou a Kael'thas e escolheu servir a Ofensiva Sol Partido. Inicialmente, o draenei se enfureceu com a aproximação da elfa sangrenta, depois de tudo que o povo dela havia feito. Mas A'dal demonstrou compaixão e a perdoou. Por fim, foi Tiras'alan quem entregou o tabardo do Sol Partido a Lady Liadrin.

Jaina saudou o draenei calorosamente. Força e bondade irradiavam do general, tal qual a luz dourada emitida pela armadura enquanto ele se curvava em reverência.

— Vim para proteger-vos e defender-vos — declarou ele. — As histórias de vossos grandes feitos em prol da paz chegaram até mesmo a Shattrath. — Sua voz era melodiosa e profunda. — Theramore resistirá. A Horda não triunfará.

O draenei não falou em "massacrar a Horda", mas seu juramento de lealdade fora tão firme e sincero quanto o dos anões.

— Sua sabedoria é mais que bem-vinda — respondeu Jaina. — Ter a Luz de um paladino ao nosso lado certamente nos ajudará na batalha que está por vir.

Uma elfa noturna de cabelos azuis e pele purpúrea adiantou-se, cintilando à luz do sol. Jaina sorriu e saudou a aliada, Shandris Plumaluna, general das Sentinelas noctiéficas, como uma amiga.

— Irmã de batalha — exclamou Shandris, devolvendo o sorriso candidamente. — O arquidruida e a alta-sacerdotisa me enviaram a você com alegria, e é com alegria que eu e minhas sentinelas viemos ajudá-la.

— Vocês são mais que bem-vindas — respondeu Jaina, dando-se conta de que, se Shandris havia trazido algumas sentinelas, era provável que os outros generais também tivessem trazido alguns de seus melhores guerreiros. Garrosh reunira todas as raças da Horda para atacar Theramore; eles seriam recebidos à altura.

Embora não fosse um general, o último a marchar pelas docas de Theramore era outro velho amigo de Jaina. A grã-senhora soubera havia pouco que ele sobrevivera à devastação da Fortaleza da Guardanorte. O soldado fora gravemente ferido e desmaiara; a Horda o dera por morto e o abandonara no campo de batalha. O prazer em revê-lo foi seguido de choque e dor pela sua aparência. O amigo de Jaina não saíra da batalha ileso: perdera um olho, e uma horrenda cicatriz maculava o que outrora fora um belo semblante. Enquanto se aproximava, Jaina percebeu que ele mancava de leve. Notando o olhar a compaixão em seu rosto, ele sorriu o máximo que pode com sua face desfigurada.

— Almirante Cochrane — saudou Jaina calorosamente, correndo até ele com os braços abertos num sinal de boas vindas.

— Grã-senhora Proudmore. Estou vivo e a Horda não me tirou o juízo. Isso é tudo que importa. Eu a servirei o melhor que puder.

— O melhor que você puder é melhor do que muitos jamais serão capazes de fazer. Estou tão feliz em revê-lo. A Aliança ainda há de celebrar este seu juízo. E um relato em primeira mão das táticas da

Horda certamente nos será útil. — Ela apertou as mãos do almirante e indagou: — Você trouxe mais... ? — Emudecendo-se ao ver a expressão de solenidade que se formava no rosto do amigo.

— Cerca de meia dúzia sobreviveu com partes do corpo suficientes para lutar, e vieram comigo. Eu também trouxe notícias sobre a frota da Horda, e preciso compartilhá-las o mais rápido possível.

— O almirante tem razão — concordou Thaddus Durogolpe. — Agora não é hora de tomar o chá da tarde e jogar conversa fora.

— De fato — respondeu Jaina prontamente. — Quisera eu que tivéssemos tempo para uma recepção digna. O capitão Valente instruirá a tripulação e os soldados quanto à cidade e suas defesas. Generais e almirante, queiram me acompanhar ao forte. Temos bastante a discutir.

Pouco depois, Jaina, os cinco generais, os cinco membros do Kirin Tor, a general-patrolheira Vereesa e o almirante estavam sentados ao redor de uma grande mesa. Tinta, penas e papel à mão e copos de água fresca. Nem mesmo os anões pediram cerveja, pois todos sabiam que suas mentes precisavam estar limpas e afiadas.

— Eu lhes desejo boas-vindas uma vez mais — disse Jaina, abrindo a reunião. — Generais, patrolheira-general e almirante, os magos diante de nós são membros do Kirin Tor, e dentre eles encontra-se o respeitável Thalen Tececanto. Eles vieram nos oferecer sua sabedoria na defesa de Theramore.

Marcus Jonas fitou Rhonin.

— Na defesa — repetiu ele. — Então, vocês ainda não escolheram um lado na batalha que está por vir?

— Tenho esperança, por mais improvável que seja, de que não haja batalha alguma — retorquiu Rhonin, com uma placidez que não lhe era comum. Em resposta ao murmurejar que percorria a mesa, ergueu uma de suas mãos. — Se nossa presença não for suficiente para impedir a consumação da violência, então defenderemos a cidade de modo a salvaguardar o maior número de vidas possível. Enquanto isso

— sorriu —, alguns de nós já sujaram as mãos no passado. Talvez possamos ajudar com o planejamento.

— A Luz envia auxílio por toda sorte de senda e por toda sorte de mensageiro — interveio Tiras'alan, direcionando suas palavras ao Fendessol. — Eu aprecio a dádiva de tua enorme sabedoria.

Meneios e balançares de cabeça foram trocados, alguns mais relutantes do que outros.

— Estou feliz por todos concordarmos que temos um inimigo em comum — declarou Jaina. — Há muitos anos de experiência reunidos em volta desta mesa. Fico grata pela sua presença.

Cochrane se inclinou para frente:

— Antes de começarmos a discutir nossas estratégias e planos, Grã-senhora Jaina, eu preciso contar o que vimos a caminho do porto.

Jaina empalideceu.

— Deixe-me adivinhar: várias belonaves da Horda.

— Não dá para vê-los do porto — comentou Jonas, franzindo o cenho. — E os navios de Theramore não se afastaram da cidade, ou assim fomos informados. Como você sabia?

— Eles estiveram por perto dias atrás, tomando cuidado de permanecer em território da Horda — contou Dolorae. — E, aparentemente, não foram embora.

— Estávamos mais do que prontos para confrontá-los ao menor sinal de provocação, mas eles não fizeram absolutamente nada. Era como se estivessem desfrutando de um cruzeiro. Nem sequer se moveram.

— O que, aliás, foi uma pena — acrescentou Durogolpe, desapontado.

— Não temos vontade alguma de iniciar esta guerra — afirmou Jonas, mas Jaina percebeu que ele também parecia desejar que a Horda tivesse disparado contra Theramore, de modo a finalmente arrebentar toda aquela tensão. — Mas seremos nós que daremos um fim a ela. Eles estão lá, estão armados... e estão esperando.

Tiras'alan pigarreou.

— Com licença. Grã-senhora Jaina, nós soubemos que vós... fostes avisada do ataque. Vós achais que pode ter se tratado de um engodo? Que

Garrosh intente que acheis que o alvo seria Theramore, quando, na verdade, trata-se algum outro sítio?

— Bah, mas não há nenhum outro alvo bom que possa ser atacado por terra — discordou Jubarrubra, desdenhoso. — Acho que seria idiotice deixar aquele monte de "hordeiros" boiando à toa no mar. A Horda é grande, é vero, mas nem tanto.

— A ideia nos passou pela cabeça — acrescentou Shandris. — Mas não vimos evidência alguma de que a Horda tivesse planos de atacar outro lugar que não Theramore.

Jaina ponderou a questão e, por fim, balançou a cabeça.

— Não. Estou certa de que não se tratava de um ardil. Meu... contato se arriscou bastante ao vir falar comigo, e eu tenho plena confiança nele. — Ela ouvira Baine lamentar a morte do pai, assinado por traição, e vira uma arma sagrada da Luz brilhar em seus fortes punhos. Ele não a trairia.

O draenei se virou para ela e aquiesceu:

— Então, confiaremos na palavra de vosso contato secreto. As evidências parecem apontar na mesma direção.

Shandris inclinou-se para frente.

— Almirante Cochrane, nós tivemos a honra de conversar com o senhor durante a viagem, mas a grã-senhora e os outros não. Por que não conta a eles o que compartilhou conosco? — A elfa sorriu. Não era um sorriso alegre. Shandris Plumaluna era uma predadora e estava pronta para começar a caçada. — E, então, poderemos montar uma estratégia.

Jaina pediu um momento para agradecer à Luz; e a Varian Wrynn, A'dal, à Alta-sacerdotisa Tyrande, ao arquidruída Malfurion, a Rhonin e ao Conselho dos Três Martelos; pela reunião da sabedoria destes guerreiros e guerreiras de muitas batalhas. Com sorte, eles

conseguiriam não só resistir ao ataque da Horda, mas fazê-lo com o mínimo de perdas nos dois lados.

E então, quando Garrosh Grito Infernal se desse conta de que nem mesmo a mais violenta das suas empreitadas triunfaria, talvez ele se dispusesse a fechar um acordo de paz.

Mãe Terra, guie os meus caminhos, orava Baine, silenciosamente. Viera ao pequeno jazigo de lembranças; o equivalente taurino a um cemitério; próximo ao acampamento que os taurens haviam cruzado a caminho de Guardanorte. Ele se sentia reconfortado ali, onde os espíritos benevolentes dos mortos ainda vagavam.

Os dias se arrastavam enquanto a Horda aguardava, e aguardava... e as defesas da Aliança em Theramore já haviam se fortalecido nesse meio-tempo. Baine recebera de Perith a notícia da entrega de sua mensagem a Jaina, que a recebera com a cortesia e a gratidão que lhe faziam jus. Contudo, o alerta fora dado para que a Aliança pudesse impedir um massacre por parte da Horda, e não para que a Aliança tivesse uma chance de massacrar a Horda. E era nessa direção que as coisas estavam se encaminhando. Mas a culpa não era de Jaina; Garrosh, por algum motivo inexplicável, parecia contente em ficar entocado com seus Kor'kron e com o orc Rocha Negra, enquanto instantes preciosos se passavam.

Corria a notícia de que a famosa frota da 7^ª Legião havia aportado em Theramore, e de que o convés da nau capitania estava infestado de generais da Aliança, cujos nomes deveriam causar terror até mesmo em Garrosh. Em vez disso, Baine ouvira gargalhadas e bravatas vindo do acampamento do chefe guerreiro enquanto as terríveis notícias eram sussurradas de ouvido em ouvido entre os soldados rasos da Horda, que aguardavam ordens.

Baine não tinha mais ânimo para protestar contra a espera de Garrosh. Na melhor das hipóteses, seria provocado até atingir o limite da paciência. Na pior, seria acusado de traição e, talvez, executado.

Baine era um guerreiro. Conhecia táticas e estratégia, e sabia que o que às vezes parece tolice pode se mostrar como sabedoria. Mas ele não

conseguia encontrar nenhum vestígio de sabedoria no plano de Garrosh. O orc atacara Guardanorte e a vitória fora massacrante. Se tivesse avançado até Theramore um ou dois dias depois, certamente teria obtido uma vitória semelhante. Mas, em vez disso, o filho de Grom dera tempo a Jaina para descobrir o ataque, estocar mantimentos e armas e receber reforços.

— Por quê? — questionou Baine, em voz alta.

Ele pensava em seu povo, que era firme e valente, e em seu juramento de lealdade a Garrosh como líder da Horda. E, então, imaginou os taurens jazendo numa pilha de cadáveres pútridos, mortos não pelas armas da Aliança, mas pelas decisões tolas e absolutamente incompreensíveis de Garrosh. Ele levantou o focinho aos céus, os olhos enchendo-se de lágrimas, e, a sós com seus ancestrais, brandiu os punhos furiosamente e gritou com toda a inquietação e dor que calava em seu peito:

— *Por quê?*

15



Nada. Resultado nenhum. A íris Focalizadora ziguezagueava por Kalimdor como se embarcada numa expedição liderada por loucos. Kalecgos era bombardeado por sentimentos: preocupação, medo, frustração, raiva e, o pior de todos, uma impotência torturante.

Não era dado às demonstrações de arrogância tão comuns em vários dragões, inclusive de sua própria revoada. Mas ele era um dragão azul, e outrora fora o Aspecto dos azuis, e a íris Focalizadora pertencia a eles. Como era possível que um artefato tão poderoso pudesse ser roubado e, depois, escapar dele repetidamente? E por que Kalec se sentia mais impelido a retornar a Theramore para proteger Jaina da matança que estava por vir do que a continuar sua busca? A resposta era simples, mas ele se recusava a aceitá-la. Kalec chicoteou os ares com a cauda, em frustração, mergulhou e rumou novamente ao leste.

A Horda continuava no mesmo lugar: figuras estáticas, barracas pequeninas e máquinas de guerra em miniatura espalhavam-se por uma enorme área. Mesmo durante o dia, Kalec podia ver os pontos brilhantes que indicavam os acampamentos.

O exército parecia... maior do que antes. Seria essa a razão do joguinho de Garrosh? Ele estava esperando reforços? Ou o exército estava apenas mais espalhado?

A compreensão o atingiu como um trovão e, com ela, um estado de paz por finalmente saber qual seria o seu caminho. Kalec bateu as gigantescas asas uma, duas, três vezes, inclinando seu corpo sinuoso e azulado e voltando-se novamente para o caminho de onde viera.

A íris Focalizadora ainda era, evidentemente, a coisa mais importante. Os danos causados a este mundo seriam descomunais se seus raptos resolvessem usá-la para o mal. Mas ela não seria resgatada, não enquanto estivesse se locomovendo de forma tão desordenada. Era um grande perigo, mas não imediato.

A Horda era.

Não era a decisão correta, o dragão sabia. Não era a decisão que outro dragão azul teria tomado.

Mas ele não era outro dragão azul, e sim Kalecos. E seu coração ascendia às alturas a cada batida das suas poderosas asas.

A reunião dos oficiais estava completa com mapas, miniaturas, sanduíches e discussões acaloradas. Já se estendia havia quatro horas quando Marcus Jonas sugeriu um intervalo.

Jaina se certificou de que teria a oportunidade de passar aqueles preciosos minutos de descanso sozinha. Há muito que ela vagava de crise em crise, e todos solicitavam sua atenção, sua sabedoria, seu conselho, suas habilidades. A última fora a busca pela íris Focalizadora, empreitada sobre a qual a maga não quis refletir muito, para evitar o medo de que a missão fracassaria, mesmo se tratando do antigo Aspecto Dragônico azul. E agora esta: a Horda destruía Guardanorte e agora se voltara contra a cidade.

Nunca fora uma moça muito sociável, preferindo o deleite solitário dos livros e pergaminhos às diversões intensas e cacofônicas dos bailes e festas. Tampouco o fora em sua vida adulta, apesar de ser uma diplomata de renome que sempre cumprira muito mais do que suas obrigações formais. Ela gostava de negociar pessoalmente, cara a cara

se possível. E então, com a negociação concluída, o tratado assinado e os brindes entoados, ela retornava ao lar, a Theramore, ansiosa pela solidão e pelo ritmo lento das coisas. E, agora, havia mais movimento em Theramore do que jamais vira, mesmo em suas visitas a Lordaeron. Havia vários homens e mulheres que transpiravam poder e autoridade. A solidão de Jaina se estilhaçara feito um espelho quebrado, refletindo fragmentos cortantes de caos e urgência.

A pungência do pântano vizinho não agradava a todos em Theramore, mas assim que pisou do lado de fora e respirou fundo, Jaina abriu um sorriso. Não se comparava ao perfume das flores de uma macieira ou das flores da Dalaran de sua infância, tampouco à fragrância leve dos pinheiros de Lordaeron. Mas, para ela, aquele cheiro só significava uma coisa: lar.

Uma enorme sombra a encobriu. Ela olhou para o alto, protegendo os olhos, e viu uma silhueta pequenina tampando o sol. A silhueta desceu em círculos, crescendo à medida que se aproximava. Um sorriso surgiu no rosto de Jaina, enquanto acenava para Kalecgos.

Havia menos áreas de pouso desde a chegada das tropas, de modo que ele se desviou para a Costa Tenebrosa. Jaina se encaminhou aos portões, que agora eram mantidos fechados e guardados o tempo todo, e acenou com impaciência para que o abrissem. A maga correu através dos morros que levavam à praia, desviando-se das muitas e enormes tartarugas que iam e vinham lentamente do oceano.

A faixa de areia em que Kalecgos pousou era muito estreita e sequer poderia ser chamada de praia. Ele assumiu sua forma de meio-elfo enquanto Jaina corria ao seu encontro. Jaina reduziu o passo, dando-se conta de que a atitude era muito impulsiva e infantil para uma mulher da sua idade e posição. Seu rosto estava corado. Se era pelo esforço ou pela vergonha, não sabia dizer.

O sorriso de Kalec ao vê-la ressaltava sua beleza, e Jaina sentiu a esperança inflar em seu peito ao segurar as mãos estendidas dele.

— Você a encontrou? — disse ela. O sorriso de Kalec se desfez.

— Infelizmente, não. O comportamento da íris continua desordenado demais para que consiga rastreá-la.

— Sinto muito — disse ela, fazendo um gesto de consolo —, por todos nós.

— Eu também. Mas diga-me... você me parece incomodada. As reuniões não estão dando certo? Imaginava que, com tantos e tão sábios conselheiros, você já teria descoberto um jeito de derrotar a Horda, mandá-los de volta à mamãe, convencê-los a trocar a guerra pelo tricô e, quem sabe, adotar uns gatinhos?

Jaina riu da brincadeira.

— Realmente, temos sorte por termos tantos aliados de tamanha experiência. Mas... talvez seja este o problema.

Kalec lançou um olhar aos portões de Theramore.

— Você tem que voltar logo?

— Tenho um tempinho.

Kalec apertou as mãos de Jaina e, soltando uma, apontou para a praia abaixo, sugerindo que andassem de mãos dadas.

— Conte-me tudo — pediu, por fim.

— Eles são... muito beligerantes.

— Eles são generais.

Jaina fez um gesto de impaciência, perguntando-se por que continuava a segurar a mão de Kalec enquanto andavam.

— Eu sei, mas... é só que não há necessidade real de uma guerra. Para muitos deles, é pessoal. E sei que já deveria estar preparada para isso. Mas... você conhece a minha história, Kalec. Perdi meu pai e meu irmão para a Horda. Escolhi não seguir o mesmo caminho e buscar a paz. Se há uma pessoa que deveria ser amarga e rancorosa, sou eu. Mas ouço os nomes pelos quais chamam a Horda, nomes insultantes e cruéis, e sinto-me arrependida.

E claro que quero defender minha cidade. Quero expulsar a Horda, eliminando a ameaça imediata. Mas não quero... não quero arrancar-lhes as vísceras ou espetar suas cabeças em lanças.

— Mas ninguém poderia culpá-la se quisesse.

— Mas eu não quero! Eu não... — Jaina se calou, enquanto buscava as palavras certas. — Meu pai não queria apenas vencer. Odiava os orcs. Queria esmagá-los. Varrê-los da face de Azeroth. Assim como alguns desses generais.

Ela contemplou o perfil de Kalecgos, os traços puros e decididos como se desenhados pelas mãos habilidosas de um artista, o cenho franzido enquanto escutava com bastante atenção, e os olhos mirando o chão, de modo a prevenir que o casal desse qualquer passo em falso. Ao perceber que a maga o observava, Kalec se virou para ela. Jaina ainda não havia percebido quão azuis eram os seus olhos.

— Vocês os amava profundamente — disse Kalec, gentil. — Seu pai, Daelin, e seu irmão, Derek.

— E claro que os amava — respondeu Jaina. Não conseguindo mais encarar aqueles olhos azuis e gentis, ela desviou o olhar para os próprios pés, que andavam lentamente sobre a areia e os pedaços de madeira trazidos pelo mar. — Eu me senti... muito culpada quando morreram.

— Seu pai sucumbiu pelas mãos de um orc, e depois você se tornou amiga de Thrall. E seu irmão — continuava ele, a voz ainda mais doce e assumindo um tom de tristeza —, foi morto por um dos dragões vermelhos que os orcs cavalgavam.

— E agora sou amiga de um dragão — retrucou Jaina, tentando aliviar o clima. Kalec esboçou um sorriso, mas seus olhos continuaram tristes.

— E você se pergunta o que seu pai pensaria das suas escolhas agora. Jaina assentiu, perplexa por quão bem Kalec a compreendia.

— Acha que as crenças do seu pai possuem algum mérito? — indagou o dragão.

— Não — disse Jaina, balançando a cabeça coberta de fios loiros. — Mas é difícil... principalmente agora, que ouço a mesma retórica repleta de ódio. E como... um eco do passado. E acho que não estava preparada para escutar isso de novo. Mas como lhes dizer que estão

errados em sentir tanta raiva e dor? Já perderam tanta coisa, tantos entes queridos.

— Não é a raiva e a dor que a inquietam. Ninguém pode dizer que não sabe pelo que passaram. Você simplesmente não concorda com as conclusões que tiraram das próprias experiências. Não há nada de errado em discordar. Mas acha que o ódio deles atrapalhará seu desempenho em combate?

— Não — respondeu ela após ponderar sobre a questão.

— Então creio que também não acham que a sua propensão à paz afetará sua habilidade de lutar e defender sua cidade.

— Quer dizer que... nada importa? Como se sentem, como me sinto?

— Importa muito. Todos vocês concordam que é preciso proteger a cidade a todo custo. E, por ora, é isso que mais importa.

Havia um tom de urgência na voz de Kalec, uma urgência que parecia distante do assunto discutido, e isso fez com que Jaina se detivesse e lhe lançasse um olhar indagador.

— Kalec... eu sei que é vital que você encontre a íris Focalizadora. Eu não esperava que voltaria, caso a encontrasse. Na verdade, não esperava que fosse voltar jamais. Por que voltou?

Jaina achou que fosse um questionamento simples, mas a pergunta o incomodou. O meio-elfo não respondeu imediatamente, nem a encarou. Era como se fitasse algo que Jaina não era capaz de ver. Ela esperou pacientemente. Depois de algum tempo, Kalec se virou e tomou suas mãos.

— Também tive que fazer uma escolha. Poderia continuar a perseguir a íris Focalizadora na esperança, provavelmente fútil, de que fosse parar em algum lugar. Ou então poderia voltar para cá e lhe dizer que estou pronto para ajudá-la a defender Theramore.

Jaina abriu a boca, mas as palavras não lhe saíram por alguns instantes.

— Kalec... é muito gentil da sua parte, mas... não deveria se preocupar comigo. Precisa encontrar a íris Focalizadora.

— Não pense que esqueci meu dever para com a minha Revoada. Continuarei minha busca até o último instante possível. Neste meio tempo,

Jaina Proudmore, maga de extraordinários poderes, caso queira ter um dragão azul como aliado na batalha que está por vir... então, você o terá.

A gratidão e a nova onda de esperança fizeram com que Jaina se sentisse um pouco fraca. Segurou firme na mão de Kalec, enquanto ele a contemplava. A grã-senhora não conseguia sequer pensar em palavras para agradecê-lo. Sentia o coração pleno e contente de um jeito que não lhe parecia estranho. Afastou tais pensamentos. Kalecgos era o líder da Revoada Dragônica Azul. Ela já ouvira dizer, inclusive dele mesmo, que Kalec era "excêntrico". Isso tudo não passava do peculiar interesse que o dragão nutria pelas raças mais jovens. Jaina não se permitiu pensar que pudesse ser qualquer outra coisa. A Luz sabia, ela nunca escolheu bem os homens. Então... por que ele continuava a segurar sua mão, os dedos calorosos e fortes se entrelaçando como um manto protetor entre os dela?

— Theramore e a Aliança serão eternamente gratas — agradeceu ela, enfim, incapaz de fitá-lo.

Kalec ergueu o queixo de Jaina com a ponta de um dos seus dedos, forçando-a a olhar para ele.

— Não estou fazendo isto pela Aliança nem por Theramore — declarou Kalecgos, suavemente. — Estou fazendo isto pela grã-senhora de Theramore. — E então, achando que havia falado demais, afastou-se e concluiu, desta vez com a voz sóbria: — Tenho que voltar à minha busca, mas não irei longe. Retornarei antes da chegada da Horda. Prometo.

Kalec a beijou na palma da mão e se afastou para assumir sua poderosa forma de dragão. O gigante azul baixou a cabeça até quase tocar o chão, em desmesurada cortesia dragônica. E depois ascendeu aos céus.

Jaina o acompanhou com o olhar, os dedos fechando-se, trêmulos, sobre a palma da mão, como que guardando o beijo que recebera.

Depois de muita espera, as ordens foram dadas.

A Horda começou a marchar.

Acampamentos, há muito habitados por soldados impacientes, foram desmontados de forma rápida e eficiente. Lâminas e flechas, afiadas e emplumadas numa tentativa de afastar o tédio e a inquietação causados pela inatividade compulsória, foram carregadas em aljavas, embainhadas e preparadas para embeber-se no sangue da Aliança. Armaduras, reluzindo à luz rubra da alvorada ou amaciadas com óleo, foram vestidas, e a Horda se pôs a caminho.

Como feras sedentas de sangue, as divisões disputaram as melhores posições, mas, aparentemente, Garrosh já previra que aquilo aconteceria. Os Kor'kron, liderados por Malkorok, cavalgavam seus enormes lobos negros entre as tropas. O rufar dos tambores conduzia a marcha. O caos gerado em antecipação à batalha foi diminuindo até que cada um dos grupos se encaixasse no ritmo: os orcs na vanguarda, seguidos dos taurens, trolls, Renegados e elfos sangrentos, com os goblins e suas diversas engenhocas nefastas mesclados entre as divisões.

A terra tremia sob a marcha e o ribombar dos tambores; tambores que, em batalhas passadas, fizeram tremer o inimigo antes mesmo que vislumbrassem a poderosa Horda. A Aliança gostava de pensar nos membros da Horda como "primitivos" e de pensar em si próprios como "civilizados" e, portanto, superiores. Mas que anão, seguro em seus salões de pedra, sabia o que era refestelar-se na carne do inimigo tal como um Renegado? Que humano, em toda sua complacência, conseguiria perder-se no ardor da batalha de forma tal que, minutos depois, se encontraria com os olhos em sangue, a voz rouca de tanto urrar, erguendo-se sobre os cadáveres de seus inimigos? Que mísero gnomo conhecera a alegria de lutar ao lado dos espíritos dos seus ancestrais, num eco fantasmagórico da batalha em carne e osso?

Nenhum.

Esta era a Horda. Esta era sua glória. A terra cedia à marcha de suas botas, seus cascos e pés descalços; os músculos se flexionavam por baixo das pelagens e peles retesadas, em tons de verde, azul, castanho e rosa. A canção irrompia das gargantas escancaradas. Lanças, espadas, arcos e lâminas estavam empunhados e prontos para atacar.

A vasta onda fluía rumo ao sul, rumo a Theramore, milhares de bravos guerreiros com apenas um propósito.

Lutar e, talvez, morrer com honra e glória. Pela Horda.

Não fazia sentido algum, e Kalecgos era inteligente demais para não ter percebido, mas, ainda assim, ao deixar Jaina, o dragão se encheu de esperança. A surpresa e a felicidade que tomaram conta do rosto dela ao ter a mão beijada — e ele não ousaria ir além disso, não por enquanto — fez com que o dragão visse o mundo com outros olhos. Ele sempre falara na alegria dos humanos, e finalmente pôde senti-la na pele.

Theramore resistiria à Horda, ele tinha certeza. A arrogância de Garrosh seria exposta a todos. Homens mais sábios se sentariam à mesa de negociação, Baine ou Voljin, por exemplo, e uma nova era teria início.

Tudo seria possível, se os sentimentos de Jaina fossem recíprocos. E Kalec ousou esperar que sim.

Como que pelo poder do seu entusiasmo, o deslocamento aleatório da

íris Focalizadora diminuiu até quase cessar completamente. Kalecgos pairou no ar, batendo as asas com força, estendendo seus sentidos mágicos.

A íris estava mais devagar... e estava perto. Mais perto do que nunca. Ele a localizara! A energia vinha do norte. Ele mergulhou veloz e se virou rumo ao norte, seguindo o rastro. Com olhos cravados no chão, Kalec baqueou ao se dar conta de que a comemoração antecipada da vitória fora prematura demais.

A Horda estava a caminho.

— Eles se acalmaram — comunicou Malkorok ao chefe guerreiro, que cavalgava a seu lado.

— E claro que sim — respondeu Garrosh, fitando orgulhoso o vasto exército que marchava em passo firme, rumo a Theramore. — São guerreiros. Anseiam pelo sangue da Aliança. Eu os mantive sob controle. Agora, a sede deles é ainda maior, e meu plano, muito mais sólido.

Garrosh se lembrou de Baine e Voljin. O chefe guerreiro aprendera com a morte de Caerne e, apesar dos líderes dos trolls e taurens o irritarem profundamente, sabia que seria tolice desafiá-los ao combate ritualístico. Os dois eram amados e respeitados por sua gente e ambos eram genuinamente leais à Horda, senão a Garrosh. Logo se ajoelhariam diante do chefe guerreiro e reconheceriam que suas táticas haviam sido mais do que brilhantes e que ele fizera mais pela Horda do que nenhum líder, nem mesmo o adorado Thrall, jamais fizera.

E então prestariam honras a Garrosh e à Horda, e o chefe guerreiro demonstraria sua magnanimidade perante os dois, assim como fizera com o capitão Briln. O orc se permitiu abrir um sorriso de contentamento, sentindo-se superior.

De repente, gritos e urros surgiram. Todos apontavam o céu e berravam. Garrosh estreitou os olhos contra o sol já forte e vislumbrou uma silhueta. Era grande e delgada e...

— E um dragão! — urrou ele. — Derrubem-no!

Assim que a ordem foi dada, os cavalga-ventos iniciaram o ataque. A Horda possuía uma esquadra aérea composta não só de mantícoras; as preferidas dos orcs; mas também dos morcegos, falcodragos e outras criaturas domesticadas em razão das suas habilidades excepcionais. O dragão mergulhou, voando em rota irregular para desviar-se da picada das lanças, dos piques e das dúzias de flechas que, sem dúvida, almejavam os olhos sensíveis do leviatã. Ele abriu a boca. Uma mantícora e seu cavaleiro se detiveram, envoltos numa súbita nuvem de...

— Gelo! — gritou Garrosh. Ele gargalhou ao ver o desafortunado cavalga-vento e sua montaria despencarem dos céus feito rochas e, então, bateu nas costas de Malkorok. — Gelo! — repetiu. — Veja, Malkorok, é um dragão azul que está nos atacando!

Os membros da Horda a sua volta não sabiam por que ele ria, mas isso levantou seu moral. Aqueles que estavam no chão vibraram por seus companheiros aéreos, que fuzilavam o dragão feito um bando de pardais a atacar um falcão. Enquanto isso, balistas e catapultas eram armadas, e os canhões, carregados. Todos apontavam para o céu.

Garrosh, exultante de prazer, corria entre seu povo, gritando palavras de encorajamento. Ele deu a ordem de disparar uma seta flamejante num ângulo quase completamente vertical e também lançou o primeiro grito de comemoração quando, vendo o dragão vacilar no voo, ficou claro que a seta havia atingido o alvo.

Uma dor agonizante trespassou Kalecgos. Ele estava tão compelido a seguir as emanções da íris Focalizadora que voou direto para o perigo. A Horda agiu rápido e de uma maneira que lembrava, para seu desespero, a recente batalha do Templo do Repouso das Serpes.

A seta flamejante abriu uma cratera negra em um dos flancos de Kalec. Não fora um golpe letal, e tampouco chegara a derrubá-lo dos céus, mas fez com que se lembrasse que, embora fosse um dragão, era apenas um, enquanto eles eram muitos. Se tomasse a decisão tola de lutar e morresse, não poderia ajudar Jaina. A íris Focalizadora, apesar de perto, continuava seguindo rumo ao norte, enquanto as tropas da Horda marchavam para o sul. Seu maior medo, aparentemente, não havia se concretizado: a Horda não capturara o artefato. Se estivessem em posse de um item tão poderoso, com certeza eles o estariam levando consigo para usá-lo na luta contra a tão odiada Aliança.

Ele batalhou contra a dor da ferida penetrante e estalou o rabo como um chicote, arremessando um morcego à distância, girando pelos ares e batendo as asas desesperadamente, e derrubando seu cavaleiro de uma altura que seria morte certa mesmo para um Renegado.

Batendo as poderosas asas, Kalec alçou-se além do alcance das armas terrestres e voava rápido demais para que as mantícoras, os morcegos e falcodragos pudessem acompanhá-lo. Assim que saiu da área de perigo, esticou o pescoço longo e sinuoso e recolheu as patas, tornando-se o mais aerodinâmico possível. Ele se encaminhou para o sul, determinado a alertar Theramore e sua senhora de que a Horda em breve bateria à porta.

16



Lutaremos a batalha em três frentes — afirmou Jonas. Ele estava de pé, apontando o mapa de Theramore sobre a mesa. Todos se levantaram, os anões esticando o pescoço para ver. — Uma será no porto, obviamente. Já temos uma ideia de quantos navios enfrentaremos.

— E, se eu fosse Garrosh, manteria alguns na reserva para mandá-los após mais ou menos quatro horas de batalha — acrescentou Cochrane.

Jonas assentiu.

— Temos que nos preparar para essa possibilidade. Quando o Lâmina Estelar vai voltar?

Pouco depois da chegada da 7^ª Frota, Jaina insistiu que um navio, o Lâmina Estelar, fosse despachado com civis que quisessem ir para um local seguro. Todas as crianças e grande parte de suas famílias embarcaram. Outros escolheram ficar. Ali era o seu lar. Eles o amavam tanto quanto Jaina, e também queriam defendê-lo. A vila Catraca era a primeira opção; depois, o navio partiria para a Selva do Espinhaço. Infelizmente, embora os goblins que governavam a vila

Catraca fossem neutros, considerando a quantidade de membros da Horda que haviam passado na cidade pouco tempo antes, o local fora considerado inseguro para os refugiados da Aliança. Em vez de navegar para lá, o Lâmina Estelar partiu para Geringontzan.

— O xamã draenei me assegurou que, com a cooperação dos elementais do ar e da água, a viagem seria muito mais rápida — respondeu Jaina.

— Pode até ser — interveio Durogolpe. — Mas o navio partiu há poucas horas. Na melhor das hipóteses, só volta amanhã.

— Uma guerra não é local para crianças — argumentou Tiras'alan, em voz baixa. — Mesmo que isso signifique uma belonave a menos, enviá-los a um local seguro foi a escolha certa.

— De fato, os pequeninos são preciosos demais para se arriscar — declarou Shandris. — Além do mais... os civis só atrapalham.

Fora uma declaração dura, mas Jaina e o resto dos oficiais sabiam que era verdade. Uma batalha requer o máximo daqueles que a vão lutar. Ter que se preocupar se as crianças estão a salvo não é uma opção. Removê-las da equação era mais do que uma decisão moralmente correta: era a mais inteligente que se poderia tomar.

— A estrada norte me inquieta mais do que a estrada oeste — disse Jonas, retomando o tema da discussão. — Não vimos nenhuma aglomeração de forças inimigas em Muralha Verde.

— Ainda — grunhiu Rhonin.

— Ainda, é verdade, mas é provável que o exército de Garrosh passe por lá para solicitar reforços ou para deixar uma porção das tropas na reserva, caso precisem delas mais tarde. Também seria um local ideal para recuar e se reagrupar, um luxo do qual não dispomos.

— E as armas de cerco que estão estacionadas ao longo da estrada oeste? — falou Dolorae. — Não podemos trazê-las para mais perto e posicioná-las nos dois portões?

— Mas e os Temível Totem? — perguntou Kinndy.

— Não precisamos nos preocupar com eles — afirmou Jaina. — Nosso inimigo é a Horda, e mesmo que oferecessem seus serviços a

Garrosh, Baine não aceitaria sob hipótese alguma. Nem Garrosh. Não depois do que Magatha fez a Caerne.

— Poderiam tirar vantagem do fato de que estaremos ocupados com a batalha — opinou Vereesa. — Aproveitar a oportunidade para entrar na cidade no intuito de saquear e matar.

— Somente se sucumbirmos — asseverou Dolorae. — Caso contrário, não ousariam.

— Está decidido então — retomou Jonas. — Vamos recuar as máquinas de cerco e...

As portas do salão foram escancaradas. Kalecos detivera-se no vão da porta, mal se mantendo em pé, uma das mãos pressionando as costelas. Atrás dele estavam dois guardas, que pareciam mais preocupados com o dragão azul do que com o fato de que havia entrado na sala de reunião sem ser anunciado.

Jaina viu o sangue escorrer por entre os dedos de Kalec. A grã-senhora se levantou e correu até o recém-chegado, enquanto anunciava o mais rápido que podia:

— A Horda está a caminho. Estão marchando rumo ao sul e chegarão em poucas horas. — Jaina o envolveu em um de seus braços e olhou Kalec preocupada, e então ele disse, mais para ela do que para os outros: — A ferida não é grave. Voltei para alertá-la. Para ajudar.

— Não sabia que a Revoada Dragônica Azul estava envolvida nisso — disse Rhonin. Aqueles que ainda não haviam reconhecido Kalecos franziram as sobrancelhas ao se darem conta.

Jaina primeiro se dirigiu a Kalec e depois aos oficiais reunidos:

— Kalec, antes de mais nada, os guardas o levarão ao médico e aos curadores. Pode nos contar o que viu quando voltar. — Aos oficiais, Jaina afirmou: — Estávamos em guerra contra a Revoada Dragônica Azul há pouco tempo, mas todos aqui, inclusive os membros do Kirin Tor, precisam saber que Kalecos jamais hostilizou as raças mais jovens. Ele foi uma peça fundamental na derrota de Asa da Morte; é uma grande honra e sorte que queira ajudar a defender Theramore.

O olhar de Rhonin se desviou de Kalec para Jaina. Ele fez que sim com a cabeça e declarou:

— Ele pode nos ser útil.

Foi tudo o que disse, mas foi suficiente. Os membros restantes do Kirin Tor cessaram o burburinho, e alguns dos generais até mesmo reproduziram o sinal positivo.

Estava decidido, então. Jaina se virou para Kalec. Era óbvio que o dragão não queria que a maga soubesse a real gravidade da ferida, mas a cidade estava repleta de curadores habilidosos, vindos para ajudar na batalha. Em breve estaria bem e poderia se juntar à luta.

— Tudo vai ficar bem, Jaina — assegurou, com a voz baixa e dócil.
— Não tenha medo.

Jaina sorriu-lhe e respondeu:

— Seria tolice da minha parte não sentir medo, Kalec. — Ela também falava baixo. — Mas já passei por muitas batalhas; batalhas que foram muito mais... difíceis de atravessar. Não se preocupe. Protegerei Theramore sem hesitar, e farei tudo o que for necessário.

Os olhos azuis de Kalec brilharam de admiração.

— Perdoe-me — admitiu. — Talvez as batalhas em que lutou tenham-na endurecido mais do que a mim, Grã-senhora Jaina.

O sorriso dela quase se desfez.

— Espero nunca me tornar dura. Mas é verdade que já lutei em muitas batalhas. Agora vá. Conversaremos melhor quando voltar. — Enquanto um guarda escoltava Kalec até os sacerdotes, Jaina se virou para os outros. — Enviem uma missiva a Ventobravo imediatamente. Varian precisa saber que o ataque está prestes a começar.

A sensação de urgência, que existia antes da chegada dos generais e da frota, era ainda maior agora. Como Jaina previra, Kalecgos, apesar do suplício pelo qual passara, curou-se rapidamente e comunicou a todos o que havia visto. Graças ao dragão, eles sabiam a rota escolhida pela Horda. O Forte Triunfo, situado a noroeste da cidade, fora notificado assim que

Theramore soube do ataque. Resistiriam bravamente, e era provável que a Horda não quisesse desperdiçar recursos, tropas e energia atacando um local que não era o objetivo. Havia grandes esperanças de que os valentes guerreiros de Forte Triunfo não só conseguissem sobreviver, mas também causar danos à Horda e reduzir o ritmo de sua marcha, sem serem completamente aniquilados. Era um risco inevitável.

Os planos se traduziram quase que instantaneamente em ordens. As balistas e demais armas de cerco foram posicionadas próximas ao portão leste de Theramore. Cavaleiros foram despachados ao Pontal da Vigília, que ficava ao norte, bem perto da cidade. Eles tinham ordens de dar o alerta assim que avistassem a Horda. O capitão Walmor e seus soldados receberam ordens de conter a Horda se fosse possível e, caso contrário, recuar à cidade, onde receberiam reforços.

Os portões permaneceriam fechados, a menos que a Horda os derrubasse. Walmor compreendera.

Dezesseis belonaves zarparam do porto e ganharam o mar. A Lâmina Estelar provavelmente voltaria tarde demais da sua missão de misericórdia e não poderia ajudar. Assim como a frota da Horda, os navios de Theramore permaneceram nas próprias águas territoriais; ainda que no limite. Aguardavam. O plano era destruir a frota da Horda assim que a batalha começasse, de modo a eliminar aquela ameaça. Três navios permaneceram no porto, uma última linha de defesa em caso de invasão pelo mar. Todos esperavam que não fosse necessário usá-los.

Era meio-dia quando o primeiro cavaleiro chegou.

Não trajava armadura, apenas roupas comuns, sujas de lama e sangue, sem dúvida para poupar o cavalo em que montava. Não obstante, o animal espumava pela boca ao galopar rumo ao portão norte. Os guardas posicionados no portão auxiliaram o homem exausto a desmontar, cavaleiro e cavalo à beira do colapso. Os soldados o seguraram com o maior cuidado possível, mas sua capa caiu para o

lado. Eles perceberam, então, que o sangue era do próprio cavaleiro, que se esforçou para falar:

— O Forte Triunfo sucumbiu. — Foi tudo que o cavaleiro informou.

E assim começou.

O exército da Horda fora acrescido de lançadores de lâminas, balistas e catapultas entalhadas na forma de poderosas águias. Armas da Aliança que seriam usadas contra a Aliança. Muitos dos que marchavam carregavam consigo troféus horrendos como recordações da batalha. Os trolls, por exemplo, gostavam de se enfeitar com dedos e orelhas.

O Forte Triunfo, de irônico nome, certamente pensava que iria abrir um rombo na onda de tropas da Horda que se dirigia ao sul, rumo a Theramore. Eles superestimaram em muito suas próprias capacidades e subestimaram o inimigo.

Entoava-se canções de guerra; os tambores ribombavam, e as gigantescas máquinas de guerra, algumas projetadas pela Horda, outras pela Aliança, rangiam, orquestrando a música da batalha.

A Horda surpreendera a Fortaleza da Guardanorte e, graças a isso, conseguira tomá-la. Agora, dirigiam-se ao próximo alvo, orgulhosos dos números e do poder, anunciando-se aos gritos enquanto marchavam rumo ao sul. Theramore teve alguns dias para se preparar para o ataque; e seus residentes, algumas noites de insônia ou repletas de pesadelos em que os soldados da Horda inundavam as ruas de Theramore.

O medo também era uma arma.

As criaturas dos Sertões abriam caminho para a Horda, e as zebras e gazelas que se aproximavam demais eram mortas para alimentar as tropas famintas. Elas formaram uma coluna mais fina para tomar a estreita estrada do Pântano Vadeoso, onde o sol quente era filtrado pelas árvores altas e musguntas. Passadas as ruínas da Estalagem Pouso do Umbral, ele se detiveram numa encruzilhada que levava à Ilha de Theramore, Coroa de Barro e aldeia Muralha Verde. Então,

Garrosh dividiu o exército em dois. Ele comandaria as forças que seguiriam rumo ao norte, para recrutar reforços na aldeia: mais orcs e até mesmo ogros, e depois atacariam

Theramore pelo norte. Malkorok lideraria as tropas restantes, que pegariam a estrada leste.

As duas colunas de ataque se encontrariam em Theramore. Viriam por dois lados diferentes, esmagando a cidade e, assim, conquistando a vitória.

Malkorok e seus soldados penetraram as profundezas do Pântano Vadeoso e do Atoleiro, destroçando os estandartes da Aliança e lançando-os à lama enquanto gargalhavam. A estrada, outrora bloqueada pelos soldados e máquinas de guerra de Theramore, encontrava-se livre, como era esperado.

Também não havia sinal dos Temível Totem, confirmando outra das suas previsões. Provavelmente, a notícia da aproximação das tropas havia se espalhado, e aqueles taurens covardes, desprezados tanto pela Aliança quanto pela Horda, estavam escondidos.

— Nossa vinda sem dúvida foi anunciada — afirmou Malkorok. — Enviarei batedores à frente e prosseguiremos com...

Ele foi interrompido pelo som de rugidos furiosos. Não menos que dez feras irromperam do pântano, onde estavam ocultos pelos muitos morrotes e galhos baixos das árvores. Dois bruxos, um mago e um xamã sucumbiram, mal tendo tempo de pronunciar duas palavras de um feitiço. Os outros se lançaram ao combate corpo a corpo, garras dilacerando carne e mandíbulas monstruosas fechando-se em jugulares. Antes que entendessem que se tratava de um ataque de druidas metamorfos da Aliança, pelo menos uma dúzia de guerreiros da Horda já tinha tombado, apunhalada pelas costas por inimigos invisíveis. Mais animais emergiram dos esconderijos do pântano, criaturas do ártico e do deserto que jamais deveriam ter conhecido o clima abafado daquele lugar, mas, de alguma forma, estavam ali, cercando a Horda.

A batalha transcorria há apenas alguns segundos e já havia mais de duas dúzias de mortos e moribundos ao chão.

— Emboscada! Atacar! — gritou Malkorok.

Ele próprio agiu conforme a ordem, avançando contra um enorme urso-castanho pintado de guerra, que usava suas garras contra um bruxo, enquanto este tentava drenar as energias vitais do druida para aumentar seus poderes mágicos. Os machados sibilaram, fincando-se no gorjal do urso num ângulo tal que as lâminas quase se encontraram, por pouco não degolando o inimigo.

Os gritos de dor e fúria assassina se somaram a outros sons: o cantar das flechas ao serem soltas dos arcos, e o estampido ensurdecedor dos bacamartes. Os caçadores, que comandavam aranhas, escorpídeos, lobos, crocoliscos e raptore, resolveram entrar na batalha. Malkorok amaldiçoou a Aliança, enquanto saltava sobre as carcaças de um goblin e uma hiena envoltos no abraço da morte: a lâmina do goblin trespassando o olho da criatura, enquanto a mandíbula desta fechava-se sobre a garganta verde. Os olhos do orc estavam fixos num grupo da Horda que lutava contra um único oponente. Ao se aproximar, Malkorok bradou seu grito de guerra, dispersando a multidão da Horda por alguns instantes. Uma forte elfa noturna se encontrava no centro. Brandia uma espada reluzente e se movia tão rápido que tudo que se via era um borrão. Uma longa trança azul chicoteava à sua volta, como se fosse uma serpente azul. Dois corpos delgados jaziam a seus pés e um terceiro elfo sangrento caía de joelhos para em breve se juntar a eles.

Por um instante, ela se deteve e seus olhos se encontraram com os de Malkorok. A elfa observou o orc cinzento e o sorriso maligno em seu rosto e, então, com um grito, ele se lançou contra ela.

Houve tempo de sobra para se preparar. Não se tratava de um ataque surpresa. Então, quando a batedora chegou, ofegante, trazendo uma boa estimativa dos números inimigos que estavam prestes a rebentar primeiro sobre o Pontal de Vigília e, logo em seguida, sobre o

portão norte de Theramore, o capitão Walmor respondeu com um mero aceno.

— Assumam suas posições — comandou o capitão e, em seguida, acrescentou: — É um orgulho lutar ao lado de todos vocês, neste dia que por muito tempo será lembrado.

Os guardas, alguns parecendo ainda muito jovens, assumiram posição de sentido. A maioria deles só havia participado de pequenos duelos contra membros da Horda. Suas maiores escaramuças tinham sido contra os Temível Totem ou contra as feras do pântano. Agora ouviam os tambores à distância, enquanto se preparavam para a verdadeira batalha.

O General Marcus Jonas fora ao Pontal da Vigília pessoalmente para discutir as estratégias que seriam usadas. O próprio nome "Pontal da Vigília" implicava que se tratava de um posto de observação, e não de um bastião de defesa de Theramore. Mas estava destinado a se tornar um, caso as forças de Garrosh decidissem avançar pelo norte.

— E eles o farão — assegurou Jonas. — Eles atacam pelo norte, pelo oeste e pelo porto. Não será possível vencê-los pela força. Vamos derrotar o inimigo com inteligência.

A batedora recebeu um gole de água e alguns instantes para recuperar o fôlego e, então, montou em seu cavalo e galopou rumo a Theramore. Os guardas restantes, sob comando, de Walmor assumiram suas posições e aguardaram.

Não tiveram que esperar muito. A solitária sentinela no topo da torre apontou ao longe, num gesto repentino. O gnomo ao lado de Walmor, que atendia pelo nome de Adolfo Rebenteco, sorriu e apertou um botão. O ribombar dos tambores logo foi abafado por uma explosão colossal. A fumaça se ergueu numa espiral negra, e os membros da Aliança comemoraram. Quando o barulho diminuiu, os tambores haviam se calado.

As bombas, cuidadosamente plantadas, tinham eliminado muitos inimigos, mas a ameaça persistia.

— Preparar armas! — ordenou Walmor.

No silêncio que pairava, o som das espadas sendo desembainhadas soou alto e claro. Os soldados aguardaram, firmes e preparados. Os minutos se arrastavam. Tudo que os soldados ouviam era o zumbido incessante dos insetos, os guinchos das aves marítimas, o rebrantar das ondas na praia ao lado e o ranger das próprias armaduras ao se moverem, inquietos.

E, então, vieram os gritos de batalha, gelando o sangue e eriçando os cabelos dos guardas. Os tambores recomeçaram a tocar, mais perto agora, o ritmo mais acelerado, mais urgente. Das sombras do pântano lúgubre irromperam dezenas, centenas de soldados aos gritos, cada um deles brandindo uma arma que parecia pesar mais do que um humano em armadura completa.

— Corra, Adolfo! — gritou Walmor ao gnomo, paralisado pelo terror. Rebenteco levou um susto, fitou Walmor assustado e, então, disparou o mais rápido que suas pernas davam conta rumo a Theramore, com o detonador ainda em mãos. Walmor brandiu a espada e se preparou para lutar.

Um orc, envergando armadura e empunhando um machado que parecia uivar sedento de sangue, liderava a onda de orcs, trolls, taurens, Renegados, elfos sangrentos e goblins. Ele se lançou contra Walmor. Suas ombreiras eram feitas de presas gigantes e protegiam braços maciços, repletos de tatuagens.

A barba loira de Walmor abriu-se num sorriso.

Garrosh Grito Infernal.

A lâmina de Walmor colidiu contra a haste do machado Uivo Sangrento num retinir. Garrosh, que era muito mais forte, pressionou o machado, fazendo Walmor recuar. O humano ergueu a lâmina a tempo de se defender de um golpe vertical e saltou ao flanco do chefe guerreiro, golpeando com a espada. Garrosh grunhiu de dor ao sentir a lâmina abrir um corte no antebraço.

— E o primeiro a verter meu sangue nesta batalha — disse o orc, surpreso, na língua comum. — Muito bem, humano. Morrerá com honra.

Walmor recuou vários passos, empunhando a espada.

— Veremos — respondeu o capitão, provocando o orc. Garrosh rugiu e lançou-se contra o inimigo.

Era exatamente o que Walmor queria que ele fizesse.

— Agora, Rebentreco! — gritou. Ele ouviu um som ensurdecedor, sentiu seu corpo sendo lançado aos ares e mais nada.



Malkorok tinha que admitir: a elfa era muito competente. A enorme e solitária cicatriz que marcava sua face deixava claro que ela já havia sobrevivido a outros combates. Vendo que o líder queria dar cabo dela com as próprias mãos, os membros da Horda saíram à caça de outros inimigos. E os ancestrais eram testemunhas de que havia muitos deles.

A elfa noturna de cabelos azuis era incrivelmente rápida, mesmo empunhando aquela espada, que com certeza reduzia sua velocidade. Para os padrões dos orcs, Malkorok era bastante ágil, e suas armas eram muito mais leves. Mesmo assim, parecia que os dois pequenos machados cortavam somente o ar. Num instante Cabelos Azuis estava bem ali; no seguinte, já tinha sumido, atacando por sob as defesas dele. A espessa armadura o salvou mais de uma vez da lâmina que se chocava ruidosamente contra a proteção abdominal. Se a brilhante ponta da espada encontrasse a brecha que havia entre o tórax e o braço...

Malkorok baixou um dos machados enquanto girava o outro por sobre a cabeça. A elfa mergulhou para o lado, mas não evitou que a

lâmina fizesse um rasgo em sua coxa. Soltou um grunhido.

— Há! — bufou Malkorok. — Se você sangra é porque pode morrer.

Contra todas as possibilidades, ela avançou contra Malkorok com um rosnado que não ficaria devendo a nenhum worgen. O orc ergueu os machados, cruzando-os à frente numa postura defensiva. Para sua surpresa, Cabelos Azuis ignorou o ferimento e escalou os machados com tanta facilidade que parecia que Malkorok tinha preparado um degrau para ela. A ponta da lâmina mergulhou contra o pescoço dele.

O orc se esquivou no último segundo, quase caindo, e tentou um golpe com o machado esquerdo. Agora a elfa estava atrás dele. Malkorok girou, pronto para retomar a luta.

Soou uma trombeta. Não era da Horda — era leve, melódica, doce. Uma trombeta élfica. No mesmo instante, os membros da Aliança, que combatiam a Horda, começaram a correr na direção do portão ainda aberto. Cabelos Azuis sorriu ferozmente para Malkorok; quando o orc desferiu mais um golpe contra o lugar onde ela estava, não encontrou nada.

Malkorok rugiu de frustração e partiu em seu encalço.

Embora parecesse ser puro caos, tudo estava indo de acordo com o planejado. Como Jonas havia previsto, a Horda atacava nas três frentes. Os sons eram ensurdecadores e aterrorizantes — o estrondo quase incessante dos canhões, explosões ao norte, o clamor das espadas e os estridentes gritos de batalha a oeste.

Jaina e Kinndy estavam no topo de uma das trilhas que seguiam para oeste. A vontade de Jaina era ter deixado Kinndy a salvo, bem longe do perigo, mas a maga concluiu que estaria prestando um desfavor à garota. Kinndy viera até ela para aprender, e o único modo de conhecer os horrores da guerra é vivenciá-los. Jaina a manteve por perto, mas a gnomida podia ver bem claramente a batalha que se desenrolava abaixo.

Quando a trombeta soou, Jaina disse à aprendiz:

— Prepare-se. Faça tudo como conversamos e ataque quando eu atacar.

Kinndy assentiu, engolindo em seco. Jaina levantou as mãos, esperando o momento certo. Dezenas de combatentes da Aliança estavam correndo o mais rápido que podiam para a segurança de Theramore. A abrupta e veloz retirada lhes rendeu um ou dois preciosos segundos, mas agora a Horda vinha atrás deles.

E mais de duas dúzias de máquinas de guerra esperavam pela Horda.

— Já! — gritou Jaina. — Ela, Kinndy e os outros que lutavam com feitiços em lugar de espadas atacaram todos de uma só vez. Gritos guturais romperam os ares quando taurens e orcs, goblins e elfos sangrentos, Renegados e trolls foram incendiados, congelados ou trespassados por flechas.

— Muito bem! — bradou Jaina. — As máquinas de guerra vão retardá-los por algum tempo, então voltaremos para cá. Vamos!

Desceram rapidamente as escadas na direção da porta. Quase todos os defensores da Aliança estavam lá dentro em segurança. Havia uns poucos que ficaram para trás por conta dos ferimentos ou por estarem carregando os feridos.

— Não vão conseguir! — disse Kinndy com apreensão, de olhos arregalados.

— Vão, sim — disse Jaina, rezando para estar certa. Os portões teriam que ser fechados a qualquer momento. Vamos, vamos ...

Os remanescentes arrastaram-se para dentro, e os portões se fecharam com um eco retumbante. Kinndy e Jaina correram para a frente, lançando escudos protetores no local. Thoder Espirallago juntou-se a elas. Enquanto trabalhavam, o ar que circundava os portões pareceu cintilar e ficar azul-claro por alguns momentos.

— Mago Thoder, você e Kinndy continuarão aqui. Fiquem de olho no portão. Reforce-o se começar a enfraquecer.

— Mas... — soltou Kinndy, ensejando um protesto. Jaina virou-se para ela e falou rápida, mas incisivamente.

— Kinndy, se o portão ceder, dúzias, centenas de soldados da Horda inundarão a cidade. Temos que protegê-lo o máximo possível. Esta

pode bem ser a missão mais importante de todas. Você pode salvar nossa vida. — Era verdade. Se os portões fossem derrubados, as baixas seriam alarmantes.

Kinndy concordou acenando com a cabeça coberta por uma cabeleira cor-de-rosa, e virou-se para olhar os portões. Crispou os lábios com determinação e ergueu as mãos, somando suas habilidades às do membro do Kirin Tor.

Jaina percebeu que os magos estavam se mostrando muito importantes de maneiras até inesperadas. Não era só na tarefa aparentemente passiva de reforçar os portões: toda embarcação da Aliança ancorada no porto tinha pelo menos um mago com grandes habilidades de fogo. Como Cochrane havia ressaltado, uma única seta de fogo bem direcionada; contra as velas ou o convés de madeira; poderia afundar um navio inteiro. E isso parecia ser exatamente o que estava acontecendo.

A grã-senhora girou e correu até Dolorae, que tinha sido uma das últimas a recuar. A elfa estava com a perna estendida para que uma sacerdotisa cuidasse da ferida aberta em sua coxa quando Jaina chegou.

— Relatório? — solicitou Jaina.

— Foram pegos completamente de surpresa — informou Dolorae com um sorriso sincero, mas cruel. — Exatamente como Jonas previu. Eliminamos pelo menos uns doze e perdemos somente alguns. Agora estão levando balas de canhão na cara. Isso deve detê-los por um tempo.

"Por enquanto", pensou Jaina, "mas não para sempre". Dolorae prosseguiu, agradecendo à curandeira com um gesto e levantando-se para recolocar a armadura.

— Havia um orc Rocha Negra com eles. Com uma insígnia de Korkron. E que luta muito bem.

— Um orc Rocha Negra? Garrosh baixou o nível tanto assim? Dolorae deu de ombros.

— Não quero saber se são verdes, marrons, cinzentos ou alaranjados. Enquanto estiverem atacando o lar da minha senhora, vou massacrá-los.

— Não temo pelo agora, mas pelo futuro próximo — explicou Jaina. — Acho difícil que o combate corpo a corpo cessará. Mas, por enquanto, vá ajudar os feridos, Dolorae.

— Sim, minha senhora.

Jaina passou a se concentrar no portão norte. Rebentreco, o gnomo especialista em demolições que já havia detonado tantas bombas com precisão, estava parado a poucos metros do portão. Jaina foi até ele e sorriu.

— Seu trabalho valeu a pena, Rebentreco.

O gnomo fitou Jaina com uma expressão entristecida.

— Sim, de fato — respondeu —, mas foram o capitão Walmor e os outros que fizeram com que a Horda ficasse no lugar certo.

O coração de Jaina se apertou.

— Era... era para eles terem recuado! Sabiam o caminho seguro!

O Fendessol de cabelos brancos fez uma pausa em seu trabalho de reforçar o portão e olhou para ambos.

— Walmor e seus soldados ficaram — falou em voz baixa. — Foi um gesto verdadeiramente heroico. Muitos dos nossos inimigos pereceram. Mas eles continuam vindo.

— Minha senhora — gritou um guarda na passarela —, o mago Tececanto tem razão. Eles estão avançando por cima dos cadáveres!

— Continuem guardando o portão! — bradou Jaina e subiu correndo para a passarela mais próxima.

Como uma onda negra, a Horda continuava a avançar. A ponte tinha explodido, e na água boiavam destroços e corpos. Alguns soldados da Horda estavam nadando. Outros, como informou a sentinela em seu relato sinistro, escalavam os cadáveres dos companheiros mortos. Jaina levantou as mãos e murmurou um feitiço.

Uma torrente de estilhaços de gelo caiu, matando alguns instantaneamente e ferindo outros. Com outro rápido movimento do

pulso, congelou diversos combatentes da Horda. Uma bola de fogo despedaçou aquelas imagens congeladas como se fossem estátuas. A onda recuou. Jaina repetia essas ações em ritmo constante, matando pelo menos uma dúzia a cada ataque destrutivo e metódico. Jaina conseguia ver, fora de seu alcance, um vulto que perambulava, dando ordens, e reconheceu as características presas de demônio que adornavam as ombreiras daquele orc.

— Garrosh — sussurrou ela.

Não era possível que tivesse sobrevivido à explosão que matou Walmor, mas, de algum modo, foi o que aconteceu. Não havia forma daquela palavra sussurrada ter chegado aos ouvidos dele, mas naquele instante ele olhou para cima, e seus olhos se encontraram. O escárnio transpareceu nos lábios de Garrosh, que ergueu Uivo Sangrento e apontou na direção dela.

Malkorok estava furioso: consigo mesmo, por não ter previsto a emboscada; com os batedores, que deviam tê-la descoberto; e com os generais da Aliança, por serem tão miseravelmente espertos e terem elaborado o plano. A maré de ladinos furtivos, druidas e feras de caçadores haviam ceifado muitas vidas da Horda. O combate a curta distância dizimou outras tantas. Agora estavam sob fogo direto de canhões e balistas, e suas tropas eram massacradas enquanto tentavam se aproximar.

O orc precisava de outra tática. Soou o toque de retirada, e os soldados recuaram. Os curandeiros tentavam freneticamente cuidar dos feridos enquanto Malkorok berrava suas ordens.

— Não somos páreo para as máquinas de guerra deles — declarou, erguendo uma das mãos para apaziguar protestos mais exaltados. — Então temos que eliminar essas armas ou trazê-las para o nosso lado. Aqueles que forem versados nas artes de infiltração e assassinato devem partir agora. Vamos atrair os disparos deles. Avancem sorrateiramente contra esses vermes da Aliança que estão se escondendo atrás da tecnologia, e metam-lhes uma faca entre as

costelas. Depois tomem os engenhos e os usem contra a própria Theramore!

Os protestos exaltados viraram aplausos. Malkorok soltou um grunhido de satisfação. Essa estratégia não tinha como falhar. Os generais da Aliança eram de fato espertos. Mas ele também era.

— Pela Horda! — bradou ele. E todos ecoaram seu grito:

— Pela Horda! Pela Horda! Pela Horda!

Kalec sobrevoou os navios no porto. Daquela distância, pareciam brinquedos —disparando canhões, explodindo em chamas e afundando. Ambos os lados sofreram danos; a Horda também reconheceu a estratégia de usar magos para incinerar as embarcações inimigas, e alguns dos famosos couraçados de batalha da 7ª Frota já apresentavam focos flamejantes alaranjados e dourados. O dragão mergulhou, soltando um sopro gélido para apagar parte das chamas e ouvindo logo em seguida as exclamações de alívio das tripulações. Kalec deu uma guinada para fazer uma curva, transferindo sua atenção às embarcações da Horda e a uma missão mais sinistra: atacar em vez de proteger. Avançou até sobrevoar um grupo de três barcos, depois fechou as asas e mergulhou. Tão rápido desceu que os canhoneiros não o viram a tempo de redirecionar os disparos. No último segundo, o dragão azul abriu as asas e deu um golpe com a cauda. O mastro do navio central se partiu como um graveto. Enquanto ganhava altitude, Kalec conjurou um feitiço, e choveram estilhaços de gelo, abrindo buracos enormes em cada convés. Agora os canhões ribombavam, mas ele já estava fora de alcance.

Voltou à cidade, ciente de que havia muitos envolvidos em combates aéreos. Kalec manobrou na direção de um grupo de combatentes da Horda que enfrentavam uns poucos grifos combatentes e juntou-se à luta.

A Horda alcançou o portão norte. O estrondo aterrorizante e ritmado de um aríete havia se somado aos sons do conflito. Era um mistério como poderiam tê-lo trazido pelo pântano depois que a ponte fora destruída. "Provavelmente", pensou Jaina enquanto corria para o

portão, "vários taurens simplesmente puseram o enorme equipamento sobre seus ombros e atravessaram o pântano a pé".

Ela pretendia subir outra vez as escadas da passarela, prestar auxílio aos que estavam lá e atacar logo quantos inimigos pudesse. Mas algo a deteve.

Os portões estavam balançando com os golpes. E isso não deveria estar acontecendo.

Pelo menos, não com um membro do Kirin Tor fortalecendo-o com poderosas magias. Um pensamento terrível lhe passou pela cabeça. Bum. Bum. Bum.

As toras estavam cedendo ao impacto. E as dobradiças e faixas de metal...

Estavam ficando completamente tortas.

Jaina rodopiou e, com toda a sua força, lançou uma onda gigantesca de energia arcana direto contra Thalen Tececanto.

A própria arrogância não permitiu que Thalen antecipasse o golpe. Ele cambaleou para trás, mas recuperou-se com rapidez. O elfo sangrento encarou Jaina. Por um segundo, pareceu que Thalen iria alegar inocência, então suas sobrancelhas brancas se franziram e, revelando escárnio, ergueu as mãos.

E caiu duro como uma rocha. Dolorae estava às costas dele, ainda segurando a espada cujo punho havia anulado o inimigo de forma deselegante, mas eficaz.

— Estou surpresa de você não ter simplesmente o matado — comentou Jaina enquanto dois outros acorriam e providenciavam algemas para as mãos e os pés do mago.

— Um traidor pode ser uma carta muito útil na manga — respondeu Dolorae. — Com sorte, vamos... persuadi-lo a falar.

— Não somos a Ofensiva Escarlate, Dolorae — replicou Jaina, virando-se para se concentrar no portão, mas dois outros magos já haviam assumido o trabalho de reforço; um humano e um gnomo.

— Espero que não esteja sugerindo que vai convidá-lo para tomar chá — tornou Dolorae.

— Não. Vou entregá-lo ao capitão Canajusta. Ele e os outros vão interrogá-lo quando tiverem tempo. — Jaina fez um gesto para os soldados, que carregaram o elfo sangrento desmaiado. Então, percebeu que Rhonin estava ao seu lado.

— Não acredito — murmurou ele. — Eu tinha dado minha garantia pessoal quanto à vinda dele.

— Com certeza ele enganou muitos outros além de você — afirmou Jaina.

— De fato — respondeu Rhonin amargamente. — Isso será um duro golpe para Aethas e sua causa.

— Acha que Thalen agiu sozinho?

— Creio que sim — disse Rhonin. — Pois, se eu não acreditar nisso... O portão se despedaçou, se incendiou, e a Horda invadiu como uma avalanche.

Kinndy estava tremendo de tanto esforço, mesmo com a ajuda de um mago do Kirin Tor! Thoder sorriu para ela de forma consoladora, amenizando suas feições duras.

— Está se saindo muito bem — assegurou ele. — A Grã-senhora Jaina escolheu uma excelente aprendiz.

— Estaria bem melhor se não me sentisse como se fosse desabar — balbuciou Kinndy.

— Descanse um pouco — rogou Thoder. — Coma alguma coisa. Logo se sentirá mais forte. Posso aguentar até lá.

Kinndy concordou com a cabeça e saiu vacilante, apoiando-se na parede enquanto engolia pedaços de pão e água. Ela se perguntou se algum dia seria tão competente quanto Thoder ou a Grã-senhora Jaina. Eles faziam tudo parecer tão fácil. Especialmente sua mestra. Kinndy ficou impressionada quando Jaina rechaçou com aparente facilidade fileira após fileira de soldados da Horda. Enquanto comia, a gnomida percebeu que sua mente era atraída pelos sons da batalha que se desenrolava além dos muros, e sentiu-se mais introspectiva. O fato de se concentrar na proteção do portão fez com que se distraísse

mais do que pensava. Incomodada com essa descoberta, ela ficou de pé, limpou as migalhas da boca e correu para se juntar a Thoder.

Ao se aproximar, viu que as toras do portão estavam cedendo. O sangue lhe fugiu do rosto. Lá fora, a batalha se avolumava.

Kinndy, se o portão ceder, dúzias, centenas de soldados da Horda inundarão a cidade. Temos que protegê-lo o máximo possível. Esta pode bem ser a missão mais importante de todas. Você pode salvar nossa vida.

A gnomida se apressou para chegar mais rápido, estendendo as mãos e sussurrando um feitiço a um só tempo. Para seu alívio e orgulho, viu o empeno do portão diminuir.

— A Horda atravessou os portões! A Horda atravessou os portões!

Por um segundo de incompreensão, tudo que Kinndy pensou foi: "Não, os portões estão aguentando muito bem!" Então, ela entendeu. Ao que parecia, os magos ao norte não tinham tido a mesma sorte.

Poucas vezes Theramore havia testemunhado tamanha violência. A Horda avançava como um jorro por uma rachadura numa represa.

Já tinha sido antecipado que a Horda acabaria entrando na cidade — fosse pela eventual destruição das proteções, por uma escalada aos muros ou por ataque aéreo —, e as providências necessárias já haviam sido tomadas. A traição a partir das próprias fileiras do Kirin Tor, porém, não fora prevista. A batalha intramuros em Theramore chegara cedo demais, e os defensores da Aliança que haviam se preparado para o combate corpo a corpo ainda estavam se recuperando de seus ferimentos prévios.

Diz-se que os generais ficavam na retaguarda planejando guerras enquanto os outros lutavam e morriam nelas. Mas isso não se aplicava a estes oficiais. Armados e equipados dos pés à cabeça, Jonas, Jubarrubra, Durogolpe, Shandris e Tiras'alan entraram na luta sem hesitar, de modo que a Horda não se deparou com recrutas recém-treinados, mas com alguns dos melhores combatentes à disposição da Aliança.

Kalecgos sobrevoou Theramore, fazendo um reconhecimento do progresso da batalha e verificando onde seu auxílio seria necessário. Ele viu a Horda inundar a cidade e começou imediatamente o ataque. Soprou uma nuvem gelada sobre os inimigos, retardando seus movimentos, depois subiu, fez a volta e atacou de novo.

Então mergulhou, pegou Jaina com sua pata dianteira e a ergueu nos ares; não para tirá-la da batalha, mas para lhe oferecer uma visão do alto, como a dos dragões.

— Onde minhas ações serão de maior valia? — perguntou. — E onde você ficará?

Jaina estava completamente à vontade naquela enorme pata. Apoiando as mãos sobre uma gigantesca garra, a maga olhou para baixo, com o vento das asas fazendo seus cabelos chicotarem o rosto.

— O portão norte! — gritou ela. — Ainda há muitos deles do lado de fora. Temos que impedir que entrem! Kalec, você pode trazer algumas árvores e pedras para bloquear a entrada e depois atacar os soldados da Horda que ficaram do lado de fora e rechaçá-los?

— Farei isso — prometeu Kalec. — E quanto a você?

— Deixe-me em cima do telhado da cidadela — decidiu. — Posso ver quase tudo de lá e vou poder atacar sem me expor.

— Exceto pelos inimigos capazes de voar — retrucou Kalec em tom de advertência.

— Sei que é arriscado, mas não há alternativa. Depressa, por favor! No mesmo instante, Kalec deu uma guinada na direção da cidadela e colocou Jaina no telhado com uma gentileza extraordinária. Ela lhe lançou um afetuoso sorriso de gratidão. Kalec ia começar a voar, mas Jaina acenou, pedindo que parasse.

— Kalec, espere! Você tem que saber... Garrosh está com as forças no portão norte! Se conseguirmos capturá-lo...

— Então poderíamos acabar com esta guerra instantaneamente — completou ele. — Já compreendi.

— Detenha o avanço contra o portão, depois tente encontrar Garrosh!

O dragão assentiu, alçou voo, fez a volta e lançou mais um sopro congelante sobre os combatentes da Horda que ainda entravam pelo portão norte, depois seguiu para o pântano.

De onde estava, Jaina tinha uma vista excelente. Contemplou o porto. Parecia que os dois lados estavam em pé de igualdade: havia embarcações incendiadas tanto da Horda quanto da Aliança, e dava para ver as flâmulas das duas facções boiando melancolicamente sobre destroços seminaufragados. O portão oeste resistia. Jaina sentiu um orgulho feroz de Kinndy. Inúmeros caçadores, magos, bruxos e outros que lutavam bem a longa distância estavam enfileirados nas passarelas.

A grã-senhora se virou para o norte e sentiu, a um só tempo, tristeza e determinação. Com tanta gente num espaço tão pequeno, ela precisaria mirar com precisão para ferir ou matar o inimigo sem machucar um companheiro da Aliança.

Seus olhos logo caíram sobre Baine e Jaina sentiu uma pontada de dor. Baine enfrentava Dolorae, e ela se deu conta de que, enquanto houvesse outros inimigos para combater, não conseguiria se obrigar a atacar o grande chefe tauren. E a Luz era testemunha de que havia muitos outros alvos: mortos-vivos brandindo espadas com seus braços carcomidos; orcs enormes; goblins pequenos e ágeis; belos sin'dorei movendo-se como dançarinos.

Jaina fez pontaria num xamã orc cujos trajes de tons escuros lembravam mais os de um bruxo do que as agradáveis cores terrenas que Go'el havia usado. A maga murmurou um feitiço, e estilhaços de gelo saíram voando na direção dele, perfurando suas vestes negras como uma chuva de adagas, e ele se contorceu de dor. Depois desabou, e Jaina — com pesar, mas também muita objetividade — procurou outro alvo.

Foi o primeiro estrondo de um pedregulho sendo largado diante do portão destruído que alertou Voljin para o fato de que talvez o plano de Garrosh tivesse uma falha. Uma bem grande.

O troll estava no pátio com muitos outros, usando sua ligação com os loas para ajudar seus irmãos e irmãs. Uma sibilante serpente protegia membros da Horda dos ataques dos soldados da Aliança. Ele girou, temporariamente distraído pelo impacto do pedregulho.

Voljin praguejou na sua língua nativa, olhando em volta. Baine combatia ao lado de Garrosh. A elfa noturna de cabelos azuis parecia estar dando trabalho ao chefe tauren. Vários defensores da Aliança, inclusive dois anões vestidos em armaduras muito formais, atacavam Garrosh. Momentos antes, o dragão azul tinha sobrevoado as tropas da Horda, retardando seus movimentos. Agora, a mesma criatura estava determinada a bloquear o portão.

Lutando para abrir caminho, Vol'jin chegou onde estavam Garrosh e Baine. Gritando para tentar ser ouvido apesar do barulho, disse em órquico:

— Esse dragão tá a fim de prender a gente!

As enormes orelhas de Baine viraram para a frente, e o grande chefe habilmente se reposicionou em relação à elfa com quem lutava, de modo que pudesse ver. Seus olhos se arregalaram. A elfa saltou sobre ele, mas Baine levantou a maça e a rechaçou. Ela transformou o movimento da queda num rolamento e avançou outra vez contra o tauren. Logo, Voljin atçou a serpente guardiã contra a guerreira, conquistando uma pausa de alguns instantes para o amigo.

— Garrosh! — berrou Baine. — Vamos ficar trancados do lado de dentro!

O orc grunhiu e arriscou uma olhada rápida. Ele parecia estranhamente despreocupado.

— Concordo. Recuar, minha Horda! Recuem para onde estão seus irmãos!

Uma corneta souou a retirada. Ao pedregulho, juntou-se uma enorme árvore. Um xamã invocou o auxílio dos elementos, e a enorme pedra rolou um pouco para o lado, aumentando a brecha. A Horda, antes tão ansiosa por entrar em Theramore, agora se apressava para sair dela. A Aliança, no entanto, fez tudo o que pôde para impedir a fuga,

redobrando os esforços no combate corpo a corpo e recompondo o portão despedaçado tão rápido quanto a Horda o destruía.

Baine ficou para trás, tentando se livrar da persistente elfa noturna e ganhando tempo para que seu povo escapasse. Voljin chamou seus trolls, embora fosse claro que a sede de sangue lhes tivesse subido à cabeça e que não queriam abandonar a luta. Garrosh estranhamente apressou-se em recuar, parando para chamar aqueles que não vieram de imediato.

— Baine! — gritou. — Recue agora! Não quero ter que montar um grupo de resgate para salvar esse seu couro peludo!

Com um rosnado, Baine forçou a elfa noturna a se esquivar, golpeou-a mais uma vez com a maça e correu pela brecha do portão, que ficava cada vez menor.

Estavam batendo em retirada! Novamente, a profunda melodia do clarim de guerra da Horda cortou os ares. Não apenas os que atacavam pelo norte estavam fugindo de volta pelo pântano, mas os que estavam no oeste corriam para a retaguarda.

Jaina se virou, tentando ver se a mesma ordem tinha sido dada aos navios que estavam no porto. Aparentemente isso era verdade — enquanto ela observava, sentindo um pequeno tremor pela tensão liberada, as embarcações restantes da Horda estavam navegando em direção ao mar aberto. A 7^ª Frota não saiu ao encalço delas, sem dúvida por ordem do almirante Cochrane.

Jaina soltou o fôlego, aliviada. Uma enorme sombra tapou o sol por um momento. Levantando os olhos, ela viu Kalecgos planando. Ele desceu, estendendo-lhe a pata dianteira, em que ela alegremente subiu.

— Vencemos, Kalec! — gritou Jaina. — Vencemos!

18



Ele sumiu! — exclamou Dolorae. — Tececanto, aquele traidor maldito... sumiu! Estou recebendo relatórios de que um pequeno grupo da Horda entrou aqui e o libertou!

— Vou reunir algumas Sentinelas e tentar encontrá-lo — asseverou Shandris. — Não podem escapar impunemente.

— De fato, não podem — concordou Vereesa. — Não permitirei que um elfo sangrento revele nossa atual situação. Se fizer uma busca na estrada ao norte, cuidarei do oeste com alguns outros. — Virou-se para Rhonin. — Presumo que estaremos de volta em breve.

— Eu lhe diria para cuidar da sua segurança, minha amada, mas isso seria redundante — comentou Rhonin.

Ambos pareciam exaustos. Vereesa estava coberta de respingos de sangue que, felizmente, não eram dela, e parecia que uma brisa mais forte poderia facilmente derrubar Rhonin. Mesmo assim, estavam cientes de suas obrigações e não se esquivariam delas.

A elfa se entregou aos braços do mago, e eles se beijaram com a familiaridade dos amantes e companheiros que conhecem bem o corpo um do outro. O beijo foi doce, mas curto.

— Descanse, se puder — recomendou Vereesa. Rhonin resfolegou sarcasticamente. Ela sorriu. — Eu disse se puder.

— Vou tentar. Mas há muitos feridos. E mesmo aqueles que não podem conjurar um feitiço de cura para salvar uma alma ainda podem pelo menos fazer curativos.

— E por isso que o amo tanto — murmurou ela. — Voltarei em breve, meu amado.

Shandris e suas Sentinelas já tinham partido pelo portão norte. Os guerreiros de Vereesa estavam montados e de prontidão quando ela se apressou na direção de um cavalo descansado e saltou sobre ele com graciosa agilidade. Ela não olhou para trás quando saiu cavalgando pelo portão oeste. Rhonin não esperava que olhasse. Sua esposa havia se despedido e agora se concentrava nas suas obrigações, assim como ele deveria se concentrar nas dele.

O primeiro dever de Jaina naquele momento — quando se deu conta de que tinham vencido — era cuidar do seu povo. Essa sempre foi a principal responsabilidade dela. A grã-senhora conversou sucintamente com Jonas, que lhe passou um relatório sobre a situação das defesas. O general garantiu que os fuzileiros da 7^ª Frota inteira aportariam para oferecer auxílio aos feridos, e que foram os poleiros de grifos e outras defesas aéreas que sofreram mais danos.

— Acha que irão voltar? — perguntou ela.

— Duvido. Sofreram muitas baixas e precisarão de tempo para se reagruparem. Além disso, temos um dragão caso mandem alguma coisa além de tropas terrestres.

Jaina não conteve o sorriso.

— Então, vamos ajudar aqueles que precisam — completou.

Uma rápida olhada em redor confirmou que os outros generais também estavam cuidando dos feridos. Os caçadores colocaram seus animais para farejar sobreviventes nos destroços. Jaina até presenciou o momento em que duas pessoas foram retiradas das pilhas de pedra e madeira. Estavam feridas, mas sorridentes... e vivas.

O Dr. Casagrande ergueu o olhar quando ela entrou na enfermaria.

— Grã-senhora Jaina, por favor dê três passos para trás.

Ela seguiu a instrução imediatamente, e passaram por ela dois soldados carregando um terceiro numa maca. A enfermaria estava superlotada. Era possível entrever o céu azul por um buraco no teto, mas parecia que o prédio iria aguentar.

— Do que precisa, Doutor? — indagou Jaina.

— Precisamos nos espalhar pela área do pátio — respondeu. — E mande os curandeiros mais experientes me procurarem aqui. A ajuda deles será muito bem-vinda. A esta altura, qualquer outra pessoa só irá atrapalhar.

Jaina assentiu com presteza. Casagrande apontou um dedo ensanguentado à grã-senhora.

— Quanto a você e o resto dos seus magos, comam alguma coisa. Não quero ter que tratá-los também. Estes soldados precisam mais de mim.

Ela sorriu, abatida.

— Mensagem recebida. — Virou-se e saiu, cuidando para não atrapalhar aqueles que entravam com os feridos. Conjurou pão e água, um feitiço fácil, suficientes para sustentá-la por algum tempo e se forçou a comer, embora estivesse completamente sem fome.

Haviam vencido, mas não sem custos, como Jaina constatou olhando em volta. Todos os grifos e hipogrifos, bem como seus cavaleiros, foram mortos. Os corpos peludos e cobertos de penas jaziam onde tinham caído, varados por flechas ou atingidos por feitiços. Os poleiros haviam sido destruídos pelos invasores da Horda que resgataram o traidor Tececanto. As feras, porém, não morreram sozinhas: os cadáveres de morcegos gigantes, falcodragos e mantícoras semelhantes a leões também estavam estendidos no chão de Theramore.

Ela notou uma silhueta pequena andando sem direção no lugar onde antes ficava a taverna. Jaina correu para Kinndy, contente por sua aprendiz ter sobrevivido. No entanto, o semblante da gnomida causou-lhe dor no coração.

Kinndy estava pálida. Até os lábios estavam lívidos. Os olhos encontravam-se arregalados, porém secos. Jaina se debruçou e alisou aquele despenteado cabelo rosa consoladoramente.

— Achei que sabia... como seria isto — comentou em voz baixa a gnomida. Custou para Jaina acreditar que essa voz doce e suave já tinha trocado piadas sujas com Tervosh e desafiado um dragão.

— Você pode ler todos os livros do mundo, Kinndy, mas só se sabe como é estar numa batalha quando se está nela — falou Jaina.

— Você— teve esta mesma experiência?

Jaina se lembrou do primeiro encontro com os mortos-vivos no lugar que mais tarde ficaria conhecido como Terras Pestilentas. De modo mais vívido do que gostaria, a maga se recordou de ter entrado numa das casas de fazenda, respirando o fedor nauseante da decomposição; dos gritos da coisa cambaleante, que um dia fora um ser humano, a atacando; de seu ataque com uma bola de fogo, acrescentando o cheiro de carne queimada ao miasma. Ela ateou fogo à casa, que desabou, concedendo a verdadeira morte a mais alguns cadáveres errantes. Essa batalha tinha sido diferente, mas, em vários aspectos, era a mesma coisa. Qualquer evento que envolvesse violência, matar ou ser morto, era a mesma coisa, pelo menos na opinião de Jaina. Ainda naquele instante, sentiu o frio roçar nela como o toque de uma mão ossuda, e estremeceu.

— Sim — respondeu —, tive a mesma experiência.

— Você— se acostuma a ver estas coisas? — Kinndy gesticulou com os pequenos braços apontando os corpos estendidos em toda parte. — Ver pessoas que estavam vivas e saudáveis há poucas horas... deste jeito?

A voz da gnomida se despedaçou com as últimas palavras, e Jaina ficou aliviada por finalmente ver lágrimas nos olhos da garota. Conseguir vivenciar o luto era o primeiro passo para se recuperar de tanto horror.

— Não, jamais — tornou Jaina. — Dói muito todas as vezes. Mas o... estranhamento desaparece, e você descobre que é possível seguir em

frente. Que aqueles que perdeu gostariam que você seguisse em frente. Você lembrará como sorrir e agradecer e desfrutar a vida. Mas nunca se esquecerá.

— Acho que jamais poderei sorrir novamente — argumentou a garota. Jaina quase concordou com ela. — Por que eu, grã-senhora? Por que sobrevivi e todos eles não?

— Nunca saberemos a resposta. Tudo que podemos fazer é viver a vida da forma mais completa possível, para honrar aqueles que nos deixaram. Para garantir que a morte deles não foi em vão. Pense no quanto seus pais a amam e quão felizes vão ficar por não ter morrido. — Jaina sorriu um pouco, embora com um matiz de melancolia. — Pense no quanto eu estou feliz por você não ter morrido.

Kinndy ergueu o olhar para ela inquisitivamente, então a mais discreta sombra de um sorriso lhe surgiu nos lábios descorados. Jaina sentiu outro nó na garganta se desfazer. Kinndy tinha fibra. Ela ficaria bem.

Jaina partiu um pedaço de pão e deu à garota.

— Você se saiu muito bem, Kinndy. Trouxe orgulho a mim e à sua família.

A mentora não sabia o que esperar agora. Não previra o que aconteceu em seguida. Kinndy, a falastrona e independente Kinndy, deixou cair na terra ensanguentada o pedaço de pão, virou-se para Jaina, pôs os braços em torno dela e chorou, soluçando como se o seu coração estivesse sendo dilacerado.

Com os olhos azuis repletos de tristeza, Jaina perscrutou o resultado da batalha, ajoelhou-se e abraçou sua aprendiz com força.

* * *

De todas as raças que haviam jurado lealdade à Horda, sem dúvida os taurens estavam entre os mais pacíficos. Custavam a se enfurecer, perdoavam facilmente, eram robustos e resolutos. Mas, quando um tauren tinha motivo para se enfurecer e se indignar, o mais prudente seria sair da frente dele.

O gritos de celebração dos soldados da Horda se afastaram para um lado quando Baine entrou.

Ele pisava forte, raivoso, chicoteando a cauda, com as orelhas eriçadas. Não tinha solicitado uma audiência com o chefe guerreiro: berrou exigindo-a, como seu pai o fez antes dele.

— Garrosh!

O urro daquele touro normalmente tão calmo silenciou as conversas e fez com que todos virassem a cabeça para olhar. Acompanhado de Hamuul Runa Totem e, um pouco mais atrás, de Voljin, Baine marchou até o local onde o chefe guerreiro estava, no extremo oeste da ponte que cruzava a Baía Vadeosa, de braços cruzados contemplando Theramore. O orc não se virou quando Baine chamou seu nome. Desprezando quaisquer represálias que pudessem cair sobre ele, o tauren segurou o braço de Garrosh e virou seu corpo para que o encarasse. Nesse instante, os Kor'kron avançaram com Malkorok à frente, mas Garrosh meneou a cabeça antes que tentassem transformar o tauren em carne fatiada.

Baine esfregou um pedaço de tecido ensanguentado no rosto de Garrosh, rosnando furiosamente. Isso, sim, provocou uma reação no orc, que arrancou bruscamente o tecido e arreganhou os dentes para Baine.

— Isso, Garrosh, é o sangue de um jovem tauren que morreu obedecendo às suas ordens! Aos seus comandos! Comandos que resultaram numa quantidade absurda de corpos estendidos nestas águas lamacentas para nada! — gritou Baine. — E um adorno mais apropriado para você do que essas tatuagens, Garrosh!

Malkorok surgiu, empurrando o enorme touro com tanta força que ele até cambaleou um pouco para trás. Malkorok segurou os pulsos de Baine com suas fortes mãos de guerreiro e começou a torcê-los, sem que os dedos que lhe faltavam prejudicassem a força com que segurava.

— Solte-o, Malkorok — ordenou o chefe guerreiro, limpando do rosto as manchas de sangue.

Por um instante, pareceu que o orc Rocha Negra iria se recusar a obedecer àquela ordem direta. Mas, então, com o corpo nitidamente indicando sua relutância, soltou Baine, cuspiu no chão e deu um passo atrás.

Garrosh fitou Baine e, para a completa surpresa do tauren, começou a rir. Era um lento e profundo riso de satisfação que foi crescendo numa gargalhada estridente e pareceu ecoar por sobre as águas.

— Sua besta estúpida — exclamou Garrosh, ainda rindo. Encarando Baine, ele esticou o braço e apontou na direção Theramore. — A hora da nossa vitória finalmente chegou!

Baine ficou pasmo. As suas costas, Voljin se recobrou mais rápido.

— Pelo amor dos espíritos, o que que tu tem na cabeça, cara? A gente acabou de levar uma surra! Não foi só uma derrota, foi um desastre!

— Desastre — arremedou Garrosh, rolando a palavra pela boca como se estivesse saboreando. — Não, acho que não. Vocês estavam tão furiosos comigo pela demora. Faziam suas reuniões secretas. Traziam suas queixas a mim várias e várias e várias vezes. Não confiaram na minha sabedoria. Nos meus planos. E agora? Podem me dizer o que a minha decisão nos trouxe?

— Derrota? — disse Runa Totem, cuspiendo a palavra como ácido. Garrosh riu de novo. Aquela inexplicável e inapropriada risada só fez inflamar o pesar e a ira de Baine. Ele lembrou novamente daqueles que tinha perdido única e exclusivamente para satisfazer o ego de Garrosh. Mas, antes que Baine pudesse falar, o orc deixou cair o semblante risonho e retomou sua altivez.

— Contemplem o que acontece àqueles que ousam se opor à vontade do chefe guerreiro da Horda!

Baine ficou confuso quando o orc apontou novamente, mas não na direção de Theramore ou do porto em que destroços de navios da Horda estavam naufragados. Garrosh Grito Infernal apontou para cima.

Tão imerso em sua dor e raiva estava Baine que não havia percebido que todos estavam gritando por conta do zumbido barulhento. O ruído se aproximava, e Baine notou que até seus ossos sentiam o tremor. Ao longe, bem distante das docas, mas se aproximando a cada momento, voava não um dragão, como se esperaria ver nas guerras anteriores, mas um gigantesco galeão celeste goblínico. Abaixo dele, firmemente amarrado ao casco, havia um enorme objeto esférico. A visão foi tão impactante que, por alguns instantes, Baine sequer sabia o que era aquilo que estava vendo.

Então seus olhos se arregalaram ao chegar à horrível compreensão do que era.

Garrosh continuou a discursar com extravagância, quase gritando para conseguir ser ouvido.

— Nós esperamos. Sob minhas ordens, esperamos. Esperamos até que a frota da 7^ª Legião praticamente inteira chegasse ao Porto de Theramore. Esperamos até que os maiores generais da Aliança, Marcus Jonas e Shandris Plumaluna entre eles, viessem em auxílio da pobre Grã-senhora Jaina, oferecendo seus melhores soldados e suas brilhantes estratégias. Esperamos até que Kalecos da revoada azul chegasse, até que cinco membros do Kirin Tor, incluindo seu líder, Rhonin, chegassem. Navios e soldados, magos e generais, todos em Theramore. Atiramo-nos contra os portões que nosso aliado Thalen Tececanto tinha enfraquecido para nós; e a lealdade dele foi recompensada. Enquanto a Aliança estava concentrada contra nós, um pequeno grupo se infiltrou em Theramore. Seus feitos foram em dobro: resgataram Thalen e conseguiram aleijar as defesas aéreas. E agora... não esperamos mais!

Na visão de Kalec, cada uma das raças tinha seu próprio modo de honrar os mortos. As vezes, a dura necessidade — segundo a qual as carências dos vivos tinham precedência sobre as dos mortos — obrigava esses rituais a serem adiados e a se cuidar dos cadáveres de forma mais superficial do que gostariam os corações em luto. Mas aqui

não havia necessidade de vala comum ou pira funerária para acelerar o processo.

Havia tempo e espaço para cuidar dos tombados. Kalec reuniu os sobreviventes da Batalha de Theramore para recolher corpos despedaçados, identificá-los e gentilmente colocá-los em carroças. Os mortos a serem honrados seriam banhados e vestidos com roupas limpas, fazendo-se o possível para esconder os horrendos talhos na carne. Haveria uma cerimônia formal, e os mortos teriam seu descanso no cemitério que ficava nos arredores da cidade.

Ele estava imerso tanto em melancolia quanto numa espécie de alegria solene. Eles rechaçaram o ataque da Horda. Kalec tinha sobrevivido, e Jaina também. Haveria...

Sentiu seu coração se contrair no peito. Tinha perdido o equilíbrio com uma parada brusca e teve que se recompor para não deixar cair o corpo do soldado que carregava nos braços.

Algo estivera flutuando no limite de sua consciência durante o combate: a essência da Íris Focalizadora. Temia que o orbe tivesse caído nas mãos da Horda, mas sentia que o sinal estava parado em algum lugar do sul, de modo que Kalec tinha deixado de prestar atenção nisso para se concentrar na batalha iminente.

Agora estava em movimento. Rápido.

E estava vindo para noroeste. Na direção de Theramore.

Pôs o corpo que carregava apressada, mas cuidadosamente, na carroça e correu para encontrar Jaina.

Jaina cuidava dos que ainda agonizavam. Kalec a encontrou diante da Cidadela do Esteio. Havia um mar de feridos na praça onde antes eles tinham treinado com mestres de combate. Jaina caminhou em meio aos feridos, teleportando-os para um lugar seguro. Vários dos soldados claramente não eram guardas de Theramore, mas vieram ajudá-la. Para onde estavam indo os feridos, Kalec não sabia — talvez para Ventobravo ou Altaforja, qualquer cidade grande que ficasse mais para o interior do território da Aliança seria melhor do que aqui.

Logo que se aproximou, porém, percebeu que havia algo de errado. O portal abriu, depois desapareceu. Jaina franziu a testa, mostrando aquela pequena ruga tão característica entre as sobrancelhas.

— Tem algo impedindo que os portais se estabilizem. — Kalec ouviu-a dizer aos assistentes.

Jaina virou o rosto cansado, mas sorridente, para ele e estendeu a mão.

— Kalec, eu... — As palavras morreram quando ela viu o semblante dele. — Kalec, o que foi? Alguma coisa errada?

— A Íris Focalizadora — disse ele. — Está vindo para cá. Agora. — Kalec sentiu o medo apertar sua garganta, mas engoliu em seco.

— Mas como? Com a Horda? Kalec, isso não faz sentido. Se foram eles que a roubaram, por que não usaram imediatamente?

Ele meneou a cabeça, seus cabelos azul-escuros esvoaçando.

— Não sei — respondeu. E se deu conta de que essa era a fonte do seu medo. Não saber, não entender por quê.

Jaina franziu ainda mais a testa.

— Talvez seja por isso que os portais não estejam funcionando. — Ela se virou para os aliados. — Pode ser que a Íris Focalizadora esteja causando interferência, ou quem sabe a Horda tenha descoberto algum outro truque que desconhecemos. Por favor... procurem Rhonin e tragam-no aqui. Talvez eu e ele, juntos, possamos manter um portal aberto a despeito desse campo de interferência.

Concordaram e saíram em disparada. Jaina virou-se novamente para Kalec.

— Onde ela está?

— Não consigo precisar. Mas está vindo. Tenho que encontrá-la. Se a Horda a utilizar como arma... — Kalec não ousava dizer o resto. Tudo que queria era puxar Jaina para os seus braços e beijá-la, mas se recusou a fazê-lo.

Ele se recusou a dar um beijo de despedida nela.

Jaina já conhecia bem o processo que iria acontecer, de modo que deu alguns passos apressados para trás. Célere, mas atentando aos

feridos que ocupavam o chão, Kalecogs assumiu sua forma de dragão e alçou voo, subindo para os céus e depois em direção ao porto e à Íris Focalizadora.

Tudo que Kalec podia fazer era desejar que não fosse tarde demais.

Rhonin estava ajudando nas buscas por entre os destroços da fortaleza onde ele, Jaina e os outros tinham discutido as estratégias de luta. Ouviu, sem prestar muita atenção, os pedidos dos cinco que Jaina tinha mandado, juntando as informações com uma apreensão crescente enquanto falavam. Se Kalec sentira a aproximação da Íris Focalizadora, eles estavam correndo um perigo maior do que imaginavam. O arquimago tinha certeza de que Garrosh e a Horda de algum modo tinham enganado todos eles, inclusive Kalecogs e ele próprio, e de fato furtaram o artefato. Quando essa enorme magia estivesse sob seu completo domínio, eles poderiam utilizá-la, quase literalmente, de infinitas formas.

Um barulho o tirou de suas considerações. Era baixo no início, depois foi crescendo; um som mecânico misturado a um zumbido. Rhonin olhou para cima por um segundo, e seu coração gelou.

Um galeão celeste goblínico vinha na direção deles pelo sudeste. A silhueta característica era facilmente reconhecível, mas parecia ter algo amarrado ao seu casco, a princípio escondido pela sombra do galeão. Então, a aeronave alterou ligeiramente o curso, e Rhonin pôde ver o reflexo dos raios solares no fim de tarde.

Era uma bomba de mana.

Foram os elfos sangrentos que criaram aquelas coisas malditas: bombas alimentadas por pura magia arcana. A morte era instantânea. O tamanho variava, mas as bombas que Rhonin conhecia eram da altura de um homem. Essa bomba, parecendo ser feita de delicada fibra de vidro, era do mesmo comprimento do galeão. E, se estivesse sendo alimentada pela Íris Focalizadora...

Vereesa...

Rhonin sentiu um súbito alívio em meio ao terror que o invadiu. Vereesa já estava bem longe no caminho a oeste. Não havia

informações de que estivesse voltando a Theramore. A esposa estaria fora do alcance da explosão. Ela estaria a salvo.

Dependendo de onde a bomba fosse jogada.

Rhonin se virou para aqueles que aguardavam sua resposta.

— Por favor, digam à Grã-senhora Jaina que detectei algum tipo de campo abafador operando. É por isso que os portais não estão funcionando. Digam-lhe para me encontrar nos cômodos mais altos da torre dela. E digam para ela vir depressa.

Partiram para entregar a mensagem. Rhonin não hesitou: correu para o local de encontro, com a mente em polvorosa. A torre estava protegida por todo tipo de magia. Era uma fortaleza segura contra ataques desse tipo. Podia ser que desse certo — mas, para isso, muitas coisas teriam que funcionar perfeitamente.

Bem. Então, bastava Rhonin se assegurar de que funcionariam, não é?

Bomba de mana!

A mente de Kalec espiralou quando reconheceu a esfera que parecia tão enganadoramente linda. Então era isso que os ladrões da Horda tinham planejado! Nunca pensou que pudessem construir uma bomba tão grande assim. Theramore seria praticamente obliterada.

A não ser que fosse detonada enquanto ainda estivesse no ar...

Era uma empreitada suicida. Por um momento, Kalec sentiu a dor aguda e penetrante de não mais ver seus camaradas azuis, especialmente a querida Kirygosia; de não mais ver Jaina Proudmore. Mas era por ela e seu povo que estava fazendo isso. Se a vida dela pudesse ser paga com a dele, seria uma escolha fácil. Kalec fora forçado a assistir ao sacrifício de Anveena. Não suportaria ver mais ninguém que amava morrer se pudesse fazer algo para evitar.

Kalecgos era um dragão, mas a aeronave goblínica estaria armada tanto mágica quanto fisicamente. Seria necessário executar um ataque não apenas feroz, mas também inteligente. O azul pairou no ar por preciosos instantes, tentando avaliar contra o que estaria lutando.

Instantes que foram bruscamente interrompidos quando três canhões abriram fogo contra ele.

Jaina estava confusa e meio aborrecida com a insistência de Rhonin que fosse até ele. Os feridos que precisavam ser teleportados para o socorro estavam aqui, não dentro da torre! Não obstante, ela e seus assistentes acorreram à torre conforme indicado. O mago estava esperando por eles no alto da torre. Ele abriu uma das janelas de vitrais e apontou para o céu. Jaina engasgou.

— É a Íris Focalizadora?

— Sim — respondeu Rhonin. — Está alimentando a maior bomba de mana já construída, e emitindo um campo de interferência para que ninguém possa escapar. — O arquimago virou-se para Jaina. — Sou capaz de desviá-la. Mas, primeiro, me ajude. Eu posso rechaçar o campo de interferência por tempo suficiente para enviarmos estas pessoas a um lugar seguro.

Jaina fitou seus fiéis companheiros.

— Claro!

Rhonin balbuciou um encantamento. Os dedos se mexiam enquanto o mago se concentrava. Então, acenou para Jaina. Ela começou a lançar o feitiço de abertura do portal, mas não entendeu o que via. Pretendia mandar os feridos direto para Ventobravo, mas, em vez disso, vislumbrou não a grande cidade de pedra, mas uma ilha, pouca coisa maior do que um rochedo, uma das muitas que existiam salpicadas pelo Grande Oceano. Ela se voltou para Rhonin, confusa.

— Por que está redirecionando meu portal?

— Consome... menos energia — grunhiu Rhonin. O suor lhe molhava a testa, ensopando os cachos do cabelo ruivo.

Aquilo não fazia sentido algum. Ela abriu a boca, mas Rhonin interrompeu:

— Não discuta. Apenas... atravessem, todos vocês!

Os companheiros de Jaina obedeceram, correndo para o portal rodopiante. Jaina ficou. Alguma coisa estava errada. Por que ele... Então, ela compreendeu.

— Você não pode desativá-la! Seu plano é morrer aqui!

— Cale a boca. Basta atravessar! Tenho que puxá-la para cá, exatamente para cá, para salvar Vereesa e Shandris e tantos quantos eu puder. As paredes desta torre estão infundidas em magia. Provavelmente conseguirei conter a detonação. Não seja uma menina tola, Jaina. Vá!

Jaina encarou Rhonin, horrorizada.

— Não! Não posso deixar você fazer isso! Você tem família. É o líder do Kirin Tor!

Seus olhos, antes fechados pela concentração, abriram-se de súbito. O olhar de Rhonin era, a um só tempo, furioso e suplicante. Seu corpo tremia de tanto esforço para manter o portal aberto e bloquear a interferência.

— E você é o futuro!

— Não! Não sou! Theramore é a minha cidade. Tenho que ficar e defendê-la!

— Jaina, se você não for logo, ambos morreremos, desperdiçando meus esforços em arrastar a bomba maldita até aqui, em vez de deixá-la atingir o coração da cidade. É o que quer? É isso?

Claro que não. Mas ela não podia ficar parada e deixar que ele se sacrificasse por ela.

— Não abandonarei você! — gritou Jaina, virando-se para olhar a bomba. — Talvez juntos possamos desviá-la! — Ela estava berrando para ser ouvida em meio ao barulho do galeão celeste. Estava chegando mais perto, e a grã-senhora viu, mergulhando e circundando a aeronave, várias pequenas silhuetas voadoras.

E uma grande. *Kalec!*

* * *

Kalec recolheu as asas e caiu como uma pedra. As balas de canhão por pouco não o acertavam. Ele bateu as asas com força, subindo por baixo do galeão, olhos vidrados na bomba de mana. Abriu a bocarra pretendendo congelar aquela coisa e depois estilhaçá-la. A explosão decorrente disso o destruiria, claro, e também os goblins que

transportavam a bomba. Mas o resíduo que cairia sobre Theramore causaria apenas danos superficiais. A cidade e Jaina sobreviveriam.

Uma dor súbita e aguda o perfurou. Ele trepidou e deu a volta para enfrentar seu oponente: um Renegado montado num enorme morcego. A lança do morto-vivo tinha atingido Kalec na junção de seu braço com o corpo — um dos poucos lugares que não tinham escamas protetoras — e entrou fundo. Seu movimento brusco arrancou a lança das mãos ossudas do Renegado, e o golpe instintivo e retaliatório do dragão azul com a cauda derrubou dos céus tanto o morcego quanto aquele que o montava.

O galeão tinha descido agora. Os canhões estavam apontados para cima, na direção de Kalec. Ele tentou se esquivar, mas acabou sendo atacado por dezenas de mantícoras. Um enorme estrondo ecoou, e, desta vez, Kalec não conseguiu escapar dos projéteis.

Jaina soltou um grito ao ver Kalecogos começando a cair. Nesse exato momento, o galeão celeste lançou sua carga.

Ela nunca se lembraria com exatidão do que aconteceu em seguida. Sentiu-se sendo puxada e empurrada na direção do portal, que ainda rodopiava. Jaina berrou protestando, tentando se libertar, e esticou o pescoço a fim de olhar para trás bem a tempo de ver um inferno.

O mundo ficou completamente branco. A torre se despedaçou. O corpo de Rhonin — de pé, com os braços abertos, enquanto encarava bravamente seu destino — de repente tornou-se púrpura. Ficou congelado no tempo por uma fração de segundo, depois explodiu numa nuvem de cinzas de alfazema. No momento em que o portal se fechava com um giro e

Jaina ia sendo arrastada para mais e mais longe, viu um oceano de energia arcana inundar Theramore. Gritos do mais completo, absoluto e incomensurável terror acometeram os seus ouvidos, e ela não viu mais nada.

19



Baine era um guerreiro. Seus olhos haviam visto horrores que beiravam o insuportável. Contemplou chamas consumindo aldeias, fortalezas e até sua própria cidade. Testemunhou batalhas com magia, bem como outras de lâmina, de fogo, de punhos, e sabia que feitiços matam com tanta segurança e brutalidade quanto o aço. Sua voz havia proferido ordens de ataque, e suas mãos tinham ceifado vidas.

Mas isto...

O céu noturno não era um fundo negro iluminado por opacas labaredas alaranjadas que consumiam prédios e carne, embora algumas construções tivessem de fato sido incendiadas no começo da batalha. Em vez disso, um brilho violeta, quase belo, como o luar sobre a neve, emanava da cidade. E sobre aquela luminescência enganadoramente aprazível, o céu oferecia um espetáculo. Adagas brilhantes de raios rasgavam a escuridão com clarões de todas as cores do arco-íris. Aqui e ali, aquela iluminação desigual se perpetuava, movendo-se e circulando, para depois sumir e reaparecer em outro lugar. Estavam perto o suficiente para ouvir os estrondos e estampidos

do tecido do mundo sendo rasgado em pedaços e remendado de novo, várias e várias vezes. A medida que as luzes coloridas dançavam nos céus, veio à mente de Baine a lembrança um tanto desconexa de um fenômeno que vira em Nortúndria, a aurora boreal.

Caerne contara como ficou atônito diante daquela visão. Enquanto Baine contemplava o fulgor, numa mistura de perplexidade com estupefação, uma repugnância nauseante se apossou dele.

O suave brilho púrpura era um indício do cobertor de energia arcana que recobriria Theramore. A bomba de mana, fornecida com tanta presteza pelos elfos sangrentos, que celebraram junto aos outros membros da Horda que apreciaram o engendro de Garrosh, havia explodido sobre uma cidade inteira, não apenas ferindo os habitantes e causando dano às construções, mas devastando-os completamente. Baine já tinha visto aliados e adversários perecendo sob ataques de magia arcana vezes demais para sentir qualquer coisa além de fúria diante do que observava. As pessoas atingidas pela explosão foram destroçadas por dentro quando a magia retorceu e refez seus corpos até a última gota de sangue. Os prédios também foram reconstituídos de dentro para fora. Tão grande fora a explosão que Baine não tinha dúvidas de que toda criatura, todo folículo de grama, todo torrão de terra sucumbira à morte — e a algo ainda pior do que a morte.

E a magia horrenda permaneceria na área. Baine não tinha conhecimentos de magia. Não sabia quanto tempo a bizarra luminescência violeta, que assinalava a brutalidade calculada de Garrosh, ficaria pulsando ao redor da cidade dos mortos. Mas Theramore passaria muito tempo inabitável.

Lágrimas correram pelo seu focinho, mas o grande chefe não fez esforço algum para enxugá-las. Permaneceu ali, cercado pela exultante multidão de soldados da Horda. Porém, olhando ao redor, viu rostos, iluminados pelo fantasmagórico brilho arcano, que traziam uma expressão de choque e revolta idêntica à sua. O que acontecera àquele chefe guerreiro que certa vez disse "Honra... não importa quão hedionda a batalha, nunca a esqueçam"? Que havia precipitado de um

penhasco à morte outro orc, Lorde Supremo Krom'gar, por ter lançado uma bomba contra druidas inocentes, deixando somente uma cratera? A semelhança suscitava um horror que percorreu Baine até a medula. Se antes Garrosh censurava esses assassinatos, agora passara a cometê-los.

— Vitória! — gritou Garrosh do cume mais alto das ilhotas do canal. Ergueu o machado, Uivo Sangrento, cuja afiada lâmina captou e refletiu a luz púrpura sobre os membros da Horda ali reunidos. — Primeiro, eu lhes dei uma batalha gloriosa, em que tomamos a Fortaleza da Guardanorte. Depois, eu lhes domei a paciência para que pudéssemos lutar um combate ainda mais honrado, contra os melhores soldados e as mentes mais brilhantes que a Aliança tinha a oferecer. Cada um de vocês é agora um veterano de uma batalha contra Jaina Proudmore, contra Rhonin, o general Marcus Jonas e Shandris Plumaluna! E, para assegurar nossa vitória, surrupiei, bem debaixo do nariz dos maiores especialistas em magia do mundo, um artefato arcano tão poderoso que destruiu uma cidade inteira!

Apontou Theramore como se os ouvintes já não estivessem vidrados no espetáculo de destruição em massa.

— E foi isso que realizamos! Contemplem a glória da Horda! Ninguém estava vendo? Baine não conseguia entender. Havia gente, muita gente, que parecia feliz perante a visão da cidade morta, abarrotada de cadáveres de pessoas que morreram de maneira horrenda e excruciante. Estavam satisfeitos por terem sido ludibriados a entrar numa batalha contra Theramore quando, desde o começo, Garrosh tivera em mãos a forma de vencer sem sacrificar sequer uma vida da Horda. Baine não tinha certeza de qual ato fora mais desprezível.

As celebrações eram ensurdecedoras. Garrosh se virou, e seu olhar cruzou com o de Baine, fixando-se nele por um bom tempo. O tauren não desviou os olhos. Os lábios do orc se crisparam de desdém. Ele cuspiu no chão e se afastou, e a maré de vivas o seguiu.

Malkorok, no entanto, permaneceu. E começou a rir. No início baixa e discreta, a risada foi se transformando numa gargalhada doentia. Os ouvidos sensíveis de Baine estavam inundados de risadas insanas, aplausos diante do sofrimento e sons imaginários de uma cidade inteira gritando atormentada antes que a obliteração caísse impiedosamente sobre ela.

Incapaz de suportar tudo aquilo, incapaz de suportar o ódio contra si próprio por, ainda que relutante ou até mesmo sem saber, ter feito parte dessa desgraça, Baine Casco Sangrento, grande chefe dos taurens, tapou os ouvidos, virou as costas e buscou qualquer sombra de alívio que pudesse conseguir na umidade morna do pântano.

O amanhecer não foi gentil com as ruínas de Theramore.

Sem a sutileza da escuridão, a devastação completa era gritante. A fumaça ainda subia ondulante das chamas quase extintas. As anomalias arcanas que proporcionaram o espetáculo de luzes à noite se mostraram vestígios de realidades e dimensões que foram rasgadas ao meio. Era possível até vislumbrar relances de outros mundos. Flutuando no ar, havia não apenas rochas e blocos de terra, mas também destroços de construções e armas. Corpos giravam lentamente no espaço, como grotescas marionetes boiando na água. Os estalos e as trovoadas não cessavam.

Gharga observava a cidade com o peito inflado de orgulho pelo papel desempenhado na batalha. Certamente já estavam compondo lok'tras sobre o glorioso combate. Ouviu dizer que havia gente resmungando sobre as escolhas de Garrosh; corria o boato de que eram principalmente os taurens e trolls; mas, de modo geral, Gharga estava satisfeito com o fato de que seus orcs pareciam estar tão contentes quanto ele com o resultado da batalha.

O capitão esperava na ponte enquanto o emissário do chefe guerreiro Garrosh era trazido até o Sangue e Trovão. Gharga se encheu ainda mais de orgulho quando percebeu que não se tratava de qualquer orc: era uma guerreira dos Korkron de Garrosh que viera no bote, e que agora escalava rapidamente a escada de corda.

A Kor'kron bateu continência.

— Capitão Gharga — saudou ela —, trago duas cartas neste dia que se inicia sobre as ruínas de Theramore. — Os orcs não conseguiam conter os sorrisos ao se entreolharem. — Uma delas é uma mensagem pessoal do chefe guerreiro Garrosh. A outra contém suas novas ordens. Você, Capitão, terá um papel crucial no próximo passo da conquista da Horda sobre Kalimdor.

Seus olhos rebrilharam de satisfação, mas Gharga respondeu apenas com uma educada mesura.

— Vivo para servir o chefe guerreiro e a Horda.

— E o que parece... e tal lealdade não passou despercebida. Fui instruída a esperar enquanto lê as ordens e a levar de volta sua resposta.

Gharga assentiu, desenrolando o segundo pergaminho. Seus olhos saltaram pela breve mensagem, e ele sentiu que não conseguiria mais esconder sua satisfação. Garrosh não era dado a palavras vãs. Cumprira a promessa de destruir Theramore de forma tão dramática e tão completa que deixou todos atônitos, até mesmo seus mais leais seguidores. A marinha da Horda, agora ancorada no Porto de Theramore, deveria se dispersar e formar um bloqueio em cada porto do continente. Não chegaria auxílio algum em Theramore — muito menos em Lordanel, na Fortaleza de Plumaluna, na Vila de Rut'theran e na Ilha Névoa Lazúli.

A primeira parada de Gharga seria na Fortaleza de Plumaluna. De lá, ele deveria mandar, por meio do seu corredor mais veloz, uma mensagem a Orgrimmar dizendo que a Horda havia conseguido vitórias nunca antes imaginadas, e que a cidade deveria fazer os preparativos para a maior celebração da história quando da chegada de Garrosh.

Enrolando novamente o pergaminho, Gharga assegurou:

— Diga ao nosso chefe guerreiro que as ordens dele foram compreendidas e que a frota partirá dentro de uma hora, a fim de cumpri-las. Diga também que estou certo de que, quando tiver

mandado as notícias a Orgrimmar, ouvirei os gritos de celebração daqui de onde estou.

A primeira coisa que Jaina percebeu, assim que recobrou a consciência, foi a dor, embora não lembrasse por que sofria agonia tão terrível. Cada gota de sangue, cada músculo, cada nervo, cada centímetro de pele parecia estar ardendo em fogo frio. Com os olhos ainda fechados, soltou um gemido e mudou de posição, mas a dor apenas triplicou. Doía até para respirar. Seu hálito era estranhamente gélido quando lhe passava pelos lábios.

A grã-senhora abriu os olhos, piscando, e se sentou. Limpou a areia do rosto, suportando a agonia com os dentes cerrados, e tentou relembrar. Alguma coisa tinha acontecido... uma coisa tão terrível que não conseguir colocar em palavras. Por um segundo, ganhou consciência suficiente para se dar conta de que não queria se recordar.

Um vento súbito jogou-lhe o cabelo no rosto. Instintivamente, levantou a mão a fim de penteá-lo para trás, mas, ao fazer isso, ficou petrificada, olhando para a mecha presa entre os dedos.

O cabelo de Jaina sempre foi bonito. "Da cor dos raios do sol", dizia seu pai quando ela era criança.

Agora estava da cor do luar.

De repente, sentiu que estava à beira do precipício da memória, tentando desesperadamente não saber, e, então, escorregou.

Meu lar... meu povo...

Jaina ergueu-se cambaleante, tremendo violentamente. Não se via em lugar algum aqueles que a acompanhavam. Estava sozinha... sozinha com aquilo que agora lutava para conseguir ver.

Olhou em volta. O céu estava destroçado. Era dia claro, mas Jaina via as estrelas pelos rasgos. Anomalias arcanas ganhavam existência por alguns instantes e sumiam em seguida. As cores, que pareciam feridas abertas e machucados horríveis aos seus olhos cheios de lágrimas, dançavam zombeteiramente sobre as ruínas do que antes havia sido uma portentosa cidade.

Uma sombra caiu sobre ela. Tonta e nauseada, não conseguia desprender os olhos daquele horror, e não se importava com o que pudesse desabar ao seu lado. Uma voz estilhaçou o transe em que se encontrava.

— Jaina?

Era uma voz fatigada, carregada de dor, preocupação e conforto. Ela ouviu as botas dele pisoteando a areia e correndo em sua direção.

Jaina se virou para Kalec. Sob as lágrimas em seus olhos, viu o meio-elfo pressionar a mão contra o flanco, embora não houvesse sangramento. Estava pálido e parecia exausto, mas ainda encontrou forças para ir depressa até a maga, mancando um pouco. Quando Kalec se aproximou, Jaina percebeu a reação dele à sua aparência tão mudada.

Estendeu a mão a Jaina justo quando as pernas da maga desabaram, sustentando-a antes que caísse. As mãos dela o procuraram por conta própria, agarrando-o firmemente enquanto enfiava o rosto sob o pescoço dele. Kalec a segurou com a mesma força, com uma mão sob a nuca e apoiando a bochecha em seu cabelo agora branco. Por um longo tempo, sem palavras, ficaram abraçados, e Jaina recebeu aquele silencioso consolo.

— Tudo se foi — murmurou ela com a voz enrouquecida pela dor e pelo choque. — Tudo se foi. Todos, tudo... lutamos tanto, com tanta bravura, e teríamos vencido, Kalec, teríamos vencido...

Kalec a abraçou com ainda mais firmeza, sem tentar reconfortá-la com palavras. Não havia consolo a oferecer, e apreciou o fato de ele saber disso.

— Meu reino... todos os generais... Durogolpe, Tiras'alan, Cochrane, Rhonin, ó doce Luz, Rhonin. Por que ele fez isso, Kalec? Por que me salvou? Eu fui a responsável por tudo aquilo!

Neste momento, Kalec falou, recuando um pouco a fim de olhar para ela assertivamente.

— Não — negou sua voz pungente com determinação. — Não, Jaina. Isso não foi culpa sua. Não ouse pensar assim. Se há alguém

culpado, somos eu e a minha revoada, por termos deixado que roubassem aquela maldita Íris Focalizadora. Aquela explosão... você não poderia tê-la vencido. Ninguém poderia. A bomba de mana foi potencializada pela Íris Focalizadora. Eu era um dos que estavam mais distantes, e, mesmo assim, a força me lançou no mar. Não havia nada que você pudesse fazer; nada que ninguém pudesse fazer.

Com a forte mão envolvendo a dela, ficaram de pé juntos. Jaina se agarrava àquela mão como se fosse a salvação. E talvez fosse mesmo. Ainda assim, a maga se deu conta do que tinha que fazer.

— Tenho que voltar — decidiu com a voz desarticulada. — Pode ser... que alguém ainda esteja vivo. Talvez eu possa fazer alguma coisa.

Os olhos azuis de Kalec se arregalaram.

— Jaina, não, por favor. Não é seguro.

— Seguro? — A palavra explodiu da sua boca, e ela largou os braços do meio-elfo, afastando-se. — Seguro? Como você pode falar em segurança,

Kalec? Este é— era... meu reino! Era o meu povo. E minha obrigação para com eles ver se há algo que eu possa fazer!

— Jaina — tornou Kalec em tom de súplica, dando um passo na direção dela —, aquele lugar está tomado de energia arcana. Você conseguiu escapar, mas a explosão já...

— Sim — disparou ela com uma dor no coração muito maior do que aquela que sentia no corpo. — O que essa explosão fez em mim, Kalec?

Ele hesitou, depois falou com muita calma.

— Seu cabelo está completamente branco. Só restou uma mecha loura. E seus olhos... também estão brilhando.

Jaina o fitou com o olhar fixo, angustiada. Se a explosão já tinha causado tantas mudanças visíveis, que outras transformações invisíveis não teriam acontecido? Sua mão buscou o coração por alguns instantes, apertando o peito como se pudesse de algum modo arrancar aquela dor devastadora.

— Sei que quer fazer alguma coisa — prosseguiu Kalec —, tomar alguma atitude. Porém, há outras coisas que podemos fazer. Não sobrou ninguém lá, Jaina. Você só iria correr o risco de se ferir ainda mais. Podemos voltar depois, juntos, quando for mais seguro e...

— Não existe nós, Kalec — replicou ela amargamente. A mágoa que transpareceu no rosto do meio-elfo só fez com que a dor no coração de Jaina aumentasse ainda mais, mas, desta vez, ela acolheu esta dor. Era sofrimento, e somente o sofrimento poderia aliviar a angústia que a grã-senhora sentia pelo fato de ter sido a única, dentre todas as almas que estavam em Theramore para ajudá-la, que havia sobrevivido. Era uma sensação boa, como um expurgo, mas de um jeito árduo e brutal. — O que existe sou eu, minhas decisões e minha responsabilidade por aqueles cadáveres que estão lá. Vou ver se há pelo menos uma coisa que eu possa fazer, ao menos uma vida que eu possa salvar. E vou fazer isso sozinha. Como sempre fiz. Não venha atrás de mim.

Ela rapidamente lançou um feitiço de teleporte. Ainda ouviu Kalec gritar seu nome depois que lhe deu as costas, mas se recusou a derramar lágrimas.

As lágrimas lhe causavam mais dor quando ela as mantinha dentro de si.

Jaina pensou que estava preparada para o que iria ver. Estava errada. Nada teria preparado uma mente sã para o que a bomba de mana tinha feito com Theramore.

A primeira coisa que notou foi a torre; ou melhor, o local onde ficava a torre. Foi-se aquela bela construção de pedras brancas que abrigava sua enorme biblioteca e seus aconchegantes aposentos. Em seu lugar restava uma cratera fumegante, horrivelmente similar àquela no Contraforte de Eira dos Montes. A diferença era que aquele rasgo distante na terra fora deixado por uma cidade que partia para a guerra, enquanto este tinha sido resultado da tentativa desesperada de Rhonin de evitar um desastre, uma tentativa que ele pagou com a própria vida.

Jaina estava cercada pela morte, engolida por ela, subjugada por ela. A morte estava no espaço das construções que existiram, nenhuma delas intacta. A morte estava na sensação da terra sob seus pés, no destoante e errático céu acima. Sobretudo, a morte estava nos corpos que jaziam onde tinham perecido. Curandeiros esticados com os feridos ainda em seus braços. Cavaleiros e cavalos unidos na morte como em vida. Soldados que pereceram com suas armas ainda na bainha, de tão súbito e inevitável que fora o ataque. O ar estalava, chiava e zunia ao seu redor, fazendo os cabelos brancos flutuarem à medida que Jaina, caminhando como sonâmbula, pisava cuidadosamente por entre as ruínas da sua vida.

Observou com um estranho distanciamento as coisas bizarras que a bomba de mana tinha espalhado. Aqui uma escova de cabelos; acolá, uma mão decepada. Perto da borda da cratera, voavam páginas de um livro. Num gesto instintivo, estendeu a mão para pegá-las. Uma folha tinha sido alterada pela bomba num nível tão essencial que se desfez em pedaços quando ela a tocou. No arsenal, um soldado jazia numa poça de sangue... três passos adiante, outro soldado pairava na altura dos olhos de Jaina e, por um talho em sua armadura, glóbulos de um líquido púrpura congelado escapavam pelo ar.

Seu pé tocou em algo macio, e ela pulou rápido para trás, olhando para baixo. Era um rato, cujo corpo emitia um brilho violeta. Um pedaço de queijo completamente normal ainda estava preso em sua boca. As palavras de Kalec advertindo-a de que ninguém poderia ter sobrevivido à explosão ecoaram em sua mente. Nem mesmo os ratos, ao que parece...

Jaina meneou a cabeça. Não. Não, alguém deve ter sobrevivido... é impossível que a bomba tenha matado tudo e todos. Ela andava com uma determinação austera, vasculhando os detritos onde podia, parando para escutar, na esperança de ouvir uma voz pedindo ajuda em meio aos zumbidos e estalos de um céu partido. Encontrou Dolrae caída sobre o corpo de um orc que ela claramente tinha matado. Jaina se ajoelhou ao lado da guerreira, penteando seus cabelos azul-escuros

para trás, mas sentiu um nó na garganta quando os fios se partiram como fibra de vidro. Dolorae pereceu com a espada na mão e a típica expressão séria no rosto. Morreu como vivera: defendendo Jaina e Theramore.

A dor, antes anestesiada pelo horror, voltou como o despertar de um membro dormente. Jaina fez um esforço para contê-la e continuou andando. Aqui estavam o querido Cochrane, Marcus Jonas, Tiras'alan e os dois anões.

Em cima de um dos telhados destruídos, jazia estendido o corpo do tenente Aden; sua reluzente armadura estava roxo-escura por conta da explosão. De súbito, a mente de Jaina estava clara, racional e sob controle.

E melhor parar. Kalec estava certo. Saia daqui, Jaina. Você já viu o suficiente para saber que ninguém sobreviveu. Saia agora antes que veja demais.

Mas não conseguia. Ela encontrou Dolorae. Precisava achar os outros. Tervosh, que havia sido seu amigo por tanto tempo, onde estaria? E o guarda Byron? E Alan Álvaro, o sacerdote? E Janine, a estalajadeira que insistiu em ficar; onde estavam? Onde está...

Pelo tamanho, a princípio parecia uma criança, e foi isso que chamou a atenção de Jaina. As crianças todas haviam sido retiradas com segurança. Quem...

Então, a grã-senhora se deu conta.

Jaina ficou ali, quase sem respirar, querendo olhar para o outro lado, mas sem conseguir. Vagarosa e desajeitadamente, seus pés se moveram, quase por conta própria, levando-a na direção do corpo.

Kinndy tinha o rosto mergulhado numa poça do próprio sangue. A mancha escarlate tingiu seu cabelo rosa, embotando-o. Jaina se pegou pensando em colocar Kinndy numa tina de água quente e ajudá-la a se lavar com uma esponja, depois dar a ela novas vestes...

Ela caiu de joelhos e colocou uma mão sobre o ombro da menina para desvirá-la. O corpo de Kinndy se desfez em uma poeira brilhosa da cor violeta.

Jaina gritou.

Gritou de puro terror, recolhendo freneticamente o pó cristalino, que era tudo o que restava de uma jovem esperta e vivaz. Gritou pela perda, pela dor, pela culpa e, acima de tudo, pelo ódio.

Ódio da Horda. Ódio de Garrosh Grito Infernal, ódio daqueles que o seguiam. Ódio de Baine Casco Sangrento, que avisou Jaina, mas mesmo assim permitiu que isso acontecesse. Talvez até soubesse que isso iria acontecer. Os gritos se transformaram em uma dor lancinante, soluços ásperos que rasgavam sua garganta. Ela levantava punhados de areia púrpura, tentando segurar Kinndy, mas seu choro só fazia aumentar quando a poeira teimava em lhe escapar por entre os dedos.

Isto não era guerra. Não era nem assassinato. Isto era um extermínio, executado a uma distância conveniente. Uma matança da forma mais brutal e covarde que Jaina poderia conceber.

Algo cintilou, como se fosse um sinal, na terra morta. A maga olhou fixamente por alguns instantes, então, de modo lento e vacilante, ficou de pé. Cambaleando como um bêbado, seguiu até o estranho brilho.

O caco de vidro prateado era menor do que sua mão. Ela o pegou. Em estado de choque, Jaina não se deu conta logo o que era aquilo que segurava. Então, a dor a apunhalou novamente. Tantas lembranças: o rosto jovial de Anduin conversando com ela. O semblante de Varian marcado pela cicatriz. Kalec saindo do seu campo de visão quando ela usava este espelho. Rhonin...

Com o canto do olho, Jaina percebeu um movimento e virou para olhar, esperando, contra toda lógica, que talvez alguém tivesse sobrevivido. Eram grandes, estavam vestidos de armadura e eram verdes. Havia pelo menos vinte e cinco, talvez mais de trinta deles. Um deles colocou algo numa bolsa, falou com os outros, e uma rude gargalhada órquica pontuou a sequência ininterrupta de sons de coisas rasgando e estourando.

Jaina cerrou os punhos, inclusive o que segurava o pedaço de vidro. Mal tomou consciência da dor quando o caco feriu-lhe os dedos e a palma da mão.

Levou alguns instantes, mas um deles acabou percebendo a maga parada no meio da devastação. O orc juntou os grossos lábios verdes por sobre as presas amareladas num sorriso sarcástico e cutucou um dos camaradas. O maior deles, que usava a melhor armadura — claramente o líder daquele grupinho de batedores que o covarde do Garrosh sem dúvida tinha mandado para assegurar que estavam todos mortos —, soltou um grunhido e disse em língua comum, com um sotaque bem carregado:

— Senhorinha, não sei como você sobrevive. Mas nós corrige erro. Todos sacaram as armas: machados, espadas grandes, facas com brilho opaco por conta do veneno que as revestia. Jaina sentiu os próprios lábios se contraírem num arremedo de sorriso. Eles a observaram com mais atenção, a princípio nitidamente intrigados com a reação inesperada, depois o líder começou a rir.

— Vamo matar Jaina Proudmore! — bradou.

— Levar cabeça dela pra chefe guerreiro Garrosh! — incentivou outro orc.

Garrosh.

Jaina sequer se dignou a responder. Jogou fora o caco de vidro e simplesmente ergueu as mãos. Uma onda de energia arcana, ampliada pelos efeitos remanescentes da bomba de mana, atingiu todos eles. Os orcs cambalearam para trás, trêmulos e enfraquecidos. Uma das orquisas que seguravam adagas deixou-as cair dos dedos nervosos e se esforçou para manter o equilíbrio. Os orcs mais fortes se recuperaram e brandiram novamente as armas, apressando-se para vencer a distância.

Um sorriso malicioso se revelou no rosto de Jaina. Os orcs congelaram, literalmente, onde estavam, com as pernas presas em gelo. Os dedos dela dançavam no ar, tecendo um feitiço, criando fogo do nada e lançando uma enorme bola giratória de labaredas crepitantes bem no meio deles. Enfraquecidos pelo impacto de energia arcana, seis deles sucumbiram na hora, gritando de tormento enquanto eram queimados vivos. Outros dez sofreram queimaduras

sérias e se contorciam em agonia. Estes também logo estariam mortos. O feitiço se dissipou, e os orcs restantes continuaram a se aproximar, desta vez com mais cautela.

Um cone de ar gélido os engoliu. Eles agora andavam como se estivessem num pântano. Jaina acertou mais quatro com bolas de fogo. Os atingidos caíram no mesmo instante. Outro impacto arcano, que Jaina pareceu produzir quase sem esforço, matou mais deles.

Restavam dez. Seis já estavam bem abalados; quatro, praticamente intocados. Outra vez o fogo jorrou de seus dedos, e todos os dez caíram ao chão. Ela mandou outro impacto de energia arcano.

Quando finalmente baixou as mãos, com o suor colando os cabelos brancos em seu rosto, estavam todos imóveis. Exceto um. Seu peito arfava pelo fôlego entrecortado, e ele tinha espasmos e tremores.

Jaina se abaixou e pegou o pedaço do espelho, sem olhar para ele. Lenta e firmemente, sentindo um prazer cruel ganhar força dentro de si, ela pisou sobre os cadáveres até chegar ao único sobrevivente.

Ele tossia. Escorria sangue vermelho-escuro de sua boca cheia de presas. Grande parte do corpo estava coberta de queimaduras, e a armadura de placas havia se fundido com sua pele. Isso devia ser terrivelmente doloroso, Jaina ponderou.

Otimo.

A grã-senhora de Theramore se debruçou sobre o orc, aproximando tanto seu rosto do dele que podia sentir o hálito fétido enquanto o bruto tentava buscar fôlego. Ele olhou para ela com os pequenos olhos esbugalhados de medo. Medo de Jaina Proudmore, a amiga dos orcs, a diplomata.

— Seu povo é uma corja de covardes desprezíveis — sussurrou ela. — Vocês não passam de cães raivosos que precisam ser sacrificados. Cospem na misericórdia? Pois não a terão. Querem carnificina? Garrosh receberá mais sangue do que jamais sonhou obter.

Então, com um grito selvagem, Jaina enfiou o estilhaço do espelho no espaço entre o gorjal e a armadura do orc. O sangue jorrou, banhando a mão e respingando no rosto dela.

O orc moribundo tentou se arrastar para longe, mas ela segurou a cabeça dele entre as mãos, forçando-o a olhar para ela enquanto a vida se esvaía a cada batimento. Quando o inimigo ficou imóvel, a maga se levantou. Deixou o pedaço de vidro do espelho quebrado alojado na garganta do orc.

Ela continuou seu lúgubre escrutínio do que a Horda causara a Theramore. A raiva gélida dentro dela ardia mais e mais a cada coisa que via. As docas completamente destruídas. Estranhamente, Jaina se sentia melhor aqui, olhando para os destroços, do que tinha se sentido em...

Ela piscou. Sem querer, mas sentindo-se compelida, voltou para onde sua torre ficava. Sentiu o zunido característico da energia arcana crescer cada vez mais. A cidade inteira estava banhada nesse resíduo, mas Jaina percebeu que se aproximava da origem do desastre. Seu coração disparou, e ela apressou o passo. Fechou os olhos, depois abriu. Não queria olhar para a cratera, mas sabia que tinha que fazê-lo.

Era tão singelo e tão adorável: um orbe liso, brilhando púrpura, que pulsava de energia arcana. Parecia frágil, mas tinha sobrevivido à explosão que reduziu uma cidade a cinzas sem sofrer sequer um arranhão na superfície.

Kalecgos não tinha exagerado quanto ao poder desse objeto; nem, pensou ela com uma nova pontada de lamento, quanto à violência que ele poderia desencadear nas mãos erradas. Dava para sentir a energia quase varrendo seu corpo fisicamente devido à proximidade do artefato. Os cabelos estavam esticados, e Jaina sentiu os olhos se apertarem por um instante, depois se adaptarem. Sabia que agora estavam brilhando mais do que nunca. De propósito, começou a descer para o centro da cratera. Não se via os restos mortais de Rhonin em lugar algum. Aparentemente, tinha conseguido atrair a bomba direto contra si próprio. Tudo que restou de Rhonin foram duas crianças, uma viúva de luto — isso se Vereesa estivera longe o suficiente para sobreviver à explosão — e sua memória. Jaina sentiu um gosto amargo

ao pensar nisso. O arquimago morreu tentando salvá-la. A maga não deixaria que sua morte fosse em vão.

Chegou ao fundo. A íris Focalizadora tinha pelo menos o dobro do tamanho de Jaina e era certamente muito pesada. Jaina podia teleportar e esconder o artefato por enquanto, no entanto o mais importante era descobrir como escondê-lo de Kalecgos. A solução lhe veio à mente quase no mesmo instante: Kalec passara a conhecê-la bem e a nutrir afeição por ela. Jaina se debruçou e colocou a mão no artefato, sentindo uma suave cadência de energia. Fria e calculadamente, começou a envolver o objeto com seu mais profundo senso de identidade, tendo em mente suas maiores forças e fraquezas. Quando ele procurasse a íris Focalizadora, sentiria somente ela. A maga usaria os sentimentos de Kalec por ela para enganá-lo. Como única sobrevivente e regente de Theramore, Jaina Proudmore reivindicou a íris Focalizadora para si.

A Horda queria a guerra. Ela foi até os limites do grotesco para esmagar seus inimigos.

Se era guerra que eles queriam, era o que Jaina lhes daria.

Com muito prazer.

20



Finalmente, começava a funcionar.

Ainda havia tremores na terra ferida, e relâmpagos pungentes e furiosos. O vento ainda chorava, e os oceanos rugiam em torno dos xamãs enquanto, dia após dia, se voluntariavam para curar a alma de Azeroth. Mas já se via progresso.

As vezes, o oceano parecia se acalmar por alguns momentos. A chuva parava por períodos cada vez mais longos, mostrando o céu azul aqui e ali. Já não ocorriam terremotos por três dias seguidos.

Os membros da Harmonia Telúrica; Nobambo, Rehgar, Muln Terrafúria e outros; levavam cada pequeno sinal a sério. Assim como a cura de um corpo ferido, levaria um bom tempo para curar Azeroth. Mas os elementos acabariam por se recuperar, desde que os cuidados perseverassem durante o longo e exaustivo processo.

Thrall tinha os pés robusta e firmemente fincados na trêmula terra, a um só tempo enraizando-se e extraíndo a dor dela. Vislumbrou seu espírito, sua união com o grande Espírito da Vida, corajosamente voando até tocar o próprio céu. Aspirou o ar abafado, purificando-o e depois o exalando já limpo. Era um trabalho duro, um trabalho

desgastante e, até agora, um trabalho incessante. Mas era a coisa mais profundamente recompensadora e, sim, prazerosa que já tinha feito na vida.

Agora mais calma, como uma criança assustada que gradualmente pega no sono, o tremor da terra desapareceu. Os ventos, mais raivosos, demoraram a ceder. Mas a chuva parou. Os xamãs abriram os olhos, voltando à simplória realidade física, e trocaram sorrisos fatigados. Era hora de descansar.

A mão parda e forte de Aggra segurou a de Thrall, e ela o fitou com deferência e admiração.

— Meu Go'el virou rocha em vez de redemoinho — disse ela. — Desde seu retorno, avançamos a passos largos.

Ele apertou a mão dela.

— Se sou uma rocha, então você é o solo batido sobre o qual ela se apoia, minha querida.

— Sou a sua companheira, e você é o meu — respondeu ela. — Seremos, como os elementos, aquilo que o outro precisar quando os tempos forem árduos. Pedra, vento, água... ou fogo. — Ela piscou.

Fora Aggra quem o tinha empurrado em direção ao seu destino quando ele estava desconfortável na presença dos outros xamãs. Ela não foi nem um pouco sutil. Thrall ficou aborrecido com ela na época, mas evoluiu e conseguiu enxergar sua sabedoria. Desde então, não se separaram mais, atuando juntos como se estivessem dançando, desfrutando um da companhia do outro nos momentos de descanso. Ele lembrou novamente do que disse a Jaina e fez uma prece silenciosa a quem estivesse ouvindo, rogando que ela fosse abençoada como ele fora.

O bom humor de Thrall desapareceu quando voltaram ao acampamento e viram um jovem orc vestindo uma armadura leve de couro, esperando na posição de sentido. A poeira e a lama em suas roupas indicavam que era um mensageiro, e o semblante austero que trazia já dizia com eloquência o caráter das notícias que trazia.

Ele bateu continência vigorosamente.

— Go'el — disse curvando-se —, trago notícias de Orgrimmar. E... de outras partes.

Um frio se apossou do coração de Thrall. O que Garrosh fizera? Outros também se aproximavam, olhando com certo interesse o estranho que estava em seu meio. Thrall pensou em ler a mensagem sozinho, mas decidiu não fazê-lo. Quaisquer notícias seriam destinadas a todos eles, pois não era mais chefe guerreiro da Horda.

Esperou até que o restante da Harmonia chegasse e, então, fez um gesto para que se aproximassem. O pobre orc se ajeitou, claramente esperando o pedido que Thrall lhe faria a seguir.

— Leia sua carta a todos, meu jovem amigo — falou Thrall calmamente.

O mensageiro tomou fôlego para lhe dar firmeza.

— É com pesar que lhe informo que não há nada menos do que um desastre em relação a qualquer perspectiva de alcançar a paz neste perturbado continente... Na verdade, talvez até em toda a Azeroth. Garrosh reuniu os exércitos da Horda e marchou para a Fortaleza da Guardanorte, aniquilando-a completamente. Então, esperou vários dias, permitindo que a Aliança recompusesse suas defesas em Theramore. Para fazer frente à nossa marinha e ao nosso exército, Theramore trouxe a frota da 7^ª Legião e vários renomados consultores militares, entre eles Marcus Jonas, Shandris Plumaluna, Vereesa Correntos e o almirante Cochrane. A Horda lutou bravamente, mas foi derrotada... ao que parece.

"Go'el, Garrosh empregou gigantes derretidos que havia escravizado para obter a vitória no Aniquilamento da Fortaleza da Guardanorte. E, para destruir Theramore, ele ...

O emissário fez uma pausa quando uma série de murmúrios correu pela aglomeração. Tanto ex-membros da Horda quanto da Aliança estavam reunidos ali, cada um deixando de lado sua lealdade por motivo de força maior, mas, ainda assim, zelosos dela. E, como xamãs, ouvir sobre a escravidão de elementais — e que elementais! — para

fins bélicos era hediondo. As palavras "destruir Theramore" pairaram no ar.

— Continue — pediu Thrall em tom sombrio.

— Para destruir Theramore, ele roubou um artefato dos dragões azuis e o utilizou para alimentar a mais potente bomba de mana já criada. Theramore foi totalmente arrasada, tornada em ruínas arcanas, e nossos batedores relataram que ninguém que estivesse dentro dos muros da cidade sobreviveu.

Ninguém sobreviveu. Jaina, sua amiga, uma constante voz pela paz, se fora. Thrall sentiu dificuldade para respirar, Aggra apertou a mão dele. O xamã, por sua vez, apertou de volta até sentir que estava sendo doloroso; mesmo assim Aggra continuou segurando, dando-lhe amor e apoio, conhecendo melhor do que os outros a dor lancinante que se abatia sobre o coração dele.

Ouviu-se um choro abafado quando um dos draeneis recostou-se em sua amiga trolesa buscando consolo. Ela o abraçou gentilmente, mas parecia furiosa. Todos estavam chocados, até mesmo aqueles que Thrall sabia não serem a favor da paz. Um massacre gratuito como esse não traria honra à Horda. E essa atitude temerária iria custar caro.

Por mais inacreditável que parecesse, ainda havia mais. Ainda sem conseguir falar, Thrall fez um gesto para que o emissário continuasse.

A própria voz do jovem orc lhe saía pesada de tristeza.

— Nossa marinha se dispersou para contornar Kalimdor e estabelecer um bloqueio contra a Aliança. Não chegará nenhuma ajuda à Fortaleza de Plumaluna, a Teldrassil ou a qualquer outro lugar; também não escapará qualquer quantidade significativa de habitantes desses locais. Garrosh abertamente se gabou de conquistar o continente inteiro e das duas uma: ou expulsar a Aliança ou exterminar qualquer vestígio dela. A única luz que posso oferecer, meu amigo, é que nem todos os membros da Horda estão exultando com Garrosh. Alguns de nós enxergam o perigoso caminho que ele está trilhando e temem que a Horda pague o preço por isso. Com apreensão pelo meu povo, permaneço seu amigo. Eitrigg.

Thrall acenou indicando ter compreendido aquelas sombrias palavras, mas sua mente ocupava-se de outras, ditas não muito tempo atrás por uma mulher agora morta.

Tudo tem um preço, Go'el. Seu conhecimento e suas habilidades não vieram de graça... Garrosh está atiçando problemas entre a Aliança e a Horda, problemas que não existiam antes dele... Como xamã, você controla os ventos. Pois agora sopram ventos de guerra, e, se não detivermos Garrosh de imediato, muitos inocentes pagarão o preço de nossa hesitação.

E muitos pagaram. Por um bom tempo, Thrall simplesmente ficou parado, perdido em seus dolorosos e introspectivos pensamentos enquanto o resto da Harmonia expressava suas preocupações. Estivera ela certa? Será que isso poderia ter sido evitado se ele tivesse deixado outros fazendo o trabalho aqui?

Houve um tempo em que essa pergunta o teria assombrado por dias. Agora, ele a examinou, como faria uma mente racional, e a desconsiderou. Jaina sempre sustentou que subestimar as habilidades de alguém era uma tolice tão grande quanto exagerá-las. Thrall havia assumido o lugar de representante da Terra pelos quatro Aspectos durante a batalha contra Asa da Morte. Seria bem provável que não fosse o único responsável pela cura que acontecia aqui, mas sabia que havia contribuído significativamente.

Para, quase literalmente, mudar o mundo curando-o.

O orc estava perturbado pelo uso dos gigantes derretidos, assim como os outros xamãs, e lamentou tanto quanto eles o desonroso ataque contra Theramore, o uso de magia roubada para provocar um extermínio em massa à distância. Ele sabia, porém, que não podia — na verdade, nenhum deles podia — ir embora agora.

Nobambo estava dizendo exatamente o mesmo quando o coração pesaroso de Thrall voltou a prestar atenção na conversa.

— Estamos vendo progresso. Não podemos parar agora, nenhum de nós.

— O que ele fará a seguir? — indagou Rehgar. — Escravizar gigantes derretidos por razões egoístas ameaça desfazer tudo que trabalhamos para conseguir!

— Unimo-nos ao Círculo Cenariano e aos Aspectos para curar Nordrassil — afirmou Muln Terrafúria. — Essa união foi sem precedentes e realizou todas as nossas esperanças. Com Nordrassil restaurada, o mundo tem uma chance de se curar. Se Garrosh foi capaz disso, o que ele poderá fazer à nossa Arvore do Mundo?

Thrall olhou para seus aliados. O semblante deles refletia sua própria indecisão. Nobambo e Muln trocavam olhares. Então, o primeiro se aproximou.

— Estou transtornado e entristecido com essas notícias — começou dizendo. — Não apenas quanto à agressão contra os elementais, mas por tudo mais. É verdade que a terra pode se sublevar furiosamente ao ser tão maltratada, e também que Nordrassil corre risco. Contudo, se interrompermos nosso trabalho aqui num esforço para repreender Garrosh, e não sei bem como esse esforço será recebido, nos arriscamos a desfazer todo o bem que conseguimos alcançar. Go'el, a Horda já foi sua. Você escolheu colocar Garrosh à frente dela. E todos nós sabemos de sua amizade com a pacifista Grã-senhora Jaina Proudmore. Se você sentir que precisa partir, ninguém aqui irá questionar sua decisão. Eu diria o mesmo a qualquer um. Estamos aqui porque escolhemos, porque fomos chamados. Se você não escuta mais esse chamado, pode ir embora, com as nossas bênçãos.

Thrall fechou os olhos por um momento. Estava inconsolável, chocado, furioso. Só queria vestir uma armadura, pegar o Martelo da Perdição e marchar para Orgrimmar. Punir o filho de Grom Grito Infernal por toda a sua tolice, sua arrogância e suas ações devastadoras. Garrosh foi um erro que ele cometera, era responsabilidade dele e de mais ninguém. Thrall tentara insuflar o orgulho órquico em Garrosh, mas em vez de aprender com as melhores lições do pai, o jovem Grito Infernal escolheu as piores.

Mas não podia ir, não podia satisfazer sua dor. Ainda não. Mesmo que o fantasma de Jaina Proudmore aparecesse e gritasse por vingança neste exato momento, ainda teria que lhe dizer não.

Ergueu os tristes olhos azuis para Nobambo e admitiu:

— Estou transtornado. Estou furioso. Mas ainda me sinto convocado a estar aqui. Nada é maior do que este dever, no momento.

Ninguém disse uma palavra. Nem mesmo Aggra. Todos sabiam o que lhe custara assumir aquilo. Rehgar se aproximou e bateu no ombro de

Thrall.

— Não deixaremos que a morte de ninguém, Horda ou Aliança, que tenha perecido nessa atrocidade inconsequente seja em vão. Vamos honrá-los com o que fizemos aqui. Agora, voltamos ao trabalho.

Jaina se teleportou para o Vale dos Heróis, em Ventobravo, exatamente sob a estátua do general Turalyon. O general Jonas costumava patrulhar aqui, mas não havia nenhum soldado da cavalaria esperando para dar as boas-vindas aos visitantes nem para acudir o rei em caso de necessidade. Jaina olhou para os andaimes que sustentavam várias torres ainda em reparos por conta do ataque do Asa da Morte.

Ela tinha escondido a íris Focalizadora em local seguro, próximo o suficiente para que Kalecgos ainda sentisse o artefato e ela juntos, mas, fora isso, não tinha se preocupado muito em se "preparar" para o encontro com Varian. O rosto e as roupas ainda estavam sujos, o corpo lacerado por pequenos cortes e descolorido por hematomas. Jaina não se importava. No que lhe dizia respeito, não era um jantar formal, nem uma reunião comemorativa, nem ocasião para banho, cosméticos ou até mesmo roupas limpas. Jaina tinha vindo por uma razão mais lúgubre e fria. Sua única concessão à aparência foi usar um manto escuro com o capuz puxado para esconder o recém-embranquecido cabelo, com a única mecha dourada que lhe restou.

Aparentemente, Ventobravo já tinha recebido as terríveis notícias de Theramore. A cidade estava sempre num alvoroço, mas agora havia

algo de mecânico e sinistro no movimento. Os soldados patrulhavam as ruas, não mais cumprimentando os cidadãos casualmente, mas cavalgando com objetividade, esquadrinhando a multidão apressada. Os radiantes estandartes azuis e dourados tinham sido substituídos por outros pretos, simples e lisos, de luto.

Jaina puxou ainda mais o capuz e rumou para a bastilha.

— Alto! — A voz era contundente e imperiosa.

Jaina se virou, levantando instintivamente as mãos para lançar um feitiço, mas se conteve. Não era nenhum monstro da Horda a atacando, era apenas um dos guardas de Ventobravo. Ele tinha desembainhado a espada e fitava a mulher, franzindo o cenho. Seu semblante de incompreensão transformou-se em choque quando os dois se entreolharam.

Jaina forçou um sorriso.

— Sua devoção ao dever é louvável, senhor — cumprimentou. — Eu sou a Grã-senhora Jaina Proudmore e vim para uma audiência com seu rei.

Ela ergueu um pouco o capuz para que suas feições pudessem ser reconhecidas. Não se recordava de ter encontrado esse homem pessoalmente, mas é provável que o tivesse visto em alguma de suas visitas formais. Se não, ela era uma figura conhecida o suficiente para que a reconhecesse.

Depois de alguns instantes, o guarda embainhou a espada e se curvou.

— Minhas desculpas, Grã-senhora Jaina. Disseram que não havia sobreviventes, exceto por aqueles que estavam nos arredores da cidade. Graças à Luz a senhora está viva.

Não tem nada a ver com a Luz, pensou Jaina. Tem a ver apenas com o sacrifício de Rhonin. A maga ainda não compreendia por que Rhonin escolhera morrer para garantir que a sobrevivência dela. O arquimago tinha esposa e filhos gêmeos, era líder do Kirin Tor. Tinha muito mais razões para viver do que a senhora de Theramore. Jaina

deveria ter morrido com sua cidade, a cidade que falhara em proteger por causa do excesso de confiança.

Não obstante, aquelas palavras tentavam ser gentis.

— Obrigada — respondeu ela.

— Estamos nos preparando para a guerra, como pode ver — prosseguiu o guarda. — Todos... Ficamos chocados de saber...

Jaina não suportaria continuar ouvindo e ergueu a mão.

— Sou muito grata pela sua consideração — interrompeu ela. — Varian está me aguardando. — Ele não estava. Achava que Jaina estava morta, junto com Kinndy, Dolorae, Tervosh... — Eu conheço o caminho.

— Estou certo de que o conhece, Grã-senhora. Se houver qualquer necessidade, qualquer coisa, todos os guardas de Ventobravo ficarão honrados em ajudar.

Ele a cumprimentou novamente e continuou a patrulha. Jaina seguiu para a bastilha. Aqui também os estandartes da Aliança tinham sido substituídos por bandeiras pretas, tremulando diante da Bastilha de Ventobravo, atrás da enorme estátua do rei Varian Wrynn. Ela já a tinha visto, de modo que deu pouca atenção ao monumento e à fonte sobre a qual ficava. Passadas rápidas a levaram escada acima, até a entrada principal da bastilha, onde se identificou e ouviu que, claro, Varian a receberia logo.

Enquanto esperava, havia outra visita que precisava fazer. Entrou por uma porta lateral que dava na Galeria Real.

A galeria e as artes que abrigava tinham sofrido com o ataque do grande dragão negro. Algumas das estátuas estavam quebradas, e várias obras de arte foram derrubadas das paredes. Tudo que tinha sido irremediavelmente danificado fora retirado, mas outras pinturas, gravuras e esculturas permaneceram aqui, esperando cuidados.

Jaina continuou imóvel, como se também fosse esculpida em pedra. As emoções interiores eram tão dolorosas que a maga desejou que isso fosse verdade. Então, os joelhos cederam, e ela se viu estendida diante de uma enorme estátua. Retratava um homem garboso, cujo longo

cabelo esvoaçava sob um chapéu de aba. O bigode era bem aparado e o olhar esculpido estava fixado no horizonte. Uma das mãos, agora sem dois dedos de pedra, estava apoiada no punho da espada. A outra segurava o cinto. Uma rachadura subia pela estátua, começando na bota do pé direito e zigzagueando até a altura do peito. Jaina esticou a mão trêmula e tocou a bota de pedra.

— Faz só cinco anos que escolhi meu caminho? — sussurrou. — Escolhi me aliar com estranhos, com o inimigo, com orcs, em vez de com você. Em vez de com o sangue do meu sangue. Eu o chamei de intolerante. Falei que o caminho era a paz. Você disse que sempre os odiaria, que nunca deixaria de lutar contra eles. E eu lhe disse que eram pessoas. Que mereciam uma chance. Agora você está morto. Minha cidade está morta.

As lágrimas rolaram pelo rosto de Jaina. A partir de uma parte dissociada de seu cérebro, ela observou que essas lágrimas eram de um tom claro de roxo e brilhavam: energia arcana líquida. Quando caíram na base da estátua, as lágrimas evaporaram em uma fumaça violeta.

— Pai... perdoe-me. Perdoe-me por deixar que a Horda ficasse tão forte. Perdoe-me por dar a eles uma chance de massacrar tantos dos nossos irmãos. — Ela ergueu novamente os olhos, vendo a implacável estátua através de uma névoa arroxeadada. — Você estava certo. Você estava certo! Eu devia ter escutado! Agora, agora que é tarde demais, enxergo isso. Foi preciso que... isso... acontecesse para que eu entendesse.

Jaina esfregou a manga da roupa nos olhos úmidos.

— Mas não é tarde para que eu o vingue. Para que vingue K-Kinndy, e Dolorae, e Tervosh, e Rhonin, e Cochrane, e todos os generais. Para vingar todos que sucumbiram noite passada em Theramore. Eles vão pagar. A Horda vai pagar. Vou destruir Garrosh, você verá. Com minhas próprias mãos, se puder. Vou destruí-lo e destruir cada um daqueles carnicheiros de pele verde. Pai, eu lhe

prometo. Não vou traí-lo novamente. Não vou deixar que matem mais ninguém do nosso povo, nunca mais. Eu prometo, prometo...

Jaina reservou alguns momentos para se recompor, antes de voltar para ser chamada. Essa recém-adquirida compostura se despedaçou quando, após ser anunciada e conduzida aos aposentos privativos de Varian, foi recebida não pelo ex-gladiador alto e de cabelos escuros, mas por um rapaz esguio e loiro.

— Tia Jaina! — exclamou Anduin com alívio estampado no rosto enquanto corria para ela. — A senhora está viva!

Ele a abraçou com força. Jaina estava rígida. Sentindo isso logo de início, o rapaz se afastou. Seus olhos cresceram quando notou na totalidade a aparência da mulher alterada pelo arcano.

— O que está fazendo aqui? — perguntou ela, mais áspera do que pretendia.

— Estava preocupado com a senhora — explicou Anduin. — Recebemos a notícia do que aconteceu em Theramore... eu queria estar aqui. Sabia que, se a senhora tivesse sobrevivido, viria a Ventobravo.

Jaina encarou o príncipe sem dizer nada. O que poderia falar? Como poderia dizer para essa criança, tão ingênua, sobre o verdadeiro horror que a maga tinha testemunhado? Ele era tão inocente, tão ignorante da real natureza do inimigo. Ingênuo e ignorante como fui um dia...

— Jaina! Graças à Luz! — Ela se virou, aliviada, para se dirigir ao rei guerreiro que entrou nos aposentos.

Há muito Varian nutria um ódio pessoal contra os orcs. Anduin era jovem demais para entender, mas um dia entenderia. Ela sabia que Varian entenderia agora, a hora que realmente importava.

Ela estava vestida informalmente e parecia exausta e atribulada, mas havia alívio e satisfação no semblante do rei. Isso também se transformou em surpresa diante da aparência dela.

Irritada, Jaina disparou:

— A única razão de eu ter sobrevivido foi porque o arquimago Rhonin me empurrou por um portal para um lugar seguro. Mesmo

assim, fui afetada de algum modo pela explosão.

Varian arqueou a sobrelanceira diante da aspereza de seu testemunho, mas assentiu com a cabeça, aceitando a explicação e não mais tocando no assunto.

— Ficaré contente em saber que não foi a única sobrevivente — contou o soberano. — Vereesa Correntos e Shandris Plumaluna, bem como seus grupos de batedores, também estão vivos. Estavam longe o suficiente do centro da explosão. Voltaram para seus lares e estão falando com os parentes sobre guerra.

Jaina não queria pensar na viúva Vereesa e em suas duas crianças órfãs.

— Fico feliz em saber — falou ela. — Ah, Varian, tenho que lhe pedir desculpas. Você esteve sempre certo. Eu teimava que poderíamos de algum modo negociar com a Horda, encontrar um caminho para a paz. Mas não há. Theramore prova que não há caminho algum, e você já sabia disso mesmo quando eu ainda estava cega demais pela esperança para conseguir enxergar. Temos que retaliar contra a Horda. Agora. Eles vão todos voltar a Orgrimmar. Garrosh não vai resistir à ideia de comemorar sua brava vitória sobre a Aliança.

Anduin se surpreendeu um pouco com a amargura na voz da amiga. Jaina continuou discursando, as palavras saindo aos borbotões.

— As ruas estarão tomadas de bebida, e todo o exército estará reunido. Não haverá melhor oportunidade para atacar.

Varian tentou falar.

— Jaina...

Ela o interrompeu, falando mais rápido e gesticulando.

— Vamos pedir aos kaldorei para mandar seus navios junto aos nossos. Vamos pegá-los completamente de surpresa. Matar os orcs e arrasar a cidade deles. Vamos nos assegurar de que não se recuperem desse golpe. Vamos...

— Jaina. — A voz grave de Varian estava calma enquanto segurava os pulsos dela e gentilmente parava o ritmo quase frenético. — Você precisa se acalmar.

Jaina encarou Varian inquisitivamente. Como podia falar em calma?

— Sei que não está ciente disto, mas a Horda montou um bloqueio muito eficiente ao redor do continente inteiro. Os kaldorei não poderiam nos ajudar nem que quisessem. Não estou dizendo que não deveríamos retribuir o ataque. Isso será feito. Mas temos que fazê-lo com inteligência e estratégia. Descobrir primeiro como furar o bloqueio e recuperar a Guardanorte.

— Você ainda não sabe o que fizeram por lá? — disparou Jaina.

— Eu sei — respondeu Varian —, mas ainda é um posto estratégico que precisaremos recuperar antes de realizar quaisquer manobras. Temos que reconstruir a frota. Perdemos muita gente boa em Theramore. Vai levar algum tempo até promovermos os oficiais necessários para preencher tais postos. Precisamos fazer isso do jeito certo, caso contrário estaremos apenas jogando mais vidas fora.

Jaina estava balançando a cabeça negativamente.

— Não. Não temos tempo para isso.

— Não temos tempo para não fazer isso. — A voz do rei soava controlada e tranquila.

Por algum motivo, isso irritou Jaina.

— Estamos prestes a começar uma guerra que pode se estender por dois continentes. Talvez até em Nortúndria. Se vou entrar numa guerra mundial, em que não haverá fronteiras, eu o farei com prudência. Se nos apressarmos agora, estaremos empreendendo o trabalho da Horda por ela.

Jaina olhou para Anduin. Ele estava quieto, com o rosto pálido e os olhos tristes.

Não fez esforço algum para interromper a discussão entre o pai e a amiga sobre uma guerra de proporções mundiais. Jaina voltou a atenção a Varian.

— Eu tenho uma coisa que pode ajudar — revelou ela. — Uma arma poderosíssima caiu em minhas mãos. Ela certamente destruirá Orgrimmar, do mesmo modo que a Horda destruiu Theramore. Mas

precisamos agir agora, quando os malditos exércitos deles estão reunidos na capital dos orcs. Se não agirmos agora, perderemos o momento!

A voz dela se exaltou na última palavra, e ela se deu conta de que tinha cerrado os punhos. Seria mais do que justo usar a íris Focalizadora contra Garrosh e sua amada Orgrimmar.

— Podemos dizimar todos aqueles peles-verdes filhos de ...

— Jaina! — exclamou Anduin com voz doída e pungente. Surpresa, Jaina se calou.

— O que aconteceu em Theramore foi muito mais do que uma tragédia — argumentou Varian, voltando Jaina gentilmente para si. — Foi uma perda irreparável, um ato covarde e vil. Mas não devemos aumentar essa perda sacrificando mais soldados da Aliança desnecessariamente.

— Pode até haver gente na Horda que discorda do que aconteceu — disse Anduin. — Os taurens, por exemplo. E até a maioria dos orcs preza a honra.

Jaina meneou a cabeça.

— Não. Não mais. E tarde demais para isso, Anduin. Tarde demais. O que eles fizeram não tem volta. Você não viu o que... — A voz dela sumiu e, por um instante, teve de se esforçar para falar. — Precisamos retaliar. E não podemos esperar. Quem sabe que outra atrocidade Garrosh e a Horda cometerão se nós permitirmos? Não pode acontecer de novo o que houve em Theramore, Varian! Você não enxerga isso?

— Vamos lutar contra eles, não se preocupe... mas será nos nossos termos.

Jaina se livrou das mãos do rei e deu um passo atrás.

— Não sei o que aconteceu a você, Varian Wrynn, mas se tornou um covarde. E você, Anduin, lamento por ter contribuído para fazer de você uma criança crédula. Não há esperança de paz; não há tempo para estratégia. Eu tenho a aniquilação deles nas mãos. E um tolo por não aproveitar esta chance!

Eles falaram o nome dela ao mesmo tempo, pai e filho, tão diferentes, mas tão estranhamente semelhantes na forma como deram um passo à frente, implorando.

Jaina deu as costas a ambos.

21



Foi com o corpo ferido e coração pesado que Kalecos voltou a Nortúndria e ao Nexus. Apesar das palavras de Jaina, ele a seguiu. Em parte porque temia pela segurança e pelo estado emocional dela, mas também porque pressentiu que a Íris Focalizadora ainda estava em Theramore. O dragão demorou a chegar, pois tinha que voar, mesmo com os graves ferimentos de batalha, enquanto ela só precisou se teleportar.

Ele tinha observado a enorme cratera e tudo que sobrara de Theramore depois da bomba de mana. Restou assustadoramente pouco.

Porém, não via a Íris Focalizadora em lugar algum. Certamente alguém a tinha encontrado. Desconfiou de Garrosh: a vida de uns poucos servos leais à Horda não era nada comparada ao poder da Íris Focalizadora. Era óbvio que ele tinha enviado um grupo para reaver o artefato.

Então o dragão partiu de Kalimdor, num voo sombrio e difícil em direção ao norte, sem que seus esforços pelos azuis tivessem produzido fruto algum, exceto uma cidade morta, testemunha muda de seu

fracasso. Certamente, ainda que de forma inesperada, ele tinha se apaixonado. Mas agora a mulher que amava também havia sido destroçada pelos atos de Kalec, ou pelas suas omissões. Ele queria simplesmente seguir sem rumo indefinidamente. Mas não podia. Os dragões azuis tinham depositado sua fé nele. Precisava lhes dizer o que tinha ocorrido, e descobrir para onde queriam que ele fosse agora.

Kirygosa foi ao seu encontro quando ele se aproximava, vindo do sul. Voou em torno do amigo algumas vezes, mostrando sua satisfação em revê-lo, depois passou a acompanhá-lo pelo resto do caminho até o Nexus.

— Você está ferido — exclamou com apreensão. Muitas escamas tinham sido arrancadas do corpo azulado de Kalecgo, e a pele subjacente apresentava ferimentos sérios. Ele conseguia voar, mas cada batida de asa era muito dolorosa.

— E só um machucado — respondeu.

— Não é não — tornou ela. — O que aconteceu? Sentimos algo terrível... e você não traz consigo a íris Focalizadora.

— E uma história que desejo contar apenas uma vez — admitiu, revelando na voz uma profunda dor no coração. — Você poderia reunir a revoada, querida Kiry?

Em resposta, ela mergulhou sob ele, aninhando a cabeça na dele, e partiu para atender ao pedido. Eles o esperavam. Kalecgo viu com renovada desolação que a quantidade de azuis tinha diminuído ainda mais desde que partira. Ficou contente em ver que Narygos, Teralygos, Banagos e Alagosa ainda estavam lá.

Pousou no meio da revoada, mantendo-se na forma de dragão, e olhou em redor.

— Eu retornei, mas as novas que trago são amargas. — Todos ficaram em silêncio enquanto ele contava sobre a cooperação que estabeleceu com Rhonin e o Kirin Tor, e com Jaina; sobre sua dificuldade em determinar a localização da íris Focalizadora; e, por fim, mantendo a voz impassível, visto que não suportaria sentir tudo

novamente, sobre como a Horda usou o artefato contra a Aliança com resultados devastadores.

Os outros dragões escutaram silenciosamente. Ninguém fez perguntas. Ninguém o interrompeu. Kalec esperava raiva, mas aparentemente os azuis ficaram mais melancólicos do que furiosos com a ideia de que a magia deles, a sua íris Focalizadora, tinha sido usada para provocar uma destruição tão maligna. Foi como se algo tivesse se partido dentro deles. Kalec entendia isso. Era reflexo do seu próprio tormento.

Ninguém falou nada por um bom tempo. Então, Teralygos ergueu a fronte e olhou Kalecog com tristeza.

— Nós falhamos — proclamou. — Nossa obrigação sempre foi garantir que a magia fosse usada sabiamente. Ter controle sobre ela. E veja como cumprimos mal o nosso dever.

— A falha foi minha, Teralygos — respondeu Kalec. — Eu era o aspecto. Tinha condições de pressentir a íris Focalizadora, mas não consegui localizá-la a tempo.

— Roubaram-na de todos nós, não só de você, Kalecog. Todos temos que carregar nos ombros a responsabilidade por esse acontecimento horrendo.

— Serei seu líder enquanto me aceitarem como tal — afirmou Kalec, embora as palavras tenham deixado um gosto de cinzas na boca quando as proferiu. — Farei todo o possível em meu poder para recuperá-la. — Apesar de ter desaparecido... de novo. Quem dera tivesse conseguido destruí-la enquanto ainda estava no galeão celeste!

— Você está tão perdido agora quanto estava antes disto tudo começar — declarou Alagosa. Não havia censura, apenas desânimo em sua voz. Ainda assim, as palavras o machucaram. Ela estava certa.

— A íris estava em Theramore — continuou Kalec. — Não foi destruída no ataque. Alguém a furtou novamente, e tenho certeza de que foi a Horda.

— Eu não acho. Acredito que Jaina Proudmore está de posse dela. Você disse que ela chegou a Theramore antes de você e que, quando

chegou, a íris Focalizadora tinha sumido.

Não foram as palavras que surpreenderam Kalec, mas quem as pronunciou. A acusação, num tom gentil, mas não menos contundente, foi feita por Kirygosa. Ela tinha ficado no fundo, escutando em silêncio, mas agora tinha vindo à frente.

— Jaina me ajudou a encontrar o orbe — replicou Kalec defensivamente. — Ela já sabia antes mesmo da... até antes mesmo disso, o grau de destruição que ele poderia acarretar. Por que ela iria tomá-lo para si sem me dizer?

— Talvez porque não acredite que você possa mantê-lo em segurança — redarguiu Kiry. Novamente não havia sinal de ataque em sua voz ou em sua atitude, mas Kalec ainda assim se sentiu magoado. — Ou talvez esteja planejando usá-la contra a Horda.

— Jaina nunca...

— Não sabe do que ela seria ou não seria capaz de fazer — replicou Kirygosa. — Ela é humana, Kalec, e você não é. O reino dela desapareceu do mapa como se tivesse sido coberto por uma gota de tinta. E uma maga poderosa, e a íris Focalizadora, o próprio instrumento que dizimou seu povo, estava nas mãos dela. Temos que considerar essa possibilidade e nos preparar para isso. Temos que descobrir se está com ela... e tomar de volta. Não importa a que custo. O artefato é nosso, e muito daquele sangue pesa sobre nossa cabeça. Não podemos permitir que seja empregado assim novamente.

A lógica de Kirygosa era irrefutável. Kalec recordou a fúria e a dor cegantes de Jaina quando a maga se teleportou. E também que ela tinha sido visivelmente afetada pela explosão de magia arcana: seus cabelos ficaram brancos e seus olhos passaram a brilhar. Se a explosão tinha mudado o corpo de Jaina, o que poderia ter feito à sua alma?

— Eu encontrarei a íris Focalizadora — assegurou Kalec, pesaroso. — Com quem quer que esteja... Garrosh ou Jaina.

Kiry hesitou, olhando Teralygos.

— Talvez seja melhor levar um grupo em sua busca.

Kalec engoliu seco uma réplica mordaz. Kiry sempre lhe foi uma boa amiga. Era sua irmã de espírito, embora não fossem da mesma ninhada. A dragonesa não atirou pedras em Jaina com o intuito de atingi-lo. Ela o fez por estar preocupada. Temia que os sentimentos dele por Jaina Proudmore o impedissem de cumprir o dever que tinha para com a Revoada. Kiry o conhecia bem o bastante para saber que, se estivesse certa, Kalec nunca se perdoaria se alguma coisa desse errado.

— Agradeço a sua preocupação — respondeu —, e sei que só está pensando no bem do nosso povo ao fazer tal proposta. Rogo-lhe que acredite que tenho o mesmo em mente. Eu posso... preciso... resolver essa questão sozinho.

Kalec esperou. Se houvesse muita contestação, concordaria com o que o resto da revoada quisesse. E, sem dúvida, até o momento, seu desempenho desacompanhado estava longe de ter sido impecável.

Felizmente, a maioria dos azuis não partilhava da opinião de Kiry. Kalec desconfiava que isso se devia ao fato de não considerarem Jaina, uma reles humana, como uma ameaça real. Foi por reconhecer as habilidades excepcionalmente fortes de Jaina que a dragonesa discordou.

— Então, está decidido — concluiu Kalec. — Não vou decepcioná-los outra vez.

Falou essas palavras com convicção, mais esperançado do que a própria esperança de que estava certo. Este mundo ferido não iria suportar se estivesse enganado.

Não muito tempo antes, o antigo chefe guerreiro da Horda tinha promovido uma comemoração para receber os veteranos das batalhas contra Arthas e da Guerra do Nexus, em Nortúndria. Garrosh se recordava muito bem do glorioso desfile no caminho para Orgrimmar, ele próprio o havia sugerido. Foi nessa celebração em que Thrall homenageou Garrosh e lhe deu a arma do pai, que agora repousava em segurança em suas costas largas.

Garrosh estava orgulhoso pela forma como lutara nessas guerras. Mas estava ainda mais orgulhoso do que fizera na Fortaleza da Guardanorte e em Theramore. Em Nortúndria, parte da vitória era mérito da Aliança. Essa lembrança enchia sua boca de um ódio com sabor de cinzas. Agora as coisas eram como deveriam ser. Agora a batalha se dera contra a Aliança. Tratava-se de uma guerra que Thrall tivera o poder de iniciar, mas ficara intimidado demais com a maga de cabelos claros. Em vez da guerra, Thrall lutou pela "paz", seja lá que paz pudesse haver entre os orcs e seus antigos opressores. Garrosh estava decidido a representar à Aliança o que Grommash Grito Infernal tinha significado aos demônios. Assim como o pai havia derrubado a obediência e a escravidão impostas por aquelas criaturas vis quando matou Mannoroth, também o filho partiria os mais sutis grilhões da "paz" com a Aliança. Ele tinha certeza de que até mesmo os teimosos Baine e Vol'jin acabariam por se convencer, e a verdadeira paz, nos termos da Horda, comprada com sangue e imposta com a mesma moeda, seria alcançada.

Assim sendo, dera ordens para que essa celebração, essa marcha triunfante dos vitoriosos à capital da Horda, fosse muito superior à de Thrall. Também não iria se resumir somente a uma parada e um banquete. Não. Garrosh decretou que seriam seis dias de festividades. Lutas de raptores na arena! Combates mano a mano com gordas recompensas para os maiores guerreiros da Horda! Banquete após banquete, acompanhados por lok'tras e lokVadnods, enquanto as ruas seriam inundadas do bom e velho grogue órquico.

A certa altura, quando seguia com seu séquito aos portões de Orgrimmar, Garrosh constatou com satisfação que a multidão cidadãos da Horda que festejavam não iria deixá-lo prosseguir. Cantavam seu nome num crescendo até ressoar como um trovão, e o orc lançou um olhar exultante a Malkorok enquanto absorvia o som.

Garrosh! Garrosh! Garrosh! Garrosh!

— Eles o adoram demais para deixá-lo seguir adiante, meu chefe guerreiro! — berrou Malkorok para que pudesse ser ouvido apesar do

barulho. — Conte-lhes sobre sua vitória! Eles querem ouvir da sua boca!

Garrosh contemplou novamente a multidão e gritou:

— Vocês querem me ouvir?

Ele achava que isso seria impossível, mas a massa rugiu ainda mais alto. O sorriso de Garrosh se abriu ainda mais, e ele acenou para que fizessem silêncio.

— Povo meu! Dentre todos os orcs, vocês foram abençoados, pois vivem numa época histórica. Uma época em que eu, Garrosh Grito Infernal, estou prestes a tomar Kalimdor em nome da Horda. A doença humana que tinha maliciosamente se enraizado em Theramore foi extirpada pela essência da magia arcana. Eles não mais existem! Jaina Proudmore não mais menosprezará nossa raça com suas ardilosas palavras de paz. Elas caíram em ouvidos surdos, e agora ela e seu reino não passam de poeira. Isso, porém, não é suficiente. Os próximos são os elfos noturnos. Há tempos que nos negam as necessidades mais essenciais à vida. Vamos privá-los de suas vidas, de suas cidades, e despachar os poucos que não matarmos para os Reinos do Leste na condição de refugiados. Eu, Garrosh, vou humilhá-los e deixá-los implorando por reles migalhas de comida e por abrigo enquanto a Horda se fartará nas riquezas deles. Robustos navios da Horda isolam as cidades élficas de qualquer forma de ajuda. Quando estivermos prontos para a invasão, eles cairão diante de nós como o trigo diante da foice!

Mais manifestações de alegria, risadas e aplausos. Então, outro canto tomou força espontaneamente, mas inspirada por suas palavras:

Morte à Aliança! Morte à Aliança! Morte à Aliança!

Baine se sentou no canto da abafada e escura taverna do Monte Navalha. A pouca luz que entrava pela porta em nada ajudava a iluminar o ambiente, na verdade só revelava espessos velos de sujeira que dançavam. A cerveja era ruim, e a comida pior ainda. Se o tauren estivesse alguns quilômetros ao norte, poderia estar desfrutando

de um banquete de sabores que nunca antes provara. Porém, estava mais do que satisfeito onde estava.

Garrosh tinha proibido que o exército se dispersasse. Todos os combatentes da Horda tinham de permanecer em Durotar, mas o chefe guerreiro não mandou Baine comparecer aos banquetes em Orgrimmar. Essa "omissão" era um insulto, e Baine era inteligente o suficiente para saber disso. E também sabia que estava muito grato por isso. Caso fosse forçado a ficar mais um instante que fosse ouvindo aplausos a Garrosh, por ter colocado a Horda em perigo desnecessário e pelo extermínio em massa perpetrado de uma das maneiras mais covardes possíveis, ele receava não se conter e acabar desafiando aquele imbecil de pele marrom. E, se fizesse isso, não importaria quem restasse de pé no fim da luta, a Horda é que sairia perdendo.

Baine não deveria ficar sozinho com suas amarguras. Enquanto balançava a cerveja ruim, ele observava a entrada. Mais taurens chegaram, cumprimentaram Baine e tomaram seus assentos. Depois de algum tempo, viu Vol'jin. Embora o troll não tenha se sentado com ele, seus olhares se cruzaram. Então, para sua surpresa, notou o vistoso dourado e vermelho das vestes dos sin'dorei... e as roupas esfarrapadas dos Renegados. Seu coração se insuflou. Outros viram o que ele viu, sentiram o que ele sentiu. Talvez houvesse uma forma de deter a loucura de Garrosh, afinal de contas. Antes que a Horda acabasse pagando o preço.

O salgado ar marinho estava repleto de sons. O rumor não cessava havia dois dias, desde que as notícias da queda de Theramore chegaram a Varian, e não cessaria até que o trabalho estivesse concluído. Era o som de uma atividade frenética: tábuas cortadas, pregos martelados, motores consertados. Os rosnados dos anões e as alegres vozes dos gnomos pontuavam os ruídos daquela indústria.

Mas nem mesmo um cidadão de Ventobravo se queixava do barulho, pois ele significava esperança. Era o som da Aliança se recusando a ser destruída por um único, porém covarde, ato mortal.

Broll Mantursino, Varian e Anduin contemplavam o porto juntos. O dia acabava de raiar, e as velas cuidadosamente desfraldadas de uma das grandes e novas embarcações estavam tingidas pelos tons rosados do sol que espreitava sobre o horizonte.

— Acredito que nunca tenha visto tantos trabalhadores juntos num só lugar... nem mesmo em Altaforja — comentou Anduin.

A seu próprio pedido, o príncipe permaneceria em Ventobravo até que a frota partisse, quando então voltaria aos seus estudos com os draeneis. Varian sorriu para o filho, feliz pelo jovem ter decidido ficar. O encontro com Jaina tinha surpreendido e perturbado os dois, especialmente Anduin, que ficou muito abalado com o choque de ver a pacífica "tia Jaina" tão cheia de ódio. Conversaram noite adentro, o homem que antes se identificava com a nova atitude de Jaina e o menino que se encolhia diante dessa ideia. Conversaram sobre o que o luto e a perda podem fazer a alguém e sobre o que a guerra e a violência também podem fazer.

Anduin ergueu olhos tristes, mas determinados, para o pai.

— Sei que isso foi uma coisa terrível — admitiu. — E... entendo que temos que atacar a Horda. Eles nos mostraram o que estão dispostos a fazer, e temos que impedi-los de ferir mais pessoas inocentes. Mas não quero ficar como Jaina. Não assim. Podemos proteger nosso povo... mas não temos de fazer isso com ódio no coração.

O coração de Varian se encheu de orgulho. Não esperava essa aceitação, ainda que relutante, por parte de Anduin. Ficou surpreso por ele próprio não ter partilhado dos sentimentos de Jaina e percebeu o quanto havia avançado em relação ao homem que fora um dia. Houve um tempo em que ele era cheio de raiva e rancor, em que partes de si próprio estavam em guerra. Ele fora dois seres, literalmente, e a reunião física era só uma fração da batalha. Ensinaram-lhe a integrar essas partes em sua própria alma, através da bênção do lobo ancião, Goldrinn. De fato, havia feito um grande progresso.

Varian poderia até, um dia, ser tão sábio quanto o seu filho.

Broll saiu de Teldrassil por meio de magia, uma opção de que a maior parte de seu povo não dispunha. A informação sobre o bloqueio foi alarmante, mas não inesperada.

— E bom ver toda essa construção — comentou o druida quando estavam os três juntos. — Não fique pensando que vai navegar por aí sozinho, Varian. Embora tenhamos muitos navios sob o bloqueio da Horda, há muitos mais em outros lugares. Malfurion e Tyrande estão mais do que dispostos a ajudá-lo da melhor forma que estiver ao alcance. Num futuro não muito distante, poderá olhar em volta e ver algumas dúzias de nossos belos navios navegando ao seu lado.

Anduin fitou o druida, aliado de seu pai. Ele sabia que Broll também tivera que enfrentar a perda, o rancor e o ódio. Varian achou que o fato de ver dois seres antes beligerantes discutindo o que deveria ser feito com pesar, em vez de satisfação, poderia encorajar o príncipe. Pela Luz, isso encorajou a ele mesmo.

— Você não tentará furar o bloqueio lutando? — indagou Anduin.

— Não. Neste momento, nossas energias serão mais bem-empregadas numa estratégia coletiva. As vidas que tivermos que sacrificar precisam valer a pena, Anduin. Temos melhores chances de vencer quando nos concentramos juntos.

Anduin voltou a contemplar os navios no porto.

— Por que a Horda fez isso? Não sabiam que tínhamos realocado os civis. Eles simplesmente... — Sua voz foi sumindo. Varian apoiou gentilmente a mão no ombro do filho.

— A resposta mais simples é que os membros da Horda são monstros. O que fizeram foi, sem dúvida, monstruoso. E tenho algumas palavras escolhidas especialmente para Garrosh e seus Korkron, mas que não vou pronunciá-los na frente de ouvidos tão jovens. — Anduin esboçou um sorriso. Ficando sério novamente, Varian prosseguiu. — Não sei por quê, filho. Queria poder explicar por que as pessoas fazem coisas tão terríveis. O fato de eu ter certeza de que há muitos indivíduos sussurrando coisas ruins sobre Garrosh, inclusive fora da Aliança, não vai mudar a minha opinião.

— Mas... não lutaremos como Garrosh?

— Não — assegurou Varian. — Não lutaremos.

— Mas se ele estiver disposto a fazer coisas que não queremos fazer... isso não lhe dará a vitória?

— Não enquanto meu coração bater — disparou Broll.

— Nem eu — completou Varian. — O mundo ficou... desordenado. Vi violência, sangue e loucura no fosso de gladiadores. Não esperava jamais ver algo como aquilo que Jaina foi forçada a testemunhar.

— Você— você acha que ela vai se recuperar? Da ferida que essa visão causou em sua alma?

— Espero que sim. — Foi tudo que Varian conseguiu dizer. — Espero que sim.

22



A Cidadela Violeta estava sombria e quieta quando Jaina subiu lentamente os degraus do saguão de entrada. A dor envolvia este lugar. Antes Dalaran lhe dava uma sensação de leveza. As formas e estruturas eram certamente graciosas, porém, acima de tudo, aquele era um lugar em que a magia era integral. Agora parecia... pesado de uma forma que nunca antes sentira. Jaina, carregando seus próprios fardos, apercebeu-se disso, sentindo-se próxima daqueles que tinham perdido tanto.

Vários magos extremamente poderosos, incluindo o líder do Kirin Tor. E um traidor, que era parcialmente responsável por aquelas amargas perdas. Não lhe admirava que o próprio ar lhe parecesse tão espesso e lúgubre.

— Grã-senhora Proudmore — chamou uma voz entrecortada de dor. Jaina se virou e sentiu uma pontada de empatia.

Vereesa Correventos estava sozinha na enorme entrada da câmara. Vestia uma imaculada armadura de placas em tons de prata e azul. Quaisquer ferimentos que tivesse sofrido em combate estavam curados

ou em processo de cura. Todos exceto um, que Jaina sentiu ser irreparável.

A viúva de Rhonin parecia impassível, como se fosse pouco mais do que uma estátua animada, a não ser pelos olhos azuis, que ardiam de fúria. Jaina se perguntou se aquela fúria seria direcionada à Horda, por ter assassinado o marido de Vereesa, ou a ela própria, por ter sobrevivido.

— General-patrolheira Vereesa — iniciou Jaina —, eu... não encontro palavras.

Vereesa balançou a cabeça.

— Não há palavras — respondeu, sem rodeios —, somente ação. Estive esperando por você desde que soube que ainda vivia, pois sabia que viria. E venho até você implorando que me ajude a obter tal ação. Você sobreviveu, meu amado, não. Você, eu e um punhado de elfos noturnos das Sentinelas somos os únicos que podem dar voz ao massacre de Theramore. Está claro que você veio falar ao Kirin Tor. Eu poderia saber o que pretende lhes dizer?

Jaina sabia que Vereesa era líder do Pacto de Prata, uma entidade que a própria elfa superior tinha formado como precaução contra uma possível traição por parte dos Fendessóis, elfos sangrentos que tiveram permissão de entrar no Kirin Tor. Como tal, Vereesa era aberta e franca, mas oficialmente não tinha voz no Kirin Tor. Jaina também não, porém, como a única maga que sobreviveu para contar sobre a tragédia, e por ser aquela que Rhonin escolheu para teleportar a um local seguro enquanto atraía a bomba de mana para si próprio, ela sabia que lhe seria concedida uma audiência. Agora que Rhonin se fora, Jaina se viu relembrando certa conversa, quando ele contara que muitos membros do Kirin Tor queriam que Jaina tivesse escolhido um caminho diferente, e que desejavam que ela se juntasse a eles.

Jaina podia não ser membro do Kirin Tor. Mas certamente iria falar com eles.

Vereesa ainda a fitava, seu rosto era uma máscara implacável que certamente escondia um turbilhão de angústia e rancor. Subitamente

comovida, Jaina caminhou em direção à outra mulher e falou impulsivamente:

— Rhonin só tinha duas preocupações logo antes de morrer: queria garantir que você sobrevivesse, Vereesa, e fez um grande esforço para me pôr em segurança. Ele comprou as nossas vidas com a própria.

— O quê?

— A bomba caiu naquele lugar porque Rhonin a atraiu para si. Ele usou a magia a fim de redirecioná-la à torre, que estava fortemente guardada e magicamente protegida, a fim de minimizar o dano da explosão.

A máscara começava a se despedaçar. Vereesa levou a mão trêmula aos lábios, escutando.

— Ele... ele me disse que eu tinha que sobreviver. Que eu era o futuro do Kirin Tor e que, se eu não entrasse no portal que ele mantinha aberto, ambos morreríamos... e seus esforços seriam em vão. Eu me recusei a ir embora, mas... ele me empurrou. Vereesa, não entendo por que ele me escolheu. Theramore era minha cidade, eu deveria ter morrido por ela. Mas foi ele quem morreu. E não me esquecerei disso enquanto viver. Farei tudo que puder para ser digna do sacrifício dele. Eu estava lá, Vereesa. Sei o que fizeram. Vou convencer o conselho a se certificar de que a Horda nunca mais, jamais, possa ocupar novamente uma posição de tanto poder. Para que ninguém mais tenha que sofrer como nós.

Os lábios de Vereesa se contraíram num sorriso trêmulo. Quando a maga se deu conta, as duas mulheres estavam se abraçando com força e ela sentiu lágrimas quentes escorrendo em seu pescoço.

Pela segunda vez em mais de uma semana, Jaina estava na Câmara do Ar. Parecia igual, na medida em que se pode dizer "igual" sobre uma coisa que muda constantemente. As simples pedras cinzentas sob seus pés eram as mesmas, e a visão do céu mudando de noite para dia, de tempestade para estrelas, era familiar. Ainda assim, tudo estava diferente. Jaina não se deslumbrava mais com a gloriosa vista nem

com a honra de poder falar ao Conselho dos Seis. Cinco agora. Contemplava apática o rosto dos membros restantes do conselho.

De pé ao lado deles, embora não fosse participante oficial, estava Vereesa com um semblante pétreo. Jaina ficou satisfeita por terem permitido que ela participasse. Com certeza conquistou o direito quando perdeu o homem que amava mais do que tudo neste mundo.

— Triste é a ocasião que traz a Grã-senhora Jaina Proudmore uma segunda vez a estas câmaras, mas estamos jubilosos em ver que a senhora sobreviveu.

Era Hadggar quem falava, e, desta vez, ele parecia ter verdadeiramente a idade que sua aparência indicava. Sua voz estava cansada, e ele apoiava quase todo o peso em um cajado. Até seus antes inquietos olhos agora pareciam idosos. Seus companheiros também pareciam exaustos. Os olhos de Modera exibiam olheiras. O disciplinado Karlain claramente lutava para controlar a ira e a dor. Aethas, líder dos Fendessóis, que havia recomendado Thalen Tececanto, permanecia de capacete para que Jaina não visse seu rosto, mas sua linguagem corporal mostrava agitação.

— Obrigada por me receberem — falou Jaina. — Perdoem-me por dispensar as formalidades. Eu vim aqui há pouco tempo pedir o auxílio do Kirin Tor na defesa de Theramore. Vocês o concederam, pelo que sou muito grata. Pela morte do Arquimago Rhonin, partilho desse pesar com vocês. Ele morreu como um verdadeiro herói. Estou viva por causa dele. Foi com humildade que recebi o gesto e prometo honrá-lo da melhor forma que puder. Não vou fazer uso de meias palavras. Estou aqui para lhes pedir que se juntem à Aliança para atacar a Horda. Seus exércitos se reúnem em Orgrimmar para banquetear e beber e celebrar um massacre. Se atacarmos agora, vamos destruí-los de uma forma que jamais poderão perpetrar tamanha crueldade novamente.

— Dalaran é neutra — respondeu Modera. — Fomos a Theramore apenas para proteger e aconselhar.

— E se tivessem feito mais do que isso, talvez no futuro Theramore ainda constasse nos mapas — replicou Jaina. — Rhonin deu sua vida para lidar com a bomba de mana da melhor forma que estivesse ao seu alcance. Se houvesse mais de vocês, se o Kirin Tor estivesse com sua força plena em campo, talvez ele ainda estivesse vivo.

— Estou... revoltado com as ações de Garrosh — disse Aethas. — E assumo a responsabilidade pelo mal que um dos meus Fendessóis causou. Mas atacar Orgrimmar não é a resposta.

— Não se pode confiar em vocês, Fendessóis — rosnou Vereesa. Ela olhou suplicante para os outros membros do conselho. — Por que é que ele está aqui, para começar? São traidores, todos eles! Avisei que não deveriam aceitá-los no Kirin Tor!

— Já houve traidores humanos, elfos superiores, gnomos e orcs — tornou Aethas calmamente. — Farei o que puder para compensar a o ato de Tececanto. Não me passa despercebida a ironia de tê-lo mandado como gesto de boa-fé. Mas não podemos abandonar nossa postura de neutralidade por vingança!

Os outros concordavam com a cabeça. Hadggar parecia pensativo, como se estivesse revirando ideias na mente. Jaina não conseguia acreditar na reação deles, na hesitação.

— O que será preciso para que vocês se deem conta de que a Horda acabará se virando contra vocês? Não sabem o significado de "neutro", assim como não sabem o que significa "diplomacia" ou "decência". Avançarão sobre Kalimdor, depois contra os Reinos do Leste, e por fim chegarão aqui. Sua recusa em detê-los significará, num dia não muito distante, que a Horda virá bater como um enxame às portas de Dalaran! Por favor, ataquem enquanto ainda podemos! Já arrasamos aquela cidade uma vez; vamos fazê-lo de novo. Vamos a Orgrimmar. Atacaremos pelo alto enquanto estão em seu estupor ébrio, sonhando com a conquista! Vocês perderam Rhonin e uma cidade inteira. Deixarão para agir quando Teldrassil cair? Quando estiverem queimando a Arvore do Mundo?

— Grã-senhora Jaina — interrompeu Modera —, você passou pelo inominável. Testemunhou horrores e viu um amigo morrer para salvá-la. Ninguém aqui aprova as ações da Horda. Mas... precisamos nos reunir para decidir o que fazer em seguida.

Jaina mordeu a língua para conter a torrente de réplicas agressivas que pensou e acenou com a cabeça em sinal de compreensão. Eles fariam a coisa certa. Tinham que fazer.

Jaina encontrou Guido e Jáxi Centelume num canto da Estalagem Recanto do Herói. A taverna, normalmente viva e iluminada, estava quieta e solene, não parecendo muito com um recanto. Ela hesitou na entrada, pensando se deveria atrapalhar o luto deles, se conseguiria suportar o tormento que veria nos olhos daqueles gnomos. Tinham lhe confiado Kinndy, e ela os decepcionou. Não restou da gnomida nem o suficiente para um enterro.

A maga cerrou os olhos a fim de conter a dor das lágrimas e virou-se para ir embora. Quando o fez, ouviu uma voz.

— Grã-senhora Proudmore?

Jaina vacilou, depois se voltou. Os gnomos deixaram a mesa e vinham em sua direção. Como pareciam velhos agora, pensou ela. Kinndy viera num momento tardio da vida deles, um pequeno "milagre", como a chamavam. As palavras de Jaina flutuavam em sua mente. Dou a minha palavra de que vou mantê-la o mais segura que puder.

Ela tinha planejado ser eloquente, louvar Kinndy como a garota merecia. Dar algum consolo à família agora privada da companhia dela, dizer a eles que ela havia lutado bem e com bravura, que tinha sido uma luz para todos que a conheceram. Que morreu defendendo outras pessoas.

Tudo que saiu dos lábios de Jaina foi:

— Lamento, lamento tanto. — E por longos minutos, foram os Centelume que consolaram Jaina Proudmore. Voltaram à mesa, falando de Kinndy, desejando estar bem mais à frente no processo de aceitação da perda do que todos os três na verdade estavam.

— Pedi auxílio ao Kirin Tor — disse Jaina, uma vez que seus sentimentos estavam muito à flor da pele para continuar falando da aprendiz. — Estou contando com eles para se unirem à Aliança e atacar Orgrimmar. Para que ninguém mais... acabe seus dias como Kinndy.

Guido afastou os olhos por um instante, e Jaina percebeu que ele estava ouvindo o som dos sinos marcando as horas. Antes que pudesse se desculpar por segurá-los tanto tempo, o mago gnomo tinha saltado da cadeira.

— São nove horas.

— Ah, sim — lembrou Jaina. — Você acende todas as luzes dos postes de Dalaran. Melhor deixá-lo cuidar de seu trabalho.

O pequeno mago engoliu seco, seus olhos ficavam ainda maiores com as lágrimas.

— Acompanhe-me em minha ronda — pediu Guido. — Obtive — permissão especial. Somente por um tempo, mas... já ajuda.

Jáxi os colocou para fora com um discreto vislumbre de que a gnomida idosa tinha sido um dia.

— Já fui com ele antes — falou ela. — Acho que seria bom você ir agora.

Jaina estava totalmente confusa, mas ainda tão atormentada pela culpa e pela dor que estava mais do que disposta a fazer o que quer que os Centelume pedissem. Então, seguiu Guido rua afora, mantendo os passos lentos e curtos para não ficar à frente dele.

Ele saiu arrastando os pés e parou sob uma das lâmpadas, depois puxou uma pequena varinha com uma estrela de aparência quase infantil na ponta. Então, com mais elegância do que ela esperava, o gnomo apontou a varinha para a lâmpada.

Uma faísca voou da ponta, dançando como um vaga-lume. A luz do poste não acendeu imediatamente. A cintilante chama mágica começou a desenhar linhas no ar, acima da lâmpada. Os olhos de Jaina se arregalaram e se encheram de lágrimas.

A luz dourada estava desenhando a imagem de uma risonha garota gnomida com tranças. Quando foi terminado, o desenho ganhou vida por uns instantes. As pequenas mãos escondiam uma risadinha, e Jaina podia jurar que ouviu a voz de Kinndy. Ela voltou-se para Guido com os olhos marejados e viu que o gnomo também chorava, embora seus olhos estivessem apertados por um sorriso amoroso. Então as linhas douradas se partiram e se transformaram numa bola de luz que voava sob a sombra do poste. Essa lâmpada se acendeu, ele se virou e caminhou penosamente em direção à próxima. Jaina ficou onde estava, observando mais uma vez Guido Centelume render tributo à sua filha assassinada, deixando-a "viver" por um momento a cada noite. Sem dúvida, quando a tragédia fosse desaparecendo aos olhos dos outros, pediriam a Guido que acendesse as lâmpadas do jeito normal. Mas, por enquanto, todos em Dalaran tiveram chance de ver Kinndy como Jaina e seus pais: brilhante e resplandecente, com o rosto iluminado por seu sorriso.

Não tardou muito para convocarem Jaina de volta à Câmara do Ar. Pela terceira vez, a maga se encontrava no centro da estranha, mas bela, sala encarando o conselho com uma calma forçada.

— Grã-senhora Jaina Proudmore — iniciou Hadggar —, antes que eu pronuncie nosso veredicto, saiba disto: condenamos totalmente, do fundo do coração, o ataque a Theramore em que perdemos um membro. Foi covarde e vergonhoso. A Horda tomará ciência do nosso desagrado e será advertida quanto ao uso de uma devastação tão injustificada. Mas estes são, de fato, tempos atribulados. Especialmente para aqueles dentre nós que fazem uso, regulamentam e lidam com magia. Pouco tempo atrás, optamos por oferecer nossa experiência e nossa sabedoria. Até concordamos em ajudar na defesa de Theramore. Por causa dessa decisão, fomos traídos por um dos nossos e perdemos muitos magos bons, incluindo nosso líder, o Arquimago Rhonin. A situação atual da magia neste mundo é preocupante, Grã-senhora. Ninguém sabe muito bem quem deveria estar fazendo o quê. Os azuis não têm mais um Aspecto entre eles e perderam um precioso artefato

que foi usado para a destruição, e nós sequer temos um líder para nos orientar ou assumir a responsabilidade.

Jaina sentiu um frio no estômago e fez um esforço para não cerrar as mãos. Ela sabia o que eles estavam prestes a dizer.

— Não podemos cuidar de Azeroth se nós mesmos estamos desordenados — disse Hadggar. — Temos que repensar, examinar o que exatamente deu errado. Não podemos dar o que não temos, Grã-senhora. E o que não temos é uma noção clara do que deve ser feito a seguir. Você vem nos pedir para dispor toda a força de nossos magos a serviço da Aliança. Você nos pediu para transportar Dalaran a Orgrimmar e lançar a destruição sobre uma cidade inteira. Não podemos fazer isso, Jaina. Simplesmente não podemos. Acabamos de descobrir que somos adultos o suficiente para acolher representantes da Horda entre nós, os Fendessóis, e agora quer que arrasemos Orgrimmar? O mundo entraria em guerra, e nossa contribuição para que ela ocorresse faria com que esta mesma cidade, que perdurou por tanto tempo, ficasse também dividida. E mesmo que não ficasse, mesmo que Dalaran e o Kirin Tor estivessem em condições de lidar com isso, há mercadores, artesãos, estalajadeiros e viajantes que nunca marcharam contra Theramore. Misericórdia! Há um orfanato em Orgrimmar, Grã-senhora! Não podemos e não vamos obliterar inocentes.

Jaina precisou de um momento para controlar a voz o suficiente para falar.

— Os órfãos que estão lá vão crescer e fazer parte da Horda — afirmou ela. — Estão sendo ensinados a nos odiar, a tramar contra nós. Não há inocentes naquela cidade esquecida pela Luz, Hadggar. Não há inocentes em lugar algum. Não mais.

Antes que Hadggar pudesse falar, ela conjurou um portal. A última coisa que viu antes de entrar foram os jovens velhos olhos dele cheios de pesar.

Jaina não foi longe. Seu destino era a biblioteca principal. Ela já estivera ali, muito tempo antes, quando morou e estudou em Dalaran.

No momento em que cruzou a soleira na companhia de um dos bibliotecários do Kirin Tor, ela sentiu o próprio ar do ambiente roçar contra seu corpo, por um breve instante. Há alguns anos, ela tinha lançado um feitiço de reconhecimento para poder entrar em segurança — as proteções da biblioteca ainda se lembravam dela.

O bibliotecário respeitou seu desejo de ficar sozinha para folhear os livros. Ele, assim como Hadggar, olhava para ela com olhos pesarosos e solidários. Jaina não queria a solidariedade dele, mas estava disposta a fazer uso dela a fim de atingir seus propósitos. O pedido de ficar só neste vasto acervo de livros e pergaminhos nada tinha a ver com o suposto desejo por tranquilidade e reflexão.

Assim que o som dos passos desapareceu e Jaina teve certeza de que não seria perturbada, mergulhou nos livros. Era certamente uma tarefa desafiadora. A sala era enorme e estava repleta de estantes e mais estantes que se elevavam às alturas. Jaina sabia por experiência própria que, na verdade, não havia ordem ali; os métodos de disposição caótica e ilógica ajudariam a confundir ladrões mais mundanos, mas não seria obstáculo algum à magia.

A grã-senhora gesticulou com a mão direita. Uma pequena luminescência apareceu na ponta dos dedos, e ela apertou as extremidades brilhantes contra as têmporas por um momento. Depois, estendeu a mão. A discreta luminosidade púrpura abandonou seus dedos, como uma pequena ramificação nebulosa, e subiu até a estante mais alta. Enquanto Jaina examinava as cópias dos livros e lia as etiquetas das caixas de pergaminho com sentidos mais corriqueiros, a névoa arcana procurava outra coisa.

O tempo passou. Jaina encontrou muitos tomos que, no passado, poderiam ter absorvido sua atenção por dias. Agora não estava interessada neles. A maga estava obcecada e só via seus objetivos. Título após título, ela lia e desprezava. Era Dalaran. Tinha que estar ali.

Então, viu um súbito clarão no canto do olho e se virou sorrindo. A pequena névoa arcana tinha cumprido sua tarefa: encontrou algo

numa estante que continha algumas das obras mais raras, das mais perigosas, as que estavam cuidadosamente travadas com selos mágicos. Até mesmo as invisíveis.

Jaina rapidamente passou a vista nos títulos. Sonhando com dragões: A verdadeira história dos Aspectos de Azeroth. Morte, não-morte e o que há entre ambas. O que sabiam os Titãs.

O sexto elemento: métodos adicionais de ampliação e manipulação arcana.

Delicadamente, ela tocou a lombada do livro. Parecia que estava tocando um ser vivo. O tomo quase... estremeceu sob os dedos perscrutadores. Jaina o puxou e o livro imediatamente começou a reluzir num tom violeta com um zumbido proveniente das proteções. Ela engasgou e quase o deixou cair quando uma imagem se formou em fumaça púrpura.

O rosto do Arquimago Antônidas olhava para ela, austero e exortativo.

— Este livro não se destina a mãos fortuitas nem a olhos curiosos — advertiu aquela voz familiar e querida. — Informações não devem ser desperdiçadas. Mas também não devem ser usadas de forma temerária. Afaste sua mão, colega, ou prossiga... se souber o caminho.

Jaina mordeu os lábios enquanto a face de Antônidas desaparecia. Cada mago que consignava um livro à grande biblioteca colocava nele seu selo protetor. Isso significava que Antônidas tinha descoberto esse livro, provavelmente até mesmo antes de Jaina ter nascido, e o colocara na estante. Considerando a quantidade de poeira, ninguém o tinha tocado desde então. Será que era algum tipo de sinal? Que ela estava destinada a encontrar essa obra?

O livro continuava a brilhar. Ela não sabia as palavras certas para abri-lo, então teve que recorrer a um método mais desagradável. Poderia forçar os selos até quebrar, mas teria que ser rápida para evitar que os alarmes mágicos disparassem. Jaina se sentou numa das confortáveis cadeiras e colocou o livro no colo. Respirou fundo buscando se equilibrar e clarear a mente. Fitando a própria mão

direita, murmurou um feitiço de rompimento. Subitamente apareceu um forte brilho púrpura na mão.

Depois a maga levantou a mão esquerda e se concentrou. A mão começou a desaparecer diante de seus olhos, ficando visível apenas porque estava delineada pela pálida luz violeta.

Isso poderia funcionar, mas só se agisse muito rápido. Respirou fundo mais uma vez buscando firmeza, então colocou a mão direita sobre o livro.

Rompido.

O brilho violeta que emanava dela dançava e estalava sobre o livro como um relâmpago. Conseguia senti-lo quebrando o selo mágico que Antônidas havia colocado, senti-lo... machucar à medida que o livro era aberto à força. Jaina olhou fixamente, não ousando piscar. No exato instante em que o clarão violeta começou a desvanecer, ela bateu com a mão esquerda sobre o tomo.

Silêncio.

Um campo ganhou vida com um brilho branco, envolvendo o livro e silenciando o grito mágico que ele emitia. Aos poucos, a luz em ambas as mãos esmaeceu, e sua mão esquerda foi gradualmente se tornando visível novamente.

Ela tinha conseguido.

Rápida e cuidadosamente, pensando na idade do livro, Jaina começou a folheá-lo. Havia todo tipo de ilustração representando itens mágicos. Não reconhecia quase nenhum deles. Parecia que muitas coisas tinham se perdido no tempo e...

Lá estava. A íris Focalizadora. Começou a ler, passando os olhos nos detalhes enciclopédicos, porém desnecessários no momento, sobre como os dragões azuis a haviam criado e seus vários usos ao longo do tempo. Não queria saber o que o artefato tinha feito. Vira isso em primeira mão. Queria saber o que poderia ser feito com ele agora.

... amplificação. Todo e qualquer comando arcano será amplificado pelo adequado uso direcional! do objeto. Consoante com a teoria deste

autor de que o arcano é por si só um elemento, ele humildemente traz à luz o fato de que há ao

menos uma ocasião documentada em que a Íris Focalizadora foi utilizada para escravizar, comandar e controlar vários seres elementais.

Jaina quase sentiu uma tontura. Levantou-se e olhou ao redor, certificando-se de que ainda estava sozinha na ampla câmara. Então, com muito cuidado, embrulhou o livro na capa, saiu às pressas e desceu os degraus. A maga ainda tinha uma visita a fazer naquela cidade, antes de partir no que estava se provando uma solitária empreitada em busca de vingança.

23



A própria Jaina havia concebido a estátua. Foi ela quem cobriu os custos e escolheu o artista. Agora Antônidas velava a cidade pela qual tinha dado a vida. A imagem de seu amigo tinha sido enfeitiçada para que flutuasse a dois metros da grama. Sob a escultura daquele grande homem, havia uma placa com os dizeres:

ARQUIMAGO ANTÔNIDAS, GRAO-MAGO DO KIRIN TOR A GRANDIOSA DALARAN ERGUE-SE UMA VEZ MAIS COMO PROVA DA TENACIDADE E DA DETERMINAÇÃO DE SEU MAIOR FILHO.

SEU SACRIFÍCIO NÃO TERÁ SIDO EM VÃO, QUERIDO AMIGO.

COM AMOR E HONRA,
JAINA PROUDMORE

Jaina agora pisava a macia grama verde e olhava para a estátua. O escultor era muito talentoso, conseguiu capturar a combinação de austeridade e gentileza de Antônidas. Em uma das mãos, girava incessantemente um orbe pequeno que cintilava magicamente. Na outra, Antônidas trazia seu grande cajado, Archus.

A maga ainda estava com o livro escondido na capa, para o caso de algum olho atento estar espionando. Colocou a mão sobre o tomo, firme e consoladoramente envolvido no tecido.

Ali, à sombra da estátua de seu mentor, as lembranças fluíam com facilidade e, na maior parte do tempo, sem dor. Esse homem tinha visto tanto potencial nela e a ensinara com alegria, entusiasmo e orgulho.

Ela se recordou das longas conversas que os dois costumavam ter sobre temas herméticos e tópicos específicos de magia, tal como o posicionamento dos dedos e a inclinação do corpo. A época, ambos estavam certos de que, em Dalaran, ela progrediria muito, até mesmo galgar os degraus mais altos do Kirin Tor. E a bela cidade seria seu lar.

O suave sorriso que brotara em seus lábios logo murchou. Tantas coisas, coisas demais, tinham acontecido. Jaina se agarrou à esperança de que, de algum modo, seu mentor teria escapado das garras da morte para guiá-la ao livro que lhe diria exatamente como usar a íris Focalizadora. Desejou que Antônidas abençoasse sua empreitada. Certamente o faria se tivesse visto o que ela viu.

Um delicado toque no ombro a fez despertar e quase derrubar o livro, ainda envolto na capa. Jaina o segurou no último instante e se virou.

— Sinto muito. Não queria assustá-la — desculpou-se Kalecgos. A paranoia tomou conta da maga.

— Como sabia que eu estava aqui? — perguntou, tentando fazer seu tom parecer despreocupado e casual.

— Voltei ao Nexus depois que nós... depois que você partiu. De lá, senti sua chegada aqui em Dalaran. — Seus olhos azuis estavam consternados. — Acredito que sei por que você veio para cá.

Ela desviou o olhar.

— Vim pedir ajuda ao Kirin Tor. Ajuda para lutar contra a Horda depois do que fizeram com Theramore. Mas eles recusaram.

Kalec hesitou, depois disse calmamente:

— Jaina... também fui a Theramore. Se a bomba caiu na cidade, como sabemos que aconteceu, então a íris Focalizadora deveria estar lá também. Não estava.

— Imagino que a Horda mandou alguém para reavê-la — tornou Jaina. — Lutei contra vários deles.

— É bem provável — respondeu em concordância.

— Ainda consegue senti-la? — indagou Jaina.

— Não. Mas saberia com certeza se tivesse sido destruída. Isso significa que, novamente, parece que há um mago poderoso escondendo-a de mim, e fazendo um trabalho ainda melhor desta vez. E, como tragicamente constatamos, se ela ainda existe, pode ser usada para provocar um grande mal a este mundo.

Então... o feitiço bloqueador dela tinha funcionado.

— Pois então é melhor você cuidar de encontrá-la. — Jaina não gostou de mentir para Kalec, mas sabia que ele não entenderia. Ou... entenderia? Se ele tinha estado em Theramore... visto o mesmo que ela... talvez compartilhasse dos mesmos sentimentos.

— Kalec— o Kirin Tor não me ajudará. Você disse certa vez que lutaria por mim, pela grã-senhora de Theramore. Theramore se foi. Mas ainda estou aqui. — Impulsivamente, pegou a mão dele. Kalec segurou firme na dela. — Ajude-me. Por favor. Temos que destruir a Horda. Ela não vai se limitar a isso. Você sabe.

Jaina percebeu o conflito na alma de Kalec refletido no rosto dele, e compreendeu quão profundamente o dragão se importava com ela. Da mesma forma que, como cada vez mais se dava conta, ela se importava com ele. Mas não era hora para a gentil doçura dos galanteios, do romance. Não havia lugar para amor enquanto a Horda existisse e pudesse fazer coisas tão hediondas. Jaina precisava de todas as armas que pudesse encontrar e, independentemente de seus desejos, sabia que teria que endurecer seu coração.

— Não posso fazer isso, Jaina — respondeu Kalec com a voz cortada de dor. — Esse... bem, ódio implacável... não é você. A Jaina que conheci ainda buscava a paz. Ainda tentava entender, mesmo quando

se preparava para defender seu povo. Não acredito que você realmente queira perpetrar contra eles o mesmo horror que causaram em Theramore. Nenhuma mente sã, nenhum coração bom, jamais deveria desejar aquilo para quem quer que fosse.

— Então, acha que enlouqueci? — replicou ela em tom baixo, embora furioso, e puxou a mão.

— Não, mas está envolvida demais na situação para decidir com sabedoria o próximo passo. Acredito que só possa estar agindo motivada pela dor, pela raiva. Ninguém vai culpá-la por se sentir assim, mas não pode agir enquanto estiver nesse estado emocional de irracionalidade! Você sabe, e eu acho, que vai se arrepender.

Ela estreitou os olhos e deu um passo atrás.

— Sei que se importa comigo e que diz isso com a mais gentil das intenções. Mas está errado. Esta sou eu. Foi isto que a Horda fez comigo quando jogaram aquela maldita bomba na minha cidade. Não quer me ajudar, então? Não está disposto a escutar as vozes que clamam por justiça? Muito bem. Não me ajude. O que quer que faça, porém, não entre no meu caminho.

Kalec se curvou enquanto Jaina virava as costas e ia embora, apertando o livro contra o peito — o livro que Antônidas tinha protegido, o livro que a ajudaria a deixar os mortos descansar em paz, o livro que lhe daria o poder de fazer a Horda provar do próprio veneno.

A Estalagem Monte Navalha faturava rios de grana, e o estalajadeiro Grosk não estava achando isso nada mal. O Monte Navalha sempre foi uma grande desordem, povoado normalmente por soldados e transeuntes que nunca ficavam muito tempo. Com tanta gente vindo comer e tomar grogue a toda hora, enquanto as comemorações continuavam em Orgrimmar, Grosk pensou, enquanto, como de costume, desanimadamente "limpava" os copos, que era hora de aproveitar as sobras da capital. E daí que nem todas as conversas eram de aprovação e exaltação? Também houve murmúrios sobre Thrall. O povo gostava de reclamar. Insatisfeitos com o chefe guerreiro, com o

clima, com as guerras, com as outras raças da Horda, com a Aliança, com o seu par — isso era bom para os negócios. Havia uma razão para se falar em "afogar as mágoas" quando se ia a um bar.

Então, com a pequena espelunca lotada de todas as raças da Horda, Grosk estava de bem com a vida, com certeza.

Até que os Korkron entraram.

Ficaram na entrada, bloqueando a luz com o físico de mamute, deixando o já escuro ambiente ainda mais escuro. Eustáquio Fragoso, não tendo nenhuma boa desculpa para estar bebendo com Kelantir Laminassangue, virou-se de costas logo que os viu.

— Problemas — sussurrou Kelantir.

— Não necessariamente — respondeu Fragoso com o mesmo tom de voz baixo. Antes que a companheira se desse conta do que ele estava prestes a fazer, o morto-vivo acenava e chamava alegremente. — Meu amigo Malkorok! Veio visitar os pobres? Até respingo de urinol deve ser melhor do que esta lavagem que o biltre do Grosk serve, mas o grogue é barato e ouvi dizer que dá para o gasto. Venha, deixe-nos pagar uma rodada.

Os Kor'kron olharam para o líder, que concordou com um gesto.

— Grosk — grunhiu Malkorok —, bebida pra todo mundo. — Ele bateu nas costas de Fragoso tão forte que o Renegado quase caiu em cima da mesa. — Já esperava encontrar taurens ou Renegados aqui. — Sorriu sarcasticamente enquanto Grosk se ocupava de tirar os copos sujos e uma jarra grande de grogue. — Mas vou dizer, você parece bizarramente deslocada aqui.

— De modo algum — disse Kelantir, apertando os olhos. — Já estive em lugares piores do que este.

— Talvez, talvez... — respondeu Malkorok. — Mas por que não está em Orgrimmar?

— Alergia a ferro — disparou Kelantir. Por um instante, Malkorok a encarou e, então, jogou a cabeça para trás numa gargalhada gutural.

— Parece mesmo que você e muitos outros preferem ambientes mais rústicos — falou ele. — Onde está Baine, aquele novilho, e o puxa-saco

dele, Vol'jin? Queria falar com eles.

— Faz um tempo que não vejo os dois — afirmou Kelantir, colocando as botas sobre a mesa. — Não me envolvo muito com taurens.

— É mesmo? — Malkorok parecia não estar entendendo. — Mas tenho testemunhas que dizem ter visto você e Fragoso nesta mesma estalagem ontem à noite, conversando com o tauren e o troll, entre outros. Contaram que você estava dizendo coisas como "Garrosh é um tolo", "Thrall devia voltar e ir chutando ele até a Cidade Baixa" e "Foi covardia usar a bomba de mana em Theramore".

— E os elementos — completou outro Korkron, como se estivesse na conversa, pegando a jarra de grogue e enchendo novamente o copo.

— Sim, os elementos... Alguma coisa sobre como era uma pena que Caerne não tivesse matado Garrosh quando teve chance, porque Thrall jamais usaria os elementos de forma tão cruel e infame.

A elfa sangrenta e o Renegado ficaram calados. Malkorok continuou.

— No entanto, se diz que não viu Baine nem Vol'jin recentemente, então suponho que as testemunhas estavam enganadas.

— Certamente — tornou Fragoso. — Você precisa de informantes melhores.

— Precisamos mesmo — concordou Malkorok —, pois para mim está claro que nenhum de vocês jamais diria coisas desse tipo sobre Garrosh e a liderança dele.

— Fico feliz que tenha compreendido isso — concluiu Fragoso. — Obrigado pelas bebidas. Posso pagar a próxima rodada?

— Não, é melhor seguirmos caminho. Vamos ver se conseguimos achar Vol'jin e Baine, uma vez que, infelizmente para nós, não estão aqui. — Malkorok se levantou e cumprimentou abaixando a cabeça. — Aproveitem a bebida.

Os dois ficaram olhando eles saírem. Quando os Korkron sumiram da vista, Kelantir fechou os olhos e soltou o fôlego.

— Essa passou perto demais.

— Verdade — respondeu Fragoso. — Por um instante, achei que seria preso, se não atacado ali na hora.

A elfa sangrenta se virou para pedir mais uma rodada, mas ficou confusa.

— Que estranho — comentou. — Grosk saiu.

— Quê? Com a estalagem lotada? Ele devia contratar mais gente, e não tirar uma folga enquanto tem um monte de clientes com sede esperando por ele.

Os dois se entreolharam. Não disseram nada. Levantaram-se ao mesmo tempo e correram para a porta.

E quase chegaram, porém uma granada congelante os petrificou. Três granadas de fragmentação completaram o serviço, e a Estalagem Monte Navalha explodiu.

O rei Varian Wrynn e o príncipe Anduin estavam numa câmara ampla e aberta da Bastilha de Ventobravo, conhecida como sala do mapa, devido à enorme mesa cartográfica que ocupava a maior parte do espaço. Dois braseiros queimavam, esquentando o aposento de pedra. Armas de guerra estavam enfileiradas nas paredes — de bacamartes a espadas, e até três canhões. Certos cantos tinham pilhas de livros sobre estratégia militar, mas, por enquanto, Varian e os outros ali reunidos voltavam sua atenção ao mapa.

Encontravam-se lá membros de todas as raças da Aliança. O Emissário Taluun representava os draeneis. Broll falava em nome dos elfos noturnos; e o rei Genn Greymane, em nome dos worgens de Guilnéas. Também estava presente o grão-faz-tudo dos gnomos, Gelbin Mekkatorque, e três anões, um de cada clã enânico — o jovial Thargas Sidermar, dos Barbabronze; o enfezado Drukan, dos Ferro Negro; e o alegre Kuldran Martelo Feroz. Parecia que as diferenças tinham sido postas de lado por enquanto, até Drukan estava disposto a falar educadamente e ouvia com interesse.

O bloqueio era assunto de todos, inclusive dos que vieram dos Reinos do Leste. Ninguém poderia fazer vistas grossas à possível conquista de um continente inteiro.

Varian aparentava estar perdido em pensamentos. Broll pigarreou. O rei ergueu o olhar e fez sinal para que ele falasse, então pareceu voltar à sua meditação.

— Vou falar pelo meu povo e, certamente, por todos da Aliança que estão sofrendo com a ação da Horda. E pode parecer egoísmo recomendar que a Costa Negra seja libertada primeiro, mas, além desse pedido, trago uma oferta. Temos vários navios e tripulações de elfos prontos para ajudar assim que tiverem chance. A despeito das dificuldades provocadas pelo cataclismo, a Costa Negra ainda é um centro de grande importância. Temos rotas de navegação que nos conectam à Vila de Rut'theran e à Fortaleza de Plumaluna. Assim que libertarmos a Costa Negra, teremos uma vantagem.

— Segundo nossos espiões, a Horda acredita que vamos optar pela Fortaleza de Plumaluna — disse Greymane. Ele sorriu discretamente. — Vamos deixar que continuem pensando assim. Sabiam que os Temível Totem de Feralas estão planejando atacar a Horda? Aproveitando-se da distração deles? Que terrível para a Horda!

Risadas percorreram a sala. Varian, porém, continuava franzindo ligeiramente a testa enquanto olhava para o mapa.

— Eles pensam que Shandris Plumaluna está morta, até onde sei — prosseguiu Broll. — Veem a conquista da Fortaleza de Plumaluna como algo mais do que uma vitória militar... Veem, até mais, como uma vitória simbólica. Terão uma surpresa quando virem Shandris à frente das tropas.

A atmosfera imediatamente ficou sombria. De todos os brilhantes guerreiros e estrategistas enviados para auxiliar Theramore, só restaram Shandris e Vereesa. As perdas foram tantas. Se por um lado a sala estava cheia de muita ânsia para retaliar e deter o avanço da Horda, por outro ainda havia muito pesar.

— Alguém... foi... a Theramore? — perguntou Gelbin em tom baixo. Instalou-se um silêncio constrangedor.

— A Grã-senhora Jaina Prodigiosa — respondeu Anduin.

— Sim, é verdade — tornou Gelbin —, e que bênção o fato de que ainda vive. Falando nela, presumo que haja algum forte motivo para que não esteja aqui conosco, traçando estratégias.

— A Grã-senhora Jaina está seguindo seus próprios métodos — disse Varian, finalmente entrando na discussão. Todos os olhos se voltaram para ele. — Ela está — impaciente demais para trabalhar conosco. E não posso condená-la. O que aconteceu a ela... nem mesmo eu posso saber como está se sentindo, embora tenha passado por uma dor semelhante.

— O que se passou em Theramore não pode acontecer de novo, nunca mais — declarou Taluun. — Com nenhum ser vivo. Qualquer pessoa em sã consciência deve deplorar atos dessa natureza e repudiá-los, sob pena de destruir exatamente as coisas que nos permitem tocar a Luz.

Houve murmúrios de aquiescência. Varian olhou para Anduin e concordou com a cabeça quase imperceptivelmente. Os olhos azuis do garoto ficaram entristecidos quando o nome de Jaina surgiu na conversa, mas agora esboçavam um sorriso.

— Concordo — disse Varian. — Mas a Grã-senhora Jaina pode ter razão num aspecto. Pensei muito sobre isso e acredito que não devemos tentar furar o bloqueio. Não ainda.

Um coro de vozes surpresas encheu a sala, protestando, alguns com polidez, outros com fúria. Varian ergueu as mãos.

— Escutem — pediu o rei, levantando um pouco o tom de voz para que o ouvissem em meio ao alarido, mas sem chegar a gritar. Os outros se calaram, com semblantes insatisfeitos.

Ele prosseguiu.

— A sabedoria dita o curso que Broll e Genn sugeriram: fazer a Horda pensar que estamos atacando o bloqueio na Fortaleza de Plumaluna e, então, atacar na Costa Negra, furar o bloqueio, libertar a frota élfica aprisionada e seguir de lá com mais navios e soldados.

— A sabedoria dita... — soltou Drukan descontente, concordando.

— Creio que, em vez disso, devemos deixar "vazar" nosso plano de atacar a Costa Negra, não a Fortaleza de Plumaluna. Vão acreditar de imediato, uma vez que já demos outra trilha falsa. Garrosh ordenará que o grosso da marinha vá para lá. Enquanto isso, navegaremos diretamente a Orgrimmar. Atacaremos Garrosh na própria capital. Também tenho espiões, Genn, e eles me dizem que nem todos da Horda estão satisfeitos com a liderança dele. É difícil acreditar, mas mesmo entre eles existem aqueles que estão tão chocados quanto nós com os eventos em Theramore. Derrubamos Garrosh e ocupamos a cidade. O caos irá eclodir e, com sorte, os membros da Horda descontentes verão isso como uma oportunidade de se insurgirem. Mesmo que isso não ocorra, ainda teremos a desordem e o controle da capital deles.

— Nosso povo está sofrendo, Varian — replicou Broll em voz baixa. Varian abrandou o tom.

— Eu sei, meu amigo — respondeu —, mas esta é uma chance de cortar a cabeça da fera. E, independentemente disso, os navios da Horda deixarão a Costa Negra para vir ao socorro de Orgrimmar.

— Parece loucura — grunhiu Genn, rosnando um pouco e espiando Varian com olhos estreito —, porém, considerando a audácia e imprevisibilidade desse plano... pode acabar dando certo.

— Também nos poupará tempo — asseverou Taluun. — É mais rápido chegar a Orgrimmar do que à Costa Negra.

Varian olhou em volta. Uns poucos ainda pareciam insatisfeitos, mas não havia mais ninguém discordando. Ele esperava estar certo. Se Garrosh descobrisse o plano ou se, por qualquer outro motivo, o ataque falhasse, Varian perderia quase toda a frota da Aliança. Sobrariam apenas os navios élficos presos na Costa Negra e em outras partes.

Mas ele não conseguia se livrar da sensação de que estava certo. E era isso que consistia em ser rei: a coragem para tomar decisões e carregar a responsabilidade tanto pelo sucesso como pelo fracasso.

Os navios atracados finalmente estavam prontos. E outros vieram se juntar a eles — exóticas embarcações élficas e draeneicas que, por

sorte, rumavam a outros portos quando o bloqueio foi instaurado. Tais embarcações não eram menos formidáveis por sua graça e beleza do que os mais pragmáticos navios construídos pelos humanos, anões e gnomos. O aglomerado de magníficos barcos preenchia todo o porto e além, parecendo se estender até o horizonte.

As docas estavam fervilhando de civis. A maioria da própria Ventobravo, mas muitos tinham vindo de longe para participar dessa ocasião histórica. Era um mar de seres vivos à beira do mar propriamente dito, pensou Varian, perguntando-se quantos daqueles que se reuniram para ver seus entes queridos partirem teriam a alegria de recebê-los de volta a salvo.

O clima não poderia ter colaborado mais. Era um dia claro com céu azul e vento suficiente para navegar, mas não exagerado a ponto de tornar o mar bravio. Uma banda tocava alegremente inspiradoras músicas de guerra e hinos tradicionais de cada nação e raça para lembrar a cada um das suas origens.

Apesar de toda a atmosfera festiva, quando observou os rostos em meio à multidão, Varian notou que havia semblantes consternados e até lágrimas. Isso era guerra, não uma mera escaramuça da qual os soldados voltariam para o jantar. Ele tinha planejado a ação da melhor forma possível e iria liderar as tropas pessoalmente, embora alguns dos nobres tivessem tentado convencê-lo a ficar. Não podia mandar seus homens e mulheres enfrentar a morte sem andar ombro a ombro com eles. E quando saiu em direção ao terceiro nível do porto, sob a grande estátua do leão de Ventobravo, os populares o aclamaram. Sabiam que era um deles.

Varian ergueu os braços enquanto caminhava com Broll, Greymane, Mekkatorque, Taluun e os três anões de Altaforja. Estandartes de todas as cores foram agitados, e a multidão gritava. O rei baixou os braços, pedindo silêncio.

— Cidadãos da Aliança — foi o brado que reverberou até o ansioso público —, há poucos dias, a Horda praticou um ato de vilania tão calculada, tão hedionda, que só poderia ser retaliado com um

chamado à guerra. E vocês responderam. Vocês estão diante de mim, prontos para lutar e morrer se for preciso, a fim de preservar o que há de mais honrado e bom neste mundo. Foi a Horda que começou esta guerra, não fomos nós... mas, pela Luz, somos nós quem vamos encerrá-la!

A multidão rugiu. Lágrimas reluziam naqueles rostos, entretanto eram rostos sorridentes.

— O ataque a Theramore sequer pode ser descrito de forma precisa. Existem oponentes e existem inimigos; existem seres civilizados e existem monstros. Houve um tempo que eu não fazia essa distinção. Agora que faço, porém, nosso caminho fica ainda mais claro e íntegro. Ao optar por detonar uma bomba de mana numa cidade povoada, um ato abominável de absoluta covardia, Garrosh Grito Infernal demonstrou o que é. Ele e seus seguidores escolheram ser monstros, e vamos tratá-los como tais.

O rei prosseguiu.

— Nunca revidaremos na mesma moeda, pois escolhemos um caminho diferente. Mas vamos lutar. Vamos detê-los para que não continuem com essa conquista metódica. Vamos personificar tudo o que a Aliança defende, e faremos isso em união. Não estou sozinho aqui hoje. Estou com o rei Genn Greymane, cujo povo transformou uma maldição numa bênção. Os worgens combaterão com os corações mais nobres que já se viu, provando que, diferentemente de nossos adversários, não são monstros. Sem o auxílio de nossos irmãos e irmãos anões e gnomos, estes gloriosos navios nunca poderiam ter sido construídos a tempo de salvar o resto de Kalimdor das patas da Horda. Os kaldorei, há tanto nossos aliados, e a quem sempre recorremos por ajuda, já têm muitos barcos esperando para se juntar a nós enquanto lutam para se libertar. E os draeneis, que certamente têm sido uma bússola da integridade muito mais precisa do que qualquer outra que se poderia imaginar, estão aqui, prontos para derramar seu sangue pelos outros.

Varian deu um passo atrás e abriu os braços, indicando que o povo deveria mostrar seu agradecimento. Seu próprio sentimento de gratidão não poderia ser mais sincero. Nunca antes Varian estivera tão grato pelos amigos verdadeiros e mentes bem equilibradas. Por vários e vários minutos, o único som que se ouvia eram os aplausos da multidão agradecida.

Ele voltou à posição.

— Como se sabe, estarei com nossos bravos fuzileiros quando partirmos hoje. Deixo aqui alguém que é digno de liderá-los, caso seja preciso. Alguém que já liderou antes.

Varian acenou com a cabeça. Anduin, que estivera ao largo, atrás de um dos enormes canhões, esperando até ser chamado, veio à frente. O príncipe estava vestido com as cores azuis e amarelas da Aliança, com uma simples meia-coroa na cabeça, e ladeado por dois paladinos draeneis em suas resplandecentes armaduras. E, embora fosse muito menor do que eles, era para ele que todos os olhos estavam voltados. Recebido com exclamações e aplausos, ficou um pouco constrangido: não estava habituado a aparições públicas. Levantou as mãos, incentivando a multidão a fazer silêncio, e começou a falar.

— Temo que jamais mandarei homens e mulheres ao combate com alegria — começou —, embora dificilmente exista razão mais justa para fazê-lo. A Horda agiu contra nós de maneira terrível demais para ser ignorada. Todos aqueles que acreditam na justiça e na decência têm que tomar uma atitude contra os horrores de Theramore. — Varian, escutando atenciosamente, lembrou como o desfecho tinha sido descrito, como o fato tinha transformado Jaina de uma mulher cheia de compaixão numa pessoa que desejava — não, ansiava — violência e vingança.

"Se não agirmos agora, se estes bravos soldados e marinheiros da Aliança não partirem agora, condenaremos o que foi feito. Encorajaremos, até atrairemos, mais violência, mais massacre de inocentes. Garrosh Grito Infernal disse claramente que deseja expulsar a Aliança do continente de Kalimdor. Não podemos aceitar isso

passivamente. Chega um momento em que até o coração mais gentil tem que dizer 'Basta!'. E esse momento chegou."

Ergueu as mãos e fechou os olhos.

— E, para provar a integridade do que fazemos, a pureza do propósito com o qual essa frota navegará agora invoco a Luz abençoada para tocar todos aqueles que se sacrificariam para proteger os inocentes.

Uma luz suave começou a brilhar em torno de suas mãos erguidas. Ela cresceu até que envolveu seu corpo e depois pairou sobre a multidão, caindo sobre aqueles que estavam preparados para o combate e aqueles que os amavam.

— Faço uma prece para que lutem com coragem, decência e honra! Para que suas armas sejam guiadas pela retidão do que fazem. Eu os conclamo a se recordarem, quando estiverem no calor da batalha, de negar lugar ao ódio em seus corações. Mantenham-nos como um santuário, um templo à memória daqueles que foram tão tragicamente massacrados. Lembrem-se a cada momento que estão lutando por justiça, não por genocídio. Vitória, não vingança. E estou certo, com uma certeza do âmago do meu ser, de que, se forem à batalha com tais sentimentos tão firmemente imersos em seus corações que nenhum rancor e nenhuma dor possa debilitá-los, então triunfaremos. Que as bênçãos caiam sobre vocês, soldados da Aliança!

Varian sentiu a Luz tocar nele quase como se fosse uma coisa tangível. Parecia acariciá-lo, entrar em seu coração, como Anduin disse. Ele se sentiu mais calmo, forte, mais cheio de paz.

O rei observou o filho falar com a pura paixão da alma, observou quão rápida e docemente a Luz veio abençoá-lo. Viu como o povo o amava.

Ah, meu filho, você já é o melhor dentre todos nós. Que grande rei será.

Uma trombeta soou. Era hora de embarcar. Em toda parte, havia famílias se despedindo: velhos casais com filhos crescidos, jovens de

rosto liso dizendo adeus às suas amadas. Então as aglomerações lentamente se dirigiram aos barcos. Lenços ao vento, beijos soprados.

Varian esperou e sorriu um pouco quando Anduin, acompanhado de seus dois amigos paladinos, se dirigiu à nau capitânia.

— Você falou muito bem, filho — elogiou Varian.

— Fico feliz que tenha apreciado — respondeu Anduin. — Falo apenas aquilo que está em meu coração.

Varian recostou a mão no ombro do jovem.

— O que está em seu coração é perfeito. Estava e ainda estou muito orgulhoso de você, Anduin.

Um sorriso zombeteiro apareceu no rosto do príncipe.

— Não acha mais que sou um pacifista chorão?

— Ah, isso não é justo — tornou Varian. — Não, não acho. Estou contente que tenha enxergado a necessidade do que estamos fazendo.

Anduin ficou sério.

— Eu sei — falou. — Queria que houvesse outra forma, mas não é possível. Eu... eu fico apenas aliviado por você não estar como Jaina. Fiz uma prece por ela também.

Claro que tinha feito.

— Anduin... desta guerra que ambos acreditamos que temos que lutar... pode ser que eu não volte.

Ele assentiu.

— Eu sei, pai.

— E, se eu não voltar... você está mais do que pronto para assumir meu lugar. Tenho orgulho de você. Sei que será um rei bom e justo. Ventobravo não poderia estar em melhores mãos.

Os olhos de Anduin cintilaram.

— Pai... eu... obrigado. Eu me esforçarei ao máximo para ser um bom rei. Mas... prefiro esperar ainda um bom tempo por esse dia.

— Eu também — disse Varian, puxando o filho e dando-lhe um abraço apertado e desajeitado, encostando sua testa contra a dele.

Varian girou e desceu a passos rápidos na direção dos navios. Misturou-se à multidão de marinheiros e seguiu rumo à nau

capitânia. Rumor à guerra.

24



Kalec voava com o coração pesado. Estava morrendo de medo que Kirygosa estivesse certa a respeito de Jaina. Dragões não tinham a habilidade de ler mentes, mas a postura da maga quando discutiram a íris Focalizadora fora mais do que suspeita. Ele agora tinha quase certeza de que ela escondera o artefato e pretendia usá-lo contra os inimigos, como eles o haviam usado contra ela. Reforçando esta infeliz conclusão havia o fato de que a íris Focalizadora fora escondida mais uma vez, e mais habilmente do que antes. Era um pensamento amargo. Ele queria acreditar que a mudança vista nesta mulher por quem ele havia nutrido sentimentos tão profundos devia-se ao efeito da energia arcana da bomba. Mas, mesmo que em parte isso fosse verdade, Kalec sabia que não explicava tudo.

Assim, quando ele voltava para casa, para falar com a Revoada... percebeu que queria retornar ao lar.

Kalec notou, conforme se aproximava, que ninguém circulava ao redor do Nexus para protegê-lo, como os dragões faziam desde tempos imemoriais. A visão entristeceu-o ainda mais. Decidiu não pousar de

imediatamente, mas, em vez disso, falar com aquela que teria um bálsamo para sua alma ou palavras difíceis que ele precisaria ouvir.

Encontrou Kirygosa em seu "poleiro de ponderações", onde conversara com ela quando a notícia do roubo chegara a eles. Ela não pareceu surpresa ao vê-lo se aproximando. Como antes, Kiry optara pela forma humana, e recostava-se na árvore brilhante, sem sentir frio, apesar de estar vestida com um leve vestido azulado sem mangas.

O dragão azul pousou na plataforma suspensa, transformou-se também em sua forma bípede, e segurou a mão que Kirygosa estendeu enquanto ele se sentava ao lado dela.

Não disseram nada por um longo tempo. Finalmente, Kalec falou:

— Não vi ninguém fazendo a ronda. Kirygosa assentiu com a cabeça.

— A maior parte deles se foi — contou ela. — Todo dia alguém decide que o seu lar não é mais aqui.

Kalec, em meio à dor, fechou os olhos.

— Eu me sinto como se tivesse falhado, Kiry — confessou Kalec, suavemente. — Falhado em tudo. Falhado como líder, falhado em recuperar a íris Focalizadora, falhado com Jaina... Falhado até em perceber o quão ferida ela ficou pelo que aconteceu em Theramore.

A dragonesa olhou para ele sem ter prazer algum em seus olhos.

— Está com ela, então?

— Não sei. Não consigo mais sentir, não com clareza. Mas... acho possível.

Ela sabia o quanto aquelas palavras custavam a ele, e lhe apertou a mão.

— Se serve de consolo, não acho que você estava errado por tê-la amado. Ou por ainda amá-la. Você tem um grande coração, mas ele também precisa ser sábio.

— Sabe — comentou o meio-elfo, tentando fazer graça —, há quem diga que eu e você faríamos um belo casal. E assim eu pararia de procurar o tipo errado de mulher!

Kiry riu, recostando a cabeça no ombro dele.

— Não nego que, um dia, você fará um belo casal com alguém, Kalecgos, mas não será comigo.

— E lá se vai a minha última esperança de ser um dragão normal! — Todos os dias agradeço por você não ser — afirmou Kiry, e o coração de Kalec sentiu-se pleno com a afeição nos olhos dela. Ele a amava. Mas era um amor fraternal. Kalec suspirou, e a melancolia voltou a tomar conta dele.

— Ah, Kiry, estou perdido. Não sei o que fazer.

— Eu acho que você sabe exatamente o que fazer. Conhece o seu caminho. Você está em uma encruzilhada, meu caro amigo. Como todos nós. Os azuis precisam que você os lidere com sabedoria, ou... precisam ser livres para encontrar os próprios caminhos, para se tornarem os líderes das próprias vidas. Nós realmente temos um propósito mais elevado do que nossos deveres para conosco? Talvez as raças mais jovens também tenham o direito de serem líderes das próprias vidas. De fazer as próprias escolhas... e aguentar as consequências.

Como fez Garrosh, pensou Kalec, e como Jaina está se preparando para fazer.

— Mudanças — sussurrou Kalec, lembrando-se do que dissera a Jaina certa vez. Há um ritmo, um ciclo para coisas assim. Nada permanece igual, Jaina. Nem mesmo dragões, tão longevos e supostamente tão sábios.

Supostamente.

— Aonde você irá? — perguntou Kalec com calma, contando a Kirygora sua escolha com estas três palavras.

— Eu não explorei o mundo como você. Ouvi dizer que há oceanos cálidos, não cobertos de gelo. Brisas com aromas doces, não frias e congelantes. Gostaria de ver tais lugares. De encontrar outro poleiro de ponderações.

Não havia mais necessidade de palavras. Ela se levantou, como se estivesse apenas esperando que ele a liberasse. Kalec também ficou de pé, e os dois se abraçaram com força.

— Adeus por enquanto, querido Kalec — despediu-se. — Se precisar de mim, me procure em lugares de clima tropical.

— E se precisar de mim, vá ao último lugar onde um dragão poderia estar. Tenho certeza de que estarei lá.

Doeu no peito dele vê-la se transformando, sentindo o vento por debaixo das suas asas e voando para o alto, dando adeus com um rodopio e, então, se dirigindo para o sul.

Meia hora depois, Kalecos se viu só no topo do Nexus. Teralygos, seu antigo adversário que se tornara um amigo, tinha sido o último a partir. Fora para nordeste, diferente de Kirygosa. A silenciosa paz das terras frias, o tradicional lar dos azuis era o que desejava o velho dragão.

Nenhum dos outros dragões ficara surpreso com a decisão, nenhum deles parecia culpá-lo. Mudança. Ela viera, e toda luta e resistência no mundo, todos os protestos, todos os desejos de que as coisas continuassem a ser como eram tinham sido em vão. A mudança viria. O que faria com ele, o único cidadão de um reino agora vazio? Qual seria o seu caminho?

Tudo muda, Jaina, de dentro para fora ou de fora para dentro. Às vezes basta uma mudança minúscula numa única variável, dissera Kalec certa vez à mulher por quem ele se apaixonara.

Nós somos magia também, foi o que ela respondeu.

— Sim — sussurrou ele. — Nós somos. E assim, ele soube o que tinha que fazer.

Jaina fizera o possível para se disfarçar e viajara para Vila Catraca usando métodos comuns em vez de simplesmente se teleportar. Ao chegar lá, comprou um grifo de um viajante que parecia abandonado pela sorte e voou para o sul. Sabia que sobrevoava o caminho que a Horda tomara para invadir Guardanorte, e deixou aquela informação amarga aumentar sua raiva.

Quando apareceram as ruínas da Fortaleza de Guardanorte, agora ocupadas pela Horda, a grã-senhora sentiu um nó na garganta. A fúria da maga apenas cresceu com a visão das bandeiras pretas e vermelhas

dos soldados da Horda que haviam ficado como guardas, enquanto o resto das embarcações formava o bloqueio.

Jaina pousou o grifo e desmontou, segurando com muito cuidado a pequena bolsa que sempre levava consigo. Então, deu uma palmada no traseiro leonino do grifo. O animal bateu as asas com irritação, e Jaina assentiu com a cabeça. Ele logo encontraria o caminho de volta à Vila Catraca e seria a nova montaria de alguém, que ficaria muito satisfeito. Jaina não precisava mais do animal. A maga encarou o leste e sussurrou um feitiço de teleporte. Alguns segundos depois, Jaina estava na Ilha da Peleja.

— Oi, mocinha — cumprimentou uma voz grosseira. O humano que se dirigia a ela vestia calças com a barra cortada, camisa aberta e segurava um alfanje. — Veio brincar com os piratas, é?

Jaina encarou o humano com seus olhos brancos fulgurantes.

— Não tenho tempo para isso — desdenhou a maga. Distraidamente, ela lançou uma bola de fogo no bandido. Ele gritou enquanto o corpo pegava fogo, deu alguns passos cambaleantes, e, então, caiu, retorcendo-se.

Jaina não se comoveu, voltando a atenção aos colegas do sujeito, que avançavam, gritando de raiva. Não eram da Horda, não todos, mas eram assassinos cruéis e não mereciam que ninguém chorasse por eles. Implacável, Jaina atravessou o acampamento, lançando fogo, gelo e energia arcana naqueles que tentavam matá-la. Dizimou humanos e trolls, anões e um ogro ridículo, que usava um chapeuzinho minúsculo sobre a careca.

A maga exterminou todos os piratas em todos os prédios, de modo a não ter distrações. Jaina virou-se para o norte. Ela segurou a íris Focalizadora, perfeitamente miniaturizada graças às informações obtidas na leitura atenta do livro roubado da biblioteca de Dalaran, e começou a tecer seus planos.

A Harmonia Telúrica estava exaurida. Os elementos pareciam mais raivosos do que o normal e, apesar de ninguém dizer tais palavras em

voz alta, Thrall tinha certeza de que não era o único a se perguntar se o empenho deles não estava começando a ser menos eficiente.

Não fazia sentido algum. O progresso tinha sido muito lento, era verdade, mas tinha sido também mensurável e consistente. O exausto xamã voltou ao acampamento, precisando de comida e descanso. Muln Terrafúria, o líder anterior da Harmonia Telúrica, parecia ser o mais afetado.

Aggra olhou para o tauren, franzindo a testa, e confessou:

— O silêncio me incomoda. Estamos todos pensando a mesma coisa, mas ninguém diz. Venha, vamos falar com Muln.

Thrall sorriu e balançou a cabeça.

— Nós pensamos de forma parecida, minha querida, mas você sempre é a primeira a estimular a ação.

Aggra encolheu os ombros.

— Crescer em Nagrand ensina você a agir rápido ao perceber problemas — retrucou ela, apertando a mão do companheiro enquanto saíam andando.

Muln olhou para os dois orcs e suspirou, antes de afirmar:

— Já sei o que vão dizer. E não sei por que parecemos estar andando para trás. Os elementos estão tão perturbados, e tem sido assim há tanto tempo, que está difícil ouvi-los claramente.

— Talvez devêssemos... — Thrall começou a falar, a dor lhe abateu o corpo, e ele caiu de joelhos, apertando a cabeça.

Aggra agachou-se ao lado do companheiro e pôs as mãos nos seus ombros.

— Go'el, o que foi? — gritou.

Os lábios dele se moveram, mas nenhum som saiu. O rosto de Aggra foi sumindo. Thrall não viu nada por um momento e, de repente, viu demais.

Uma água azul-esverdeada, fria e raivosa, caiu sobre ele. O orc sufocou, ofegou, lutou para respirar. A água o jogou para cima e para baixo, para um lado e para o outro. Era uma grande onda e, ainda assim, Thrall viu aqui e ali pequenos olhos furiosos, a forma de um

braço, de uma cabeça, o brilho de grilhões. Aquilo era mais do que uma simples onda do oceano. Thrall estava à mercê de elementais escravizados.

Ele não estava sozinho. Havia dúzias, centenas de orcs que também haviam sido apanhados pela onda, todos lutando para sobreviver. Além da água, os escombros também eram um perigo. Uma mão feita de mar puxou Thrall para baixo, e ele viu, abaixo dele...

Os telhados de Orgrimmar! Como era possível? Mas podia ver o portão, os escombros dos andaimes de ferro que Garrosh havia erguido, conforme lhe contaram.

— Ajude-nos — sussurraram as vozes.

Thrall não conseguia respirar. Sentiu a água enchendo seus pulmões.

— Ajude-nos. Não queremos fazer isso!

O orc sentiu um tremor na mão de água que o segurava, como se ela estivesse lutando contra alguma coisa, e, então, o soltou. Thrall foi lançado para a superfície, tossindo e ofegando no ar puro.

— Acabe com isso. Ou então seu povo será massacrado por nós, enquanto sofremos e lamentamos, e viveremos para sempre na escravidão.

Thrall recobrou os sentidos e, ainda tossindo, perguntou:

— Onde?

Nenhuma resposta lhe preencheu a mente, mas uma imagem surgiu: um pedaço de terra ao largo da costa dos Sertões Setentrionais. Era um local um pouco distante de Orgrimmar, mas para o oceano isso pouco importava, pois as águas tocavam todo o litoral.

— Go'el! — chamou a amada voz, puxando o orc para o presente. — Go'el!

A apavorante imagem de cadáveres afogados e de uma cidade arrasada desapareceu. Thrall piscou os olhos, sentindo-se aliviado ao ver o rosto de Aggra, em vez da visão. A companheira sorriu e lhe fez um carinho na bochecha.

— O que viu, meu amigo? — indagou Muln, enquanto outros se juntavam a eles. Thrall tentou se levantar, mas o tauren o fez sentar novamente.

— Descanse e fale. Depois, levante-se e coma.

— Você está certo, Muln, claro — concordou Thrall. — Os elementos me concederam uma visão que pode explicar por que ficaram tão perturbados, e tão subitamente.

De forma rápida e sucinta, mas sem omitir qualquer detalhe importante, o orc contou ao grupo o que havia testemunhado.

— Você conhece a ilha? — perguntou Nobambo.

— Sim — respondeu Thrall —, é a Ilha da Peleja, a sul de Durotar. Os xamãs trocaram olhares.

— Se os elementos pediram ajuda assim, tão enfaticamente, temos que atendê-los — afirmou Muln.

Nobambo, no entanto, balançou a cabeça negativamente e retrucou:

— Não. Se quisessem a ajuda de todos nós, então todos teríamos visto o que Thrall viu. Eles sabem que não podemos sair daqui. Mas... o fato é que pediram ajuda.

O orc fez que sim com a cabeça lentamente. Aggra parecia doída, mas resignada.

— Eles falaram comigo — percebeu Thrall. — Só comigo. Sou eu quem precisa atender a esse chamado e deter a matança do meu povo. Aggra, minha amada, você sabe que eu a levaria junto, mas...

Aggra sorriu, mostrando as presas, e confortou o companheiro:

— A tarefa é sua, Go'el. E mato qualquer um que ousar dizer na minha frente que você não é digno dela.

O orc abriu um sorriso débil. "Digno", com certeza. Digno de libertar centenas de elementais da água escravizados, para que eles não apaguem uma cidade inteira do mapa? Ele esperava que sim. Os elementos eram sábios, e ele confiava no julgamento deles. Thrall se pôs de pé, abraçou a companheira e, então, se dirigiu para sua pequena tenda para preparar os poucos objetos que seriam necessários para a viagem. Voljin já vira o bastante.

Quando soube do "acidente" na Estalagem Monte Navalha, o troll tomou o fato como um sinal. Ele não estava disposto a arriscar que seu povo sofresse outros "acidentes". Voljin estimava Thrall havia muito tempo, e quando o orc insistiu para que permanecesse na Horda, ele concordou. A cautela também influenciou essa escolha, apesar do insulto de Garrosh, que forçou os trolls a viverem nos cortiços. Agora, habitavam as Ilhas do Eco, ainda perto demais do perigo.

Mas talvez tivesse chegado a hora de bater em retirada. Ou, no mínimo, de começar a planejar uma. Garrosh e a Horda "leal" — aqueles que bebiam nas tavernas de Orgrimmar, e não nas de Monte Navalha — ainda estavam se autoelogiando pelos seus atos desprezíveis. Os Korkron, ou pelo menos Malkorok, aquele ser vil, deixaram muito claro que eles estavam tão certos da vitória que até matariam qualquer membro da Horda que ousasse falar mal de Garrosh em público e, presumivelmente, em particular.

Sob o comando de Thrall, a Horda fora boa para os trolls. Mas agora... Voljin havia perdido muitos de seus melhores soldados nas duas últimas batalhas. E esse era o pagamento que ele receberia? Não. Era hora de ir para casa, pelo menos por enquanto, já que estava tão perto do lar. Hora de mergulhar na meditação e ver o que os loas teriam a dizer. Voljin lembrou-se do que dissera a Garrosh algum tempo antes, que o orc deveria governar com um olho nas costas — e que, em seus últimos instantes de vida, o chefe guerreiro saberia exatamente quem o executara.

A decisão lhe pareceu correta. Antes mesmo de chegar às Ilhas do Eco, encontrou uma canoa. O xamã que vinha à popa manteve os braços estendidos, e a água logo abaixo da canoa movia-se mais rápido do que o normal. Estava usando os elementos para chegar ao líder o mais rápido possível.

Voljin nem precisou esperar até que o outro barco se aproximasse. Pedindo que os loas levassem sua voz para longe, perguntou:

— Que foi, cara? O que que está pegando?

— A Aliança! Tão vindo para cá! Um montão deles! Garrosh rosnou de raiva e jogou a caneca sobre a mesa:

— Aliança? Aqui? Nosso serviço de inteligência disse que estavam se reunindo na Costa Negra!

O azarado troll que fora designado para dar a notícia ao chefe guerreiro recuou ligeiramente, ainda que a caneca não tenha sido arremessada em sua direção.

— Disso eu não sei, mas eles estão na Baía Carpunhal. Tem um monte de navio. O que que tu quer que a gente faça?

Garrosh se recuperou da explosão quase que imediatamente.

— Diga a Baine para enviar druidas para todos os portos sitiados por nós. Nossa frota precisa ser redirecionada imediatamente. E Guardanorte, mande que voltem, até o último navio! Agora!

E, então, para surpresa do troll mensageiro, um sorriso ardiloso se abriu no rosto de Garrosh, que continuou:

— E todos os magos... Tragam-nos aqui. Meu plano funciona tanto na Baía Carpunhal quanto na Costa Negra.

Varian estava no convés do Leão das Ondas, que se aproximava de Kalimdor. O xamã draenei havia feito um trabalho fenomenal pedindo ajuda ao vento e às ondas, e assim a frota cruzou o oceano com vento favorável e mar de almirante. Estavam agora a poucas milhas da Baía Carpunhal. Varian era o comandante das tropas da Aliança, mas não o capitão do Leão das Ondas, e tomou cuidado para não interferir no trabalho de Telda Punhopétreo. Isso foi fácil, no entanto: Telda sabia o que estava fazendo e, do alto de sua baixa estatura, fazia todos os marinheiros pularem assim que gritava uma ordem.

Varian caminhou a passos largos na direção da capitã. O vento jogava água do mar nos cabelos de ambos. Telda entregou-lhe uma luneta:

— Já dá para ver a cara da baía.

Ele espiou pela luneta. Havia apenas um navio no cais, mas sabia que abrir caminho até Orgrimmar seria difícil.

— Parece que o navio que está no cais é de construção goblínica.

— Então um tiro certeiro vai jogar essa canoa furada pelos ares — desdenhou Telda, rindo.

Varian sentiu uma ponta de desconforto. Era um resquício de Lo'Gosh, um aguçamento de todos os sentidos, até mesmo dos que iam além dos cinco normais. Ele virou o rosto em direção ao vento, sentiu-lhe o cheiro, e, então, olhou outra vez pela luneta. Havia apenas mar e céu, diferentes tons de azul.

Lentamente, Varian girou o corpo para ver em todas as direções. Céu azul, mar azul...

Algo que não era azul. Um ponto no horizonte.

— Ali! — gritou. — Navios!

De alguma forma, Garrosh havia se antecipado a ele.

— Toda a tripulação para os postos de combate! — berrou Telda, com uma voz muito mais alta do que o pequeno corpo poderia sugerir.

Todos começaram a agir. Imediatamente, os bem-treinados fuzileiros pularam para os canhões. Magos escalaram o cordame, o melhor lugar para lançar as devastadoras bolas de fogo que levavam caos a veleiros de madeira. Os xamãs correram para as laterais do navio, o ponto mais perigoso, para invocar a ajuda dos elementos e mostrar-lhes que eles próprios estavam dispostos a arriscar a vida.

As cornetas soaram, e, um a um, os navios que seguiam para leste guinaram para o sul, prontos para enfrentar a ameaça. Varian subiu no cordame também, segurando-se com uma mão, enquanto a outra levava a luneta ao olho.

Vários navios seguiam em direção à armada de Varian, mas os inimigos estavam em número claramente menor. Varian fez um sinal positivo com a cabeça. Ele não imaginava como Garrosh os havia detectado.

Talvez algum barco de pesca em alto mar os tivesse visto e voltado às pressas para dar o alerta, mas pouco importava. O importante era saber que a Horda havia se concentrado no cerco, e estava indo com tudo que tinha contra a Aliança. O que não era muito.

— Jaina — murmurou ele, descendo rapidamente ao convés —, você estava certa em pelo menos uma coisa. E possível que tudo acabe aqui e agora.

De início, uma atmosfera quase eufórica se espalhou entre todos. Estava claro que a Horda havia acreditado nas informações erradas espalhadas pelos espiões da Aliança, e que sua esquadra estava ocupada vigiando partes do litoral que jamais seriam atacadas. Os poucos navios da Fortaleza da Guardanorte representavam pouco mais do que alvos de prática de tiro. E a Baía Carpunhal, tranquila, silenciosa e quase maçante, explodiria agora num campo de batalha.

Sem parecer se importar com a própria segurança, Varian escalou o cordame outra vez e olhou o oceano. Avistou três ou quatro navios se esforçando em alcançar a armada o mais rápido possível. As velas inimigas estavam, como as dele, infladas pelo vento; afinal, a Horda reunia xamãs desde muito antes do que a Aliança, e eles certamente estavam sendo duramente exigidos.

— Virar a bombordo! — berrou Telda.

Varian agarrou as cordas com força, enquanto o navio guinava rápido para a esquerda, posicionando-se de frente para a ameaça, a sul. Por um instante, ele quase — quase — sentiu pena da tripulação dos navios que seriam arrasados pela Aliança em breve.

— Fogo!

O Leão das Ondas tremeu com o som de todos os canhões disparando ao mesmo tempo, explodindo as entranhas sobre o inimigo. Algumas balas caíram inofensivamente na água, mas a maioria atingiu em cheio o alvo, a nau capitania. Gritos de comemoração ecoaram quando o casco do navio inimigo revelou-se estar completamente perfurado.

Logo a madeira começou a se reconstituir. Parecia que, além de xamãs experientes, a tripulação inimiga também incluía druidas habilidosos. Varian praguejou e logo desceu do cordame, chegando ao convés num pulo.

— Bruxos, em posição! — ordenou.

Havia sempre um incômodo no ar quando seres que lidavam com demônios eram obrigados a trabalhar pelo bem da Aliança, mas eles dominavam certos feitiços, e certas criaturas, cuja eficácia era inegável. Os bruxos apressaram-se para as laterais, com suas vestes de tons escuros farfalhando ao vento, e invocaram seus lacaios. Ergueram os braços e, em uníssono, começaram a entoar seus feitiços dissonantes.

Disparos constantes e pungentes foram direcionados para a já abalada nau capitania. Demônios pequeninos e tagarelas, conhecidos como diabretes, foram enviados para dançar sobre o convés inimigo, atijando o fogo para lá e para cá. Eles pareciam gostar de toda aquela destruição, mas isso era apenas um efeito adicional.

— Magos! — berrou Varian, com os olhos vidrados no navio da Horda.

Bolas de fogo gigantescas juntaram-se à letal chuva de chamas. Os canhões rugiram mais uma vez, e a capitania não resistiu mais. O alvo partiu-se em dois, e Varian viu, satisfeito, vários soldados inimigos saltando freneticamente nas águas da baía. Outros tantos iam a pique com o navio.

O Leão das Ondas, vitorioso, virou-se lentamente para o outro lado. Os xamãs redirecionaram o vento, e o navio voltou-se para o próximo alvo.

— Um já era, só faltam três! — vociferou Telda. — Vamos lá, meus camaradas! Ao pôr do sol já estaremos jantando em Orgrimmar!

E, naquele exato instante, uma nuvem cinzenta encobriu a nau capitania.

Varian praguejou. Aquilo era magia xamanica. Logo, no entanto, os bruxos começaram a reagir, enviando orbes verdes e incandescentes para além do alcance daquela neblina conjurada e trazendo-os de volta. Uma das bruxas, uma humana aparentemente jovem demais para a brilhosa cabeleira branca que lhe caía pelos ombros, chamou Varian:

— Majestade, estão fazendo algo com o mar. As águas estão se agitando furiosamente. Não consigo entender direito o que está

acontecendo.

Mais disparos de canhão se seguiram, e, desta vez, Varian não sabia que navios estavam atirando e que navios estavam sendo alvejados. Então, houve um terrível estalo. Não se tratava do ruído de navios se partindo sob balas de canhão, mas de algo novo e horrível, que estava ali, e que não podia ser visto. Subitamente, Varian compreendeu que, mesmo em menor número, as forças da Horda eram muito mais perigosas do que ele antecipara.

25



Foi demorado, mais demorado do que Jaina gostaria. Mas ela tinha que ser cuidadosa. Como Antônidas havia ensinado. Quem faz tudo correndo na hora do estudo e da execução dos feitiços arrisca não conseguir resultado algum, na melhor das hipóteses, ou causar um desastre, na pior delas. E tão perigoso quanto sair para a batalha com um tipo de arma que você nunca usou antes, explicara Antônidas, mostrando que era preciso ser cauteloso.

Assim, Jaina sentou-se numa das colinas da Ilha da Peleja e revisou tudo que o tomo roubado tinha a ensinar sobre a íris Focalizadora. Ela pensou no que Kalec havia mostrado sobre magia, como era lógica e precisa, e também sobre o que o livro afirmava, que a energia arcana era tão semelhante a um elemento que poderia muito bem ser um, para todos os fins mágicos. Na medida em que lia, Jaina inconscientemente tocava a superfície da íris Focalizadora, que continuava fresca mesmo debaixo do sol quente.

Jaina já fizera alguns experimentos com o artefato, todos bem-sucedidos. O novo tamanho do artefato, bem menor, era uma prova disso.

A maga fez com que a íris voltasse ao tamanho normal e começou a realizar outros testes. Pouco dormiu e só se alimentou de comida conjurada. Depois de dois dias tentando domar a impaciência, e encorajada pelo que conseguira fazer, Jaina finalmente sentiu que estava pronta. Assistiu, apertando os olhos, à Horda despachar a maioria de seus navios de guerra fundeados na Fortaleza da Guardanorte. Jaina esperava que fossem para Orgrimmar. E ficou satisfeita ao pensar nisso. "Isso. Voltem para casa", pensou.

A maga virou-se para o oceano, e deixou a brisa salgada agitar seus cabelos brancos. Depois, concentrou-se, pondo as mãos sobre a íris Focalizadora. Se havia entendido bem, o artefato era um canal de energia arcana, e, nas mãos certas, se tornava uma lente que amplificava essa energia. Jaina sentiu uma vibração fria. E então, de repente, uma fenda estreita se abriu na superfície do artefato. Como um olho, ele começou a se abrir.

Jaina se espantou, mas não quebrou o contato com a superfície. Enquanto ela comandasse o fluxo da magia, o artefato obedeceria. Então, com um lampejo intenso, um feixe de luz saiu da íris Focalizadora em direção ao mar.

Enquanto segurava a íris com uma das mãos, Jaina levantou a outra e fez os movimentos já conhecidos de um certo feitiço.

Antes, esse feitiço criava um único elemental. Agora, num piscar de olhos, eram dez. Dez elementais da água aprisionados, reluzentes e parados sobre o mar. Seus olhos faiscavam, e os apêndices que seriam os braços estavam presos com grilhões.

Jaina riu. E depois fez mais. Muitos mais, até que quase não fosse mais possível enxergar a água não encantada. Normalmente, um trabalho desses estaria além das forças de Jaina e, mesmo se não estivesse, naquele momento ela estaria tremendo de exaustão. Porém, agora a maga se sentia tão forte quanto no início. A íris Focalizadora fizera todo o trabalho. Não é de se admirar que a Horda a cobiçasse tanto, e dava para entender porque Kalec ficou tão preocupado quando foi roubada.

Por um instante, a concentração de Jaina se dispersou. A imagem do dragão azul, belo em ambas as formas, apareceu na mente da maga. Ela lembrou da doçura e do riso de Kalec, e como o coração dela parecia parar quando ele beijava sua mão.

Mas foi apenas por um instante. Com a expressão fechada, Jaina voltou a atenção aos elementais da água. Já não havia lugar para riso e gentileza no seu mundo. Não enquanto ainda houvesse um único orc respirando.

Com pouco mais do que um pensamento e um contrair de dedos, Jaina reformou os poucos elementais que começaram a perder coesão por causa da falta de atenção dela. Agora, vamos iniciar a vinculação.

Ela não tinha feitiços para isso. Até onde sabia, não existia um feitiço assim. Mas a íris Focalizadora não parecia ser limitada por tais trivialidades. Jaina concentrou-se profundamente em sua intenção, entrelaçando os dedos de maneiras que lhe ocorreram naturalmente.

E a íris Focalizadora — e os elementais — obedeceram.

Os seres da água começaram a se fundir, milhares deles, sem perder a integridade, mas se adaptando e se tornando parte de uma outra forma, grande e única. Jaina sorriu. Com o coração a mil ao contemplar o próprio sucesso, a maga conectou os elementais, aproximando-os cada vez mais. Os milhares de elementais, que antes dançavam sobre a superfície do mar, formavam agora uma única onda.

Um tsunami.

Que crescia e crescia, e ficava cada vez maior. Ao levantar a mão, Jaina fez com que a onda se erguesse. Na enorme parede de água, ainda era possível ver os olhos e grilhões de cada um dos seres. Mas os elementais não se separariam, não enquanto ela os mandasse ficar juntos.

A maga não tinha pressa. A distancia dali até o destino do vagalhão não era pequena. Jaina precisaria de muitos elementais, e teria que manter um controle magistral se quisesse ter êxito. Finalmente, ela

estava quase pronta. Só faltava juntar mais alguns, crescer só mais uns três metros, ou talvez mais uns seis...

— Jaina! — exclamou uma voz profunda e retumbante, adornada de alegria e dor.

A onda perdeu estabilidade quando Jaina se virou, segurando firmemente a íris Focalizadora com uma das mãos.

— Thrall! — gritou Jaina de volta. Ela deliberadamente não usou o "verdadeiro nome" dele. — O que está fazendo aqui?

A alegria se desvaneceu no rosto de Thrall.

— Estou tão feliz que esteja viva, velha amiga. Mas fui chamado aqui... Para detê-la.

Velha amiga, foi como ele a chamou. Era isso que eles eram, não é verdade? Amigos que trabalharam lado a lado, para acabar com guerras e salvar vidas, tanto da Horda quanto da Aliança.

Mas já não podiam mais ser amigos.

O Martelo da Perdição permanecia amarrado às costas de Thrall enquanto ele andava em direção a ela, com os braços estendidos em súplica.

— Tive a visão... de um tsunami lançado contra Orgrimmar. Um tsunami originado aqui. Por isso vim, atendendo às súplicas dos elementais para que eu não deixasse isso acontecer. Nunca imaginei, nem em meus sonhos nem em meus medos, que encontraria você viva. Ainda mais por trás deste desastre horrível, prestes a acontecer. Por favor, Jaina, liberte-os. Deixe-os ir.

— Não posso — respondeu a maga, com a voz embargada. — Tenho que fazer isso, Thrall.

— Soube do que aconteceu em Theramore — contou o xamã, ainda caminhando lentamente em direção a ela. — Estou sofrendo como você por causa de tantas mortes brutais. Mas fazer a Orgrimmar o que a Horda fez a Theramore não trará ninguém de volta, Jaina. Só ceifará mais vidas inocentes.

— Você está sofrendo? — questionou Jaina, entredentes. — A culpa pela destruição de Theramore é sua, Thrall! Você deixou Garrosh no

comando da Horda! Implorei para que voltasse e o tirasse do poder. Eu sabia que ele ia fazer algo terrível algum dia, e foi o que aconteceu. Foi Garrosh quem fez aquilo, mas a culpa é sua por deixar o poder nas mãos dele!

Thrall ficou em choque, paralisado com as palavras de Jaina.

— Então me culpe, Jaina. Os ancestrais sabem que eu me culpo. Mas não tente se vingar da queda de Theramore matando o meu povo!

— Povo? — repetiu Jaina. — Não consigo chamar os orcs assim. Eles não são povo. São monstros. Assim como você! Meu pai estava certo, e só percebi isso depois que uma cidade inteira foi massacrada. Estava cega sobre o que os orcs são, por sua causa. Você me enganou e me fez acreditar que poderia haver paz, que os orcs não eram animais sedentos de sangue. Mas você mentiu. Isso é guerra, Thrall, e a guerra fere. A guerra é vil. Mas foi você que começou! A sua Horda destruiu Theramore e agora sitiou as cidades da Aliança em Kalimdor. Populações inteiras foram feitas reféns e estão sendo atacadas. Então, enquanto estamos aqui, Varian está liderando a luta para romper o cerco. Assim que eu tiver completado a minha tarefa, vou ajudá-lo. E, então, vamos ver quem é refém de quem! Mas antes disso, vou destruir a cidade que homenageia Orgrim Martelo da Perdição, na terra que tem o nome do seu pai!

— Jaina! Por favor, não faça isso!

Com um sorriso de desdém e um simples movimento de pulso, Jaina libertou o tsunami.

Um som terrível, o grito de centenas de elementais escravizados, cortou o ar enquanto a onda rumava para o norte.

* * *

— Não! — urrou Thrall, agitando os braços desesperadamente e implorando em silêncio, Espírito do ar, detenha-os! Não permita que sejam usados para matar tantos inocentes.

O xamã mexeu na algibeira e tocou as pequenas estatuetas que representavam os elementos, cujas essências se manifestavam em imagens pulsantes e brilhantes. Um desses totens apareceu a seus pés,

enquanto o ar atendia de bom grado ao seu chamado. O vento que começou a soprar subitamente se enroscou no tsunami, na tentativa de contê-lo.

Jaina rosnava e gesticulava. Os elementais gemiam em agonia, lutando contra a resistência do vento. Thrall grunhiu e tremeu com o esforço. Jaina era uma maga poderosa, mas não forte o bastante para resistir ao orc, muito menos suplantar a vontade dos elementos. Thrall nunca tinha visto a íris

Focalizadora, mas conhecia a aparência do artefato. A íris direcionara as agulhas de mana que puxaram magia arcana das linhas de meridiano de Azeroth para o Nexus. Ela dera vida a um dragão cromático de cinco cabeças. E agora estava sob o poder de uma maga magistral.

Thrall percebeu amargamente que havia entendido tudo errado. O espantoso não era o fato de Jaina estar mais forte do que ele, mas o fato de ele conseguir resistir às forças da maga por um segundo que fosse.

— Jaina — chamou Thrall entredentes, cerrados pela tensão do corpo —, sua dor é justificada. O que foi feito é uma atrocidade. Mas a vida de crianças não pode ser sacrificada para pagar pelo que Garrosh fez!

A cabeça branca da maga, coroada por uma única mecha dourada, virou-se para Thrall, e os olhos lúgubres o encararam friamente. Jaina abriu os dedos e estendeu a mão para a frente. Thrall foi jogado para trás, atingido por uma força que brilhava em tons de lavanda e branco. Sua visão ficou turva por um segundo, e ele aterrissou de costas na areia, resfolegando. O corpo do xamã estremecia por inteiro, mas ele se forçou a levantar e direcionou sua energia para o tsunami.

O objetivo do ataque não fora enfraquecer seu domínio sobre os elementos. Fora matar. Thrall não poderia fazer o mesmo, não ainda, não a Jaina, que havia sido, e poderia voltar a ser, uma grande amiga. Assim, ele tinha uma desvantagem que ela não tinha.

Thrall pediu auxílio ao espírito do ar novamente. Uma rajada de vento, furiosa como um furacão, atingiu a maga tão fortemente que a

jogou para trás, lançando-a sobre a areia. Sua mão foi arrancada da íris Focalizadora, e o redemoinho lhe roubou as palavras de comando da boca.

Thrall se valeu desses preciosos segundos para concentrar toda a atenção no paredão de água.

— Espírito da água, lute contra este feitiço que o escravizou. Tome minha força, use-a para...

Thrall ouviu e sentiu o fogo atrás de si. Lamentando ter que fazer isso, voltou a súplica aos espíritos da água para os espíritos do fogo. O xamã rodopiou com as mãos levantadas, fazendo o possível para se proteger da gigantesca bola de chamas que ia em sua direção. O Espírito do Fogo estava raivoso e atormentado, e, por um momento, Thrall temeu não conseguir fazer-se ouvir pelo elemental a tempo. Defensivamente, o xamã lançou em torno de si três orbes de água, que o energizaram. O orc não conseguiu evitar que seus olhos se fechassem enquanto se preparava para a dor e o calor calcinante. No último segundo, a imensa bola rodopiante pareceu se romper, e chamas voaram em todas as direções. Apenas algumas atingiram o xamã, mas queimaram suas vestes e sua carne dolorosamente.

— Não vou deixar que você me detenha! — berrou Jaina, que estava apoiada nos joelhos e nas mãos, engatinhando em direção à íris Focalizadora.

Antes que Thrall conseguisse reagir e dispersar os ruidosos elementais que formavam o tsunami, a maga agarrou o artefato com uma das mãos, fortalecendo o feitiço. Com a outra, torceu os dedos num movimento de comando. Os globos de água em torno de Thrall foram arrancados da sua órbita protetora, deixando-o atordoado. Os globos ficaram maiores, grilhões mágicos apareceram em "braços" recém-criados, e então os seres se juntaram a seus afins, passando a obedecer a Jaina. Thrall percebeu, assim, que a íris não apenas dava mais poder aos feitiços de Jaina, mas também concedia a ela poder sobre os feitiços dele.

— Entendeu, Thrall? Entendeu contra o que está lutando?

— Entendi, Jaina! — respondeu Thrall, reforçando os totens e concentrando-se em impedir que o tsunami fosse lançado. Se ela pudesse ouvir as palavras dele...

— Vejo que está ferida e sofrendo. Não se torne mais uma vítima do que Garrosh fez a Theramore. Eu posso ajudá-la!

— Ajudar? A mim? Talvez esteja ajudando Garrosh! Como posso saber se não está associado a ele? Talvez esse tenha sido o seu plano desde o início!

Thrall ficou tão pasmo com a acusação que titubeou ao proferir o feitiço. A enorme torre de elementais da água turbulentos avançou vários metros. Ele mal conseguiu retomar o controle sobre a onda, dedicando toda sua força de vontade para isso.

Um enorme pilar de fogo apareceu de súbito, girando furiosamente e levantando areia, que caiu sobre Thrall. O xamã sabia que não conseguiria dissipar isso, e quase toda sua energia estava concentrada em deter o tsunami.

O tsunami...

— Espíritos da água, permitam-me caminhar sobre vocês, e me recebam!

Com essas palavras, Thrall disparou da areia para a superfície da água, correndo tão rapidamente quanto em terra seca. O orc foi direto para a enorme onda, pretendendo usar os feitiços de Jaina contra ela própria, como a maga havia feito com ele. Ao se aproximar da muralha de água, Thrall pediu que o elemento o largasse. O xamã caiu como uma pedra no mar, e, sobre sua cabeça, a coluna de fogo de Jaina se chocou contra seu próprio vagalhão.

As chamas se extinguíram imediatamente, e a onda enfraqueceu bastante. Thrall mergulhou fundo, para longe do caos da superfície, e nadou a braçadas largas em direção à praia. Ao emergir do mar, viu Jaina tentando freneticamente reparar a onda, criando mais elementais e forçando-os a se juntar aos outros.

Pedindo auxílio ao Espírito da Vida, Thrall invocou dois seres espectrais, um par de lobos espirituais, translúcidos e nebulosos, mas

tão perigosos quanto os lobos mais corpóreos. Ele já havia criado manifestações como essas antes, porém, agora, com a ajuda do Espírito da Vida, os lobos estavam ainda mais fortes. Uivos ecoaram pela aragem marinha, e as criaturas fantasmagóricas pularam sobre Jaina, desviando-lhe a atenção da tarefa sombria.

— Você está apenas adiando o inevitável — vociferou Jaina, que, com um gesto, fez explodir a energia em tons de branco e lavanda em torno de si, conduzindo os lobos espirituais ao plano de onde Thrall os chamou. — Não pode me vencer. Não enquanto eu tiver a íris Focalizadora. Ela... — A raiva de Jaina se transformou em dor abruptamente. — Você não entende. Não viu. Não sabe o que isso causou a Theramore e a mim...

Para Thrall, a dor de Jaina era mais difícil de testemunhar do que o ódio. A maga ardia como uma grande ferida aberta e queria machucar aqueles que a fizeram sofrer. Acima de tudo, queria machucar aqueles que lhe deram esperança. Thrall encheu-se de compaixão pela antiga amiga, mas isso não abalou sua determinação.

— Você está certa — respondeu, provocando uma expressão de surpresa em Jaina. — Eu não estava lá. Mas vejo o que aquilo fez a você. O que Garrosh fez a você. Lute contra Garrosh. Não vou impedi-la de fazer isso. Mas não deixe que inocentes, crianças, Jaina!, paguem por ele! Você não vai apenas matá-las. Você vai matar o futuro!

— Aqueles que morreram terrivelmente em Theramore não terão futuro — devolveu Jaina. — Por que os orcs deveriam ter futuro, se eles não tiveram? Se Kinndy não teve, nem Tervosh, nem todas aquelas pessoas, todas boas e decentes? Por que qualquer um de nós deveria ter um futuro? — completou Jaina, como se falasse para si mesma.

E o tsunami se libertou.

Thrall arqueou as costas e ergueu as mãos. Seus músculos gritaram, e os pulmões trabalharam enquanto o orc concentrava toda força na contenção do vagalhão, que parou no meio do movimento, tremendo com tanta pressão, tal como o corpo do xamã. O Ar e a Água se viram num conflito indesejado por ambos. Thrall não guardou um

pensamento, uma palavra, um gesto para a própria proteção. Ele sentia a água lutando para se libertar, e sentia o ar lutando para contê-la.

O xamã estava inteiramente à mercê da mulher a alguns passos de distância, alguém que ele chamara de "amiga", mas que agora se esforçava para ser a encarnação da morte.

— Liberte o vento, Thrall! — ordenou Jaina, recolhendo uma das mãos, enquanto a outra permanecia sobre a íris Focalizadora. A energia arcana circundou em torno da maga, balançando suas vestes e o cabelo branco. — Ou o matarei agora mesmo, e você fracassará de qualquer forma!

— Faça isso então! — desafiou Thrall, ofegante. — Me mate! Negue tudo que antes lhe dava integridade e compaixão! Eu não permitirei que esta onda atinja Orgrimmar, não enquanto estiver vivo!

Por um instante, Jaina pareceu hesitar em seu propósito. Mas logo sua face endureceu.

— Que assim seja — murmurou, concentrando energia na mão. Uma sombra desceu sobre ambos, e antes que pudessem compreender o que estava acontecendo, uma forma reptiliana aterrissou na areia. A gigantesca figura azul se interpôs entre o orc e a humana e berrou:

— Jaina! Não faça isso!

Thrall mal podia acreditar. Kalecos, ali! Como os havia encontrado? Imediatamente, o xamã percebeu a resposta. O dragão azul estava procurando a íris Focalizadora. E a busca havia chegado ao fim. Kalec encontrara não apenas o artefato, mas também sua mestra brutal. Thrall agora tinha um aliado e continuou a canalizar toda a energia para conter o vagalhão fervilhante.

Jaina tropeçou quando Kalecos pousou na frente dela.

— Saia da frente, Kalec! — rosnou a maga, tentando se aprumar. — Esta luta não é sua!

Kalec transformou-se em sua forma humoide, mas permaneceu entre os adversários.

— Esta luta é minha. A íris Focalizadora não lhe pertence. É propriedade da Revoada Dragônica Azul. Ela foi roubada, e algo de terrível e covarde foi feito com seu poder. Não posso nem vou permitir que isso aconteça de novo.

— Isto não é covardia! — berrou Jaina. — Isto é justiça! Você voltou a Theramore, Kalec. Você viu o que restou de lá. Você não os conhecia como eu, mas Dolorae, Tervosh e K-Kinndy... Eram seus amigos também! Dela só restou areia, Kalec. Areia!

A voz da maga ficou embargada com essas palavras. Kalec não fez qualquer movimento hostil, ainda que Jaina mantivesse a posição de ataque.

Ainda que mantivesse a mão sobre a íris Focalizadora.

— Eu também perdi aqueles que amei — argumentou Kalec. — Entendo pelo menos um pouco da sua dor.

Ele deu um passo em direção a Jaina, estendendo a mão em súplica.

— Pare! Não se mexa! — Mais uma vez, a energia arcana ressoou sobre a maga. — Você não sabe nada sobre o que eu estou sentindo!

— Tem certeza disso? — Kalec parou de avançar, mas não recuou. — Me diga se isso diz soa familiar. A incompreensão inicial. A culpa, a hesitação, e, então, o torpor, porque você não suporta tudo isso junto. Você só aguenta um pouco de cada vez, como uma cortina que se abre devagar. A estranha surpresa a cada vez que percebe, e outra, e mais outra, que nunca mais verá aqueles que amou. E, então, vem a raiva. A revolta. O desejo de ferir quem feriu você. De matar quem os matou. Mas sabe de uma coisa, Jaina? Não funciona assim! Se inundar Orgrimmar, ainda assim Kinndy não estará esperando por você em Theramore. Tervosh não estará cuidando do herbário. Dolorae não estará amolando a espada, com aquela cara de brava mas feliz. Nenhum deles voltará.

O coração de Jaina se contraiu de angústia. Mas ela não poderia ouvi-lo, porque tudo que Kalec disse soou muito e dolorosamente verdadeiro. Ela não poderia concordar, porque então teria que deixar a raiva se esvaír.

— Eles vão ter companhia — disparou a maga.

— Então você deveria ter planejado se juntar a eles — retrucou Kalec, implacável —, porque não vai conseguir viver consigo mesma se completar seu plano. Porque, Jaina, tudo isso que descrevi, eu senti. Senti tão profunda e intensamente que nem consigo entender como o meu coração suportou e continuou batendo. Eu conheço a sensação. E... Também sei que tem cura. Uma cura que vem devagar, em etapas, mas vem. A não ser que você tenha feito algo contra si mesma, e aí sim você não conseguirá se recuperar. Pode acreditar em mim, se lançar essa onda sobre Orgrimmar, estará tão morta quanto aqueles por quem você diz estar de luto.

— Eu estou de luto! — gritou Jaina. — De verdade! Mal posso respirar, Kalec. Não consigo dormir. Eu vejo os rostos deles e, quando lembro de tudo, vejo seus cadáveres. A Horda precisa pagar por isso!

— Mas não pelas suas mãos, Jaina, e não assim. — A voz que se ouvia não era a de Kalecos, mas a de Thrall. Jaina fuzilou-o com o olhar. — Existe justiça e existe vingança. Veja a diferença entre ambas ou vai acabar traindo aqueles que a amaram.

— Garrosh...

— Garrosh é um ladrão, um covarde, um carrasco — interrompeu Thrall, calmo. — E você está fazendo exatamente o que ele fez, está a ponto de usar o mesmo artefato que destruiu Theramore. E isso que você quer? De verdade? Ser lembrada como alguém assim, mesmo pelo seu próprio povo?

Jaina cambaleou, como se tivesse sido atingida. Não, ele é um orc. E como todos os outros. O pai dela estava certo. Thrall estava tentando confundi-la. Ela balançou a cabeça nervosamente.

— Sei que estou fazendo o que é certo!

— Arthas fez o mesmo, quando massacrou a todos em Stratholme — retrucou Kalec. Jaina o encarou, pasma, sem acreditar no que ouvia. O dragão azul continuou, como se não tivesse percebido. — E ele pelo menos não agiu com ódio no coração contra aqueles que matou. Você

quer que o seu legado seja esse, Jaina Proudmore? Quer ser outro Garrosh, outro Arthas?

Jaina sentiu as pernas fraquejarem e se deixou cair na areia, sem soltar a íris Focalizadora. Sua cabeça estava em turbilhão, coberta de nuvens e angústia.

Arthas...

Não posso ver você fazer isso.

Foi o que Jaina tinha dito a Arthas, implorando que mudasse de ideia. A maga fugiu a cavalo com Uther, aos prantos, quando percebeu no que Arthas havia se transformado. Devagar, como se a cabeça pesasse uma tonelada, Jaina se virou para olhar a mão que segurava a íris Focalizadora. Uma coisa tão simples, com tanto poder, e que já causou tanta dor. Jaina lembrou que esse poder já fora usado para reanimar um monstro de cinco cabeças, Chromatus. Para canalizar toda a energia arcana até o Nexus. Para carregar uma bomba de mana que incinerou garotas inocentes. Para varrer Orgrimmar do mapa...

Ela se lembrou de Arthas fazendo pouco de Antônidas antes que Arquimonde destruísse Dalaran. E do rosto do antigo mentor, feito de fumaça púrpura: Isso não é para mãos preguiçosas, nem para olhos curiosos. A informação não pode ser perdida. Mas também não pode ser usada sem sabedoria. Contenha sua mão, minha amiga, ou continue, se conhecer o caminho.

Ela precisava tanto de uma justificativa que entendeu a aparição como um convite, mesmo depois de ter sido forçada a romper o lacre mágico. Mas não era uma justificativa.

Continue, se conhecer o caminho.

Mas Jaina não conhecia o caminho. Estava perdida, vagando às cegas. Se pudesse significar alguma coisa, a aparição seria um alerta, não um ato de aprovação. No fundo do seu coração, Jaina sabia qual seria a reação de

Antônidas ao ver o que ela estava prestes a fazer. E saber disso era como uma punhalada.

A mão que segurava a íris Focalizadora apertou-se até se fechar. Jaina levantou-se devagar e ergueu o rosto molhado de lágrimas, primeiro na direção de Kalec, depois, de Thrall.

— Depois de tudo o que fez, Garrosh só pode ser meu inimigo, assim como a Horda, enquanto ele for o chefe guerreiro. Tenho centenas de elementais escravizados. E vou usá-los.

Thrall e Kalec se retesaram de tensão.

Jaina engoliu em seco, e as palavras deslizaram pelo vão de sua garganta:

— Vou usá-los para ajudar a Aliança. Para proteger o meu povo. Não vou destruir uma cidade inteira, pois não sou Garrosh. Não vou massacrar civis desarmados, pois não sou Arthas. Sou minha própria mestra.

Sob essas palavras, a onda se desmanchou. Já não era mais uma imensa parede de água, mas sim centenas de elementais da água. Eles emergiam e submergiam na onda, à espera da ordem de Jaina.

— Tem direito de declarar guerra à Horda, Jaina — afirmou Thrall —, mas o sangue em suas mãos será agora de guerreiros, não de crianças. No tempo certo, seu coração ficará feliz com esta escolha.

— Você não conhece mais o meu coração, Thrall. Não sou um carrasco, mas não vou tentar alcançar a paz a qualquer preço. A Horda sem você como líder é perigosa, e deve ser desafiada a cada movimento e derrotada. Então, talvez, poderá haver paz. Mas não antes disso.

Apesar do que tinha acabado de dizer, Jaina sentiu o coração sofrendo por conta da expressão de tristeza no rosto de Thrall. As vidas perdidas em Theramore e na Fortaleza da Guardanorte não foram as únicas baixas. A amizade de tantos anos, que os dois tanto estimavam e pela qual tanto lutaram, também perecera. Levaria muito tempo até que ela conseguisse chamá-lo de amigo novamente, se é que conseguiria. E Jaina sabia que o orc tinha conhecimento disso.

— A guerra que está por vir vai sacudir este mundo como o Cataclismo fez, mas de uma maneira diferente — percebeu Thrall. —

Roguei para que o mundo se curasse. E volto agora para Voragem. Grã-senhora Proudmore, gostaria que nos separássemos sob outras circunstâncias.

— Eu também — concordou ela, com sinceridade. — Mas este desejo não muda nada.

Thrall fez uma grande reverência. Evocou um lobo fantasma e pulou nele. O xamã orc e a mística criatura partiram, e a água do mar era sólida para eles. Em silêncio, Jaina e Kalecgos viram-no partir. Finalmente, Jaina se virou para o dragão azul.

— E o que vai fazer, Kalecgos da Revoada Dragônica Azul? — perguntou a maga, em voz baixa.

— Vou levar a grã-senhora aonde ela quiser ir.

— Preciso descobrir onde a armada da Aliança está lutando. Mas antes... quero ver Orgrimmar.

26



Garrosh montou seu hediondo lobo e cavalgou o mais rápido que pôde para a Baía Carpunhal, assim que compreendeu tudo o que o troll lhe contara. Como sua esquadra ainda não havia chegado, o chefe guerreiro confiscou um barco goblínico que parecia estar ancorado ali desde sempre, para surpresa e alegria do pequenino capitão esverdeado. O navio foi ao encontro das demais embarcações da esquadra, vindas da Guardanorte, com Garrosh, Malkorok e muitos outros a bordo.

O navio não passou despercebido, mas, felizmente, a Aliança ainda estava fora de alcance.

— Mais rápido — ordenou Garrosh, sem que, no entanto, houvesse ali algum xamã para fazer o mar obedecer.

O chefe guerreiro estava ansioso para acostar um dos navios, pular no convés e começar a massacrar a Aliança, mas não podia fazê-lo. Não ainda. Ele rosnou de frustração ao ver seus inimigos acabarem, de forma rápida e brutal, com o primeiro dos bravos navios da Horda. Garrosh observou seu navio afundar, partido em dois e lambido pelo fogo, e deixou que a raiva o consumisse.

O orc fora surpreendido pelas notícias, mas se recuperara rapidamente. A frota da Horda poderia estar espalhada por toda Kalimdor, mas sua arma secreta podia ser usada de qualquer lugar. Ainda que o contingente das suas tropas fosse menor, ele sabia que conquistaria sua vingança em breve.

O barco goblínico vencia bravamente as ondas, aproximando-se cada vez mais da armada inimiga. Ao ver as embarcações da Aliança subitamente cobertas em névoa, Garrosh começou a rir e comentou com Malkorok:

— Que fiquem com medo do que não veem! Que sintam o horror de não saberem o que estamos fazendo... Até provarem do nosso verdadeiro poder.

— Eu queria enfrentar Varian sozinho, no navio dele — rosnou Malkorok. — Ele não teria uma morte tranquila e muito menos honrosa.

— O que ele merece é sobreviver diante da queda da sua tripulação, para vê-la entrar em desespero e morrer — completou Garrosh.

Alguns dos navios da Aliança haviam conseguido escapar da neblina ou estavam fora de alcance. Os inimigos se aproximavam dos três navios da Horda restantes, quando o barco goblínico acostou o Rachaosso. Garrosh, no entanto, se mostrava calmo, até ávido, ao pular com os demais para o convés do navio de guerra da Horda.

— Evoque-os. — Foi tudo o que o chefe guerreiro disse ao capitão.

O troll atendeu à ordem, e logo gritos de "Evocar! Evocar!" se replicaram em todos os navios. A batalha continuava, e o ar estava pesado com a fumaça dos canhões. Em quase todos os conveses, guerreiros da Horda jaziam sangrando ou mortos, empalados por estilhaços de madeira tão grandes como um antebraço humano. Os curadores logo acorreriam para ajudar, fazendo de tudo para eles mesmos não se tornarem vítimas.

A já agitada superfície do mar, violada por balas de canhão, pela atividade xamânica e pelos despojos de batalha, começou a entrar em

ebulição. Uma espuma branca fervilhou, e, então, algo explodiu das profundezas.

A tripulação da desafortunada nau da Aliança só restou testemunhar, aterrorizada e boquiaberta, o ataque da criatura. Tentáculos gigantesco açoitavam o poderoso navio de guerra, enlaçando-o ironicamente como um abraço de amor. O kraken — era isso que ele era — começou a apertar cada vez mais, e o navio se partiu. Garrosh jogou a cabeça para trás e explodiu em risos.

Mais monstruosidades se levantaram do coração frio do oceano, raivosas com a escravidão, mas incapazes de voltar o ódio aos captores. Despejaram toda a fúria, então, sobre os navios da Aliança, serpeando os tentáculos para agarrar, sacudir, e, às vezes, arremessar longe os destroços arrancados. Soldados de todas as raças eram atirados às águas fervilhantes, aos gritos, onde acabavam sendo devorados pelos krakens.

— Venha, Malkorok! — convocou Garrosh. — Vamos ceifar algumas vidas da Aliança com as nossas próprias mãos. Os krakens são ferramentas poderosas, mas não quero que todos os meus inimigos simplesmente virem comida de peixe!

— Estou ao seu lado como sempre, chefe guerreiro — respondeu Malkorok. Um pouco adiante estava um navio da Aliança que conseguira, até então, fugir dos krakens. Ele havia se virado e, em vez de disparar os canhões a estibordo sobre os navios da Horda, concentrava todo o fogo contra um dos monstros marinhos.

— Capitão, vá até lá! — berrou Garrosh. — Tenho sede do sangue da Aliança!

Feliz em obedecer, mas vislumbrando a nada agradável cena de coisas azul-escuras e brilhantes emergindo e submergindo do mar borbulhante, o capitão acostou a bombordo do Leão das Ondas. Parte da tripulação chegou a emitir um alerta, mas todas as atenções estavam voltadas para estibordo. Com agilidade que não fazia jus aos corpanzís, os dois orcs saltaram a curta distância entre os navios e começaram a lutar impiedosamente.

Malkorok já aterrissou no convés do Leão desferindo golpes de machado, e um sacerdote draenei, concentrado na cura dos feridos, foi partido em dois sem nem mesmo se dar conta do perigo. Uivo Sangrento entoou sua sombria canção da morte, anunciando a presença de Garrosh ao decepar a cabeça peluda de um worgen. Percebendo algo atrás de si, o chefe guerreiro girou com a arma em riste, e Uivo Sangrento se chocou contra o enorme machado de um demônio flutuante. A carranca cinzenta do guarda vil se abriu num sorriso de dentes amarelos.

Garrosh deu uma gargalhada e provocou:

— Meu pai matou um demônio muito maior do que você!

O guarda vil devolveu a gargalhada, um ruído sombrio e sinistro:

— Aproveite enquanto pode.

Os machados colidiram. O guarda vil era gigantesco e poderoso, mas Garrosh estava estimulado pelo orgulho da família. O chefe guerreiro lembrou-se do confronto do pai contra Mannoroth, um dos mais fortes lordes abissais que já existiram, e das presas que ele próprio usava in memoriam, amarradas às ombreiras castanhas. As risadas sinistras se calaram abruptamente quando Uivo Sangrento se aninhou no torso de um tom cinza do guarda vil. Mais um golpe, e outro, e o demônio caiu aos pedaços no chão.

— Chefe Guerreiro! — berrou Malkorok. A lâmina do orc pingava escarlate, e não havia menos do que quatro corpos estendidos aos seus pés. — Atrás de você!

Garrosh virou-se rápido apenas o bastante para interpor Uivo Sangrento entre si e o humano enorme, de cabelos negros e agilidade inacreditável, que o atacava com uma espada imensa: Shalamayne. Varian emitiu um uivo furiosíssimo, mais pertinente ao lobo fantasma que ele fora do que a um humano. A lâmina mordeu o braço do chefe guerreiro e derramou sangue, e Garrosh rosnou. O orc aparou o golpe a tempo de impedir um corte mais profundo e empurrou a espada com força. Varian tropeçou para trás, mas Shalamayne desceu mais uma vez.

— Com certeza fomos abençoados pelos ancestrais! — vociferou Garrosh. — Eu sabia que você iria morrer hoje, mas não imaginava que eu teria a sorte de ser o seu carrasco!

— Não acredito que teve a coragem de me enfrentar — desafiou Varian, entredentes. — Você ficou mais covarde desde a última vez que nos encontramos. Primeiro foi o magnatauro, depois os elementais, e agora os krakens fazem seu trabalho sujo. Você correu para se esconder depois de soltar a bomba de mana? Tenho certeza de que estava bem longe, todo protegido!

Uivo Sangrento cantou de novo, voando baixo num golpe desferido para cortar as pernas de Varian. O humano pulou alto e girou o corpo no ar, e quase teve a cabeça decepada quando Garrosh completou o movimento.

— Você está mais lento do que na última vez — zombou o orc. — Está ficando velho, Varian. Deveria deixar aquele seu filho chorão ser o rei. Eu marcharei sobre Ventobravo depois que os krakens reduzirem seus navios a gravetos. E pegarei seu querido menininho, o prenderei em grilhões e desfilarei com ele por toda Orgrimmar!

O chefe guerreiro pretendia enfurecer o rei de Ventobravo para que o rival explodisse em fúria e lutasse de modo selvagem, perdendo o controle. Para sua surpresa, Varian respondeu à provocação com um sorriso severo, esquivando-se do golpe do machado e calculando cada passo.

— Anduin surpreenderia você — afirmou o rei. — Mesmo os pacifistas desprezam os covardes.

— Três vezes lutamos, e três vezes já é demais. Hoje, você morre, e todos aqueles que ama também! — urrou Garrosh, brandindo o machado Uivo Sangrento, e Varian esquivou-se com habilidade. Garrosh continuou a golpear, abandonando qualquer sutileza e estratégia. Seu mundo havia se estreitado àquele homem e à sua morte. O humano e o orc cruzaram armas, rostos a poucos centímetros um do outro, mas algo os lançou ao ar de forma abrupta.

Garrosh se debateu, segurando-se no machado com todas as forças, e aterrissou no convés. Em seguida, no entanto, começou a escorregar pelo piso de madeira inclinado. Escutou um estalo colossal, e, então, caiu no oceano azul. Naquele momento, sua armadura deixou de ser uma vantagem, e ele afundou como uma pedra sob um bombardeio de destroços que ameaçavam espetá-lo no fundo do mar.

Teimosamente, Garrosh se recusou a aceitar a morte certa. Ainda agarrado à arma do pai, o orc se valeu do naufrágio para sobreviver, escalando cada estilhaço à medida que flutuavam de volta às ondas. Seus pulmões ardiam, mas ele perseverou, o rosto voltado para a luz, até finalmente chegar à superfície, onde respirou o precioso ar, tossindo com violência.

Um par de mãos tirou o orc da água, puxando-o por uma escada de cordas que havia sido jogada sobre o costado de um dos navios, ele não sabia qual. O chefe guerreiro, ainda segurando Uivo Sangrento, foi jogado sobre o convés.

— Chefe guerreiro! — Tratava-se de Malkorok, que também sobrevivera. Os orcs agarraram os braços um do outro.

— V-Varian — balbuciou Garrosh —, onde está?

— Não sei. Mas olhe!

Ainda engasgado pela água do mar, o chefe guerreiro se virou para ver o que Malkorok estava apontando e se encheu de orgulho.

Por todo lado, havia navios da Aliança danificados, em chamas ou lutando desesperadamente contra os krakens. O mar estava repleto de destroços de dezenas de barcos. Garrosh jogou a cabeça para trás, gritando vitória:

— Eis aqui a glória da Horda! Quatro navios contra dezenas! E nós triunfamos! Pela Horda! Pela Horda!

* * *

Kalecos levantou Jaina delicadamente com a pata dianteira, enquanto ela aninhava a Íris Focalizadora junto ao corpo. Seguiram para norte. A maga não entendia por que desejava tanto ver a capital da Horda, mas Kalec confiou na mudança da humana e não fez

qualquer objeção. Jaina queria confirmar se realmente havia inocentes na cidade e que sua decisão fora a correta? Queria de alguma forma espionar Garrosh e acabar com ele? Ela mesma não sabia muito bem.

Abaixo da dupla, seguindo obedientemente o voo ligeiro do dragão, estavam os elementais da água escravizados. Jaina poderia evocá-los e dispensá-los quando quisesse, e Kalec não pediu a Íris Focalizadora. A maga estava muito grata pela confiança velada, e aparentemente inabalável, que ele depositara nela.

E assim seguiram em frente, passando pelas Ilhas do Eco e pela Praia do Bota-a-pique, um lugar que fazia jus ao nome e onde Jaina havia evocado alguns elementais furiosos para se juntarem aos demais. Os destroços do naufrágio, ainda que antigos, a encheram de raiva e tristeza, e ela desejou saber para onde Varian havia direcionado o ataque da Aliança.

Conforme se aproximaram da Baía Carpunhal, Jaina perdeu o fôlego, os olhos arregalados de terror. A armada... ela imaginara que estivessem no Domínio de Plumaluna ou na Costa Negra, mas eles estavam ali. Ali... e sendo atacados.

Eu teria destruído a armada, pensou a maga. Se tivesse soltado o tsunami... eu teria destruído Orgrimmar e a frota da Aliança inteira...

O pensamento a deixou nauseada, mas estava grata a Thrall e Kalecos. Aquele não era o momento, no entanto, de se sentir zozna e fraca. Precisava agir. A armada não estava sendo atacada por meros navios da Horda; Garrosh, pelo visto, havia evocado krakens para acabar com os navios. Como fizera com os gigantes derretidos na Fortaleza da Guardanorte e com a bomba de mana em Theramore, o orc estava agindo de forma covarde e autoritária, forçando o mundo natural e artefatos mágicos a obedecer à sua vontade.

— Voe mais perto! — pediu Jaina a Kalecos, que dobrou as asas e mergulhou, abrindo-as a tempo de evitar que ambos se molhassem com o sobrevoos sobre as ondas. A maga segurava a Íris com uma das mãos e, murmurando um encantamento, movia os dedos da mão livre.

Varian tirou dos olhos a massa de cabelos negros encharcados pelo mar. Estava agarrado aos destroços de uma das naus e tentava avaliar a situação.

Muitos navios foram a pique, vítimas do furioso abraço dos krakens. O rei assistira, impotente, a marinheiros chegarem à superfície, lutando para alcançar a praia ou algum navio, e logo serem arrastados por tentáculos escorregadios e brilhantes direto para a bocarra faminta dos krakens.

Ele não fazia ideia do que havia acontecido com Telda, ou com a bruxa de cabelos brancos ou com qualquer dos tripulantes do Leão das Ondas. Mas corrigiu o pensamento de forma amarga. Aquilo não era inteiramente verdadeiro. Ele sabia, havia testemunhado, que marinheiros tinham perecido de forma violenta. Sua única esperança era que Garrosh e aquele orc Rocha Negra estivessem fazendo companhia aos mortos dentro da barriga de algum kraken.

Alguns navios estavam intactos e disparavam contra os monstros do mar. Mas, pela Luz! Havia tantas dessas malditas criaturas, e cada uma gerava tanto terror... O ar fora preenchido pelos ruídos de gritos e estalos de madeira. Varian percebeu que estava se deixando tomar pelo pânico e, sem piedade, empurrou essas inutilidades para trás. Tais sentimentos não o ajudariam ali; nem mesmo a raiva lhe seria útil naquele momento. O rei pulou para os destroços de outro barco, com os olhos vidrados num dos poucos navios sobreviventes. Ele seria alvo fácil para uma bala de canhão perdida de um de seus próprios navios, e era uma mosca perto dos krakens. Como estava sozinho, no entanto, não atrairia a atenção dos monstrenços, e com muito esforço conseguiu se aproximar de um navio chamado Dama dos Oceanos. Botando as mãos em concha ao redor da boca, o rei pediu ajuda.

Um worgen que corria no convés escutou o grito, girando as orelhas alertas. Ele correu para atender o chamado e se debruçou sobre a amurada, acenando com os fortes braços lupinos:

— Majestade! Vamos mandar alguém para...

— Recuar! Agora! — berrou Varian. Se ficassem ali e enfrentassem os krakens, tudo que restaria da outrora poderosa armada da Aliança seria uma lista de nomes e famílias em luto. — Minha ordem é essa! Recuar, todos vocês!

— Nós podemos enviar um...

— Não! Eu consigo chegar à praia, assim como todos os outros! Tirem os navios daqui e sigam para um lugar seguro enquanto há tempo!

O worgen baixou as orelhas, pouco satisfeito, mas concordou. Logo depois o Dama dos Oceanos começou a manobrar lentamente para bombordo. Iam para leste, para Ventobravo.

Os krakens, no entanto, não os abandonariam. Enquanto Varian assistia, incapaz de impedi-los, as criaturas seguiram os navios em retirada. A vitória da Horda seria completa, afinal.

Varian arqueou as costas e soltou um uivo primal de fúria e dor. Isso não poderia, não deveria estar acontecendo! Eram apenas quatro navios! E, ainda assim, Garrosh saíra triunfante outra vez.

O rei jamais iria, como havia garantido ao worgen, nadar até a praia para simplesmente sobreviver para contar a história. Ele faria isso se a frota tivesse sobrevivido. Mas agora nada restava. Não havia esperanças. Apenas a morte honrosa, conquistada sobre os cadáveres de quantos inimigos conseguisse abater. Os krakens não iriam se refestelar apenas da carne da Aliança.

Ainda lhe restava Shalamayne, e naquele instante o rei a desembainhou, empunhando-a com firmeza. Olhou em torno, procurando algum guerreiro da Horda que houvesse, como ele, se refugiado nos restos dos navios destruídos. Ali! Logo ali, um tauren encharcado tentava subir num pedaço de tábua que parecia ter feito parte de um costado. Rosnando, Varian saltou, como um gato, pousando com precisão sobre a tábua, e desceu a espada. O sangue tauren espirrou, respingando no rosto e adicionando um gosto metálico aos lábios já salgados pela água do mar.

Um.

O rei de Ventobravo procurou outro alvo. Naquele instante, uma sombra o cobriu. Varian olhou para cima e viu a silhueta de... Um dragão?

A água que cercava o rei se levantou, tomando forma e volume. Um ser verde-azulado, de cabeça pequena, olhos sinistros e dois braços presos com grilhões. Um elemental da água — não, centenas deles, todos subitamente dançando sobre o mar.

Os elementais se lançaram sobre os krakens que atacavam a frota da Aliança. Um dos monstros havia erguido os olhos vagos acima da linha d'água e soltou um urro terrível ao ser atacado por dezenas de elementais determinados. Varian escapou por pouco de um tentáculo enlouquecido que batera na água fazendo um ruído ensurdecedor. O rei se deu conta de que estaria mais seguro dentro d'água, encheu os pulmões e mergulhou.

Foi um espetáculo espantoso. O kraken colossal debatia os tentáculos gigantes, tentando espantar o enxame dos relativamente pequenos elementais. Faixas vermelhas, contraditoriamente belas, começaram a tingir a água conforme os elementais rasgavam as criaturas em pedaços. Varian nadou para longe dos destroços. Outro kraken lutava pela vida, o cérebro primitivo sem dúvida mais surpreso do que receoso por alguém ousar atacá-lo. Um terceiro flutuava na linha d'água, e dois de seus tentáculos se agitavam mais ao lado.

Os pulmões de Varian não aguentaram, e ele se voltou para cima, nadando com força. Ao emergir e respirar avidamente, foi agarrado e carregado para o alto. O rei tentou resistir, mas uma voz familiar o chamou:

— Varian!

Claro! Os elementais da água... Varian se ajeitou na garra do dragão azul e viu Jaina protegida pela outra garra. O cabelo branco esvoaçava com o vento, e os olhos ainda mostravam o mesmo estranho brilho arcano. Havia algo mais, no entanto, uma tristeza, uma resignação estampada no rosto, mas ainda assim uma espécie de paz que não estava presente antes.

A mulher apontou para baixo, e Varian balançou a cabeça ao ver a cena. Não havia qualquer navio da Horda, embora ainda visse vários deles reunidos perto da costa, certamente imaginando continuar a batalha caso algum sobrevivente chegasse à praia. Os krakens, todos os oito, não eram mais uma ameaça. Seus corpos balançavam nas ondas, brilhando com a luz do sol. O rei sentiu a perda ao perceber quantos navios foram destruídos pelas criaturas grotescas, porém muitos continuavam navegando.

Ainda obedientes à vontade de Jaina, os elementais da água, pequeninos daquele ponto de vista, aguardavam instruções.

— Você atacou os krakens — observou Varian —, não Orgrimmar.

— Não — respondeu Jaina —, não Orgrimmar. O rei abriu um leve sorriso.

— Você salvou a armada, Jaina. Obrigado. E agora, se este gentil dragão puder me deixar num dos meus navios... para Guardanorte!



O restante da frota da Aliança navegou até as águas da Costa dos Mercadores sem maiores problemas. Parecia que Garrosh havia realmente sido pego de surpresa pelo ataque na Baía Carpunhal, e que os quatro navios que atacaram a frota tinham sido convocados de posições mais tranquilas na Guardanorte. Sem os krakens, a Horda não era páreo para as forças marítimas da Aliança, mesmo reduzidas.

Ainda assim, isso não significava que a Horda fosse desistir pacificamente. A notícia já tinha chegado à Guardanorte, e os navios de Varian foram recebidos por tiros de canhão e catapulta.

— Devolver fogo! — ordenou Varian. Obedientemente, uma saraivada de balas de canhão foi de encontro aos disparos vindos da praia.

Olhando para o alto, Varian percebeu a aproximação de Kalecos. O dragão mergulhou no ar, e Varian viu Jaina montada no dorso azul. Kalec abriu a bocarra e soprou uma névoa azul, e subitamente a salva dos canhões cessou.

As catapultas e balistas continuaram o ataque. Varian correu ao costado do navio, para enxergar melhor com a luneta, e sorriu. Garrosh fora tão arrogante! Ele havia designado poucos guardas para defender um local-chave como aquele, confiante de que o cerco às cidades portuárias de Kalimdor dobraria a Aliança.

O rei se surpreendeu ao ver vários soldados da Horda levando botes ao mar. Por um instante, ele pensou que estivessem fugindo. Mas logo percebeu que rumavam direto para o navio mais próximo.

— Pela Luz — resmungou. — Eles vão tentar nos abordar!

Era uma missão suicida. O rei não pôde evitar a admiração por tamanha coragem, enquanto trolls, orcs e taurens brandiam suas armas e berravam palavras de desafio no gutural idioma órquico. Seus arcos e feitiços eram eficazes: Varian viu vários dos seus marinheiros tombarem com flechas na garganta e outros mais serem incinerados sumariamente. As velas do navio pegaram fogo após serem atingidas por um dardo que matou um elfo noturno. Mais uma vez, a enorme sombra do dragão desceu sobre eles, e um sopro gélido apagou as chamas.

Então, inesperadamente, dezenas de elementais da água se formaram de uma só vez. Todos foram em direção aos botes, virando-os com facilidade com os braços agrilhoados, agarrando os inimigos e alegremente lançando-os para a morte no mar. Outros elementais se aglomeraram na praia, perseguindo os atacantes. Houve gritos de alerta e Varian viu vários orcs e trolls fugirem. A maioria, no entanto, manteve posição, rosnando em desafio e lutando até o fim, enquanto flechas, balas de canhão e feitiços cumpriam seus destinos.

Um longo momento de silêncio fez com que os navios da Aliança explodissem em gritos de comemoração. Varian forçou um sorriso, deixando que a tripulação aproveitasse essa segunda vitória, e, então, deu a ordem:

— Todos à terra! O estandarte da Aliança mais uma vez vai tremular sobre a Fortaleza da Guardanorte!

Vários botes foram lançados ao mar, repletos de marinheiros e marinheiras felizes. Varian franziu a testa e olhou para cima. Kalec sobrevoava o navio. O rei brandiu os braços e apontou para a praia. O dragão fez um sinal em concordância. Varian correu para um dos botes, para honra e surpresa da tripulação.

Quando o rei de Ventobravo chegou à praia, desembarcando com agilidade do bote, Kalec já havia aterrissado e se transformado em sua forma bípede. Jaina estava ao lado dele. Varian foi em direção aos dois a passos largos, e estendeu-lhes a mão, dizendo:

— Duas vezes hoje vocês ajudaram a salvar a Aliança. Recuperamos uma fortaleza em Kalimdor.

— Fico feliz por ter ajudado — retrucou Jaina brevemente. — E agora?

— Algo que Garrosh já deve esperar — respondeu Varian, com um sorriso perverso. Jaina pareceu confusa. — Não fiz segredo de que pretendo levar a frota a todos os portos cercados. Após a surra que a Horda acabou de receber e a perda da Guardanorte, o orc vai recuar. Isso significa que vamos tomar nossos portos de volta sem sacrificar mais qualquer vida da Aliança. — Varian ficou sério. — Mas também tomamos uma surra. Aqueles krakens teriam acabado com a armada se vocês não tivessem chegado a tempo. E sem Theramore, Guardanorte e a armada... Nem quero pensar o que seria da Aliança.

Naquele momento, Jaina pareceu pouco à vontade.

— Sobre aquilo que disse a você e Anduin... — Jaina começou a falar, mas Varian a interrompeu, levantando a mão.

— Eu sou — interrompeu Varian, irônico — a última pessoa desse mundo que poderia julgar qualquer comportamento motivado por raiva ou desejo de vingança. E Anduin tem orado por você. Será um prazer contar a ele que as orações foram atendidas.

— Obrigada — respondeu Jaina, com sinceridade.

— E vocês? Para onde vão agora? — indagou Varian, olhando para ambos. Kalec se virou para Jaina.

— Theramore — revelou Jaina, com a voz baixa. Varian concordou com a cabeça.

— Quando encerrarmos aqui, enviarei um navio para lá, para... cuidar das coisas.

— Ficarei muito grata. Eles merecem ao menos isso. — Jaina olhou para Kalecos. — Vamos embora.

Garrosh viu o estandarte da Aliança tremulando sobre a Guardanorte ao longe, enquanto ainda corria com seu lobo para chegar a tempo. Furioso, jogou a cabeça para trás e gritou toda a sua fúria. Sabiamente, Malkorok, Baine e Vol'jin não tentaram acalmar o chefe guerreiro.

— Como isso pode ter acontecido? — indagou Garrosh, encarando os outros três com os pequenos olhos dourados. — A vantagem era nossa! Arrasei Theramore para acabar com os ânimos da Aliança. Encurrelei o povo deles com cercos. Enviei gigantes derretidos e até monstros do mar, e, ainda assim, isso aconteceu!

Um dos caminheiros de Baine aproximou-se, galopando apressado, e logo reduziu o passo, claramente relutante em ser o proverbial portador das más notícias. Baine fez-lhe um sinal com a cabeça para que prosseguisse. O cauteloso tauren se ajoelhou diante — mas não muito perto — de Garrosh.

— Chefe guerreiro, trago notícias da Guardanorte.

— Estou vendo as notícias da Guardanorte — esbravejou Garrosh, apontando para a bandeira azul e branca no horizonte.

— Mas há outras notícias, ouvidas furtivamente por ouvidos atentos. Garrosh fez um claro esforço para se acalmar e fez um sinal para que o mensageiro continuasse.

— Varian pretende romper o cerco com a armada. A Aliança ainda tem navios suficientes para representar uma ameaça aos portos capturados. Várias fontes parecem confirmar essa intenção.

O chefe guerreiro desmontou do lobo hediondo, que deu um pulo para trás, com as orelhas baixas, e agarrou o caminheiro pelo braço.

— Que fontes?

— Garrosh — advertiu Baine —, solte meu caminheiro. Ele só vai conseguir falar se não temer ser atacado por trazer a verdade.

O olhar que Garrosh lançou para Baine seria capaz de perfurar até armaduras, mas o orc viu que a repreensão fazia sentido e largou o braço do caminheiro.

— Que fontes? — repetiu.

— Druidas voltaram da Baía Carpunhal relatando que a armada da Aliança está avançando para furar o cerco.

Por um instante, Baine quase se apiedou de Garrosh, cuja fúria havia visivelmente se transformado em dor. O orc se curvou, como se toda vida e paixão lhe tivessem escorrido do corpo. Por fim, o chefe guerreiro disse a Malkorok:

— Ordene uma retirada total. Não podemos arriscar uma batalha em múltiplas frentes.

— Como o chefe guerreiro quiser — retrucou Malkorok, com expressão calculadamente neutra. O orc esporeou o lobo hediondo e correu para falar com os outros Korkron, que olharam por cima dos ombros ao escutar a notícia.

— Obrigado por trazer a mensagem, caminheiro. Agora vá se alimentar e cuidar das feridas — agradeceu Baine. O mensageiro se curvou e saiu, grato e obediente. O tauren se virou para Garrosh. — Parabéns, Garrosh.

Garrosh olhou para Baine, desconfiado.

— Por quê?

— Por ter reconhecido a estupidez que seria seguir por este caminho. Esta guerra foi irrefletida, e fico satisfeito por você ter sido dissuadido de...

— Eu não fui "dissuadido" de nada, tauren, e cuidado com o que fala. Para alguém com orelhas tão grandes, você entende muito mal o que escuta. Não pretendo encerrar a guerra. Pretendo expandi-la. Essa retirada é um reagrupamento, uma reavaliação de estratégia, não uma rendição ao "poder" da Aliança!

Baine tentou esconder a consternação. Ao lado dele, Vol'jin fez o mesmo.

— Temos que fazer mais — afirmou Garrosh, virando-se de costas para Baine e se afastando, abrindo e fechando o punho. Malkorok terminou a conversa com os Kor'kron e voltou para perto do chefe guerreiro, diligente. — Mais navios. Mais armas. Mais elementais, monstros e demônios sob nossas ordens. Mais soldados têm que ser convocados. Machos, fêmeas, crianças. Todos podem contribuir para a glória da Horda. — O estado de ânimo do chefe guerreiro claramente havia melhorado, e seus olhos pareciam distantes, olhando para o futuro, e não para aquele presente com sua clara mensagem de ruína e desastre.

"Pensei pequeno, e esse foi o problema. Não se trata mais de dominar Kalimdor. Trata-se de esmagar a Aliança de uma vez! Extirpar essa sujeira da face de Azeroth! Reduzir Ventobravo a cinzas, e aquele Wrynn junto! Uma guerra não com o fim de controlar um continente, mas de conquistar o mundo todo! Nós podemos, somos a Horda! A vitória será nossa se nossos planos forem sólidos, se nossa vontade se mantiver firme, se nossos corações continuarem fortes e verdadeiros!"

— Garrosh Grito Infernal — disse Baine, calmamente —, vou voltar para Mulgore, levando comigo meus valentes, que agora são muito menos do que quando partimos para atender ao chamado do chefe guerreiro. Minha lealdade à Horda é profunda, isso não pode negar. Mas saiba que luto pela verdadeira Horda, não aquela que se vale de métodos tão desnecessários e desonrosos. Nunca mais haverá outra Theramore, não se você quiser contar com a ajuda de Baine Casco Sangrento!

Garrosh encarou Baine com os olhos apertados e uma leve careta que o tauren não conseguiu interpretar, e comentou:

— Devidamente registrado.

Ao tomar as rédeas de seu kodo, Baine olhou de relance para Vol'jin, que devolveu o olhar com expressão triste e balançou a cabeça quase

imperceptivelmente. Baine assentiu com um gesto discreto. Ele compreendia a atitude do companheiro, pois partilhava do mesmo raciocínio. Vol'jin precisava proteger seu povo contra a ira de um Garrosh ofendido.

Uma guerra mundial.

No caminho para oeste, em direção ao lar, à tranquilidade das planícies serpenteantes de sua amada Mulgore, Baine não conseguia decidir se Garrosh havia enlouquecido com o poder... ou se havia simplesmente enlouquecido.

Quanto tempo haveria se passado, perguntou-se Jaina, desde o cataclismo pessoal por que ela passara? A maga havia perdido a conta dos dias, mas com certeza não eram muitos. Duas semanas, se tanto, desde que havia se irritado com o desinteresse de Thrall em depor Garrosh, desde que seu espírito ficara inquieto. Desde que havia se deliciado com bolos maravilhosos ao lado de Kinndy, quando sua maior preocupação era que a aprendiz não sujasse os livros com os dedos melados.

Como uma lâmina de espada, Jaina havia sido temperada de forma cruel e eficiente: tirada do fogo da angústia e mergulhada na frieza do ódio e da vingança, e daí de volta ao fogo, refeita, remoldada, reforjada. Mas agora, como aço, ela resistiria muito mais. Não se partiria, não por causa de dor, mágoa ou raiva. Não mais.

Jaina não chegou a Theramore por teleporte, nem tampouco chegou sozinha, mas montada sobre o dorso largo de um dragão azul. Kalec aterrissou fora da cidade, na praia onde haviam caminhado e conversado de mãos dadas. O dragão agachou-se rente à areia para que a maga desmontasse mais facilmente.

Já de volta à forma de meio-elfo, Kalec se aproximou de Jaina.

— Jaina, ainda há tempo para mudar de ideia.

— Não, tudo bem — garantiu Jaina, balançando a cabeça. — Eu só quero... ver. Ver com meus próprios olhos, e mais claramente agora.

Os olhos da maga de fato estavam enxergando de forma mais clara, tanto literal quanto figurativamente. A energia arcana que a havia

envenenado desaparecera. Os cabelos continuavam brancos com uma mecha dourada; tal dano jamais poderia ser desfeito. O bizarro brilho leitoso dos olhos, no entanto, havia sumido. Todo resíduo arcano também havia se esvaído de Theramore. A maga poderia entrar com segurança, pelo menos de forma física, na cidade arruinada.

Ela e o dragão subiram a pequena colina para chegar à trilha. Não havia cadáveres ali. Se não para os funerais, houve tempo suficiente antes da queda da bomba para recolher Walmor e os demais que tão valentemente defenderam a cidade costeira. A Horda, pelo jeito, também havia buscado seus mortos. Embora a cintilante energia arcana tivesse desaparecido, os céus ainda estavam rasgados. Aqui e ali, era possível ver, à luz do dia, faixas ondulantes de magia, vislumbres de outros mundos. Jaina reparou nos ferimentos do céu e no portão aberto, e engoliu em seco.

A mão cálida de Kalec se insinuou pela mão de Jaina. Tratava-se apenas de uma tentativa; ele recolheria a mão se ela assim o desejasse. Mas a maga aceitou. Caminharam então, de mãos dadas, à cidade dos mortos.

Como já havia presenciado a destruição, Jaina estava de certa forma preparada para o que veria. Embora já não houvesse surpresa, a cena ainda era terrivelmente trágica, e o coração da maga se partia outra vez, e outra vez, a cada vislumbre dos que haviam partido. Os prédios ainda jaziam tombados, deformados ou destruídos pelo arcano. A terra, no entanto, começava a se curar. Jaina não mais sentia o mal sob as solas dos pés.

Uma lufada de ar gélido fez a maga tremer. Intrigada, ela se voltou para Kalec, que havia soprado a rajada. Ela logo foi tomada por uma onda de gratidão e melancolia. O frio e a força do vento tornava o fedor de tantos cadáveres mais tolerável.

— Não podemos deixá-los aqui — disse Jaina, consciente da voz trêmula.

— Não vão ficar aqui — consolou Kalec. — Agora, em segurança, podemos dar a eles uma despedida adequada. — O dragão evitou a

palavra "sepultamento". Nem todos tinham corpos para ser enterrados. Aqueles que foram peculiarmente levitados haviam sucumbido à gravidade e jaziam na terra.

Os itens que ela notara na primeira visita, estranhamente abandonados a esmo, haviam sido saqueados. Jaina sentiu uma onda de raiva, mas a conteve rápido. A Horda fora derrotada, por enquanto. Garrosh havia sofrido um golpe devastador e vergonhoso. Ela não estava lá para sentir raiva e revolta. Estava lá para observar e lamentar.

Jaina tropeçou num objeto parcialmente enterrado. A luz do sol se refletiu numa superfície prateada. Ela se curvou para desprender a arma do chão e, ao fazê-lo, foi tomada de puro assombro. Ao se levantar, a terra simplesmente escorreu da bela e antiga arma, como se nada tão primário pudesse maculá-la. Parecia tão nova quanto no dia em que fora forjada. Jaina a empunhou respeitosamente, mas a arma não brilhou com seu toque, como acontecera com um príncipe humano e, depois, com um chefe tauren.

— Quebramedos! — murmurou, balançando a cabeça com a surpresa. — Não acredito!

— E linda — comentou Kalec, observando a maça. — Acho que foi forjada por anões, se não me engano.

— Você está certo. Magni Barbabronze a deu a Anduin, que, por sua vez, a presenteou a Baine Casco Sangrento.

— Esta é uma história que eu gostaria de escutar um dia.

— Um dia — concordou Jaina, sem acrescentar, no entanto, "mas não hoje". — Que estranho eu topar com isso logo agora.

— Não é nada estranho. Trata-se claramente de uma arma encantada. Ela queria que você a encontrasse.

— Para que eu a devolvesse a Anduin — percebeu Jaina, entristecida com o desenrolar dos eventos. Os três alimentaram tantas esperanças... Esperança que fora reduzida a pedaços, como um navio lançado aos rochedos numa tempestade, por Garrosh Grito Infernal e o

terror da bomba de mana. — Isso será uma desculpa para que eu converse com Anduin.

Para... me desculpar. Fui muito dura na última vez em que nos falamos. Eu lamento isso. Lamento... mesmo.

Jaina amarrou a bela maça ao cinto e indicou com a cabeça que estava pronta para continuar.

A maga e o dragão seguiram em frente, silenciosa e respeitosamente, e então o coração de Jaina foi tomado por uma dor aguda. Diante deles estava o cadáver de Dolorae, onde ela o havia encontrado. E também os de Cochrane e Marcus.

— Os corpos deles — comentou Jaina —, eles parecem...

— Inalterados — completou Kalec. — A energia arcana se esvaiu deles.

Kalec não precisou falar mais; não era preciso. Jaina percebeu que, se encostasse gentilmente no cabelo azul-escuro de Kinndy, ele não teria se estilhaçado como fios de fibra de vidro. Não desta vez.

Um sentimento de luto a tomou.

— Ah, Kalec... se eu não tivesse tocado Kinndy...

— Vamos reunir o que restar de Kinndy, Jaina, com delicadeza e amor — disse Kalec, interrompendo a autocrítica da maga. — Pelo que soube, os pais dela já encontraram uma forma carinhosa de homenageá-la.

Jaina desabou, e um som agudo de dor, de desalento, irrompeu-lhe da garganta. Antes mesmo que a maga se desse conta, Kalecogos a havia tomado nos braços, que a envolveram cálidos e fortes. Jaina encostou o rosto no peito de Kalec e chorou copiosamente. O dragão a embalou como a uma criança, e, conforme o luto passava de soluços de agonia a lágrimas contidas, Jaina percebeu que escutava apenas dois sons: o ritmo das batidas do coração de Kalec e a voz dele, suave e grave... cantando.

Ela não compreendia o idioma, mas não era necessário. Ele entoava algum tipo de elegia, terna e triste, uma canção para lamentar a perda dos mortos, uma canção que provavelmente existia desde antes do

nascimento de Kalec, talvez antes mesmo da criação dos Aspectos. Pois, tão certo como uma alvorada, cada novo dia em algum momento morre no oeste. Nada era mais antigo do que a morte... exceto a vida.

A voz de Kalec era bela como ele, e a canção abriu caminho até a alma da maga, tranquilizando-a. Jaina sentiu os lábios de Kalec apertados contra seus cabelos brancos, num beijo amoroso mas gentil, um gesto de consolo que não pedia nada em troca. Mesmo ali, mesmo em meio àquela tragédia, Jaina sentiu o coração em brasa. Após uma aparente eternidade, quando havia jazido no peito de Jaina, frio e endurecido, como um diamante sombrio, aquele coração despertava novamente. Agora, como uma semente primaveril, os sentimentos abriam caminho por entre o gelo do inverno em direção à luz e ao calor.

Naquele abraço seguro e carinhoso, Jaina lembrou-se da última conversa que tivera com Thrall, enquanto ainda eram amigos.

Você... precisou de cura?, perguntara Jaina.

Todos precisamos, quer percebamos isso ou não, retrucara Go'el. Apenas por estarmos vivos, temos feridas. Mesmo que não tenhamos uma cicatriz física qualquer. Ter um companheiro que nos veja por quem somos, verdadeira e completamente... Ah, isso é uma dádiva, Jaina Proudmore... Qualquer que seja a jornada, qualquer que seja a estrada por onde se pisará, descobri que a caminhada é muito mais doce ao lado de uma companheira.

Kalec a havia ajudado a curar mais do que as feridas normais da vida. Ele vira o melhor e o pior dela, e permitiu-lhe encontrar seu verdadeiro eu, em meio a um labirinto de angústia e fúria. Ele se tornaria seu companheiro de vida, como Aggra para Thrall? Não era possível ter certeza. Disso Jaina sabia: não existe certeza. Os ventos da mudança soprariam como quisessem.

Mas, por agora, a maga estava satisfeita. Ela se afastou um pouco para olhar para ele. Kalec devolveu o olhar e afagou a única mecha dourada que restara no cabelo de Jaina.

— Rhonin — disse Jaina.

Kalec assentiu com a cabeça. Ao saírem do abraço, Jaina sentiu frio com a passagem do ar entre eles, mas a mão do meio-elfo continuava cálida.

Caminharam, lenta e reverentemente, em direção à cratera. Jaina estremeceu ao se lembrar dos últimos momentos de vida do arquimago: ele a empurrando para o portal, a torre desabando, a cinza púrpura que o vento sem dúvida recolhera para soprar pelos quatro cantos de Azeroth.

— Nada foi em vão — lembrou Kalec. — Se a bomba não fosse de alguma forma compensada pela magia da torre, o efeito teria sido muito pior.

— Ele quis salvar Vereesa. Rhonin queria que ela vivesse... Ele não queria que os filhos perdessem a mãe, embora fossem perder o... — Jaina se calou por alguns instantes. — Ele veio... porque eu pedi. Eu estava lutando tanto até pouco tempo atrás... Eu me sentia tão deslocada, tentando forçar a paz quando ninguém parecia se importar com isso.

— Você ainda se importa?

Jaina pensou na resposta por um instante, inclinando a cabeça para o lado e enrugando a testa.

— Não é que eu não me importe mais. Ainda me importo. Não sou mais o que eu era. Não desejo mais vingança. Mas... tampouco sou aquela mulher que ansiava por harmonia entre a Horda e a Aliança. Não pode haver harmonia, Kalec. Não enquanto Garrosh for o líder da Horda, não após tudo o que ele fez. Não acredito mais que a paz seja a resposta. Ou seja... não sei mais qual é o meu lugar.

— Acho que você sabe, na verdade — retrucou Kalec, levantando a sobrancelha.

Jaina lançou-lhe um olhar indagador e, então, percebeu que Kalec estava certo.

Ela queria ir para casa. Para um lugar que outrora fora um refúgio, de onde ela saía para seguir seu destino. A maga se lembrou do que

Kalec dissera, de que tudo tem um ritmo e um padrão. Talvez ela tivesse completado um círculo.

— Dalaran. O Kirin Tor. Eu treinei bastante, tempos atrás. Sinto que é certo estar lá, como nunca antes. Rhonin pensava assim, garantiu minha sobrevivência. O arquimago me contou que achava que eu era o futuro do Kirin Tor. O mínimo que eu posso fazer é dar a eles a chance de me dispensar educadamente.

— Você se tornou extremamente poderosa por esforço próprio, sem precisar deles. Sua presença será um presente, e acho que compartilham da minha opinião. Rhonin certamente não era o único a pensar assim.

— E você, Kalec? — Jaina se preparou para ouvi-lo dizer que a deixaria, que voltaria para o Nexus. Afinal de contas, era o líder da Revoada Azul. E lá não haveria lugar para uma filha das raças mais jovens.

— Acho que... se você não se opuser... gostaria de acompanhar você a Dalaran. — Jaina não conseguiu esconder a alegria, e Kalec sorriu ao perceber isso, com os olhos transbordando afeto. — Posso presumir que você não se opõe?

— Não, eu... Eu adoraria. E quanto aos azuis? O sorriso de Kalec se fechou.

— A revoada se dispersou. Agora somos indivíduos. Acho que temos uma grande dívida com o Kirin Tor, por tudo que a nossa má liderança causou ao mundo. E eu gostaria de ser o primeiro a começar a pagar essa obrigação. — Kalec sorriu, meio sem jeito. — Eles permitiram a entrada de um dragão antes, mesmo sem saber exatamente quem era Krasus. Acha que tenho chance? Com eles... e com você? — acrescentou, com a voz insegura.

Mudanças, pensou Jaina, trazem dor e trazem alegria. São inescapáveis. Cada um de nós é uma fênix, se assim o escolhermos. Das cinzas, renascemos.

Jaina se aproximou do meio-elfo e ergueu o rosto para responder. Com uma suavidade que não a surpreendeu, e uma intensidade que,

de fato, a surpreendeu, Kalecgos da Revoada Dragônica Azul tomou-lhe o rosto com as mãos cálidas e olhou-a nos olhos. Inclinando-se, beijou a Grã-senhora Jaina Proudmore... a maga.

Epílogo

Quando chegaram a Dalaran e solicitaram uma audiência com o conselho, Jaina e Kalecos esperavam ser logo dispensados ou atendidos apenas numa data futura. O mago que os recepcionou na cidade, no entanto, garantiu-lhes que o conselho os receberia. Imediatamente. Poucos momentos depois, Jaina e Kalec viram-se na bela e dinâmica Câmara do Ar. O dragão não resistiu a reparar no entorno, maravilhado com o que via.

— O conselho dá as boas-vindas a Kalecos da Revoada Dragônica Azul e à Grã-senhora Jaina Proudmore — saudou Hadggar, com a voz envelhecida mas ainda vigorosa. — O mundo foi abalado desde a última vez que a vimos. O que traz a senhora e seu amigo aqui hoje?

— Muitas razões — respondeu Jaina. — Antes de tudo, devo a vocês uma desculpa. Isto não pertence a mim. — A maga entregou o tomo que permitira o uso da íris Focalizadora. — Eu peguei isso sem... — Jaina deteve-se e balançou a cabeça. — Não. Não vou minimizar minhas palavras. Roubei o tomo e rompi o lacre à força para conseguir usar uma arma terrível contra o inimigo.

— No entanto, não usou a arma, não é mesmo? — indagou Hadggar. — Porque, a não ser que minhas fontes tenham estranhamente negligenciado os deveres, Orgrimmar continua de pé, e um humilhado Garrosh Grito Infernal vaga pelo Castelo Grommash.

— Não a usei contra Orgrimmar, isso é verdade. Kalecos e Thrall me trouxeram de volta à razão. Mas usei a arma para derrotar a esquadra da Horda. E agora devolvo o tomo a vocês, como já devolvi o artefato a Kalecos.

— E eu — interrompeu Kalec inesperadamente — gostaria de entregar a íris Focalizadora ao Kirin Tor.

Um burburinho tomou a sala. Até Jaina ficou atônita.

— Kalec, a íris sempre foi o tesouro da Revoada Azul!

— Que se dispersou, logo não temos ninguém para proteger tal joia. Nós fracassamos em mantê-la em segurança, para minha vergonha, e não me considero um guardião adequado. Por favor, aceitem-na. Sei que há vários artefatos de valor em Dalaran. Não consigo imaginar lugar melhor para guardá-la.

Moderá se aproximou e pegou o livro roubado e a íris Focalizadora, fazendo uma discreta mesura para Kalec e dizendo:

— Você se preocupa com a segurança dos outros, Kalec, mais do que com o próprio ego. Isso é digno de nota.

Karlain se empertigou e, de braços cruzados, encarou Jaina.

— E certo que a Grã-senhora Proudmore não veio aqui para simplesmente devolver um livro.

— Não — respondeu Jaina. — Eu vim... Eu humildemente peço permissão para me tornar uma noviça do Kirin Tor.

O conselho certamente estaria surpreso ao ouvir aquilo, após uma ausência tão prolongada de Jaina, mas não demonstrou qualquer sentimento parecido. Hadggar fez um gesto, e os demais se aproximaram dele. Conversaram aos sussurros. Jaina se afastou educadamente, para que tivessem toda a privacidade possível. Kalec pegou sua mão.

— Eu diria para você não se preocupar, mas não adiantaria nada — disse o dragão.

Jaina abriu um discreto sorriso e comentou:

— Eu... eu não sei o que vou fazer da vida se me recusarem. Mesmo que eu tenha recuado, pouco antes de destruir Orgrimmar, e fico feliz por ter feito isso, ainda acho que Garrosh tem que ser destituído da posição de chefe guerreiro. Não é exatamente uma opinião muito neutra.

— Você é competente e inteligente, Jaina, e tem um enorme coração — retrucou Kalec, amável. — Sempre haverá lugar para alguém como você.

— Grã-senhora Proudmore? — chamou a voz de Hadggar, e Jaina se virou com o coração disparado. — Somos obrigados a negar seu pedido para se tornar noviça de nossa respeitável organização.

Jaina sentiu uma fisgada de decepção, um sentimento mais agudo do que ela poderia esperar.

— Eu compreendo — respondeu em voz baixa. — Minhas ações recentes não podem ser ignoradas.

Hadggar continuou:

— Elas podem, porém, ser expiadas. E a grã-senhora não pode exatamente ser uma noviça do Kirin Tor se for a líder, pode?

— O quê? — exclamou Jaina, numa explosão mais condizente com a garota que fora um dia do que com a mulher que era agora. — Mas eu... Eu nem... — As palavras lhe faltaram, e Jaina apenas olhou para o mago, calada.

— Rhonin sacrificou a vida para salvá-la, Jaina. Ele lhe afirmou que você representava o futuro do Kirin Tor.

Jaina concordou com um gesto de cabeça.

— O que não fez o menor sentido para mim, já que eu nem mesmo fazia parte daqui.

— Também não entendíamos quando ele insistia no assunto — disse Modera. — Porém, Vereesa encontrou uma caixa na escrivaninha de Rhonin, e dentro dela vários pergaminhos que registravam profecias confiadas a ele por ninguém menos do que Korialstrasz.

Jaina e Kalec se entreolharam.

— E eu... fui mencionada em alguma delas?

— Não em nome — replicou Hadggar, retirando um pergaminho do bolso e entregando-o a Jaina. — Leia em voz alta, por favor.

Jaina pegou o pergaminho com as mãos trêmulas e leu com voz vacilante:

Ao vermelho se segue a prata,

Ela, antes dourada e brilhante;
A dama humilhada e amarga,
Volta à batalha incessante.
Do brilho safira a diamante,
Vem a líder do Kirin Tor,
Rainha de um reino desmoronante,
Vai à luta pelo bem maior.
Pois saibam... as marés da guerra
Por fim se quebrarão em terra.

Fazia sentido. Após Rhonin se seguiria Jaina Proudmore, cujo cabelo dourado se transformara em prateado, e cujos olhos cor de safira assumiram, por algum tempo, o brilho do diamante. Ela de fato se sentira humilhada e amarga, e mantinha, ainda que de maneira particular, uma posição guerreira.

— Mas... Escolher-me com base apenas na profecia...

— Não se deve apenas a isso. Você sempre foi forte. De poder e de caráter — afirmou Aethas Fendessol inesperadamente. — Mesmo quando testada e desafiada. E quando enfrentou ao mesmo tempo um horror inimaginável e uma tentação inconcebível, talvez contaminada pelos efeitos da bomba de mana, ainda assim escolheu o caminho bom e justo, em vez da trilha da vingança e das sombras. E improvável, temos que admitir, que você seja tentada dessa forma outra vez. E acredito que não haja aqui qualquer um que, em seu lugar, teria agido de forma melhor. Na verdade... nenhum de nós teria feito nem a metade.

— Você não entendeu... Eu precisei de ajuda para não me tornar... algo terrível. Eu não teria feito isso sem Kalecgos.

— Pois bem — entrevistou Hadggar, virando-se para o dragão azul. — Melhor então garantir que ele fique perto da grã-senhora. Kalecgos, você já nos mostrou o que sente em relação à íris Focalizadora e ao cuidado que teríamos para com tal artefato. Gostaria de se tornar também um membro do Kirin Tor? Parece que a arquimaga

Proudmore se beneficiaria da sua presença. Desde que ela aceite nossa oferta, claro.

Assim, nesse piscar de olhos, o Kirin Tor recebeu um segundo dragão como membro, e uma ainda incrédula Jaina Proudmore como líder.

* * *

Logo após a investidura no Kirin Tor, a nova arquimaga e líder da organização voltou a Theramore. Varian havia cumprido a palavra e enviou um navio da Guardanorte para, respeitosamente, recolher os cadáveres e até mesmo a areia púrpura. Na fronteira da cidade, agora existia um túmulo coletivo, solene e impressionante pelo tamanho. Fora difícil para Jaina, mas não tanto quanto esperava. Ela já havia se despedido, amparada por Kalecgos.

Naquele momento, Jaina presidia a outra cerimônia, cuja necessidade ela desejava ardentemente que não existisse. Fazia um pôr do sol adorável em Dalaran, e o céu ainda tingido de cores já cedia lugar às sombras, como um pungente reflexo da natureza dolorosa do ritual.

Naquele dia, todos se despediriam de Rhonin.

Os filhos do arquimago estavam presentes, gêmeos idênticos que tinham o cabelo ruivo do pai e os olhos e a silhueta esguia da mãe. Jaina soube que eles haviam comemorado aniversário pouco tempo antes, e ficou satisfeita em saber que Rhonin vivera o bastante para partilhar daquele momento com os filhos. Giramar, o mais velho por alguns instantes, parecia um pouco mais resignado do que o irmão, Galadin, cujo lábio inferior tremia, embora os olhos de meio-elfo de ambos os irmãos brilhassem com as lágrimas contidas. Ambos portavam vestes de cerimônia ornamentadas, mas diferentes: Giramar vestia índigo com detalhes em prata, e Galadin vestia-se de verde-escuro e dourado.

A mãe dos meninos trajava um vestido, não a usual armadura. Alguns ficaram surpresos ao ver que o modelo não era negro, nem mesmo recatado. Vereesa Correventos era uma mulher bela e altiva, cujo casamento com o mago de temperamento colérico, mas de bom

coração, fora repleto de paixão e devoção. Ela escolhera celebrar a vida do marido, e não o término dela, e assim exibia um vestido vermelho e fluido, mais adequado a um baile do que a um funeral. Seus olhos estavam secos, pois já cumprira seu luto. O coração de Jaina se sentiu doído por ela, mas também se encheu de admiração. Os filhos de Rhonin tinham uma mãe que os criaria bem, mesmo que sozinha.

Muitos foram à Cidadela Violeta. Jaina suspeitava que quase todos os membros do Kirin Tor estivessem lá. Afinal, por que não estariam? Rhonin merecia tal consideração.

— Não faz muito tempo — começou Jaina — que o Kirin Tor tomou a ousada decisão de escolher Rhonin como líder. Ele era pouco ortodoxo, mas franco, impetuoso e teimoso. Tinha um tremendo senso de humor e amor pela família e pelos amigos. — Jaina sorriu para os gêmeos, que choramingavam discretamente, mas devolveram o gesto. Dirigindo-se aos demais membros do Conselho dos Seis, a arquimaga continuou:

— Ele levou Dalaran a um novo caminho e conduziu o Kirin Tor por uma guerra contra o Aspecto que havia sido escolhido para guiar e monitorar a magia. E morreu como viveu, protegendo e ajudando os demais. — A voz de Jaina ameaçou falhar, e ela fez uma pausa para se recompor.

— Seu último ato em vida foi me empurrar por um portal, salvando minha vida em sacrifício da própria. Ele acreditava que eu seria o futuro do Kirin Tor. E, por concordarem com ele, aqui estou. Sou apenas uma sucessora. Jamais o substituirei. — Jaina olhou para aquele mar de vestes roxas, e seu coração ficou um pouco mais apertado ao ver a família de Kinndy.

— Os ventos da mudança sopram com força, e Azeroth está à beira de uma guerra. o Kirin Tor pode ser o pacífico olho do furacão, se assim decidirmos. Podemos espalhar a razão em meio a um mundo enlouquecido. Podemos lembrar que temos conhecimento e habilidade, mas outros também os possuem. Finalmente estou em casa, em Dalaran, embora meu caminho até aqui tenha sido tortuoso e

incomum. Minha ausência foi longa, mas estou feliz em estar de volta, trazendo comigo tudo que aprendi por meio do amor e da dor. E embora me arrependa profundamente de parte do meu comportamento recente, não me arrependo de quem me tornei devido a isso. Liderarei vocês da melhor forma que puder. E hora de trazer a cidade flutuante à terra. E não farei isso sozinha, pois pedirei o conselho de vocês. Farei isso com honra, porque seguirei o exemplo estabelecido por Rhonin. Farei tudo isso, mas continuarei a acreditar, como muitos aqui, que este mundo não estará seguro enquanto Garrosh Grito Infernal for o líder da Horda. Não sei como conciliar estes deveres e estas crenças. Mas tenho fé de que conseguirei. Alguém muito sábio parecia acreditar que sim — completou Jaina, lembrando-se da profecia. A arquimaga levantou os braços ao céu e continuou:

— Não restaram cinzas para espalharmos, meu amigo. Mas seu espírito sobrevive no coração de sua corajosa mulher, nos olhos de seus belos filhos e na sabedoria do Kirin Tor. — Jaina começou a mexer os dedos num movimento circular. Ao lado dela, os demais membros do Conselho dos Seis e Kalecos fizeram o mesmo, e também todos os magos ali reunidos. A líder pensou numa conversa com Kalec, uma lembrança que já lhe parecia longínqua, e abriu um leve sorriso enquanto uma bola lavanda de energia arcana se formava na mão.

— Tudo tem um ritmo, um ciclo. Um padrão. — Jaina perfurou com os dedos o globo de energia arcana, que se fragmentou e se alterou num redemoinho de símbolos e números. — Tudo muda, seja de dentro para fora ou de fora para dentro. Isso é magia. E nós somos magia também.

A arquimaga ergueu a mão e lançou o orbe ao céu. Seus companheiros fizeram o mesmo, e, então, centenas de pessoas, todos os cidadãos de Dalaran que não couberam na cerimônia lotada, também seguiram o gesto de despedida. As luzinhas continuaram a subir, como libélulas de magia lilás contrastando com o crepúsculo. E apesar de tudo, apesar da tragédia de Theramore e do desastre iminente, apesar

da dor de perder Rhonin, Jaina sentiu o coração se elevar com aqueles pontos de luz.

Tudo muda, ela pensou. Eu, Thrall, Garrosh, Varian... Azeroth.

Kalecgos tomou sua mão, e Jaina sorriu. A arquimaga estava mais do que pronta para as mudanças que a aguardavam.

Péin. Péin. Péin. Tissss...

Um anão de torso nu, que refletia na pele suada a luz das chamas, trabalhava na Grande Forja de Altaforja. A fornalha estava permanentemente acesa, mas raras vezes fora utilizada como naquele momento. Nos subterrâneos não havia dia ou noite, e o trabalho não acabava. A guerra estava no ar, e a Aliança precisava estar preparada. O anão pôs de lado a arma recém-terminada, e, então, apoiou as mãos nas costas e se esticou, fazendo um esgar ao ouvir o barulho de estalos e rangidos. Alcançou um lavatório, limpou a barba vermelha e voltou à labuta.

Em Ventobravo construía-se mais navios. A cada barco entregue os armadores refinavam as técnicas de construção, produzindo-os com rapidez sempre crescente. A Luz sabia como seriam necessários. Garrosh havia vacilado, mas não se podia contar que ele falharia uma segunda vez. A esquadra da Horda estava intacta, ainda que houvesse recuado. A Aliança não podia dizer o mesmo. Varian deteve-se na baía por um bom tempo, observando os trabalhos, e voltou para a bastilha.

Ele tinha uma guerra a planejar.

Garrosh caminhava de um lado para outro no Castelo Grommash. As ordens já haviam sido divulgadas:

ATENÇÃO TODOS OS MEMBROS DA HORDA FISICAMENTE
APTOS:

O CHEFE GUERREIRO GARROSH GRITO INFERNAL
EMITIU UM CHAMADO ÀS ARMAS A TODOS OS CIDADÃOS!
MACHOS E FÊMEAS ADULTOS RECEBERÃO TREINAMENTO
PARA COMBATER A ALIANÇA NUMA GUERRA
EM QUE SEREMOS VITORIOSOS!

CRIANÇAS E DEMAIS CIDADÃOS INCAPAZES DE

EMPUNHAR ARMAS
AJUDARÃO A FORJAR ARMAS E CUIDARÃO DAS
NECESSIDADES DOS GUERREIROS!

TODOS QUE FOREM ENCONTRADOS FALTANDO AO DEVER
SERÃO PRESOS POR TRAIÇÃO PELOS KOR'KRON. SEM
EXCEÇÕES.

PELA HORDA!

As atividades que já se desenvolviam em Orgrimmar nos últimos meses haviam aumentado cem vezes. As fornalhas queimavam diuturnamente, e os Korkron rondavam, "alistando" recrutas.

Garrosh Grito Infernal estava sozinho no Castelo Grommash. Contemplava um mapa dos Reinos do Leste aberto sobre a mesa, à luz de velas. Brincava distraidamente com uma adaga, pressionando o polegar contra a ponta, e seus olhos traçaram uma palavra:

VENTOBRAVO

Então, ergueu a adaga acima da cabeça e a cravou bem no meio da letra O.

— Assistirei a sua cidade queimar à sua volta, Varian Wrynn — murmurou, abrindo um sorriso entre as presas. — Afinal... Só pode haver um vencedor nesta guerra.